

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação

Nas Fronteiras entre Civilização e Barbárie:
As Narrativas dos Ciclos de Conan, de Robert Howard.

Marco Antonio Correa Collares

Pelotas, 2017

Marco Antonio Correa Collares

Nas Fronteiras entre Civilização e Barbárie:

As Narrativas dos Ciclos de Conan, de Robert Howard.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C697n Collares, Marco Antonio Correa

Nas fronteiras entre civilização e barbárie : as narrativas dos ciclos de Conan, de Robert Howard. / Marco Antonio Correa Collares ; Aristeu Elisandro Machado Lopes, orientador. — Pelotas, 2017.

236 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Robert Howard. 2. Conan. 3. Fronteira. 4. Civilização. 5. Barbárie. I. Lopes, Aristeu Elisandro Machado, orient. II. Título.

CDD : 930

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Marco Antonio Correa Collares

Nas Fronteiras entre Civilização e Barbárie:
As Narrativas dos Ciclos de Conan, de Robert Howard.

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 18/08/2017

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes (Orientador)
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr^a. Larissa Patron Chaves
Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr^a. Daniele Gallindo Gonçalves Silva
Doutora em Germanistik/Ältere Deutsche Literatur Otto-Friedrich-Universität Bamberg, UNIBAMBERG, Alemanha

Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Inicialmente agradeço especialmente à minha mãe, Leni Beatriz pelo encorajamento e amparo intelectual que muito contribuíram para que eu levasse adiante a pesquisa, certamente a melhor professora que já tive na vida.

Ao meu pai Marco Antonio, pelo otimismo diante das dificuldades.

À minha esposa Gislaine, pelo amor e total compreensão em minhas decisões de continuar nos estudos acadêmicos, muitas vezes à custa de tempo e atenção para com ela.

Ao meu filho Otávio Augusto, grande razão e felicidade da minha vida.

Aos meus irmãos, Mariana, Jerônimo e Henrique pela amizade e incentivo.

Ao meu tio Rogério, por todo o apoio incondicional.

Ao professor, colega e amigo Fábio Vergara Cerqueira, quem primeiro me orientou em trabalhos acadêmicos de história.

Ao amigo e colega Luiz Leonardo e aos amigos, Fernando Oliveira e Fábio Ochoa, que muito contribuem para meu enriquecimento intelectual sobre assuntos variados, incluindo de história, filosofia, literatura e mídias em geral.

À professora e eterna orientadora Margarida Carvalho, que muito me orientou em estudos de história ao longo de minha carreira acadêmica.

À minha professora de inglês, Deise Picolotto, principalmente pela ajuda com as traduções dos textos em inglês elencados no trabalho.

Aos professores, Cláudio Pereira Elmir, Larissa Patron Chaves e Daniele Gallindo Gonçalves Silva pelas observações pertinentes e críticas no Exame de Qualificação, contribuições essas que foram incorporadas ao trabalho.

E por fim, ao meu orientador, Aristeu Lopes; reitero meu agradecimento pela paciência e seriedade com que me orientou permitindo enriquecer o trabalho que ora apresento. As falhas que certamente existem devem ser creditadas a mim.

Resumo

COLLARES, Marco Antonio. **Nas Fronteiras entre Civilização e Barbárie: As Narrativas dos Ciclos de Conan**, de Robert Howard. 2017. 236f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

A presente dissertação versa sobre as representações de civilização e barbárie nas narrativas dos Ciclos de Conan, de Robert Ervin Howard. As aventuras do personagem Conan, o Bárbaro foram produzidas entre os anos de 1932 e 1936, constituindo-se em vinte e um textos de cunho literário e ficcional que fazem parte de um gênero específico denominado de “Espada e Feitiçaria”. Tal gênero literário aborda mundos fabulosos caracterizados pela presença do sobrenatural e onde personagens igualmente fantásticos se aventuram em tramas de ação e fantasia. As aventuras de Conan foram publicadas nas chamadas *pulp magazines* (ou *pulp fictions*), revistas de baixa qualidade gráfica, normalmente processadas a partir da polpa do papel e que eram muito populares nos EUA entre os anos 1920-1950. Apesar de Howard situar seu mais famoso personagem no gênero da “Espada e Feitiçaria”, ele igualmente traçou aspectos de cunho filosófico em suas tramas, na medida em que o tema central destas narrativas vincula-se a oposição entre civilização e barbárie. Normalmente Conan representa uma conduta humana violenta, sanguinária e rústica, porém honesta e honrada frente às ações corruptas e gananciosas dos homens civilizados, sendo, portanto uma expressão da barbárie, um tanto necessária na visão de seu criador, principalmente diante de uma determinada crise civilizacional. Além disso, Conan e outros personagens de suas tramas possuem traços dos chamados homens da fronteira do oeste dos EUA, homens que representariam os desbravadores americanos, tão cultuados pelo criador do personagem, muito em razão de suas rusticidades serem consideradas basilares para a formação do país. Natural do Texas, Howard estava muito preocupado com seu contexto histórico de crise econômica e social, aquele da primeira metade do século XX e mais especificamente, da Grande Depressão dos anos 1930. Conan expressa, portanto alguns aspectos de uma conduta mais rústica e verdadeira, mais próxima das condutas idealizadas dos homens que fizeram o oeste e os EUA, significando que as narrativas dos Ciclos de Conan fazem parte da chamada literatura da fronteira, não sendo aqui um estudo somente sobre civilização e barbárie, mas também sobre a própria concepção de fronteira nos EUA no contexto histórico de Robert Howard.

Palavras-chave: Robert Howard; Conan; Fronteira; Civilização; Barbárie; Literatura; Espada e Feitiçaria; Literatura *Pulp*.

Abstract

COLLARES, Marco Antonio. **On the Frontiers between Civilization and Barbarism: The Narratives of Conan Cycles by Robert Howard.** 2017. 236f. Dissertation (Master Degree in History) - Post-Graduate Program in History, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2017.

This dissertation discusses the representations of civilization and barbarism considering the narratives of Conan Cycles by Robert Ervin Howard. The adventures of the character Conan the Barbarian were produced between 1932 and 1936. There are twenty-one literary and fictional texts that are part of a specific genre called "Sword and Witchcraft." Such literary genre approaches fabulous worlds characterized by the presence of the supernatural, where fantastic characters venture into action and fantasy plots. Conan's adventures were published in the so-called pulp magazines (or pulp fictions), low-quality graphic magazines - usually processed from paper pulp - that were very popular in the US between the 1920s and 1950s. Despite Howard placed his great famous character in the "Sword and Witchcraft" genre, he drew philosophical aspects in his plots, insofar as the central theme of these narratives is linked to the opposition between civilization and barbarism. Conan usually represents a violent, bloodthirsty, and crude human conduct, but honest and honorable in the face of the corrupt and greedy actions of civilized men, so an expression of barbarism would be somewhat necessary in his creator eyes, especially in the face of a Civilizational crisis. In addition, Conan and other characters have traces of the so-called western frontier men: the men who would represent the American trailblazers, so much worshiped by the creator of the character, largely because their rusticities were considered to be the basis for the formation of the country. Howard, a Texan native, was very concerned about the historical context of the economic and social crisis of the twentieth century, and more specifically, the Great Depression of the 1930s. Conan, therefore, expresses some aspects of a more rustic and truthful conduct, closer to the idealized manners of the men who made the West and the US, meaning that the narratives of the Conan Cycles are part of so-called frontier literature. This is not just a study of civilization and barbarism, but it is also about the conception of the US border in Robert Howard's own historical context.

Keywords: Robert Howard; Conan; Frontier; Civilization; Barbarism; Literature; Sword and Witchcraft; Literature Pulp.

Sumário

Introdução	09
Guia de Leitura dos Ciclos de Conan	37
PARTE 1 – Situando o Escritor Robert Ervin Howard, suas Narrativas Literárias e suas Condições de Produção.....	49
Capítulo 1 – Robert Ervin Howard: um heterodoxo escritor da fronteira	49
Capítulo 2 – O <i>corpus</i> literário howardiano e os temas basilares de seus escritos.....	74
Capítulo 3 – Os textos de Conan na <i>Weird Tales</i> e suas condições de produção	102
PARTE 2 – Situando Civilização e Barbárie nos Ciclos de Conan diante do Contexto Histórico de Robert Howard	121
Capítulo 4 – Bárbaro e civilizado em diferentes tradições discursivas ao longo da história.....	121
Capítulo 5 – Ser Bárbaro e Ser Civilizado nos Ciclos de Conan de Robert Howard	162
Capítulo 6 – A ciclocose e a idealização de aspectos da barbárie como resposta ao sentimento de crise no contexto histórico de Howard	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
REFERÊNCIAS.....	228
Fontes	228
Bibliografia.....	228
Sites Utilizados.....	236

INTRODUÇÃO

No mês de julho de 2011 estreava no canal HBO a série televisiva intitulada, “*Games of Thrones*” (A Guerra dos Tronos), baseada na saga literária escrita de George R.R. Martin, “*A Song of Ice and Fire*” (As Crônicas de Gelo e Fogo). De imediato, a série se tornou sucesso de audiência em todo o mundo, com uma média de 2,5 milhões de espectadores por episódio logo na primeira temporada, chegando a média de 7,6 milhões de espectadores por episódio na sexta temporada¹.

Um artigo publicado no site do jornal, “O Globo”, defende que o sucesso da série relaciona-se à mescla bem articulada entre fantasia, política, violência e sexo, elementos esses que permeiam o mundo ficcional dos diversos personagens apresentados ao longo da saga². Trata-se, portanto de uma série de fantasia com doses de realismo e temas apelativos, como sadismo, incesto e torturas, cativando o público em meio à luta constante pelo poder no reino ficcional de *Westeros*, mais especificamente, entre os nobres altruístas Stark, os degenerados Targaryen e os manipuladores Lannisters³.

A série é uma adaptação televisiva de um gênero literário muito específico, comumente denominado de “*Sword and Sorcery*” (Espada e Feitiçaria). Tal gênero literário tem o escritor J. R.R. Tolkien, responsável pela famosa trilogia de livros, “*The Lord of the Rings*” (O Senhor dos Anéis), como um de seus maiores

¹ Apresentada a partir 2011, com a sétima e penúltima temporada prevista para julho de 2017. As informações foram retiradas de <https://www.terra.com.br/diversao/tv/cinco-segredos-por-tras-do-sucesso-de-game-of-thrones> e do site <http://www.adorocinema.com/series/serie-7157/>, ambos acessados em 17/06/2017.

² O referido artigo evidencia oito itens como partes do “segredo de sucesso” da referida série. Para conhecê-los e ler o artigo na íntegra, basta acessar http://infograficos.oglobo.globo.com/cultura/o-que-explica-o-sucesso-de-game-of-thrones-fantasia-ou-politica--19126.html#description_text, acessado em 17/06/2017.

³ A série é produzida pelo canal HBO, com um elenco bastante amplo, composto por atores do porte de Peter Dinklage, Nikolaj Coster-Waldau, Lena Headey, entre outros. O tema central da série relaciona-se a disputa pelo poder no citado reino de *Westeros*, especificamente entre nobres oriundos de famílias poderosas, contando também com elementos de fantasia, ou seja, com a presença de dragões e até de zumbis. Segue adiante a sinopse da série no portal *Adorocinema*: “Há muito tempo, em um tempo esquecido, uma força destruiu o equilíbrio das estações. Em uma terra onde os verões podem durar vários anos e o inverno toda uma vida, as reivindicações e as forças sobrenaturais correm as portas do Reino dos Sete Reinos. A irmandade da Patrulha da Noite busca proteger o reino de cada criatura que pode vir de lá da Muralha, mas já não tem os recursos necessários para garantir a segurança de todos. Depois de um verão de dez anos, um inverno rigoroso promete chegar com um futuro mais sombrio. Enquanto isso, conspirações e rivalidades correm no jogo político pela disputa do Trono de Ferro, o símbolo do poder absoluto”. Para conhecer mais sobre a série basta acessar, <http://www.adorocinema.com/series/serie-7157>, acessado em 28/06/2017.

expoentes, ainda que sua obra não possua as características extremas e apelativas de *Games of Thrones*, focando muito mais nos aspectos míticos, fantásticos ou mesmo na luta entre o bem e o mal.

Mesmo assim, a série da HBO é baseada no mesmo gênero, o que explica em grande parte seu sucesso perante o público, visto que em 2001, o diretor de cinema hollywoodiano, Peter Jackson levou para a grande tela a trilogia icônica de Tolkien, sendo a mesma apresentada nos três anos seguintes, obtendo críticas bastante positivas e constituindo-se igualmente em sucesso de público e renda, chegando a receber onze prêmios da Academia de Cinema dos EUA somente no ano de 2003⁴.

O que muitas pessoas normalmente desconhecem é que esse gênero narrativo oriundo da literatura tem no escritor texano Robert Ervin Howard sua maior expressão (HERRON, 1984; FINN, 2006; RICCI, 2016). Howard é conhecido como o verdadeiro “pai” da “Espada e Feitiçaria”, ainda que sua obra tenha sido influenciada por autores mais antigos, sendo a partir de suas criações que tal gênero se cristalizou nas mais diferentes mídias, seja nos quadrinhos, no cinema, nos *games* virtuais, na televisão e nos famosos jogos de RPG (*Rolling Player Games*)⁵.

⁴ A obra icônica de Tolkien apresenta o mundo ficcional e de fantasia da Terra Média, onde aventureiros de diferentes raças (homens, elfos e anões principalmente) lutam contra as forças malignas dos *orcs*, lideradas pelo semideus Sauron. Na trama, o *hobbit* Frodo Bolseiro se junta a uma comitiva de amigos e aventureiros para destruírem o anel do vilão em um vulcão distante, anel esse que dá o nome a obra e que guarda os poderes do inimigo. A trilogia de filmes foi dirigida por Peter Jackson, contando com atores do porte de Elijah Wood, Sean Astin, Ian McKellen, entre outros. A produção ocorreu na Nova Zelândia e seguiu a ordem dos livros escritos por Tolkien, com o primeiro filme chamado de “*The Fellowship of the Ring*”, o segundo denominado de “*The Two Towers*”, seguido de, “*The Return of the King*”. Todos os filmes foram produzidos ao mesmo tempo, mas foram lançados em três anos diferentes. O primeiro foi lançado em 2001 obtendo sucesso de público e crítica e recebendo quatro prêmios da Academia de Cinema de Hollywood. O segundo foi lançado em 2002 e o terceiro em 2003, esse último obtendo onze premiações da Academia de Cinema de Hollywood, incluindo as de melhor filme e a de melhor diretor. Para averiguar sinopses e outras informações dos filmes, bem como os prêmios recebidos por seus produtores acessar <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-27070/> acessado aqui em 17/06/2017.

⁵ Os chamados RPGs são jogos de interpretação de papéis em que os jogadores são personagens criados por eles mesmos, possuindo fichas desses respectivos personagens, onde são colocados seus atributos pessoais e suas características. O jogo mais icônico é baseado no gênero literário da “Espada e Feitiçaria”. Trata-se de “*Dungeons Dragons*”, criado na década de 1970, baseado em diversos mundos de fantasia, em que os jogadores são aventureiros poderosos no enfrentamento de dragões, magos, bruxas ou mortos vivos. O personagem Conan e seu mundo ficcional possuem especificamente seus jogos de RPG (bem como diversos *games* virtuais), destacando-se o cultuado *Gurps Conan*, em que os jogadores se aventuram no mundo fantástico do personagem e outros jogos do porte de Conan *Unchained* e *Conan Against Darkness*, ambos da já mencionada linha, *Dungeons Dragons* (CALLARI; ZAGO; LOPES, 2011, p. 214).

Criador de personagens do porte do rei Kull, da Valúsia, do puritano Salomon Kane, do celta-bretão Bran Mak Morn, do pistoleiro do oeste estadunidense, El Borak, do lutador e marinheiro, Steve Costigan, da habilidosa artista marcial, Red Sonya de Roghatino e do mais famoso e popular de todos, Conan da Ciméria, Howard parece estar muito mais próximo do extremismo encontrado nos livros e na série, *Games of Thrones* do que da épica e heroica obra de Tolkien, ainda que o escritor inglês tenha reconhecido ter lido da obra de Howard, tal como demonstrado na citação de uma entrevista de 1967.

[Tolkien] disse que ele achou [a antologia] interessante, mas não gostou muito das histórias [...]. Nos sentamos na garagem por algumas horas, fumando cachimbos, bebendo cerveja e conversando sobre várias coisas. Praticamente qualquer coisa em literatura inglesa, desde Beowulf em diante, Tolkien havia lido e poderia falar inteligentemente a respeito. Ele indicou que gostou bastante das histórias do Conan, de Robert Howard⁶.

As diversas narrativas literárias escritas por Howard, inclusive aquelas dos “Ciclos de Conan”⁷ apresentam doses elevadas de violência, teor sexual e alguns aspectos de horror psicológico e físico, igualmente encontrados nas narrativas de seu contemporâneo e amigo escritor, H.P. Lovecraft (RICCI, 2016, p. 7-10). O texto elencado a seguir é elucidativo das características desse tipo de composição literária:

O cenário em que se deslocam os personagens não é o de um mundo real, mas de como deveria ter sido. A ambientação consiste de um mundo concebido como se tivesse existido há muito tempo, ou como poderá ser um futuro distante, ou em outro planeta ou em outra dimensão. Num mundo assim, a magia e os espíritos são reais, mas a ciência e as tecnologias modernas são essencialmente desconhecidas. É como se ainda não tivessem sido descobertas,

⁶ Entrevista acessada em 27/06/2017 no blog, <https://tolkientalksite.wordpress.com/2017/01/05/j-r-r-tolkien-leu-as-historias-de-conan-o-barbaro/>. Existem diversas especulações sobre a veracidade ou não destas informações, mas o guia cronológico de Tolkien, de Wayne G. Hammond e Christina Scull, intitulado de *The J. R. R. Tolkien Companion and Guide: Chronology* (2006), igualmente indica aspectos das leituras do escritor inglês, incluindo os textos de Robert Howard.

⁷ As narrativas literárias originais de Robert Howard sobre o personagem Conan são compostas por vinte e uma narrativas escritas especificamente sobre o bárbaro. Existem outras tantas narrativas escritas posteriormente, algumas adaptadas de outros textos de Howard, inclusive de outros personagens, outras simplesmente finalizadas por certos escritores, fãs ou adeptos, utilizando como base de fundo algumas narrativas inacabadas sobre Conan. Os Ciclos de Conan se constituem de narrativas escritas pelo criador de Conan, finalizadas por ele e publicadas tal e qual foram escritas, compondo dezessete narrativas publicadas durante a vida do autor e quatro narrativas finalizadas por ele, mas publicadas após sua morte em 1936. Sobre essa diferenciação, recomenda-se a leitura da obra de Paul Sammon (2007).

ou houvessem sido esquecidas. Os homens são poderosos, as mulheres muito bonitas, os problemas são simples e a vida é cheia de aventuras (SPRAGUE DE CAMP *apud* TEGÃO, 2014, p. 41).

Dito de outra forma, estamos tratando de um gênero marcadamente fantasioso, no qual os personagens se deslocam e se aventuram por mundos completamente diferentes do nosso, onde a magia, a bruxaria e as criaturas mais incríveis de nossas mitologias são reais, tanto para os leitores como para os personagens das tramas. Assim, a chamada *Era Hiboriana* de Howard, ambiente histórico onde vive Conan, seria apenas um dos diversos mundos ficcionais desse respectivo gênero da literatura fantástica⁸.

Uma explicação acadêmica para tal literatura pode ser encontrada na análise de Tzvetan Todorov, no livro, *“Introdução a Literatura fantástica”* (1980). De forma bastante elucidativa, o teórico define dois subgêneros literários relacionados a um ainda mais amplo, estando o último em consonância com as características do supracitado gênero da “Espada e Feitiçaria”.

O primeiro gênero seria conhecido simplesmente como “fantástico”, baseado na premissa de que o leitor fica com dúvidas em relação aos elementos sobrenaturais que aparecem nas narrativas, sendo os contos de H.P. Lovecraft o maior exemplo desse tipo de construção. O segundo seria o “fantástico estranho”, caracterizado pela presença de um sobrenatural explicado ao leitor, seja pelo narrador universal ou por algum personagem da trama, ainda que tal personagem viva em um mundo espelhado ao nosso. Por fim, o “fantástico maravilhoso”, caracterizado pelo elemento sobrenatural comumente aceito pelo leitor e considerado até natural pelos personagens da trama, visto que toda a fantasia passa a ter existência inquestionável para todos (TODOROV, 1980, p. 23-24). Temos aqui o elemento fantástico das obras de Tolkien, Martin e Howard.

⁸ Entre os mundos de fantasia existentes e que fazem parte desse gênero de cunho literário, podemos destacar a “Terra Média”, de Tolkien (especificada em diversas obras de sua autoria, além de “O Senhor dos Anéis”, tais como na obra, *“The Hobbit”* ou *“The Silmarillion”*), os diversos mundos ficcionais da linha de jogos de RPG, *Dungeons Dragons*, destacando-se *Dark Sun*, *Dragonlance*, *Forgotten Realms*, entre outros. Também seria possível situar o mundo do continente de Westeros, do já mencionado *“Games of Thrones”* ou até mesmo o mundo de Nárnia, criado pelo escritor C.S Lewis, contemporâneo e amigo de Tolkien e que escreveu sete livros sobre aventuras que se passam nesse respectivo mundo, *“The Chronicles of Narnia”*. Sobre os dois autores aqui citados, recomendamos o site <http://tolkienbrasil.com/artigos/colunas/eduardostark/a-opinioao-de-tolkien-sobre-as-cronicas-de-narnia-de-c-s-lewis/> acessado em 27/06/2017.

O personagem, Conan, especificamente apareceu em narrativas literárias de um tipo de revista muito particular nos EUA na primeira metade do século XX, revistas essas conhecidas simplesmente pelo termo, *pulp*⁹. Nestas revistas em formato *magazine*, havia um conjunto de narrativas com temas variados, normalmente de ocultismo temperado com forte conteúdo sexual. Tais temas consolidaram o que se convencionou chamar de literatura *pulp fiction*, incluindo a revista onde Conan foi publicado a partir de 1932, a *Weird Tales* (Contos Estranhos), uma das mais cultuadas deste tipo de publicação, desde sua primeira edição de março de 1923 (FINN, 2006, p. 167-168).

A publicação tinha em suas fileiras escritores do porte do já mencionado Lovecraft, além de Robert Bloch e Clark Ashton Smith, todos eles com tramas contra culturais sobre seitas arcanas secretas, mistérios míticos ou mesmo sobre criaturas demoníacas antigas hibernando em lugares ermos da Terra, oriundas de mundos interiores ou extraterrestres (KNOWLES, 2008, p. 105). As palavras que se seguem explicitam um pouco mais o teor dessas publicações.

Pulp Era – também chamada de *Pulp Fiction* – foi como ficou conhecido um período, por volta dos anos 20 e 40 do século XX, caracterizado por uma produção e consumo intensos de histórias de terror e de fantasia. Esse tipo de literatura aparecia em revistas e livros populares, não raramente publicados em papel barato, de baixo custo – eis a razão do nome *pulp*, que significa “polpa” em inglês, em referência ao tipo de papel utilizado para produzir tais revistas. A literatura *Pulp* encontrou seu maior público e sucesso justamente por ser algo direcionado para as massas. As revistas eram um formato mais barato e possuíam um apelo ao grande público muito maior do que o do livro. Com capas ilustradas e apelativas, o entretenimento era gerado por histórias igualmente apelativas e chocantes, que visavam prender o leitor até a última página. A trama principal, geralmente, era desenvolvida ao redor de algum trágico acontecimento, que em algum ponto iria sofrer uma reviravolta ainda mais terrível, até terminar com um final surpreendente. O objetivo era chocar e, muitas das vezes, assustar. Não havia maiores preocupações em descrever espaços ou tempos narrativos ou em construir personagens complexas e profundas. O enredo dramático e veloz não proporcionava sequer tempo para um maior desenvolvimento de tais aspectos. Os temas eram, não obstante, variados: monstros do espaço sideral, mortos que retornam à vida, a própria ciência – que na época era vista como um terreno altamente desconhecido e, potencialmente, assustador

⁹ O termo designa originalmente certas revistas de baixa qualidade gráfica, feitas a partir da polpa do papel. Como veremos na dissertação, tais revistas continham pequenos textos populares de temas variados, destacando-se a fantasia, o terror e os textos de detetives (KNOWLES, 2008).

–, maldições, dramas familiares, bruxaria, animais elevados à condição de seres humanos, superbactérias, etc. As histórias *Pulp* não tiveram limites no quesito “imaginação”, isso é seguro dizer (QUEIROZ, 2011, p. 2).

A *Weird Tales* não era única no mercado *pulp* estadunidense da época, concorrendo com diversas outras publicações que veiculavam narrativas do mesmo estilo. Destacam-se títulos do porte de *Amazing*, *Starling Stories*, *Thrilling Wonder Stories*, *Argosy*, *Battle Stories*, *Spicy Detetives Stories*, *Astounding Science Fiction*, *Ghost Stories*, *Tales of Magic and Mistery*, *Strange Tales of Mistery and Terror*, entre outras, todas elas contendo tramas enviadas por autores *freelances* ou mesmo fãs de narrativas regadas a realismo fantástico mesclado a temas de mistério, ocultismo, suspense, terror, ficção científica e fantasia (SAMMON, 2007, p. 8).

As narrativas *pulp*, ainda que consideradas sinônimas de literatura de baixa qualidade entre os críticos literários da época (LOUINET, 2015, p. 210) tiveram relativo sucesso no entreguerras e Pós-Segunda Guerra Mundial, mais especificamente entre os anos de 1920-1950, principalmente diante de um público leitor masculino sedento por escapismo fantástico em meio à onda de violência urbana ou ao sentimento de crise da época da Grande Depressão dos anos 1930 (KNOWLES, 2008, p. 98-99; MAGNOLI e BARBOSA, 2001, p. 143-198).

Muitas dessas tramas concorreram com as primeiras tiras jornalísticas dos famosos super-heróis, influenciando sobremaneira as narrativas desses personagens fantásticos nas chamadas *comics book*, em seus momentos iniciais de veiculação e consolidação, fora o peso que tiveram na carreira de nomes da literatura *sie-fie* do porte de Lester Dent, Isaac Asimov e Ray Bradbury (SAMMON, 2007, p. 9 - 10). “A *Weird Tales* em particular era caracterizada por suas capas sensuais ou surrealistas, especialmente aquelas produzidas pela “dona de casa” de Chicago, Margaret Brundage” (KNOWLES, 2008, p. 105).

As narrativas dos Ciclos de Conan foram publicadas entre 1932 e 1936 no contexto da Grande Depressão dos Estados Unidos (EUA), representando uma crítica ao conceito idealizado e oitocentista de civilização e certa exaltação de alguns aspectos da barbárie, entendida por seu criador não como um estágio atrasado das sociedades humanas, mas como um momento necessário e natural

da existência social diante do que considerava ser a crise moral das civilizações históricas.

Nas décadas de 1950/1960, três outros escritores, Lyon Sprague de Camp, Lin Carter e Bjorn Nyberg republicaram as vinte e uma narrativas originais de Conan (dezessete delas publicadas durante a vida do texano e quatro publicadas após sua morte), reeditando outras tantas tramas inacabadas de Howard e até substituindo as originais por narrativas próprias (SPRAGUE de CAMP, 1980). Esse fato ocasionou dois movimentos distintos: em primeiro lugar, a popularização de Conan, em segundo, uma espécie de movimento “purista” dos fãs de Howard, que defendiam publicações das narrativas, tais como foram publicadas originalmente (HERRON, 2004).

Nos anos 1970, ao ser quadrinizado pela empresa, *Marvel Comics* (HOWE, 2013), com os argumentos do roteirista Roy Thomas e arte dos desenhistas, Barry Windsor Smith e depois John Buscema, Conan se tornou cada vez mais um arquétipo de virilidade e belicosidade, sendo logo idolatrado por uma juventude que o tomava como a expressão da liberdade e da fuga escapista das regras morais da sociedade.

Posteriormente, o personagem foi representado no cinema hollywoodiano, mais particularmente em 1982, tornando-se ainda mais popular pelo desempenho do astro do fisiculturismo, Arnold Schwarzenegger¹⁰. O filme ajudou a estabelecer a imagem icônica do personagem, consolidando-o como um aventureiro genérico a

¹⁰ No total o personagem Conan, de Howard possui três filmes para o cinema. O primeiro filme, intitulado de “*Conan The Barbarian*” é o mais cultuado pelos fãs, sendo veiculado em 1982, com produção de Dino De Laurentis, Raffaella De Laurentiis e Edward R. Pressman, através da união dos dois estúdios hollywoodianos, a *20th Century Fox* e *Universal Pictures*, tendo como diretor, John Milius, além do roteiro do renomado cineasta Oliver Stone. O segundo filme, intitulado “*Conan, The Destroyer*” foi lançado dois anos depois, em 1984, tendo como diretor o veterano, Richard Fleicher e mantendo o astro principal no papel do cimério. O primeiro filme foi um sucesso de bilheteria e faturou 40 milhões de dólares nos EUA, ficando o segundo com cerca de 31 milhões de dólares, padrões bastante elevados para a época. Depois de quase três décadas de ostracismo no cinema, o personagem retornou a grande tela, agora em 2011, com o filme intitulado novamente de “*Conan, The Barbarian*”, com atuação de Jason Momoa e distribuição pela *Lionsgate*, em uma produção menor do que as anteriores, sendo deveras criticada pelo público e pelos fãs (CALLARI; ZAGO; LOPES, 2011). Importante situar aqui que o diretor John Milius, do primeiro filme era um renomado mulherengo e um sujeito violento que vivia de regras próprias em sua mansão da Califórnia, sendo igualmente um roteirista de destaque no meio hollywoodiano, com roteiros para o cinema do porte de “*Apocalypse Now*”, “*Perseguidor Implacável*”, “*Tubarão*”, dentre outros (SAMMON, 2007, p. 101 – 102). Em outras palavras, assim como Robert Howard, boxeador amador que se via usualmente na pele de Conan (BURKE, 1999), Milius igualmente acentuou aspectos da belicosidade e masculinidade do personagem no cinema, muito em razão de sua própria personalidade (SAMMON, 2007, p. 103).

enfrentar, com doses elevadas de sanguinolência e selvageria, um conjunto de monstros, magos, feiticeiros e demais criaturas sobrenaturais, mudando alguns aspectos de suas premissas essenciais em torno da oposição entre civilização e barbárie, apesar de alguns elementos se manterem (KNOWLES, 2008).

Pode-se dizer que a literatura *pulp* sobre Conan e seu mundo ficcional serviram de modelo para muito do que foi produzido e difundido sobre fantasia a partir de então, demonstrando a importância do personagem na cultura popular do século XX, ainda que as representações do bárbaro tenham mudado sobremaneira ao longo do tempo, afastando-se do apelo existencial inicial em torno da luta de um bárbaro contra a corrupção da civilização (HOFFMAN *apud* LORD, 1976). O excerto que se segue estabelece alguns aspectos desse movimento.

Nenhuma das representações de fantasia posteriores, seja do próprio Conan ou de personagens semelhantes a ele possuem o existencialismo dos contos originais de Howard sobre o bárbaro, afastando-se, portanto dos questionamentos filosóficos inerentes ao homem em meio a suas lutas contra monstros, civilizações corruptas, bestas sobrenaturais e, principalmente, contra si mesmo (HOFFMAN *apud* LORD, 1976, p. 77).

O que torna o personagem destacado nas narrativas literárias originais não são apenas os questionamentos existenciais em torno da oposição entre civilização e barbárie, mas também sua personalidade e sua trajetória pessoal. Segundo os cânones de seu mundo ficcional, a *Era Hiboriana*, Conan originara-se entre os cimérios, um povo tribal com uma cultura semelhante aos celtas bretões, suas aventuras se passando em territórios civilizados, reinos e culturas não muito distantes dos modelos encontrados nos livros de história sobre a Antiguidade e a Idade Média (SPRAGUE DE CAMP, 1980).

O bárbaro fora apresentado originalmente em narrativas descontínuas entre si e sem linearidade temporal, tratando-se de um homem taciturno, instintivo, até melancólico em alguns momentos, quando não ambivalente em seu hedonismo na busca por aventuras, mulheres, riquezas materiais e algum reino civilizado pra governar, apesar de seguir um código de honra muito pessoal que o distinguia sobremaneira dos homens civilizados, normalmente representados como essencialmente corruptos e ávidos pelo poder (LOUINET, 2006).

Como bem acentua Dale Ripkke (2004), Conan possuía as mais variadas faces em cada uma de suas narrativas originais, aparecendo como um ladrão solitário, um saqueador, um pirata ganancioso, um resoluto e honrado capitão de navio, quando não o líder de algum grupo de mercenários do deserto até se tornar, ao final de sua trajetória, o rei usurpador do importante reino da Aquilônia.

Esse reino, na *Era Hiboriana*, equivaleria a uma mescla entre o Baixo Império Romano do Mundo Antigo com o Império Carolíngio da Idade Média (VAN RISE, 1997). De certa forma, o sujeito errante, musculoso e belicoso das representações midiáticas mais atuais, incluindo aquele do cinema hollywoodiano que apresentou Schwarzenegger, em muito se difere do personagem apresentado por seu criador, ainda que alguns aspectos estejam presentes (VAN HISE, 1997, p. 3-22).

Até mesmo o apelo visual do personagem, tal como aparece nas capas do *magazine pulp*, *Weird Tales*, com a arte de Margaret Brundage, não condiz com aquela que se cristalizou na cultura popular, na medida em que a representação atual muito se deve ao traço do inigualável ilustrador, Frank Frazetta, responsável, nos anos 1960, pela forma como conhecemos Conan nas mais diferentes mídias (SAMMON, 2007, CALLARI; ZAGO; LOPES, 2011)¹¹.

O mesmo se pode afirmar sobre os temas apresentados nas narrativas sobre Conan, visto que as narrativas originais possuíam questionamentos de cunho filosófico em torno da oposição entre civilização e barbárie, enquanto que nos quadrinhos, por exemplo, como no caso da revista em formato *magazine*, “*Savage*

¹¹ Podemos situar a imagem do personagem em diferentes momentos de sua trajetória midiática, das capas *pulp* dos anos 1930, passando pelas capas das republicações dos textos originais howardianos nos anos 1940 a 1960, chegando até a arte de Frank Frazetta no mesmo período, que se tornou o padrão do personagem em termos de imagem icônica perante o grande público, não esquecendo-nos também das HQs da Marvel, quando artistas renomados representaram o bárbaro, finalizando, claro, com a imagem famosa do cinema hollywoodiano, principalmente a do filme de 1982. Evidenciamos de imediato, os apontamentos de Raymond Willian Mitchell (2014) no que concerne ao campo multidisciplinar da cultura visual, não sendo este somente um modo de pensar o social pelo viés da cultura em torno do estudo de certas imagens específicas, como se fossem meras representações do mundo social, mas sim dentro da ideia de construção visual do social, demarcando-se as diferentes experiências visuais ao longo do tempo (KNAUSS, 2006. p. 108-110), o que por sua vez, expressa à relação intrínseca entre este campo de estudos com a historicização de múltiplas imagens, no caso aqui, de um personagem oriundo da ficção literária. Ao efetuarmos aqui um breve resumo de uma espécie de “arqueologia da imagem” do personagem em mídias diversas e contextos específicos, percebemos que essa imagem vincula-se a três tipos de publicações e de momentos históricos distintos, o que diferencia o personagem do modo como era tratado nas capas das revistas *pulp* dos anos 1930. O significado disso é muito preciso, ou seja, de que muitas pessoas tomam o personagem a partir do cinema e claro, da imagem de Schwarzenegger, que herdou em muito os traços de Frazetta e mesmo das HQs Marvel.

Sword of Conan” (A Espada Selvagem de Conan), publicada a partir de 1974, o personagem era a expressão da liberdade e necessidade de violência instintiva diante do mundo sobrenatural, da corrupção do poder e da própria tirania (HOWE, 2013, p. 122)¹².

Importante destacar que Conan, ao longo do século XX, passou a fazer parte da indústria cultural *mainstream*¹³, ora pasteurizado como um homem rústico e selvagem, ora como um protagonista genérico de narrativas de fantasia em torno do salvamento de donzelas ante as garras de monstros, dragões, semideuses e demais criaturas mitológicas (CERASINI e HOFFMAN, 1987), em uma espécie de mínimo denominador comum que simplificou alguns aspectos e temas encontrados nas narrativas literárias howardianas, muito devido às características inerentes do suporte ou de cada mídia distinta que o veiculou.

A breve explanação acima foi necessária para introduzir a proposta desta dissertação, visto que tratamos especificamente das representações sobre civilização e barbárie nos “Ciclos de Conan”, de Robert Howard. Como já afirmado, trata-se de 21 narrativas literárias publicadas originalmente entre os anos de 1932 e 1936, ano da morte do escritor. De certa forma, reiteramos nesses primeiros parágrafos a relevância e o peso do gênero literário consolidado pela obra de Robert Howard sobre as novas gerações, na medida em que esse respectivo gênero é sucesso no mundo inteiro, com um apelo bastante amplo e vigoroso nos dias atuais.

Buscamos compreender no presente estudo alguns aspectos do sentimento de crise existente nos EUA nas primeiras três décadas do século XX, sentimento esse bastante presente entre os cidadãos da pequena cidade texana de Cross Plains, onde viveu e morreu o criador do bárbaro cimério. Seguindo as palavras do estudioso, Renato Amado Peixoto (2013), “através das narrativas de Conan seria possível conhecer as aspirações e influências de Howard em dado contexto, uma

¹² A empresa *Marvel Comics* pagou uma licença de dois mil dólares por edição para publicar o personagem Conan de Howard, dividindo suas tramas em dois tipos de formatos, para públicos diferentes. A publicação em estilo magazine intitulada, *The Savage Sword of Conan* era voltada para um público mais adulto, enquanto que o público juvenil ganhou outra revista em estilo *comics*, denominada de, *Conan the Barbarian*, com tramas mais simples e com menos teor de violência ou apelo sexual. (HOWE, 2012, p. 122).

¹³ Trata-se de uma definição que engloba a chamada indústria cultural, muitas vezes associada à cultura midiática de massas, também chamada de *massmedia* (KELLNER, 2001).

identidade pessoal em constante contraposição à moral vigente da pequena sociedade moralista e repressora do Texas” (PEIXOTO, 2008, p. 419).

Não podemos esquecer que em 1936, Howard cometeu suicídio, um ato extremo praticado apenas algumas horas após sua mãe entrar em coma. Segundo alguns biógrafos, ele era acusado cotidianamente pelos cidadãos de *Cross Plains* de anormal e antissocial, o que pode ser explicado pelo fato de em vida ser um crítico do severo do comportamento da população do município, como a mesma representasse a hipocrisia da civilização dos EUA de sua época (LORD, 1976, p. 55).

Enfatizamos que efetuamos aqui o primeiro estudo acadêmico de nível de mestrado em língua portuguesa sobre a principal obra, personagem e aspectos relevantes da vida de Robert Howard, suas influências literárias e históricas, o que nos leva a seu relacionamento com outros escritores *pulps* de sua época, tais como H. P. Lovecraft, escritor de narrativas famosas e influentes que deram origem ao *Cthulhu Mythos* e que costumava se corresponder com o texano para tratar de assuntos diversos (LORD, 1976).

Devemos acentuar que existe uma profícua correspondência entre os dois escritores (Howard e Lovecraft), correspondência essa compilada em 2009 com o título de *“A Means to Freedom: The Letters of H.P. Lovecraft and Robert E. Howard”*, de David Schultz e Rusty Burke¹⁴. Dependendo do caso, poderemos elencar alguns trechos de algumas cartas, ainda que esse não seja nosso foco de análise nesse momento.

Nosso estudo tomará como referência alguns trabalhos especializados sobre a obra e a vida de Howard, tratando especificamente daqueles que analisaram as narrativas literárias howardianas de modo geral, estudos esses elencados a partir de agora para a amostragem das similitudes e diferenças em relação a presente pesquisa.

¹⁴ Não tivemos acesso direto a essa obra devido ao fato de estar esgotada no mercado, pelo menos segundo informações de sites do porte da *Amazon*. Utilizamos outra compilação na presente pesquisa, igualmente contendo cartas de Howard, além de nos utilizarmos também daquelas correspondências elencadas nas mais diversas biografias sobre o criador de Conan. A compilação que utilizamos na dissertação chama-se *“The Collected Letters of Robert Howard”*, de 2015 e a utilizamos de forma não integral, visto que das quatro edições da respectiva publicação, nós conseguimos importar somente a última, em razão de igualmente estarem esgotados os exemplares das primeiras três edições. Isso significa que não tivemos acesso a toda a correspondência de Howard, o que reduz em muito nossas possibilidades de análise e de interpretações sobre as ideias do criador de Conan.

Os estudiosos, Mark Cerasini e Charles Hoffman (1987) tecem comentários sobre os diversos personagens de Howard, além de Conan, tais como o rei bárbaro Kull, o aventureiro puritano Salomon Kane e o rei picto/escocês, Bran Mak Morn. O estudo possui um caráter descritivo sobre as narrativas howardianas, tratando não somente daquelas de fantasia, mas também das tramas de horror, *westerns*, histórias de detetives e de boxeadores, sendo uma das primeiras análises sobre o assunto.

Outra análise importante é “*The Dark Barbarian*”, do crítico literário Don Herron, de 1984. Trata-se de uma das mais completas análises do *corpus* narrativo de Howard sobre Conan, enfatizando aspectos temáticos inscritos nas vinte e uma narrativas originais do bárbaro cimério. Herron foi um dos primeiros a compreender a defesa de Howard sobre alguns aspectos da barbárie em contraposição a decadente civilização de seu mundo ficcional, dentro da premissa de que o texano tinha apreço por tais aspectos como necessários em seu próprio contexto. A obra é interessante também porque possui um catálogo de tudo o que foi publicado pelo texano, não elucidando, porém, os aspectos mais amplos do contexto histórico do escritor.

Outra obra de Herron é “*The Barbaric Triumph*”, configurando-se em uma compilação de vários artigos acadêmicos sobre Howard e sua obra, publicada em 2004. A maior parte dos artigos tece análises sobre as concepções filosóficas levantadas por Howard nas narrativas literárias originais de Conan, além de tratarem mais especificamente da correspondência e dos escritos pessoais do autor. A obra inclui inclusive um dos primeiros estudos especializados sobre Howard, um artigo publicado no ano de 1943, assinado por Paul Spencer, além de um artigo do estudioso do *corpus* literário howardiano, Charles Hoffman, ambos preocupados com a índole, o caráter e as excentricidades do criador de Conan.

Esses dois autores chegaram à conclusão que Howard era um crítico da sociedade texana e um defensor das nações indígenas norte-americanas. Foi Spencer que primeiramente levantou a conhecida hipótese de que Howard procurou, através dos escritos sobre Conan, demonstrar a hipocrisia da civilização estadunidense com seus genocídios étnicos durante a conquista do oeste da

segunda metade do século XIX, em nome de um pretenso progresso da civilização, um “Destino Manifesto”¹⁵.

Segundo ele, Conan seria o bárbaro da fronteira a demarcar sua posição no interior da civilização ficcional da *Era Hiboriana*, vencendo o jogo dos homens civilizados com as regras estabelecidas pela própria civilização, ao mesmo tempo em que pervertia essas mesmas regras com sua violência selvagem inata, quando não ironizando as práticas e os valores morais distorcidos dos homens civilizados (SPENCER, 1943, pp. 44- 89).

Relevante também é “*The Fantastic Worlds of Robert Howard*”, compilada em 1997 por James Van Hise. Trata-se de uma série de artigos sobre os escritos de Howard, seus principais conteúdos e temas, bem como sobre as reedições dos textos publicados por Sprague de Camp. Temos aqui a primeira obra vinculada a trajetória de Conan entre autores diversos que não Howard, esboçando uma crítica, através das considerações do artigo de Rusty Burke ao movimento purista surgido nos anos 1960.

Digna de ser elencada também é “*The Hyborian Heresias*”, de Dale Ripkke, uma compilação de artigos sobre as narrativas literárias de Conan, publicada em 2004. Aqui temos um trabalho que investiga as características do personagem, analisando também as civilizações e culturas pretensamente históricas da *Era Hiboriana*. O autor efetua conjecturas sobre esse universo de fantasia de modo à compreensão de seus principais povos e temas. Ao final, Ripkke estabelece comparações com personagens semelhantes, chegando à conclusão de que a complexidade inscrita nas narrativas originais se perdeu com o tempo, sobrando apenas “fantasias genéricas escapistas e alienantes” (RIPKKE, 2004, p. 36).

Parece-nos que Ripkke estava deveras influenciado pelas considerações teóricas da famosa Escola de Frankfurt no que tange as proposições depreciativas em torno da indústria cultural midiática como um todo (KELLNER, 2001, p. 43 - 47), colocando toda a apropriação posterior de Conan como expressão da alienação das novas gerações de autores, produtores e leitores. Tais depreciações sobre a indústria cultural podem ser contestadas a partir das considerações do filósofo Douglas Kellner (2001), quando reverbera o caráter ambivalente das mídias em

¹⁵ Conceito extraído do século XIX que equivaleria a missão civilizadora nos EUA. Mais adiante, abordaremos melhor suas definições específicas.

seus traços complexos de criação, difusão e recepção, não expressando, portanto, apenas alienação ou massificação de uma cultura para fins puramente econômicos.

Interessante também de ser destacada é a revista, *“The Man Dark: The Journal of Robert E. Howard Studies”*, editada e publicada pelo professor e pesquisador de história, Mark Hall, que se preocupa em elencar e analisar artigos dos mais variados sobre Conan e seu criador, principalmente no que tange a alguns temas inscritos nas narrativas literárias originais do personagem, significando que o interesse do estudioso é compreender algumas representações de fãs, leitores, escritores e editores sobre o bárbaro cimério e seu criador.

O atual gestor sobre os direitos autorais de tudo o que foi publicado na revista *Weird Tales*, Robert Weinberg, também possui uma obra denominada, *“The Annotated Guide to Robert E. Howard's Sword and Sorcery”*, publicada em 1976. A obra em questão analisa as intenções de Howard mediante os temas de cada uma das narrativas originais do cimério, bem como a natureza de cada um de seus personagens, contextualizando-os de acordo com as posições pessoais do texano.

Textos importantes podem ser encontrados também na obra: *“The Blade of Conan and The Spell of Conan”*, de Sprague de Camp, de 1980. Trata-se de mais uma compilação de artigos publicados entre os anos de 1960 e 1970 sobre Conan e sobre seu mundo de fantasia, a partir de *insights* narrativos paralelos inscritos nas narrativas literárias originais do bárbaro cimério.

Obra ainda mais relevante é *“Conan, The Phenomenon”*, de Paul Sammon, de 2007. Temos aqui a obra mais completa sobre a trajetória do personagem em mídias diversas (principalmente nas mídias visuais), passando da literatura aos quadrinhos e depois para os três filmes produzidos sobre o personagem¹⁶. Trata-se de um livro de cunho informativo, utilizado em parte para difundir o personagem em um contexto de retomada de suas tramas nos quadrinhos, especificamente pela editora *Dark Horse*. A obra foi publicada, não muito tempo depois de o quadrinista Mark Waid retomar a saga de Conan nas HQs, agora com um viés histórico mais formal, tentando adaptar o personagem a elementos extraídos da História Antiga ou Medieval.

¹⁶ Sobre alguns elementos técnicos dos supracitados filmes e sobre algumas interpretações do primeiro e mais representativo deles, *“Conan The Barbarian”*, ver a nota nove desta introdução.

Outro estudo a ser destacado é “*A Filosofia em Conan, o Bárbaro*”, do brasileiro Afrânio W. Tegão, de 2014, uma obra que versa sobre enunciados específicos das narrativas literárias howardianas sobre Conan, cotejando as ideias apresentadas nas mesmas com temas filosóficos mais amplos.

De imediato podemos citar a oposição entre civilização e barbárie, o significado da barbárie entre diferentes filósofos, a religiosidade pagã e suas características inerentes segundo premissas universalistas, às relações de poder existentes na sociedade, as diferenças entre poder político amparado na lei e na autoridade legítima e poder bélico amparado em critérios de justiça e de guerra justa, as relações de gênero existentes nas narrativas howardianas e a construção dos papéis femininos diante da virilidade masculina representada pela figura de Conan. Tudo isso feito a partir de inferências entre trechos das tramas howardianas de Conan em comparações com enunciados de filósofos clássicos do porte de Maquiavel, Hobbes, Rousseau, Schopenhauer e Nietzsche¹⁷.

O presente estudo igualmente traça a oposição entre civilização e barbárie nos Ciclos de Conan, analisando também alguns traços filosóficos nos textos, principalmente aqueles vinculados a construção de Rousseau entorno do “Bom Selvagem”. Diferentemente da obra elencada, evidenciamos as relações existentes entre o texto de Howard com diversas tradições discursivas concernentes aos temas, “civilizado e bárbaro”, não nos esquecendo de enfatizar os possíveis vínculos entre as construções discursivas de Howard com o seu contexto histórico e com a literatura da fronteira da qual o escritor era herdeiro.

A esse propósito, enfatizamos o importante conceito de “cultura da fronteira” para a compreensão das representações de Howard, que, em nossa opinião é bastante relevante para entendermos o Texas e o sudoeste dos EUA na visão do criador de Conan. Pensamos nesse conceito a partir dos critérios explicitados por Boaventura de Sousa Santos (1993) em um relato referente a Portugal enquanto zona de fronteira. Vejamos as considerações:

Nos termos da minha hipótese de trabalho, podemos assim dizer que não existe uma cultura portuguesa, existe antes uma forma cultural portuguesa: a fronteira, o estar na fronteira, que, no entanto, é um modo de estar completamente distinto do modo de

¹⁷ O filme de Conan veiculado em 1982 tem como abertura um famoso enunciado de Nietzsche que pode ser traduzido nos seguintes termos: “*O que não nos mata, nos torna mais fortes*”.

estar na cultura da fronteira norte-americana. A nossa fronteira não é *frontier*, é *border*. A cultura portuguesa é uma cultura de fronteira, não porque para além de nós se conceba o vazio, uma terra de ninguém, mas porque de algum modo o vazio está do lado de cá, do nosso lado. E é por isso que no nosso trajeto histórico cultural da modernidade fomos tanto o Europeu como o selvagem, tanto o colonizador como o emigrante. A zona fronteiriça é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro hierarquias pouco suscetíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis: a antropofagia que Oswald de Andrade atribuía à cultura brasileira e que eu penso caracterizar igualmente e por inteiro a cultura portuguesa (SANTOS, 1993, p. 48).

A passagem estabelece uma distinção entre *border* e *frontier*, colocando Portugal na primeira categoria, ou seja, como sendo a própria zona de fronteira, diferentemente do que ocorreria nos EUA, onde a fronteira seria mais nítida, estando distanciada do espaço civilizado (nesse caso, o leste do país). Diferentemente do que está estabelecido na passagem, consideramos possível utilizarmos o conceito de cultura da fronteira enquanto região híbrida para demarcarmos o Texas de Howard segundo suas próprias representações.

Em outras palavras, pensamos o Texas e o oeste dos EUA concebido por Howard como uma fronteira igualmente ambivalente e dinâmica, visto que a construção howardiana, incluindo aquela dos Ciclos de Conan reverberava de forma ficcional (e, portanto, indiretamente) essa concepção de zona híbrida entre o espaço comum do colonizador e do nativo. Isso equivalia com o que Howard considerava ser a fronteira do oeste enquanto espaço onde se encontraram os desbravadores com os selvagens ou mesmo onde se aventuravam os homens rústicos da fronteira, tão cultuados pelo criador de Conan. Voltaremos a esse assunto ao longo da dissertação.

Importante mencionar também que além de todas essas obras que analisam as narrativas literárias originais howardianas sobre Conan, ainda que secundariamente, nós podemos citar também as diversas biografias existentes sobre o escritor. Essas biografias não são menos importantes em um estudo sobre seu principal personagem, considerando-se o contexto de produção e veiculação das tramas literárias originais do bárbaro cimério.

De imediato, destacamos a obra, “*The Last Celt: A Bio-Bibliografia de Robert Ervin Howard*”, considerada uma das biografias mais completas sobre o escritor,

sendo publicada em 1976. O livro de Glenn Lord, publicado pela D.M. Grant contém diversos ensaios e entrevistas de pessoas que conheceram pessoalmente Howard, escritores conhecidos da época cujos trabalhos influenciaram Howard e outros diversos estudiosos de seu *corpus* narrativo.

A obra contém também cartas raras, sinopses, fragmentos de histórias e fotos relacionadas à vida do escritor. A segunda metade do livro é dedicada a uma bibliografia extremamente bem organizada e completa de toda a ficção *pulp* de Howard, suas poesias, ensaios e outros trabalhos catalogados sobre sua vida e obra até dezembro de 1973. Pode-se dizer que esse estudo é o primeiro a afirmar que a origem irlandesa da mãe de Howard foi muito influente no quesito da crítica do escritor contra a dita civilização, visto a integração histórica dos povos celtas bretões da Grã Bretanha ao Império Romano. Por tal motivo é que Conan seria um cimério, ou seja, um bárbaro oriundo de um povo culturalmente semelhante aos celtas bretões.

Também interessante de destacar é *“One Who Walked Alone: Robert E. Howard The Final Years”*, publicada em 1986. O livro é um retrato da personalidade de Howard através dos olhos de sua melhor amiga e namorada, Novalyne Price Ellis¹⁸. A obra, escrita por Novalyne como um diário de seu relacionamento com Howard, expõe interpretações dessa personagem sobre a psique do escritor, cotejando informações a partir de antigos diários dele e periódicos sobre suas publicações. Seria a mais completa obra no quesito, introspecção do seu caráter, tal como a já mencionada compilação das cartas de Howard, de David Schultz e Rusty Burke.

A biografia mais famosa e popular sobre o escritor, no entanto é a mais criticada pelos especialistas. Trata-se da obra, *“Dark Valley Destiny: The Life of Robert E. Howard”*, de Lyon Sprague de Camp e sua esposa, Catherine, publicada

¹⁸ A biografia de Howard escrita por Novalyne Price Ellis foi adaptada para o cinema hollywoodiano em 1996. Robert Howard foi interpretado por Vicent D’Onofrio e Novalyne Price por Renée Zeelweger. Destaque para algumas passagens na obra que são exaltadas no filme, tal como a apologia do autor texano em relação aos povos indígenas dos EUA, seu relacionamento quase que votivo em relação à mãe doente e suas opiniões pessoais sobre o que considerava serem temas com apelo entre seu público leitor, desde temas com teor sexual até batalhas épicas. Howard tinha um comportamento bastante fora dos padrões de sua época, pelo menos segundo seus contemporâneos. Novalyne afirma na obra que ele costumava narrar em voz alta enquanto escrevia seus textos sobre Conan, principalmente as cenas de batalha. Além disso, Howard era visto perambulando pela pequena cidade de *Cross Plain* vestido de índio ou de mexicano, como que instigando a população a uma reação de cunho preconceituoso.

em 1983. O autor deteve por muitos anos os direitos autorais sobre alguns textos literários originais de Conan e também sobre narrativas inacabadas, sendo um daqueles escritores que inseriram, entre os anos 1950/1960, novos personagens e povos nas narrativas do mundo ficcional de Conan.

Pode-se dizer que Sprague de Camp é uma das maiores referências sobre o personagem ou mesmo sobre o escritor ao mesmo tempo em que é criticado e até odiado pelos fãs puristas de Robert Howard. A biografia em questão possui sérios problemas de qualidade e de seriedade em razão dos diversos juízos de valor carregados sobre o caráter, à psique e a conduta do escritor texano, com muitas inferências completamente destituídas de quaisquer evidências ou qualquer apresentação de documentação histórica.

Além disso, deve-se destacar o teor acusativo das críticas de Sprague de Camp em torno dos textos literários escritos por Howard, em uma espécie de autopromoção às custas da sua obra, como se Conan fosse o único personagem “digno” de um autor mediano (Robert Howard), melhor, como se o personagem devesse mais a ele por ser um ícone da cultura popular do que a seu próprio criador¹⁹.

Outra biografia digna de nota é *“Blood e Thunder”*, de Mark Finn, de 2006. Entre outros aspectos, podemos observar o questionamento aos apontamentos de Sprague de Camp de que Howard seria um autor mediano que, em um lance de sorte, criou um grande personagem. Na biografia de Sprague de Camp, Howard seria o pária social que escreveu contos medianos em termos gerais, excetuando-se os do bárbaro. Na visão de Finn, ao contrário, Howard deveria ser resgatado em toda a sua qualidade narrativa, embebida em visões vinculadas a um contexto de brutalidade e violência, em meio aos problemas oriundos do Texas no contexto da Grande Depressão de 1929 (FINN, 2003, p. 205).

Howard passaria a representar o folclorista moderno da fronteira do Texas e seus escritos passariam a expressar a imersão do autor no mundo imaginário dos comanches, dos pioneiros, dos desbravadores da fronteira e dos foras da lei do

¹⁹ O site mais completo encontrado até o momento sobre Conan e seu criador é <http://www.barbariankeep.com>. É possível encontrar muita informação sobre criador e obra, desde os textos originais em inglês, listas de outros textos do autor, principais biografias e estudos sobre sua vida e obra. Destaque para as opiniões acirradas dos críticos do site sobre a biografia de Howard escrita por Lyon Sprague de Camp, que retrata Robert Howard como um sujeito mimado, sensível e tímido, às vezes descontrolado e quase esquizofrênico.

velho oeste, em uma espécie de construção de uma identidade texana e sulista que permearia todo o seu universo literário (PEIXOTO, 2007, p. 300). Podemos adiantar que nos inserimos nessa linha de pensamento sobre Howard, enfatizando igualmente alguns aspectos dos já mencionados temas da fronteira, bastantes presentes em seus escritos, incluindo aqueles de Conan.

Enquanto representação histórica, o mundo ficcional de Conan possui fronteiras e civilizações não muito diferentes das encontradas em livros de história, sendo a *Era Hiboriana* uma espécie de miscelânea de povos e culturas da Antiguidade e do Medievo, ainda que transformadas de acordo com os objetivos ficcionais de seu autor. O próprio Howard, em meados da década de 1930 escrevera um texto em forma de narrativa histórica, explicando as culturas e a organização social de seu mundo ficcional, mencionando que seu objetivo seria o de “conceber uma conotação mais realista para as aventuras de Conan” (LOUINET, 2006, p. 276).

Não podemos deixar de mencionar a relação aproximada existente entre literatura e história, não somente no que tange ao olhar historiográfico de qualquer análise mediante fontes literárias. As narrativas originais de Conan expressam aspectos inerentes referentes às ideias de seu criador, mas também do contexto de produção e difusão dos mesmos. Como afirmou Michel Foucault (1992), toda a obra literária possui critérios de unidade, coerência e persistência, sendo a categoria do autor uma função a demarcar sua historicidade.

No que concerne à literatura howardiana dos Ciclos de Conan especificamente, executaremos um estudo sobre representações concernentes a oposição entre civilização e barbárie, sugerindo de imediato uma explicação geral sobre o importante conceito de representação que será utilizado no presente estudo.

Para isso seguimos a leitura de Roger Chartier (1990), que define as representações como, “crenças, valores e visões de mundo” (CHARTIER, 1990, p. 16) e para quem, “seriam construídas e determinadas pelos interesses de indivíduos ou grupos que as forjaram e que por elas são forjados” (CHARTIER, 1990, p. 17), “criadas muitas vezes à revelia dos atores sociais e traduzindo posições e interesses objetivamente confrontados e que descrevem a sociedade como eles pensam que é ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19).

Observamos aqui uma definição conceitual circunscrita ao mundo social e histórico dos produtores culturais, no nosso caso, as representações em forma de escritos literários de Robert Howard nos anos 1930. Tais representações são parte da expressão de ideias socialmente veiculadas em artefatos culturais específicos (de cunho literário), significando um vínculo estreito entre discursos de uma mesma realidade social. “As representações são demarcações e esquemas modelados que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar a relação entre o social e o mundo imaginário, supostamente refletindo o social ou dele se desviando” (CHARTIER, 1990, p. 22).

Chartier defende que as representações são práticas culturais que modelam o mundo social e que condicionam pensamentos e ideias, sendo, portanto, mais do que meras expressões de um real anterior a elas, conformando o social a partir delas. Não podemos deixar de mencionar as considerações de Jacques Aumont, (1993, p. 104 - 105) sobre certo grau de arbitrariedade existente em quaisquer representações, visto que elas são oferecidas como substitutas de uma ausência, seja uma pessoa, um contexto ou um evento.

Um estudo sobre representações não deve apenas considerá-las como expressões condicionadas por realidades sociais determinadas, visto que as representações igualmente conferem significados ao mundo, produzindo comportamentos e influenciando a história. Por outro lado, devemos compreender a função social dos produtores da cultura, levando-nos as considerações do filósofo Michel Foucault. Isso porque, o filósofo dimensionou a função do autor a partir de uma estrutura comunicativa baseada em modalidades discursivas. Segundo ele, “pensar uma representação como ausência relativa da experiência do autor não significa assegurar sua total ausência, mas, sim perceber temas comuns em dado contexto, segundo os cânones de tradições específicas” (FOUCAULT, 1992, p. 40).

Não se trata de negar a análise específica sobre a vida e/ou influências do autor, mas sim de compreendermos a tradição cultural e histórica de um conjunto de representações em dado tempo e lugar. A esse propósito lembramos as considerações de Stuart Hall (2016, p. 48) no que tange ao caráter construtivista de quaisquer representações, visto que utilizamos sistemas de representações para concebermos conceitos e signos às coisas do mundo, reconhecendo a existência do mundo material, mas também a distinção entre as coisas e os sentidos que

atribuímos às mesmas em dada cultura, em certo tempo e em determinado contexto histórico.

Existe com isso uma relação de separação entre o autor enquanto agente individual e enquanto função social e histórica, o que é muito bem explicitado pelo próprio Chartier (1999). Segundo o historiador, a análise individual do autor não seria suficiente em um estudo histórico que tomasse uma obra ou um personagem como base. Os textos de um autor designam uma figura discursiva, sendo uma função munida de identidade social e histórica, “uma função do discurso muitas vezes separado da experiência do sujeito, carregado de sentido histórico” (CHARTIER, 1999, p. 199).

Nesse ponto, um aspecto importante diz respeito às narrativas míticas de Conan. Míticas, dada uma definição bastante ampla do significado, enquanto narrativas metafóricas universais responsáveis pela demarcação da ultrapassagem das limitações dos seres humanos (CAMPBELL, 1990, p. 37). As tramas de Conan podem ser vistas também como narrativas míticas num sentido mais específico se tomarmos as mesmas como monumentos de feitos grandiosos de um herói sobre-humano, ainda que limitado frente a deuses e criaturas sobrenaturais de seu mundo fantástico (DETIENNE, 1988, p. 15 – 26).

Chama a atenção também o aspecto pretensamente histórico das narrativas sobre Conan. O mundo ficcional de Conan, sua *Era Hiboriana* possui equivalências com algumas sociedades históricas, sendo uma espécie de “Era Histórica” ficcional com elementos baseados em convenções historiográficas sobre o nosso próprio passado histórico. Nesse mundo haveria um conjunto diversificado e complexo de civilizações e sociedades semelhantes aos povos da Antiguidade e do Medievo, que segundo Howard, seria como que um espelho das civilizações históricas da humanidade (LOUINET, 2006, p 277).

Howard efetuou tal movimento como um auxílio para suas tramas, de modo a torná-las mais verossímeis aos leitores, sugerindo um alto grau de imaginação histórica de sua parte. O filósofo, R.G. Collingwood (1994) tratou do desenvolvimento gradual do que chamou de *imaginação histórica*, principalmente entre os ditos povos civilizados do Ocidente. Essa apurada imaginação histórica, entendida como o conjunto de ideias gerais que possuímos acerca dos eventos pregressos, teria tornado a dita Civilização Ocidental cada vez mais consciente de

seu papel e de sua identidade no mundo contemporâneo (COLLINGWOOD, 1994, p. 295).

Concordando ou não com a existência dessa imaginação enquanto imperativo de uma pretensa identidade ocidental, um elemento da leitura de Collingwood é imprescindível: de que enredos narrativos ficcionais que se baseiam em convenções históricas tidas como verossímeis costumam gerar identidades nos receptores, visto que o passado é um dos guias mais bem sucedidos para o presente (WOODWARD, 2000, P. 11).

Nas narrativas literárias originais de Conan, de Howard, a imaginação histórica parece evidenciada se tomarmos a *Era Hiboriana* como base. Não se trata apenas da uma mimetização entre as civilizações ficcionais criadas nos Ciclos de Conan com as civilizações conhecidas da história da humanidade (ou aquilo que atribuímos como nosso próprio passado histórico em livros de história). O que encontramos nos textos howardianos são elementos que parecem evidenciar aspectos do oeste dos EUA como um todo e do Texas em especial, o que por sua vez desvela alguns temas da fronteira inscritos nos textos do criador de Conan.

Fontes importantes analisadas nesta dissertação (ainda que secundariamente) foram às compilações das cartas de Howard a amigos e a outros escritores *pulp* de sua época, tais como Clark Ashton Smith e o já mencionado Lovecraft. As compilações de cartas colocam o leitor diante de uma visão bastante aprofundada da vida e do trabalho de Howard, sendo possível compreender as ideias do autor para seu personagem em meio ao contexto dos anos 1930.

Mediante a leitura das cartas é possível compreender que as narrativas de Howard transcendiam o mero entretenimento de modo a expressar ideias complexas sobre a natureza da vida, do homem e da própria sociedade e da civilização sob a forma de aventuras épicas.

Nessas cartas, Howard explicara seu conceito de "barbárie", como ele via seus personagens e o que ele tentara realizar com suas narrativas literárias. Em várias de suas correspondências ele traçou suas esperanças e sonhos, seus erros, e seu amor pela liberdade e pela escrita fantástica. Pode-se dizer que ele teceu algumas defesas em direção a alguns aspectos da barbárie, não de forma vazia ou como a expressão de uma mera paixão juvenil, mas como uma forma de conduta

emancipadora das correntes corruptas da civilização, ainda que igualmente ele tenha criticado outros de seus aspectos inerentes (DERIE, 2015).

Como aporte metodológico, usaremos a Análise de Discurso Textualmente Orientada, tal como concebido pelo teórico, Norman Fairclough na obra, “*Discurso e Mudança Social*”, publicada no Brasil em 2016 (2^o Edição). Consideramos tratar-se de um método com um forte apelo historiográfico, na medida em que desvela o caráter social e cultural de um dado discurso em suas vinculações com outros, seja de um mesmo contexto histórico ou mesmo de contextos diferenciados e distanciados no tempo e no espaço (FAIRCLOUGH, 2016, p.19-31).

Além disso, tal método não desconsidera as mudanças existentes no interior dos discursos em função de sentidos que lhe são atribuídos enquanto práticas sociais voltadas para orientar as próprias práticas não discursivas. Em outras palavras, os discursos não são apenas ecos de uma realidade social e histórica concebida *apriori*, mas sim práticas e acontecimentos do meio social e histórico em sua dinâmica complexa, possuindo, portanto um alto grau de historicidade e estando na intersecção entre continuidades e mudanças das próprias práticas discursivas. O texto elencado a seguir evidencia o olhar empregado no presente trabalho de pesquisa.

Minha tentativa de reunir a análise linguística e a teoria social está centrada numa combinação desse sentido mais sócio-teórico de ‘discurso’ com o sentido de ‘texto e interação’ na análise do discurso orientada linguisticamente. Esse conceito de discurso e análise de discurso é tridimensional. Qualquer ‘evento’ discursivo (isso é, qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente como um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social (FAIRCLOUGH, 2016, p. 22).

Consideramos que Howard estabeleceu sua própria contraposição entre civilização e barbárie, tanto em suas narrativas de Conan como também em algumas de suas cartas, ora aproximando-se de discursos diversos e mais antigos para tratar dos respectivos termos, ora traçando sentidos aos termos a partir de discursos encontrados em seu próprio contexto histórico.

Como exemplo desse movimento, citamos as construções do historiador da fronteira da primeira metade do século XX dos EUA, Frederick Jason Turner, deveras cultuado na época e, em nossa opinião, utilizado por Howard para a compreensão do mundo da fronteira do oeste do país como um todo. Com isso,

Howard estava inserido em seu meio social e cultural e tecia discursos sobre civilização e barbárie com um forte aporte histórico, tanto a partir de discursos oriundos de outros tempos (incluindo aqueles retirados da filosofia e de tradições discursivas diversas ou mesmo retirados da literatura da fronteira dos EUA, por exemplo), como aqueles de sua própria época histórica.

Como estrutura do estudo, nós resolvemos separar o texto historiográfico em duas partes bem delimitadas, destacando de imediato que não teremos um capítulo específico de contexto separado da análise empírica como um todo. Isso porque consideramos que a análise de contexto não pode estar desvinculada das representações do próprio Howard, tanto aquelas dos Ciclos de Conan, com todas as suas construções indiretas e implícitas, como aquelas representações diretas extraídas de algumas de suas cartas e correspondências.

O presente texto historiográfico, dividido em duas partes contará com seis capítulos, sendo três capítulos em cada uma das referidas seções. Na primeira parte, trataremos do homem Robert Howard e dos conteúdos de seus escritos, destacando as características literárias de suas narrativas e os aspectos formais de suas ideias e de suas experiências pessoais. No primeiro capítulo dessa seção, tratamos especificamente do homem Howard a partir das considerações de alguns de seus principais biógrafos, estabelecendo uma leitura crítica sobre algumas dessas obras de cunho biográfico e finalizando com nossas próprias considerações sobre o homem e o escritor Howard, muito em razão de nossa própria análise de suas ideias e construções de si mesmo mediante algumas de suas cartas.

No segundo capítulo dessa primeira parte tratamos especificamente dos escritos de Howard em linhas gerais, não os Ciclos de Conan em especial, mas sim os demais textos ficcionais escritos por ele, resumindo as características de muitos de seus personagens e de suas tramas ficcionais, evidenciando um ponto que nos parece ser a marca comum de todas as respectivas narrativas howardianas: o tema da fronteira.

De certa forma, os mais diversos personagens de Howard são notadamente personagens que se encontram nas fronteiras do mundo ou mesmo de alguma civilização, sendo homens e/ou mulheres fortes, valentes, rústicos, críticos da imoralidade das civilizações conhecidas ou mesmo daquelas criadas nas aventuras. Se Conan é um exemplo de bárbaro que se contrapõe a determinadas

civilizações de seu mundo fantástico, os demais personagens howardianos são no mínimo contraposições a certos elementos considerados por Howard como negativos das culturas civilizadas, o que parece remeter a seu contexto histórico, visto que nas primeiras décadas do século XX nos EUA havia um sentimento de crise muito forte, o que veio a aprofundar-se com a Crise de 1929 e com a Grande Depressão dos anos 1930.

A partir da leitura mais geral das narrativas ficcionais de Howard, chegamos ao terceiro capítulo dessa primeira parte da dissertação, quando tratamos especificamente os Ciclos de Conan e suas condições de produção. A esse propósito, reiteramos que o próprio Howard fez questão de evidenciar que foi na fronteira do Novo México que ele criou o personagem Conan, sendo o cimério uma miscelânea de diferentes tipos rústicos da fronteira que ele entrou em contato ao longo de sua vida ou até conhecendo tais tipos a partir da literatura de fronteira que tanto cultuava.

Novamente trataremos de algumas cartas de Howard, principalmente aquelas enviadas ao amigo escritor Lovecraft, versando sobre a contraposição entre civilização e barbárie, tão presente em seus escritos literários ficcionais e em suas divagações e debates com esse respectivo interlocutor. Howard representou, portanto essa contraposição em suas narrativas sobre Conan, ora afirmando que a barbárie seria uma condição cruel e desumana, ora deixando subentendido ou mesmo deixando explícito que ela poderia ser necessária em certos momentos de crise civilizacional.

Nesse ponto, essa primeira parte como um todo tratará conjuntamente da questão da fronteira e dos chamados homens da fronteira (*frontiersmen*), deveras cultuados na literatura dos EUA e também por Howard. Não que Conan representasse esse arquétipo em especial, visto que o bárbaro que ele representava seria no entender de seu criador retirado da história e da literatura clássica, dos tempos antigos e dos povos antigos, do porte dos celtas bretões. Mesmo assim, alguns elementos da barbárie em Conan podem sim representar aspectos da rusticidade dos homens da fronteira do oeste dos EUA e nesse aspecto, poderia ser o cimério um modelo interessante de comportamento de homens que Howard cultuava em meio a um contexto de crise moral e civilizacional.

Chegamos por fim a segunda parte da dissertação, igualmente dividida em três capítulos. No primeiro capítulo dessa segunda parte, faremos a historicização dos termos “civilizado e bárbaro”, explicando como os mesmos foram entendidos nas mais diversas tradições discursivas ao longo da história. Trataremos do conceito de civilização e de barbárie desde Heródoto, passando pela tradição romana pagã, pela tradição cristã do Mundo Antigo e do Medievo, pela tradição Renascentista, depois a tradição Iluminista, demarcando especificamente a construção de Rousseau, para finalizar essa parte com a leitura Oitocentista de civilização e de barbárie, a partir dos vínculos existentes com diversos elementos, tais como de etnia, nação, raça, missão civilizadora, povo e Estado-Nação.

Não desconsideraremos nesse capítulo o sentido universalista do termo “civilização” enquanto antípoda do termo “barbárie”, pelo menos dentro de uma tradição discursiva reconhecida simplesmente como Ocidental. Como bem evidenciado na obra de referência de Niall Ferguson (2016, p. 26-27), a civilização englobaria algo aquém de uma vida urbana, expressando uma organização humana complexa, com grandes realizações morais, éticas, estéticas, científicas e um conjunto de normas, preceitos, leis, comportamentos e práticas humanas consideradas elevadas de uma determinada cultura. Seu sentido genérico será considerado no capítulo, mas não sem a averiguação criteriosa de todas as historicidades do termo, o que auxiliará na compreensão da historicidade de seu antípoda, o termo barbárie e alguns de seus variantes.

No segundo capítulo dessa segunda seção trataremos das narrativas howardianas dos Ciclos de Conan, pensando na construção do “ser bárbaro” diante do “ser civilizado”, ou seja, a forma como a fronteira marcava a rusticidade dos bárbaros e dos homens que viviam em seus domínios. Verificamos que ser bárbaro seria, em termos gerais, um sujeito bastante próximo dos seres selvagens, possuindo dons das florestas e se comportando de forma rústica e violenta, como se a barbárie representasse um estar e um viver na fronteira.

Nesse ponto aproximamos o bárbaro construído por Howard do homem da fronteira, ainda que ele mesmo diferenciasse ambos (o elemento bárbaro em relação ao sujeito colonizador da fronteira do oeste dos EUA), não conseguindo, no entanto, afastá-los a tal ponto de não consideramos seus elementos comuns. Se Conan não é o homem da fronteira segundo o próprio Howard, ele estaria mais

perto da rusticidade quase que natural desse homem, representando elementos do jeito de ser da fronteira, um lugar ermo e igualmente selvagem, sendo ambos (os homens da fronteira e o espaço da fronteira) deveras cultuados pelo criador do cimério.

Finalizamos essa segunda seção e a dissertação com o terceiro capítulo, no qual aprofundamos ainda mais a análise, tratando daquilo que pode ser chamado de “ciclocicose howardiana”. O termo, ciclocicose, como evidenciado no primeiro capítulo dessa segunda seção é retirado da tradição escrita do Mundo Antigo, como sendo a expressão de um elemento temporal de auge e decadência das civilizações humanas como um todo.

A ciclocicose entre os antigos gregos e romanos seria considerada um movimento natural do devir histórico de todas as sociedades, um movimento que deveria ser temido pelas mesmas, visto que as crises levariam a decadência civilizacional e a partir disso se chegaria novamente a barbárie, momento de queda de uma cultura ao estado de selvageria ou de ausência de valores, conhecimentos e claro, da própria civilidade.

Percebemos que Howard constrói elementos da ciclocicose em suas narrativas dos Ciclos de Conan, evidenciando, no entanto, o caráter necessário desse movimento, não tratando o estágio da barbárie como um estágio de completa decadência social, mas como uma etapa necessária diante da própria decadência das civilizações humanas, como se fosse um estágio de recuperação de elementos importantes diante da degenerescência das sociedades humanas em termos morais, o que equivaleria tratar a civilização em seus traços negativos e não apenas a barbárie, apesar dessa última ser violenta e cruel na visão do criador de Conan.

Evidenciamos nesse capítulo como Howard estava inserido em seu contexto histórico para constituir tais ideias de civilização e barbárie, ou seja, como os sentimentos de crise que permeavam o mundo social e histórico dos EUA da primeira metade do século XX, não apenas no país como um todo, mas também no oeste e no Texas em especial, pesaram sobre as ideias e sobre a própria escrita de Howard.

Consideramos que o escritor se utilizou dos elementos da barbárie em Conan para dar respostas fantásticas e ficcionais a tais sentimentos, sendo que os

mesmos o faziam conceber a crise civilizacional de sua época como uma crise a ser superada por comportamentos mais rústicos e mais naturais, tão presentes nos comportamentos dos homens da fronteira e tão mimetizados pelos comportamentos do bárbaro Conan e dos personagens da fronteira de suas tramas ficcionais. De certa forma, defendemos que apesar dos aspectos da literatura fantástica presente nos Ciclos de Conan existe também elementos pontuais do mundo da fronteira do oeste dos EUA, pelo menos na interpretação de Robert Howard.

Antes de iniciarmos a primeira parte da dissertação, iremos apresentar um pequeno resumo de cada uma das narrativas dos Ciclos de Conan. Os resumos servem como um guia que auxiliará a leitura das duas seções e dos seis capítulos, o qual poderá ser consultado por aqueles que não possuem tanta familiaridade com o universo das narrativas. Contudo, a leitura do guia pode ser ignorada sem prejudicar a análise desenvolvida nas duas seções e nos supracitados capítulos.

GUIA DE LEITURA DOS CICLOS DE CONAN

No ano de 1932 foi finalizado e publicado o texto, “*The Phoenix in the Sword*”, (A Fênix na Espada) figurando Conan como monarca do fictício reino da Aquilônia, que equivaleria à mescla do Império Romano do Mundo Antigo com o Império Carolíngio do Mundo Medieval, com vários de seus traços feudais. O conto em si marca um tema comum dos escritos howardianos sobre Conan enquanto rei da Aquilônia: uma conspiração de inimigos civilizados para destroná-lo²⁰.

Liderados por Ascalante, um nobre local exilado, os conspiradores subornam a guarda pessoal do rei bárbaro e criam um cenário de conflitos na fronteira do reino para que as tropas oficiais sejam deslocadas a região. O cimério é avisado da conspiração em um sonho premonitório, no qual encontra Epemitreus, um antigo sacerdote do deus Mitra, principal divindade da *Era Hiboriana*. O sacerdote não somente avisa o rei do perigo, como também marca uma *Fênix* no cabo da espada do cimério, de modo a que ele possa destruir seus inimigos, inclusive um monstro simiesco enviado pelo feiticeiro Thot Amon para matar o líder dos conspiradores.

A segunda narrativa escrita por Howard seria publicada somente em 1934, sendo pouco considerado inicialmente pelo editor da *Weird Tales*, Farnsworth Wright (LOUINET, 2006, p. 18). Trata-se de “*The Frost Giant’s Daughter*” (A Filha do Gigante de Gelo), responsável por mostrar um Conan ainda jovem, situando-se cronologicamente (no que compete a trajetória de vida do cimério) alguns anos antes da primeira narrativa. A aventura se passa quando Conan vagava pelo extremo norte, auxiliando os guerreiros das tribos *aesires* no enfrentamento de seus inimigos, *vanires*, em suas batalhas rotineiras. O conto se inicia no momento final de uma batalha entre os dois grupos, quando Conan se encontra “frente a frente” com um poderoso guerreiro.

Ferido e cansado, após derrotar o adversário, o cimério logo se envolve em uma perseguição a uma mulher semidivina chamada Atala. No desenrolar da narrativa, Conan descobre tratar-se da filha do titã nórdico mitológico Ymir. Trata-

²⁰ Utilizamos para os textos howardianos sobre Conan algumas traduções realizadas na década de 2000 para o português. A primeira publicação é de 2006, intitulada “*Conan, o Cimério*”, contendo quinze dos textos originais mencionados e resumidos a partir de agora. Outra publicação importante chama-se “*Conan, o Bárbaro*”, de 2012, possuindo três das narrativas resumidas aqui. Para os textos no original em inglês, utilizamos como referência o aplicativo, “*Conan The Master Stories*”, que leva a página oficial dos escritos de Howard, contendo todos os 21 textos literários de Conan escritos por Howard na década de 1930.

se de uma bela mulher que comumente atrai os guerreiros abatidos no campo de batalha para armadilhas mortais arquitetadas por seus dois irmãos gigantes. Conan é seduzido pela semideusa, perseguindo-a exaustivamente até que ela, cansada dessa situação pede ajuda ao pai divino, deixando o bárbaro semimorto na neve após horas de perseguição ininterrupta.

O terceiro texto foi escrito em 1932, sendo publicado somente no ano de 1975. Denominado de, "*The God in the Bowl*" (O Deus Na Urna), o conto desvela igualmente um Conan mais jovem tentando roubar as riquezas da casa de um rico mercador chamado, Kallian Publico. O mercador é encontrado morto em um dos corredores da mansão e esse fato leva o bárbaro cimério a ser aprisionado pela guarda local.

O objetivo do chefe da guarda é descobrir quem teria assassinado Publico, sendo Conan o principal suspeito. O conto é um dos mais sutis de Howard, visto que não se trata de uma narrativa em estilo padrão de fantasia épica, com lutas ininterruptas entre guerreiros, magos ou criaturas sobrenaturais. De certa forma, a narrativa possui a estrutura de um conto de detetives e interrogatório. Conan, mesmo aprisionado pela guarda local, não perde sua honra, honestidade e altivez pessoal bárbara, negando-se como assassino do mercador, ainda que evidencie ter entrado na casa para roubar seus tesouros.

Ao final da trama, descobre-se que o mercador foi assassinado por uma criatura serpente semidivina até então aprisionada em uma urna. A urna havia sido contrabandeada pelo próprio mercador, sendo a criatura uma espécie de avatar do deus Seth, maior divindade maligna do mundo ficcional de Conan. Em meio ao interrogatório, os guardas são atacados pela tal criatura, demonstrando a inocência do cimério no assassinato. Após a fuga e/ou morte da guarda, somente o bárbaro permanece para enfrentar o monstro e tal fato o coloca em contato com os chamados deuses antigos, moldando-se no personagem um receio instintivo quanto ao sobrenatural, marca específica de sua personalidade.

O quarto escrito de Howard é uma de suas mais famosas narrativas. Trata-se de um dos contos que mais foram republicados e veiculados ao longo dos anos. Intitulado de "*The Tower of the Elephant*" (A Torre do Elefante) é considerada a narrativa howardiana que mostra o Conan mais jovem entre todas as suas representações literárias, estando o cimério com apenas 18 anos de idade. Nesse

momento de sua vida, Conan está tentando entrar no mundo civilizado como um ladrão da cidade portuária de Arenjum no reino fictício de Zamora, que equivale a uma espécie de mescla entre a antiga Palestina e a província de mesmo nome no reino de Castela-Leão, na Espanha da Idade Moderna (uma Península Ibérica árabe-muçulmana e ao mesmo tempo culturalmente cigana).

Na trama, Conan ouve da boca de um mercador sobre a existência da Torre do Elefante, onde se encontraria uma joia rara e valiosa. Após um conflito generalizado na taverna onde se encontram, iniciado pela imprudência e impertinência do próprio cimério, (ainda avesso e pouco a vontade com a civilização) Conan decide fazer o que muitos ladrões mais experientes da cidade tentaram e fracassaram, ou seja, decide entrar na torre para roubar a joia. O cimério passa pelos jardins em volta da torre, encontrando um famoso ladrão local chamado Taurus de Nemédia.

Após enfrentarem quatro leões no sopé da torre, Conan e seu aliado escalam as paredes íngremes de modo a juntos encontrarem o tesouro. Diferentemente de Taurus, morto pelo veneno de uma aranha gigante, Conan chega ao interior central da torre, onde se depara com uma criatura com corpo de homem e cabeça de elefante.

A criatura é cega e seu corpo encontra-se bastante debilitado devido às torturas que o sacerdote da torre, Yara lhe impôs ao longo de seu cativeiro. Chamada de Yag-Kosha, a criatura conta sua trajetória de vida a Conan, ou seja, como ele veio parar no mundo após vagar pelas estrelas junto de seus semelhantes. Sem dúvida nenhuma que se trata do conto mais rico e complexo de todos os vinte e um de Conan no que concerne ao lado ocultista e *lovecraftiano* do escritor.

De certa forma, a raça de Yag-Kosha muito se parece com a mescla entre os deuses dos mitos indianos (e a semelhança física e psíquica com o deus *Ganesha* é proposital) com as criaturas citadas nas narrativas de Lovecraft, demonstrando desde já as influências do escritor *pulp* sobre Howard.

Da mesma forma que o texto anterior se tornou uma das narrativas mais cultuadas do *corpus* literário howardiano, muito em razão de sua filosofia implícita, o próximo texto é igualmente marcante. Trata-se da narrativa intitulada, “*Queen of the Black Coast*” (A Rainha da Costa Negra), versando sobre as aventuras de um

Conan com seus vinte e quatro anos de idade. Na aventura, Conan torna-se amante e parceiro de pilhagens da capitã pirata Bêlit, tendo que enfrentar uma criatura saída do sobrenatural, na verdade o último integrante de uma raça simiesca alada amaldiçoada de uma ilha deserta.

Nesse texto em questão, Conan se envolve emocionalmente com a líder pirata, um romance intenso e vigoroso, podendo-se afirmar que se trata da narrativa mais intimista do personagem, principalmente nos eventos em torno da morte de Bêlit pelas garras do mostro simiesco. Não é a toa que a personagem pirata tornou-se marcante em outras mídias que veicularam narrativas sobre o cimério, principalmente a passagem final, quando Conan, quase derrotado pelo monstro alado, recebe o auxílio espiritual de Bêlit, em uma espécie de carma de uma alma gêmea que voltou do mundo dos mortos apenas para salvar seu amado.

Outra narrativa de Conan em uma aventura de sua juventude chama-se "*Black Colossus*" (Colosso Negro), aventura que trata da época em que o cimério era um mercenário do pequeno reino de Khojara, situado a leste das civilizações *Hiborianas*. Nesse episódio, um antigo feiticeiro recém-despertado tenta se apossar da mente e da alma da princesa Yasmela, de Khojara e a partir desse fato, o deus Mitra, mediante a previsão de um oráculo, avisa que a princesa deveria colocar a liderança de seu exército nas mãos do primeiro homem que encontrasse na rua, sendo Conan o homem escolhido pelo destino.

O bárbaro aceita liderar os exércitos civilizados de Khojara contra as tropas do terrível feiticeiro, ainda que sua condição não seja aceita no todo pelos nobres locais civilizados, o que, por sua vez evidencia a oposição entre civilização e barbárie.

A narrativa, "*The Scarlet Citadel*" (A Cidadela Escarlate) foi escrita em 1932 e publicada no ano de 1933, tratando-se da segunda trama a colocar Conan como rei da Aquilônia. Novamente temos o tema da conspiração, visto que Conan é enganado por um ex-aliado seu, o rei Amalrus de Ophir, que estaria a serviço de um mago poderoso chamado Tsotha-lanti.

Nessa aventura, Conan é aprisionado em uma masmorra situada abaixo do castelo do mago. Enquanto os conspiradores tentam consolidar o poder na Aquilônia, Conan escapa pelos subterrâneos da masmorra. No submundo sombrio, Conan entra em contato com criaturas saídas do sobrenatural, testando sua

sanidade e capacidade de sobrevivência. Mais adiante na narrativa, Conan passa a ser auxiliado por um feiticeiro igualmente aprisionado na masmorra, um antigo inimigo de Tsotha-Ianti chamado Pelias.

Ao final, com a ajuda de seu novo aliado, Conan recupera a coroa, trazendo novamente estabilidade a Aquilônia. Como no primeiro texto, o reino foi assolado pelo caos devido às tramas políticas de conspiradores civilizados, sendo Conan a expressão da volta da normalidade.

O próximo texto chama-se *“Iron Shadows in the Moon”* (Sombras de Ferro sobre a Lua) e foi publicado em 1932. Trata de um Conan selvagem em fuga diante de tropas mercenárias inimigas. Conan se vê envolvido com outra fugitiva, Olívia, tendo que ajudá-la a sobreviver em meio a um lugar ermo e igualmente selvagem, localizado em alguma planície pantanosa na costa do Mar de Vilayet, que na *Era Hiboriana* equivaleria ao Mar Mediterrâneo.

Logo, Conan e Olívia se encontram em uma ilha quase deserta, tendo que enfrentar uma criatura primitiva, um grupo de piratas recém-desembarcados e uma terrível maldição antiga de homens transformados em estátuas e aprisionados em um templo em ruínas. Novamente Conan é bem sucedido diante de antagonistas tão perigosos, enfrentando a todos com astúcia e violência incomum, tornando-se ao final da narrativa, o líder dos piratas sobreviventes.

Destaque para a maldição dos homens-estátuas aprisionados no templo, aprisionados dessa forma por uma espécie de divindade semiesquecida. As criaturas apenas conquistam seus movimentos ao cair da noite, quando a lua desponta no céu, o que explica o nome da aventura, bem como o tema do sobrenatural inscrito na narrativa.

Mais de uma vez fica evidente que somente o lado instintivo de Conan pode enfrentar todos estes perigos, sendo o tema central na narrativa. A fronteira foi ultrapassada e diante de seus percalços, somente um bárbaro com traços de um homem da fronteira poderia sobreviver.

A próxima narrativa, de certa forma possui a mesma premissa da anterior. Conan também encontra-se em uma região distante em seu mundo ficcional, ao lado de uma mulher chamada Natala da Britúnia, que na trama é sua escrava e amante. Perdidos no deserto e definhando devido à sede, ambos encontram uma cidade aparentemente desértica, cercada por elevadas muralhas. Adentrando em

seus portões, ambos percebem que a população encontra-se em uma espécie de transe coletivo devido a uma droga entorpecente extraída de uma flor chamada *lótus negra*, uma flor que no mundo de Conan seria quase mágica.

Os cidadãos do local estão sendo aos poucos devorados por uma antiga criatura disforme e demoníaca denominada de Thog, cultuada e temida por todos. O texto foi intitulado originalmente de *“Xuthal of the Dusk”* (Xuthal do Crepúsculo) e mostra um Conan bastante experiente como guerreiro, ainda que não seja o rei da Aquilônia nesse momento. A luta do bárbaro contra o mostro em muito evoca as cenas de batalhas sobrenaturais *lovecraftianas* em torno da tentativa de um mortal sobreviver diante do impossível, sendo aqui o ponto alto da narrativa. Novamente Conan derrota todos os seus antagonistas, partindo da cidade amaldiçoada ao lado de sua companheira, em busca de novas aventuras.

O texto, *“The Pool oh the Black One”* (traduzido como, O Poço Macabro) por sua vez igualmente desvela um Conan jovem e aventureiro, tornando-se novamente o integrante de um navio pirata com o propósito de desafiar seu capitão, de modo a que possa conquistar novamente o posto de líder pirata. Conan novamente enfrenta o mundo sobrenatural, só que desta vez representado por integrantes de uma comunidade de homens-selvagens de uma ilha isolada e que executam rituais arcanos em um poço macabro munido de energias demoníacas.

Como de costume o cimério é bem sucedido em seus objetivos iniciais, visto que após enfrentar os respectivos homens-selvagens da ilha, bem como após sobreviver diante das energias do poço sobrenatural, torna-se mais uma vez o comandante de um navio pirata. Aliás, não custa lembrar que mais de uma vez Conan ocupou o cargo de capitão em suas aventuras, recebendo a alcunha de Anra, o Leão entre as civilizações e tribos mais primevas da *Era Hiboriana*.

No escrito, *“Rogues in the House”* (Inimigos em Casa), Conan começa aprisionado em uma masmorra após ter sido pego pela guarda em um quarto de taverna, estando ele completamente embriagado na ocasião. Na respectiva narrativa, um mago poderoso chamado Nabonidus ameaça um nobre corrupto denominado Murilo. Atemorizado pela ameaça, o jovem nobre decide libertar o cimério da prisão para que o mesmo invada a morada do mago e corte sua garganta.

Novamente o cimério se vê envolvido no mundo fantástico e sobrenatural típico do gênero literário, *Sword and Sorcery*, visto que o mago está sendo perseguido por uma criatura simiesca que acaba atacando Conan em meio ao desenrolar da trama. Ao final da aventura, o cimério mais uma vez vence seus inimigos, fugindo da cidade antes que seja novamente encarcerado por suas atitudes não civilizadas. Detalhe para o papel de Conan na narrativa, ou seja, o bárbaro contratado por um nobre civilizado para que ele sobreviva aos poderes de um mago corrupto conspirador, igualmente civilizado.

A narrativa intitulada de “*Vale of Lost Woman*” (O Vale das Mulheres Perdidas) foi publicada somente após a morte de Howard. Na aventura em questão, uma escrava chamada Lívia pede ajuda a Conan para fugir de seu cativeiro, estando ela nas mãos de um líder tribal no distante reino de Kush, que equivale no mundo fictício da *Era Hiboriana*, à antiga Núbia da Antiguidade Oriental. Conan (que no início do conto é o líder de um grupo de mercenários) presta auxílio à Lívia de modo a que ela escape do cativeiro, mas a mulher, com medo dos modos e das atitudes bárbaras do cimério igualmente escapa de suas mãos.

Na fuga que se segue, ela é atacada por uma criatura primitiva da floresta, chegando a vislumbrar, por um breve momento, um vale repleto de mulheres amazonas que comumente lutam contra os homens e suas sociedades patriarcais. Nesse meio tempo Conan ataca a criatura sobrenatural, salvando a mulher das garras do monstro, se afastando daquele vale além da fronteira civilizada de seu mundo ficcional.

Outro texto sobre conspiração é “*The Devil in Iron*” (O Demônio de Ferro), agora liderada por dois nobres do Império Turaniano, um equivalente ficcional da *Era Hiboriana* ao Império Persa da nossa Antiguidade Oriental. Os dois nobres estão à caça do líder Kosac que assola as fronteiras imperiais com suas constantes inserções de pilhagens, sendo o bárbaro Conan esse líder. A ideia de ambos é atrair o cimério para uma armadilha, usando uma escrava chamada Octávia, uma mulher que por sua beleza deveria atrair a atenção do chefe bárbaro.

Texto igualmente interessante é “*Beyond the Black River*” (Além do Rio Negro), sendo aquele que talvez melhor revele o tema da fronteira entre todas as narrativas de Howard sobre Conan. Isso se deve ao fato do cimério enfrentar uma

coalizão de tribos *pictas* que atacam um forte civilizado localizado em um território distante da Aquilônia. A narrativa desvela a selvageria comum da fronteira e as dificuldades dos colonizadores em sobreviver em meio a uma onda de ataques de tribos selvagens.

Na narrativa em questão, as tribos são lideradas por um poderoso xamã picto denominado Zogar Zag, levando Conan a ser aprisionado por ele na tentativa de enfrentá-los. Fugindo de seu cativeiro por suas próprias forças e auxiliando o jovem Balthus, companheiro de batalhas de Conan na presente narrativa, o bárbaro se depara com a necessidade de derrotar o xamã enquanto ajuda as famílias dos colonizadores da fronteira a escaparem dos ataques promovidos pelos *pictos*.

Outro escrito publicado somente após a morte de Howard é “*The Black Stranger*” (conto não traduzido), veiculado mais especificamente no ano de 1953. A narrativa coloca Conan no deserto onde se encontra novamente com os povos *pictos*, fugindo desses guerreiros selvagens. Para escapar dos mesmos, o cimério escala um penhasco íngreme de rochas, quando percebe que os *pictos* inexplicavelmente abandonaram a perseguição. Conan compreende que o local deve ser um lugar-tabu para os mesmos, talvez um lugar sagrado ou amaldiçoado.

Ele encontra uma caverna e em seu interior e o corpo preservado de um pirata chamado Trnicos ao lado de seus homens e de um rico tesouro em moedas e joias. A tentativa de Conan para remover o tesouro se prova inútil visto que um demônio em forma de névoa aparece e tenta estrangular o bárbaro, que mal escapa com vida, deixando o tesouro sem ser perturbado.

Depois da fuga, Conan se junta a uma estranha comitiva formada por um nobre inescrupuloso ao lado de sua senhora e sua bela serva, Tina, mais um corsário chamado Zaron e um pirata, inimigo deste, de nome Strombanni. Todos estão atraídos pelo tesouro de Trnicos, como o chamam, e somente Conan conhece a localização do mesmo. Entrando novamente no território dos *pictos*, todos acabam chegando ao penhasco amaldiçoado, após muita luta e derramamento de sangue, adentrando na caverna onde se encontra o tesouro e o demônio de névoa.

Pode-se dizer que “*Hour of the Dragon*” (A Hora do Dragão) foi o único texto semelhante a um romance escrito por Howard sobre Conan, possuindo em torno

de 195 páginas. Conan novamente é o rei da Aquilônia na narrativa e novamente ele precisa enfrentar inimigos dispostos a derrubá-lo de seu trono. O inimigo é novamente um antigo feiticeiro há muito tempo, amaldiçoado, assassinado e transformado em uma múmia, sendo conhecido pela alcunha de Xaltotun. Ele é despertado da morte por quatro conspiradores civilizados que desejam derrubar Conan de seu poder: o feiticeiro é Orastes, aliado de mais três nobres, Valerius, Tarascus e Amalric.

A trama, apesar de seus elementos sobrenaturais, possui uma premissa geopolítica bastante basilar, visto que Conan é derrubado do trono por uma conspiração encabeçada pelo reino da Nemédia, equivalente no mundo *hiboriano* ao Sacro-Império Romano Germânico de nossa Idade Média. No texto em questão, o respectivo reino é inimigo por excelência da Aquilônia de Conan. O rei bárbaro, após ser dado como morto em uma batalha campal é então devidamente destronado.

Após o ocorrido, ele parte em uma aventura por lugares ermos com o objetivo único de encontrar a fraqueza de Xaltotun, uma antiga joia mágica. Contando com a ajuda de uma prisioneira do castelo-masmorra de seus inimigos, Zenóbia, mais uma feiticeira aquiloniana, Conan encontra a joia, colocando-se a frente de um poderoso exército formado por seus antigos seguidores, recuperando ao final da narrativa a sua coroa.

Digno de nota também é a narrativa intitulada de *“Jewels of Gwahlur”* (As Jóias de Gwahlur). Trata-se de uma típica aventura de caça ao tesouro, tão bem delineada pela literatura fantástica da época de Howard. Os dentes de Gwahlur do título da aventura seriam joias lendárias quase míticas mantidas em uma cidade abandonada e amaldiçoada no distante sul do mundo de Conan. O cimério começa a narrativa em busca deste tesouro e viaja até o reino de Kenshan onde está localizada a cidade, logo oferecendo seus serviços para treinar e liderar o exército local contra seus inimigos, o reino vizinho de Punt.

Mesmo diante de diferentes interesses conflitantes para que o bárbaro assuma ou não assuma o comando dos exércitos, Conan consegue seu intento inicial. Esse fato aparentemente agrada o sacerdote local de Kenshan. Conan decide então se dirigir a cidade abandonada onde estariam alocadas as lendárias joias após a premonição de um oráculo local. A cidade, como mencionado acima é

amaldiçoada, contendo criaturas simiescas demoníacas em sua defesa. Em meio ao embate de Conan e suas tropas contra as mesmas, o cimério descobre que tudo foi planejado pelo feiticeiro-sacerdote de Keshan, como que um artilho para que o bárbaro fosse escolhido de modo a que se apropriasse das joias e as levasse até seus domínios.

Conan não somente consegue vencer seus antagonistas sobrenaturais, como também conquista as joias por algum tempo, quando uma situação limite o obriga a abandonar o baú onde se encontram para salvar Muriela, sua amante e companheira ao longo da narrativa.

Na trama seguinte, intitulada de *“People of the Black Circle”* (Os Profetas do Círculo Negro), Conan encontra-se como líder mercenário de uma tribo de berberes da distante fronteira de Vendhya com o território do Afghulistão, que equivaleriam em seu mundo ficcional à Índia Antiga e o Afeganistão, respectivamente. Novamente trata-se de uma trama com traços geopolíticos e uma conspiração para derrubar uma princesa de seu trono.

A dita princesa chama-se Yasmina, de Vendhya. Novamente Conan acaba auxiliando uma mulher em perigo, descobrindo, no desenrolar da trama, que um grupo de feiticeiros está por trás de toda a conspiração, grupo esse conhecido como Profetas do Círculo Negro. Logo ele se envolve novamente com a mulher, dirigindo-se a um lugar distante para confrontar os feiticeiros. Conan é auxiliado por guerreiros turanianos (equivalentes aos persas antigos) que igualmente desconfiam dos feiticeiros. Unidos, todos se dirigem a cidadela dos antagonistas e iniciam uma jornada contra forças sobrenaturais e antigas, sendo o conto um dos mais exóticos do bárbaro em função de mostrar a política e a cultura do mundo fictício de Conan que mais se assemelha ao Oriente Próximo e a civilização indiana.

Ao final, Conan mata o líder do grupo de feiticeiros, sendo avisado pela princesa de que jamais poderia ser rei devido a seus modos bárbaros. O cimério ironiza essa afirmação ao considerar que uma coroa deve pertencer aqueles que merecem pela espada e não pelo sangue nobre de quem não consegue sequer enfrentar inimigos arditos e mágicos.

O escrito intitulado de *“Shadow in Zamboula”* (Negras Noites de Zamboula) foi escrito em 1934 e publicado em 1935, sendo possivelmente o que melhor explique a questão racial nos escritos de Howard. Aqui, Conan localiza-se na

cidade de Zamboula ao sul da Estigia, nos chamados reinos negros e nesse lugar distante de sua terra natal ele se envolve com um grupo de canibais negros originários de Darfar, na fronteira a serviço de um feiticeiro e sacerdote inescrupuloso denominado Totrasmek.

Novamente Conan se envolve com o salvamento de uma mulher, aparentemente uma serviçal do castelo do governante local, mas que ao final ele descobre tratar-se de Nafertari, a esposa do sátrapa, Jungir Khan. Na mira dos planos do sacerdote-feiticeiro, que tinha feito o governante enlouquecer após ingerir uma droga, a mulher pede ajuda a Conan, que invade o templo onde se encontra o feiticeiro após escapar de uma armadilha armada pelos negros canibais. Conan enfrenta o gigante negro Baal-Pteor em uma batalha puramente física e após resgatar a mulher das mãos de Totrasmek decide fugir da cidade, sem antes roupar uma jóia poderosa e lendária que todos estão em busca.

A narrativa intitulada “*A Witch Shall Be Born*” (Traduzido como Uma Bruxa Nascerá) também foi muito cultuada ao ser veiculada em outras mídias, publicada originalmente em forma de texto no ano de 1935, mas republicada em quadrinhos durante a década de 1970. A narrativa trata de uma disputa entre duas irmãs gêmeas, Taramis, rainha do pequeno reino de Khauran e Salomé, uma feiticeira que usa seus poderes místicos para aprisionar a irmã e tomar seu lugar no trono. O único a perceber a troca é o capitão da guarda, por coincidência, Conan da Ciméria, que ao tentar revelar a conspiração é aprisionado pelo mercenário Constantius, aliado de Salomé.

Levado até uma cruz no deserto escaldante, Conan é deixado seminu para que seja devorado pelos abutres, tendo que, inclusive, se alimentar dos mesmos para sobreviver. A cena da cruz, aliás, foi exemplarmente representada no cinema no filme de 1982, estrelado por Schwarzenegger, expressando talvez uma das cenas mais representativas da resistência da barbárie em Conan. Isso porque ao ser salvo após horas exposto ao sol e a morte, Conan não somente soluciona toda a trama, como coloca seu captor, Constantius na mesma cruz, afirmando que seus modos civilizados não seriam de grande ajuda nessa mesma situação, visto que somente um bárbaro poderia sobreviver a tamanho suplício.

O último escrito de Howard sobre Conan antes de seu suicídio é “*Red Nails*” (Pregos Vermelhos), publicado após a morte do escritor em 1936, sendo deveras

cultuado pelos fãs do personagem e do gênero literário ao qual faz parte. Aqui Conan se alia a Valéria da Irmandade Vermelha, uma mercenária da Aquilônia fugitiva de tropas da distante Estígia.

Juntos os dois aventureiros acabam chegando a uma cidade aparentemente abandonada chamada mais tarde de Xuclath, localizada no meio de uma planície distante ao extremo sul do mundo *hiboriano*. Entrando na cidade de Jade, apenas aparentemente desértica, os dois combatentes descobrem a existência de dois bairros opostos, ocupados por duas civilizações em meio a uma antiga rixa de sangue.

As civilizações em questão teriam sido criadas por dois irmãos que num passado distante deram início a construção da cidade. Uma delas, localizada a leste autodenomina-se de Xotalanc, a outra, localizada a oeste da cidade denomina-se Tecúhltli. Conan e Valéria acabam envolvidos na rixa de sangue entre essas duas civilizações, tomando inadvertidamente partido por um dos lados da contenda.

Ao final da trama, a rainha dos Tecúhltli, Tescela captura Valéria para absorver seus dons vitais, visto que somente a dita “magia negra” (como é mencionado no texto) consegue manter sua juventude. Conan enfrenta os dois grupos em disputa, percebendo que novamente ele está envolvido com civilizações decadentes, muitos de seus integrantes completamente viciados na flor de *lótus negra*, significando aqui o mesmo tema do texto de Xuthal, já resumido.

PARTE 1 - SITUANDO O ESCRITOR ROBERT ERVIN HOWARD, SUAS NARRATIVAS LITERÁRIAS E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.

CAPÍTULO 1

Robert Ervin Howard: um heterodoxo escritor da fronteira.

Como bem sabemos, Robert Howard foi escritor *pulp* e criador de personagens do porte de Conan, mas ele também é o personagem de muitas controvérsias. Isso porque as biografias existentes sobre o texano traçam aspectos de sua personalidade, psique e mesmo de sua atuação profissional que não são de modo algum consensuais. De certo sabemos que Howard foi prolixo em sua carreira, culminada pelo suicídio de 11 de junho de 1936, estando ele com apenas 30 anos de idade (BURKE, 1999, p. 29). Alguns biógrafos centralizam os amplos debates sobre Howard, emitindo opiniões extremamente contundentes sobre o escritor, o que nos leva a elencá-las e comentá-las.

A obra, *“The Last Celt: A Bio-Bibliography of Robert Ervin Howard”* (1976) é uma das primeiras compilações de escritos, diários e correspondências de próprio punho do texano, organizada por um dos grandes seguidores de Howard, Glenn Lord, que se interessou pelos textos howardianos a partir de 1951 via uma publicação de horror chamada *“Skull-Face and Others”*, contendo várias narrativas do texano (SAMMON, 2007, p. 29; LOUINET, 2015, p. 217)²¹.

Glenn Lord se tornaria um dos muitos responsáveis pelos espólios literários de Howard ao longo das décadas seguintes (principalmente os textos inacabados), publicando em 1957 uma coletânea de versos do escritor, intitulada *“Always Comes Evening”* (SAMMON, 2007, p. 30)²². Sua compilação de escritos sobre a vida e a obra do texano possui um forte caráter apologético, iluminando-o como um escritor voraz e bastante original, muitas vezes à frente de seu tempo, situado como o

²¹ Essa obra de 1947 foi publicada no Brasil pela editora Martin Claret, intitulada, *“O Rosto de Caveira: Os filhos da Noite e Outros Contos”*. Além de conter alguns textos de Conan, a obra possui outras narrativas de Howard, sejam de terror, suspense e ocultismo.

²² Podemos efetuar brevemente uma trajetória dos direitos sobre os escritos de Howard. Após a morte do escritor foi concedida a licença a seu pai, que continuou a trabalhar com o agente literário de Howard em vida, Otis Adelbert Kline. O pai de Howard passou os direitos para o amigo, o Dr. Pere Kuykendall, que os passou para sua mulher, Alla Ray Kuykendall, e depois para a filha de ambos, Alla Ray Morris. Essa última, por sua vez, deixou os direitos para a viúva de seu primo, Zora Mae Bryant, que deu o controle aos próprios filhos, Jack e Terry Rogers. Os Baums venderam seus direitos à empresa sueca *Paradox Entertainment* e depois a editora, *Gnome Press* licenciou os escritos howardianos nos anos 1940/1950. Glenn Lord somente conseguiu os direitos sobre os textos inacabados e certos poemas de Howard na década de 1960 (BURKE, 1999, p. 7).

“verdadeiro pai do gênero literário da Espada e Feitiçaria” (LORD, 1976, p. 10-12)²³.

A compilação efetuada por Lord referenda uma espécie de autopromoção de Howard em torno de sua luta cotidiana para superar as dificuldades familiares de um pai, Isaac Mordecai Howard, muitas vezes negligente para com sua carreira de escritor – engajado em sua própria ocupação como médico - ao mesmo tempo em que sua mãe tuberculosa, Hester Jane Howard tornara-se a maior incentivadora e motivo de preocupação constante para Howard devido à saúde convalescente (LORD, 1976, p. 17). Além disso, nas cartas e diários escritos por Howard na década de 1930, o escritor manifesta seu descontentamento com as andanças constantes da família pelo sul do Texas e Oklahoma até se instalarem na pequena cidade texana de Cross Plain, no ano de 1919 (LORD, 1976, p. 21).

Howard destaca também as dificuldades em seus vários empregos antes de se firmar como escritor profissional em 1924²⁴, muito em razão de seu “espírito indócil” contra autoridades patronais²⁵. Nos seus próprios enunciados, ele faz questão de reiterar sua aspiração como escritor de fantasia, horror, *westerns* e suspense, objetivo esse que se intensificou após o ano de 1922, quando fez amizade com os também escritores amadores, Tevis Clyde Smith e True Wilson na pequena cidade de Bronwood, onde estudou por um ano (LORD, 1976, p. 35).

Em uma carta de 1930, endereçada ao famoso escritor *pulp* H.P. Lovecraft, Howard sintetizou a relação existente entre o ambiente em que nasceu e passou a infância (a cidade de Peaster, localizada em Dark Valley, no condado de Palo Pinto, no Texas) com o caráter nostálgico inscrito em algumas de suas narrativas

²³ Como bem dissemos na introdução, trata-se de um subgênero literário caracterizado por narrativas sobre mundos imaginários ou aventuras em passados distantes com alguns elementos do nosso Medievo e da Antiguidade, contendo guerreiros valorosos, poderosos feiticeiros e monstros míticos, mas que nas tramas em questão são reais e palpáveis. Os precursores deste subgênero literário são: William Morris, Lord Dunsany, Richard Wagner, H. Rider Haggard e Edgar Rice Burroughs (SAMMON, 2007, p. 23).

²⁴ Glenn Lord enumerou os empregos de Howard na seguinte ordem: secretário particular em um escritório de advocacia; carregador de mira topográfica para um geólogo; escritor de notícias de campos de petróleo para jornais locais de Cross Plain; estenógrafo público e atendente em uma drogaria. Também se matriculou em um curso de contabilidade no *Howard Payne College*, na cidade de Brownwood, em 1926 (LORD, 1976, p. 17).

²⁵ Em algumas de suas cartas o próprio Robert Howard afirmava não aceitar as ordens de seus muitos patrões, tal como demonstrado por diversos especialistas sobre sua vida e obra (BURKE, 1999; TEGÃO, 2014; LOUINET, 2015).

(incluindo as tramas de Conan), o que é costumeiramente ressaltado na compilação de Lord. Vejamos:

Eu acredito, por exemplo, que minha natureza melancólica possa ser parcialmente rastreada até as cercanias de um lugar onde passei parte da infância. Era um vale longo e estreito, solitário e isolado, no alto das terras montanhosas de Palo Pinto. Era esparsamente habitado e seu nome, Dark Valley, descrevia muito bem o local. Tão alto se mostrava o espinhaço, tão densos e elevados os carvalhos, que a região vivia na sombra mesmo durante o dia, e à noite era escuro como numa floresta de pinheiros e nada poderia ser mais negro nesse mundo. As criaturas da noite sussurravam e chamavam umas as outras, fracos ventos noturnos murmuravam através das folhas e, de tempos em tempos, entre os galhos que se moviam levemente, era possível ver o brilho de uma estrela cadente (Traduzida por LOUINET, 2006, p. 267).

Cotejando-se as palavras de Howard sobre seu ambiente histórico-geográfico com as interpretações de Lord sobre a personalidade do escritor, temos o perfil de um homem que vivenciou e superou dificuldades para se tornar um escritor de relativo sucesso ainda em vida, um homem em grande parte moldado pelas agruras familiares em meio a um ambiente geográfico bastante rude, solitário e melancólico (RIPKKE, 2004, p. 30).

Aliás, o título da obra de Lord é representativo pela identidade que Howard manifestava em relação à descendência irlandesa da mãe, idealizando constantemente a “bravura indômita” dos antigos povos celta-bretões, ancestrais de irlandeses e ingleses, que enfrentaram as legiões do Império Romano na remota Antiguidade (PEIXOTO, 2009, p. 302; SAMMON, 2007, p. 16)²⁶.

Como muitas biografias de cunho jornalístico sobre escritores e literatos, observamos na obra a busca pelo significado de um *corpus* literário mediante a trajetória de seu criador, em uma espécie de ressonância direta entre os escritos de Howard com suas experiências de vida. Como se as memórias e os diversos relatos sobre o escritor (mesmo que de próprio punho) fossem dados objetivos de

²⁶ Mais de uma vez em sua biografia e compilação de textos de Howard, Lord reitera a identificação do texano com as lendas celtas em torno de suas lutas constantes contra as forças civilizadas do Império Romano na distante Antiguidade. De certa forma, a obra de Lord demarca um Howard eminentemente engajado em narrar aventuras de homens semelhantes a seus ancestrais, como se ele realmente fosse o último descendente dos antigos celtas. A idealização de Howard por parte de Lord pode ser compreendida pela sua luta constante em não deixar que o autor fosse desconstruído em outras biografias de cunho pejorativo, tal como veremos adiante (LOUINET, 2015, p. 259-260).

toda uma experiência pessoal, psicológica e profissional que embasariam os conteúdos de seus escritos.

Tal inferência, segundo Benito Bisso Schmidt (1997, p. 8) configura-se em certo equívoco de biografias narrativistas de tipo jornalístico, visto que diversas vezes os biógrafos, mesmo quando engajados em pesquisas densas para encontrar uma pretensa veracidade dos fatos sobre os personagens retratados, compilam relatos como se fossem a essência inequívoca de toda uma existência, não levando em conta os “complexos processos de recriação do passado, das relações entre o lembrar e o esquecer, que marcam o funcionamento da memória (e que vem sendo tão ressaltados pelos estudiosos de história oral)” (SCHMIDT, 1997, p. 9)²⁷.

Outra biografia conhecida chama-se “*Dark Valley Destiny: The Life of Robert E. Howard, The Creator of Conan*”, de Lyon Sprague de Camp, sua esposa Catherine Crook de Camp e Jane Whittington Griffin, representando também a obra mais difamada por parte dos fãs das narrativas literárias howardians. Isso se deve a diversos fatores relevantes, tal como o tom conclusivo sobre a personalidade do texano, quando não embebido em afirmações pejorativas sobre suas qualidades profissionais, sem falar na falta de fontes de informação mais criteriosas para sustentar inferências bastante depreciativas sobre a psique de Howard.

Entre tais inferências temos a de que o autor seria esquizofrênico, sofrendo constantemente de “*bullying*” na escola quando criança, o que teria ocasionado uma verdadeira compulsão por se masturbar na adolescência, bem como um mal sustentado complexo de Édipo em relação à mãe doente (SPRAGUE DE CAMP; CROOK DE CAMP; GRIFFIN, 1983, p 54-55). Essa psique conturbada explicaria o suicídio do escritor, apenas algumas horas depois de seus familiares serem informados pelos médicos quanto à condição da mãe de Howard, visto que ela tinha acabado de entrar em coma (SPRAGUE DE CAMP, CROOK DE CAMP; GRIFFIN, 1983, p. 57).

²⁷ O escritor/argumentista de HQs da *Marvel Comics* dos anos 1970/1980, Roy Thomas, quadrinizou diversas narrativas sobre Conan, efetuando igualmente certas inferências sobre Robert Howard. Em um texto introdutório de uma narrativa de Conan, na *magazine* “*Savage Sword of Conan*”, Thomas afirma, seguindo opiniões do próprio Glen Lord, que Howard era conhecido por criar eventos fictícios em torno de sua vida, tanto em diários como em correspondências para outros escritores e amigos (THOMAS, 1976, p. 60).

De fato, a biografia em questão possui duas premissas basilares sobre Howard bastante conclusivas e pejorativas, mesmo que igualmente contenha elogios ao autor pela criação de seu mais famoso personagem. A primeira premissa vincula-se ao tratamento de sua psique e de sua personalidade, exemplificada pela sua dependência completa em relação à mãe, no sentido emocional e físico²⁸.

Howard é apresentado como um jovem antissocial, sensível, melancólico, imaturo e passional, com mania de perseguição em meio a uma relação anormal para com a mãe tuberculosa que o isolava do restante da comunidade de Cross Plain, muito em razão de sua própria fragilidade (SPRAGUE DE CAMP; CROOK DE CAMP; GRIFFIN, 1983, p. 96). O personagem Conan seria assim uma completa antítese da personalidade de seu criador, o que configura uma opinião oposta à apresentada por Lord, para quem Conan apresentava traços genuínos da personalidade de Howard. Vejamos um exemplo da depreciação da figura de Howard:

De mãos dadas com o seu isolamento auto imposto da comunidade, foi à absorção total de Hester Howard em seu filho. Observando-o a cada minuto, ela "apenas viveu para Robert e Robert para ela". A preocupação excessiva com seu filho teve raízes na incerteza profunda de Hester Howard sobre sua competência como mãe. Além disso, sua constante fadiga levou-a a ressentir-se das exigências da maternidade a qual ela se viu incapaz de cumprir. Tal ressentimento inconsciente em relação a seu filho fez com que a mãe insegura o superprotegesse. E aconteceu exatamente assim com Hester Howard. (SPAGUE DE CAMP; CROOK DE CAMP, GRIFFIN, 1983, p. 97)²⁹.

A outra inferência sobre Howard pode ser exemplificada pelas considerações inscritas no artigo de Renato Amado Peixoto, intitulado, "*Conan: não morrer morrendo – um exame da produção de identidades e de espacialidades por*

²⁸ Deixamos claro que não é nosso objetivo qualquer avaliação sobre a psique de Howard. Trata-se de uma problematização sobre a suas biografias, a partir de algumas obras referentes ao autor. Essas respectivas obras incluem avaliações de natureza psicológica e até podemos demarcar as mesmas, o que não significa que executaremos avaliações do mesmo escopo.

²⁹ No original: *Hand in hand with her self-imposed isolation from the community went Hester Howard's total absorption in her son. Watching him every minute, she "just lived for Robert and Robert for her". This excessive preoccupation with her child had its roots in Hester Howard's deep-seated uncertainty about her competence as a mother. Moreover her constant fatigue led her to resent the demands of motherhood that she found herself unable to fulfill. This unconscious resentment toward her child leads the insecure mother to overprotect her young. So it was with Hester Howard.*

meio da aproximação da história com a literatura” (2009) Em linhas gerais o estudioso afirma que Sprague de Camp e os demais autores da biografia reiteradamente diminuem Howard, como se o personagem Conan fosse uma das poucas exceções de um *corpus* literário medíocre. Nas palavras de Peixoto referentes às colocações dos biógrafos:

Conan teria sido o achado genial de um autor ruim, um alter-ego de Howard forjado a partir de suas próprias frustrações e medos, acontecido em meio a uma situação limite de uma vida limítrofe, um acidente, portanto em meio a uma carreira medíocre e a uma vida miserável (PEIXOTO, 2009, p. 295).

Em vários trechos da obra encabeçada por Sprague de Camp está demarcada tal postura de embate ao *corpus* literário howardiano como um todo, passando-se a ideia central de que as narrativas de Howard sobre Conan se destacariam positivamente entre tantas outras de qualidades estruturais e textuais questionáveis. Em nossa opinião, tais afirmativas nos parecem mais uma autopromoção da parte de Sprague de Camp, na medida em que ele se considerava um dos maiores responsáveis pela popularização de Conan devido as constantes republicações e publicações originais sobre o personagem, efetuadas nos anos 1950/1960.

No capítulo XI da biografia, em que os autores tratam especificamente dos escritos e publicações das narrativas dos ciclos de Conan na *Weird Tales*, são ressaltadas as qualidades de Howard em sua atividade laboral como escritor, bem como sua criatividade, originalidade e imaginação, principalmente na criação do ambiente ficcional de Conan, a *Era Híboriana*. Segundo os autores, Howard, mesmo possuindo uma estrutura de texto deficiente e limitada, compensava todos os defeitos narrativos com muita energia criativa em um gênero propício a isso (SPRAGUE DE CAMP; CROOK DE CAMP; GRIFFIN, 1983, p. 278 – 279). As palavras abaixo elucidam nossa opinião sobre a biografia:

Por conseguinte, embora continuasse umbilicalmente ligado ao autor, o personagem Conan e os escritos sobre Conan seriam desconstituídos de um processo de autoria e alienados da escritura de Howard. Ainda, o Howard autor seria substituído pelo também personagem Howard, um protagonista caracterizado pelo seu desajustamento a sociedade, reconhecido como um escritor maldito. Instituída essa leitura, seria possível a Sprague de Camp, doravante, historicizar por meio de sua biografia de Howard o

processo de resgate de um personagem e de parte de uma obra (PEIXOTO, 2009, p. 295).

No ato de autoafirmação como autor de novos textos sobre Conan, Sprague de Camp retirou de Howard muitas de suas qualidades como escritor, ainda que ele não pudesse deixar de elogiá-lo pela criação de um personagem que se tornou responsável por publicar, reescrever e divulgar. O teor narrativista de tipo jornalístico da biografia também é recorrente, com muitas informações interessantes sobre a vida do criador de Conan, elencando suas influências e suas excentricidades, tais como aquelas de se trajar de indígena ou de mexicano em pleno centro da cidade de Cross Plain (SPRAGUE DE CAMP, CROOK DE CAMP; GRIFFIN, 1983, p. 70).

Não podemos deixar de mencionar também outra biografia, publicada na mesma época, o início dos anos 1980, ou seja, no contexto de veiculação do primeiro filme de Conan, estrelado por Schwarzenegger³⁰. Trata-se de uma obra com os relatos pessoais de Novalyne Price Ellis sobre seu relacionamento amoroso com Howard a partir de 1934, obra essa denominada de *“One Who Walked Alone: Robert E. Howard, the Final Years”*, filmada em 1996 com o mesmo título, sendo estrelada na grande tela por Vicente D’Onófrío (Howard) e Renée Zellweger (Novalyne Price) (CALLARI; ZAGO; LOPES, 2011, p. 186).

Na referida obra, Novalyne Price afirma ter conhecido Howard quando ainda morava na cidade de Bronwood, por intermédio do amigo comum de ambos, Tevis Clyde Smith. Em linhas gerais, Novalyne Price traça o relacionamento conturbado que teve com o escritor até o suicídio, esboçando traços da personalidade de Howard e opiniões sobre a relação do mesmo com a mãe (FINN, 2006, p. 179-196).

Chama nossa atenção à maneira como Howard se portava diante dela, imbuído de uma segurança pessoal elevada em razão de seu sucesso como escritor, visto que Novalyne Price também tinha intenção de escrever

³⁰ Como já tratamos na nota dez da introdução, o diretor John Milius e o roteirista Oliver Stone representaram o personagem Conan na grande tela, dando vida ao bárbaro cimério através da atuação de Schwarzenegger. O filme foi muito bem recebido pela crítica e versou sobre a vingança de Conan contra o feiticeiro Thulsa Doom, que na narrativa havia matado os pais do bárbaro e destruído sua tribo.

profissionalmente³¹. O personagem Howard traçado pela biografia não é o sujeito inseguro atestado na obra de Sprague de Camp, apesar de ter uma personalidade forte e bastante complexa, usualmente ansioso e com acessos de fúria repentina (SAMMON, 2007, p. 18).

Também é interessante notar que Novalyne Price reitera a obsessão de Howard por escrever lendo em voz alta enquanto teclava sua máquina *Underwood Typewriter* usada, em uma espécie de transe criativo (ELLIS, 1986, p. 12). O escritor, segundo Novalyne Price apresentava Conan da mesma forma como o descrevia nos contos *pulps*, destacando seu porte físico avantajado e seus instintos bárbaros (ELLIS, 1986, p. 14). Ele também costumeiramente afirmava que narrativas contendo fantasia, nudez e sexo vendiam sem igual, visto que as pessoas queriam imergir em aventuras incríveis e não em narrativas do cotidiano de suas próprias vidas “miseráveis” (ELLIS, 1986, p. 16).

Além disso, Howard era conhecido por treinar boxe pelas ruas de Cross Plain (esporte adotado por ele a partir de 1928), muitas vezes narrando em voz alta suas tramas sobre o esporte enquanto treinava. Aliás, muitos biógrafos tratam dessa paixão pelo boxe como uma maneira concreta do escritor melhorar sua forma física devido a uma paranoia acerca da violência crescente em Cross Plain (LOUINET, 2015, p. 124)

Possuindo um temperamento intempestivo, mais de uma vez Howard entrou em debates acalorados com Novalyne Price sobre o que definia ser a “decadência da civilização”, o que equivaleria à corrupção desenfreada pelas riquezas que degenerava o homem civilizado e a sociedade como um todo (ELLIS, 1986, p. 24). Howard afirmava que a corrida pelo petróleo em Cross Plain, iniciada em 1920 após a empresa “*Vestal Bem*” descobrir jazidas vultosas na cidade texana trouxera uma “turba de ladrões, bêbados, espancadores de mulheres e perversos a procura de dinheiro fácil” (ELLIS, 1986, p. 28).

Enquanto Novalyne Price se mostrava otimista para com a sociedade a sua volta, defendendo os serviços de escolas e hospitais, que na época estavam em acentuada melhora devido a recursos aplicados pelo Estado, Howard afirmava que as mulheres não entendiam de política e que não deveriam sequer ter acesso à

³¹ De fato, o motivo principal de Novalyne Price requerer de Tevis Clyde Smith para ser apresentada a Howard foi o de conseguir algum tipo de contato ou mesmo conselhos do autor de modo a que ela pudesse ter seus respectivos textos aceitos em *magazines* da época (FINN, 2006, p. 180).

educação e ao voto (ELLIS, 1986, p. 31). De certo modo, suas opiniões aqui não seriam nada muito incomuns para a maior parte dos homens do sul do Texas da década de 1930, apesar de muitas narrativas do autor conter personagens femininas fortes, independentes, bem sucedidas, ativas e altruístas³².

Com o tempo, o relacionamento de Novalyne Price e Howard foi se deteriorando devido aos acessos de fúria constantes do escritor. Howard se negava a comparecer em eventos sociais acompanhado da moça ou mesmo em reconhecer publicamente qualquer relacionamento (ELLIS, 1986, p. 42). Até hoje os especialistas na vida de Howard debatem o teor da amizade do escritor com Novalyne Price, visto que o mesmo se recusava a qualquer enlace amoroso oficializado, estando muito ligado aos cuidados para com a mãe e a uma prolixa e bem sucedida carreira como escritor.

Então, Novalyne e Bob descobriram que compartilhavam outros pontos comuns e eles iniciaram um relacionamento romântico, intenso, escondido, turbulento e anormal. Mas, apesar de terem discutido o casamento, seu relacionamento acabou por afugentar-se, destruído pela recusa obstinada de Howard em desistir das liberdades de sua despedida de solteiro e pela própria insistência de Price Ellis de que REH a percebesse como uma artística igual e não como uma ajuda estereotipada (SAMMON, 2007, p. 18)³³.

Em uma passagem da biografia, Novalyne Price sugere que Howard tinha um medo constante do futuro, em se tornar um marido e pai de família ocioso e sem liberdade. Seus temores relacionavam-se com a possível piora do quadro de saúde da mãe e também com um temor quase paranoico de envelhecer e não mais poder escrever ou mesmo lutar boxe (ELLIS, 1986, p. 56). Em uma carta de 1930 endereçada ao amigo de infância, Harold Pracer, o criador de Conan esboçou sua insegurança quanto a não mais se aguentar sobre as próprias pernas no ringue. Para o especialista no trabalho e na vida de Howard, Mark Finn (2006, p. 37),

³² Tanto nas narrativas sobre Conan, como em outras narrativas literárias howardianas, existem exemplos de personagens femininas marcantes, destacando-se a pirata Bêlit, amante de Conan em um dos textos, a mercenária Valéria da Irmandade Vermelha, também parceira do cimério em outra trama, Red Sonja, uma guerreira ucraniana de um texto próprio como protagonista, Yasmena, coadjuvante de uma narrativa do pistoleiro El Borak, entre outras.

³³ No original: *Novalyne and Bob then discovered that they shared other commonalities, and an intense, turbulent, an-and-off romantic relationship began. But even though they discussed marriage, their relationship ultimately fell apart, wrecked by Howard's stubborn refusal to give up the freedoms of his bachelorhood and by Price Ellis's own insistence that REH view her as an artistic equal, not as a stereotypical helpmate.*

Novalyne Price deixou subentendido que tais temores explicariam o suicídio do escritor.

O relato biográfico de Novalyne Price igualmente sustenta a visão comum entre os vários biógrafos de Howard sobre sua defesa dos povos indígenas contra os colonizadores brancos que exterminaram as “quinhentas nações” pela ganância desenfreada no contexto da expansão para o oeste selvagem no século XIX (ELLIS, 1986, p. 66). Em uma passagem da biografia, Novalyne Price relata a vontade de Howard de escrever um romance sobre os pioneiros e sobre a luta dos comanches pela defesa da terra contra o projeto civilizatório oitocentista (ELLIS, 1986, p. 75).

O tema do fim do relacionamento entre Howard e Novalyne Price é demarcado também a partir da impossibilidade de o escritor abandonar seu jeito de ser e seu estilo de vida pouco ortodoxo, bem como deixar de lado os excessivos cuidados em relação à mãe, o que também é ressaltado na biografia escrita por Rusty Burke (1999), um dos biógrafos contemporâneos mais cultuados na vida e obra do autor. Mesmo com o relativo afastamento, Novalyne Price afirmava que a amizade entre ela e Howard se fortaleceu antes de ser chamada para lecionar na Universidade Estadual de Louisiana, três semanas antes do suicídio do escritor (ELLIS, 1986, p. 82).

Novalyne Price, tal como tantos biógrafos de Howard, publicou as últimas palavras escritas pelo texano antes do suicídio³⁴, expressando como nenhum outro uma síntese emocionante dos sentimentos do biografado em relação ao mundo a sua volta (LOUINET, 2015, p. 27). Segundo ela, “tratava-se de um mundo deveras distante de sua fértil imaginação e ainda mais indiferente quanto a sua visão pessimista em torno da decadência da civilização” (ELLIS, 1986, p. 96).

O título da biografia não trata especificamente de um homem solitário e isolado da pequena sociedade de Cross Palin, no sentido de ser considerado um pária social, tratando-se, outrossim, de um homem que não se enquadrava nas

³⁴ Alguns minutos antes de Howard cometer suicídio, ele escreveu em sua máquina as seguintes palavras: “*All fled, all done, So lift me on the pyre, The feast is over, The lamps expire*” (“Tudo feito e acabado, agora ergam-me então até a pira. O festim acabou e a chama das lâmpadas expira”). Estes versos foram originalmente pensados como uma paródia de um poema escrito por Ernest Dowson, porém seria parte de um poema pouco conhecido chamado, “*The House Of Caesar*” de Viola Garvin (LOUINET, 2015).

opiniões correntes, negando-se a se comportar conscientemente segundo as normas de seu ambiente sócio histórico.

No que concerne à fronteira, ela não deixa de ser o ponto central da última biografia sobre Howard que utilizaremos nessa breve problematização. Trata-se da obra, “*Blood & Thunder: The Life & Art of Robert E. Howard*”, escrita por Mark Finn, também texano e incentivador de uma renovação da memória de Howard como um grande escritor de *pulp fiction magazines*. Novamente, Renato Amado Peixoto estabelece uma síntese sobre a obra e seu contexto de produção. Vejamos suas palavras:

A biografia *Blood & Thunter* insere-se nesse novo mecanismo, onde seriam refutadas as teses de Sprague de Camp a respeito de Howard, passando-se a caracterizar seus escritos enquanto partes de um contexto que se desenrola a partir de suas experimentações pessoais e espaciais, onde a questão da identidade e sua constituição desempenham um papel central. Nesse sentido, Howard deixava de ser um louco ou excêntrico para ser explicado como um produto de seu meio: um Texas violento e caótico, assolado pela corrida do petróleo, cujos problemas foram agravados pela Grande Depressão de 1929. A reclusão de Howard e sua ligação com a mãe seriam explicadas a partir da junção desse contexto com o problema da ausência paterna e uma vida familiar extremamente perturbada, logo Howard não havia se tornado um estranho aos amigos e a Cross Plain, mas apenas um inadaptado ao próprio viver em sociedade (PEIXOTO 2009, p. 298).

Em linhas gerais, essa biografia identifica Howard diretamente com o Texas e todas as suas características identitárias espaciais, históricas e culturais. O Texas idealizado por Howard apareceria assim como parte de um território de fronteira comumente denominado de oeste selvagem, imbuído de uma rusticidade latente dos homens do interior, de um empreendedorismo comum aos pioneiros, da bravura indômita dos colonos texanos em suas lutas constantes contra os mexicanos pela posse da terra, do modo de vida simples e natural dos comanches que viviam na região, da coragem dos desajustados e foras da lei do oeste selvagem do século XIX (FINN, 2006, p. 63).

Se nas biografias anteriores, as narrativas de Howard eram vistas como manifestações de uma experiência de vida e de uma personalidade um tanto fora das normas sociais vigentes da pequena sociedade texana de Cross Plain (seja por escolha própria ou por Howard ser eminentemente antissocial), nessa biografia

observa-se o esboço de um ambiente idealizado, o Texas-Fronteira, munido de uma identidade específica que teria conformado a maior parte das narrativas arquetípicas da literatura howardiana (FINN, 2006, p. 69)³⁵.

A biografia em questão possui um eixo basilar que, segundo seu autor auxiliaria na compreensão dos escritos de Howard. Em primeiro lugar, a corrida desenfreada pelo petróleo recém-descoberto em Cross Plain no contexto de produção dos escritos howardianos (décadas de 1920 e 1930). Em segundo lugar, a idealização que Howard fazia do antigo Texas-Fronteira enquanto contraposição a esse novo Texas e toda a ganância sem limites pelo petróleo por parte de seus habitantes.

Em outras palavras, o antigo Texas da fronteira seria um lugar selvagem e rústico, mas munido da pureza e honra, possuindo homens belicosos e fortes, enquanto que o novo Texas do petróleo seria eminentemente ganancioso, um lugar de pessoas que só queriam extrair suas riquezas naturais de modo a suprir sua decadente moralidade embebida em ganância material (FINN, 2006, p. 16).

A idealização do Texas-Fronteira estaria representada em alguns aspectos da barbárie de personagens como Conan ou mesmo na rusticidade de homens fortes da fronteira, enquanto que a decadência do Texas do presente de Howard estaria representada nas civilizações corruptas que usualmente eram confrontadas pelos seus honrados personagens com traços bárbaros, selvagens ou simplesmente rústicos. O enunciado abaixo é explicativo:

Mesmo um exame superficial do corpo do trabalho de Robert Howard revela vários temas recorrentes. A ascensão e a queda das civilizações e a sua ascendência e descendência para a barbárie, a corrupção das referidas civilizações e um homem singular e moral contra uma horda de adversários imorais podem ser encontradas nas histórias de Conan, o Cimério, em Bran Mak Morn, Salomão Kane, o rei Kull, e até mesmo em personagens menores como Francis X. Gordon, Turlogh O'Brien e Cormac Fitzgeoffrey. Os ocidentais de Howard, suas fantasias e especialmente seus históricos, repetem essas mesmas mensagens. Trata-se de uma filosofia reunida a partir de uma quantidade precoce e volumosa de leitura e da observação astuta de primeira mão da tensão entre os

³⁵ Tese fortalecida, segundo o autor da biografia, pelas constantes correspondências de Howard, muitas das quais publicadas na obra e que versam sobre as preocupações do escritor quanto às narrativas tradicionais do Texas referentes à bravura e rusticidade dos pioneiros ou dos índios comanches ou mesmo dos foras da lei que se aventuraram no sudoeste dos EUA ao longo do século XIX e início do XX.

antigos texanos da fronteira e o novo Texas com o petróleo e com sangue nas mãos, às vezes. (FINN, 2006, p. 17).³⁶

Da mesma forma que Howard idealizava o Texas e a fronteira diante do que considerava ser o Texas corrupto de seu contexto, eminentemente decadente frente a “corrida” em busca das riquezas oriundas do petróleo, havia também um nítido teor histórico e folclorista em seus escritos, sendo ele deveras influenciado pelos mais renomados folcloristas texanos de sua época, destacando-se, J. Frank Dobie e Mody C. Boatright (FINN, 2006, p. 58).

Nos escritos desses folcloristas encontramos a ideia de um Texas como representação da “última fronteira da América”, o limite da civilização estadunidense, onde indígenas “selvagens” e homens brancos “rústicos” disputavam cada palmo de território e onde a vida seria mais primitiva em sua pureza e naturalidade. Essa visão idealizada do Texas-Fronteira não foi, portanto, inventada por Howard, sendo ele mais um autor de ficção do sudoeste dos EUA a adotar tais premissas em seus escritos, ainda que tenha mesclado o folclore da fronteira com narrativas embebidas em fantasia épica e feitiçaria, juntando a essas fórmulas os temas históricos e mitológicos de um medievo europeu e de uma Idade Antiga do Mediterrâneo (FINN, 2006, p. 59).

Interessante ressaltar aqui o conjunto de representações que fizeram do Texas e do oeste dos EUA, pelo menos no território das crenças, um dos modelos de fronteira, território concebido no limiar do chamado mundo urbano dos colonizadores anglo-americanos e o mundo selvagem dos indígenas, entre o dito mundo “civilizado” ou em vias de se “civilizar” e o mundo ainda não “civilizado”, entre a dita missão civilizadora estadunidense, definida na premissa do “Destino Manifesto”³⁷ e todos os empecilhos existentes nesse processo civilizatório (ÁVILA, 2009).

³⁶ No original: *Even a cursory examination of Robert Howard's body of work reveals several recurring themes. The rise and fall of civilizations and their ascent from and descent into barbarism, the corruption of said civilizations, and a singular, moral man against a horde of immoral adversaries can be found in the stories of Conan, the Cimmerian, Bran Mak Morn, Solomon Kane, King Kull, and even in lesser characters like Francis X. Gordon, Turlogh O'Brien, and Cormac Fitzgeoffrey. Howard's westerns, his fantasies, and especially his historicals repeat these same messages. It's a philosophy cobbled together from a precocious and voluminous amount of reading and from shrewd firsthand observation of the tension between the old Texans of the frontier and the new Texas with oil, and sometimes blood, on their hands.*

³⁷ E aqui estamos tratando da ideia comum de civilizar outros povos ou considerá-los inferiores a cultura e a civilização dos EUA. A ideologia do “Destino Manifesto”, propagada pelo jornalista, John

Como bem explicitado pelo historiador César Augusto Guazzelli (2008), a fronteira, no conjunto de representações sobre o oeste selvagem estadunidense, incluindo-se o Texas, não seria apenas um espaço geográfico definido *a priori* entre regiões e/ou países, mas sim “construções históricas, resultando de complexos processos de ocupação e transformação da natureza, carregadas, portanto, de determinações econômicas, sociais, políticas e culturais muito variadas” (GUAZZELLI, 2008, p. 250).

A fronteira seria um espaço geográfico-histórico-cultural singrado por “heróis” desbravadores e conquistadores, os chamados *frontiersman* (homens da fronteira), bastante cultuados e heroificados na literatura oitocentista e mesmo na do início do século XX (GUAZZELLI, 2008, p. 252). Exemplos de representações desses desbravadores e homens da fronteira, considerados tão audaciosos quanto os ditos homens civilizados e ao mesmo tempo tão selvagens e instintivos quanto os indígenas³⁸ são elencados por Guazzelli no artigo, “*Representações em conflito: a construção literária dos fronteirios nos Estados Unidos da América e no Rio da Prata durante o século dezanove*”, de 2008.

Obras como os *Crockett Almanacs*, editados entre 1835 e 1856 com a epopeia de David Crockett no famoso episódio do Álamo durante a guerra entre os colonos anglo-americanos contra o governo mexicano pela posse do Texas, bem como uma peça de teatro sobre a vida desse personagem histórico intitulada, *The Lion of the West* (GUAZZELLI, 2008, p. 258) são apenas alguns exemplos de representações a esboçar idealizações sobre a fronteira conquistada por homens

L. O'Sullivan na sua publicação de julho/agosto de 1845 intitulada, *United States Magazine and Democratic Review* foi logo reiterada pelo presidente James Buchanan durante a Guerra contra o México na década de 1850, quando ele justificou a conquista do oeste e até o genocídio dos índios em prol de um projeto de aparente desenvolvimento e integração do mundo selvagem ao mundo urbano civilizado da nação estadunidense. As palavras do presidente em seu discurso de posse se deram em torno dos seguintes termos: "A expansão dos Estados Unidos sobre o continente americano, desde o Ártico até a América do Sul, é o destino de nossa raça e nada pode detê-la". Não devemos deixar de reiterar o grau de juízo de valor pejorativo sobre os nativos e sobre o ambiente do oeste nessas representações que tinham no "Destino Manifesto" suas máximas expressões (DAVIDSON, 2016, p. 138-156).

³⁸ Artur Lima de Ávila (2009) explica que a consolidação da ideia de um mestiço desbravador da fronteira do oeste dos EUA se estabeleceu mais tarde com o historiador Frederick Turner. Esse historiador traçou a ideia de que no oeste intocável pela civilização surgia o *homo americanus*, um novo ente cultural (eticamente europeu, mas culturalmente mestiço), “completamente adaptado ao Novo Mundo”. Um indivíduo situado entre a selvageria e a civilidade, adaptando-se ao meio rústico e selvagem para civilizar tal meio, ainda que imbuído de qualidades comuns aos próprios homens selvagens que deveriam ser civilizados, os indígenas e todos os não anglo-americanos (ÁVILA, 2009, p. 85).

ambivalentes, honrados e corajosos, munidos de traços “não civilizados”, mas que lutavam pelo processo civilizatório dos colonizadores estadunidenses.

Voltaremos posteriormente a esse ponto na próxima parte da dissertação mediante inferências de enunciados de Howard e um cotejamento desses enunciados com opiniões sobre a obra de um dos historiadores da fronteira mais cultuados dos EUA, Frederick Jackson Turner. A título de elucidação, a já mencionada lenda da “última fronteira” consolidou-se na historiografia com a publicação da obra “*The Significance of the Frontier in American History*”, de Turner, de 1893, como se aquele momento representasse o fim de um ciclo da história do país.

Para Turner, a fronteira modelou o caráter dos homens e mesmo das instituições dos EUA, servindo como válvula de escape para os marginais e descontentes dos grandes centros urbanos que se aventuravam no processo expansionista em busca de ouro e riquezas, imbuídos de empreendedorismo e do importante dever de “fazer o oeste” (KARNAL; PURDY; FERNANDES; MORAIS, 2013, p. 164). Tais representações expressam um *ethos* sobre uma fronteira não apenas espacial, mas também cultural e histórica, sendo o Texas de Howard uma parte integrante desse amplo processo de construção de uma identidade.

Por enquanto, basta compreendermos que o Texas e o oeste dos EUA tinham suas epopeias de fronteira, bem como seus heróis desbravadores, em parte selvagens e em parte civilizados, muitos dos quais cultuados em representações diversas, estando Howard inserido em uma longa tradição de contadores de narrativas desse escopo, mesmo que os contos de Conan, em especial, sejam de um mundo ficcional e aparentemente distante de sua realidade social, histórica e geográfica (SIDNEY-FRYER, 2014, p. 3).

Aliás, as próprias narrativas *pulps fictions magazines* como um todo representam em grande parte o segmento de uma longa tradição de contos oitocentistas, denominados usualmente de *Penny Dreadfuls* (Terríveis de um Centavo) contendo aventuras de outros personagens históricos do oeste além de Crockett, tais como Daniel Boone, Kit Carson, Búfalo Bill, Calamity Jane, Billy The Kid, Bando James, dentre outros (KNOWLES, 2008, p. 94).

É imprescindível mencionarmos agora que tratamos nesse capítulo de alguns aspectos do homem Howard. Esses aspectos, de certa forma expressam

um autor-personagem mensurado pelas várias biografias elencadas. Não deixemos de observar, no entanto, a relevância do termo autor enquanto uma função discursiva, melhor dizendo, classificativa, tal como caracterizado pelo filósofo Michel Foucault (1992, p. 45).

A função discursiva do autor permite reagrupar certos textos; delimitá-los, selecioná-los e/ou opô-los (se possível ou se for de interesse) a outros de uma mesma camada “estratigráfica” histórica, em uma relação de similitude ou distinção com tantas outras tradições textuais anteriores ou mesmo da mesma época, com seus estatutos culturais próprios e suas respectivas unidades (FOUCAULT, 1992, p. 46).

Muitos estudos que se debruçam sobre autores e seus escritos consideram-nos não mais como individualidades anteriores e exteriores as suas obras, mas sim enquanto princípios de agrupamentos de discursos, agrupamentos esses marcados pela ideia de certas coerências discursivas. O autor é parte de um tempo e de um lugar, melhor dizendo, de um contexto e de um grupo específico (um círculo de escritores ou uma tradição de escritos, por exemplo). Normalmente, em estudos de história cultural que utilizam textos literários, o nome do autor é cada vez mais articulado como função discursiva para a compreensão do conteúdo e das condições de produção de seus múltiplos enunciados³⁹.

O autor expressa assim uma identidade que possui uma formatação mais complexa do que a mera individualidade mensurada em uma narrativa biográfica (que também é uma narrativa construída e que constitui uma unidade para o autor). Ao consideramos o autor Howard enquanto função discursiva nós reiteramos a já

³⁹ Bem sabemos como Foucault (1992, p. 41-42) evidenciou a aparente “morte do autor”, originalmente defendida por Roland Barthes. Foucault evidenciou a aparente “morte do autor” enquanto individualidade anterior e exterior aos discursos, como uma unidade muitas vezes sequer percebida pelos estudiosos mais tradicionais. O filósofo também acentuou a problemática em torno da ideia de obra como unidade de um *corpus* comum de escritos e de todo um pensamento baseado na unidade do autor. Não pretendemos aqui debater questões teóricas dessa envergadura, apenas reiterar que ao tratarmos das biografias sobre Howard, que esboçam cada qual, a individualidade do autor, pensamos em definir apenas aspectos comuns que possam auxiliar a demarcar uma identidade para seus escritos. Defendemos a ideia de heterodoxia de Howard em relação ao seu ambiente social, ao mesmo tempo em que seguia uma tradição de escritos específicos no que tange as aventuras dos homens da fronteira de um oeste selvagem imaginado e representado. Howard está situado como função que marca a existência, circulação e funcionamento de certos enunciados que expressam uma ambivalência. Por um lado, são expressões de uma imaginação baseada num comportamento fora das normas sociais da pequena cidade de Cross Plain, por outro são expressões de escritos comuns do universo ao qual estava inserido, o Texas e a fronteira.

mencionada identificação de seus escritos com outras representações sobre a fronteira do oeste dos EUA, ainda que tenhamos que ressaltar posteriormente outros aspectos de historicidade que definem outras possíveis identidades.

Igualmente evidenciamos a profícua aproximação entre história e literatura, principalmente no campo das ideias dos homens acerca de suas respectivas épocas históricas e suas sociedades. Observemos o excerto que se segue, para um melhor entendimento sobre tal aproximação entre tais esferas:

Mas se o historiador, na sua busca de construção de um conhecimento sobre o mundo, quer resgatar as sensibilidades de uma outra época, a maneira como os homens representavam a si próprios e à realidade, como não recorrer ao texto literário, que lhe poderá dar indícios dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta partilhados, da gestualidade e das ações sociais de um outro tempo? (PESAVENTO, 2000, p. 8).

Problematizamos nesse capítulo o personagem/autor Howard mediante inferências de quatro biografias sobre ele, tratando de alguns aspectos de sua vida e trajetória que são comuns em outras tantas obras sobre o criador de Conan. O apego de Howard por mitologia, história antiga e medieval, por exemplo, é mencionado por vários especialistas, incluindo as biografias mencionadas nessa problematização.

Um dos mais conhecidos estudiosos do *corpus* narrativo howardiano, o francês Patrice Louinet expressa à relevância do apego do escritor aos livros de narrativas de história e de mitologia, principalmente os escritos de Thomas Bulfinch, historiador e compilador de mitologias que viveu no final do século XVIII e primeira metade do século XIX, com muitas de suas obras tratando de temas presentes diretamente nas narrativas howardianas (LOUINET, 2006, p. 271).

O culto que Howard prestava ao subgênero literário da “Espada e Feitiçaria” é mencionado nas mais diferentes biografias e relatos de sua trajetória pessoal e profissional (LOUINET, 2015, p. 272). Não é incomum também nos estudos sobre Howard a veiculação de diversas fotografias, principalmente aquelas em que o autor se encontra ao lado dos amigos Tevis Clyde Smith e True Wilson em poses e trajes arranjados, mimetizando espadachins e guerreiros de tempos históricos diversos e/ou de mundos de fantasia, tal como pode ser visualizado nas duas fotografias a seguir:



Figuras 1 e 2: Na primeira foto, à esquerda, Howard e seu amigo Tevis Clyde Smith mimetizam cena do conto *“Spear & Fang”*, sendo a foto tirada em julho de 1933. Na segunda fotografia, à direita, Howard encontra-se ao lado de outro amigo, True Wilson, encenando um ataque de espada contra um criminoso armado, em fotografia do mesmo ano.

Fonte: SAMMON, 2007, p.5-6.

Segundo o biógrafo Rusty Burke, autor do ensaio, *“A Short Biography of Robert E. Howard”*, de 1999, o escritor texano e seus amigos eram comumente encontrados nos arredores de Cross Plain representando-se como guerreiros, indígenas, bárbaros ou bandidos em algum tipo de ação de combate lúdica, sendo taxados costumeiramente de anormais pelos demais cidadãos de Cross Plain (BURKE, 1999, p. 12). Não é nossa intenção aqui mostrar as duas fotografias como meras ilustrações da personalidade de Howard e seus amigos e nem tampouco considerar que ambas representam a totalidade de um modo de agir, dentro da premissa senso comum de que uma “imagem vale mais do que mil palavras” (no caso aqui, duas imagens).

De imediato lembramos as considerações teóricas de Charles Monteiro (2012) acerca do campo fotográfico. O estudioso reitera a fragmentação da realidade constituída pela fotografia, com seus recortes temporais e espaciais mediante processos complexos de produção, edição, montagem e veiculação, “embalsamando o mundo para a posteridade” (MONTEIRO *apud* COSTA, 2015, p. 25). Em outras palavras, fotografias não são espelhos da realidade, visto que são recortes do real a partir de situações montadas, editadas e/ou moldadas pelo olhar do fotógrafo e daqueles que fazem parte de sua produção e edição (MEYRER, 2007, p. 24)

Também é imprescindível enfatizar que Carlo Ginzburg (1989), em sua explicação sobre o que denominou de “paradigma indiciário” sugeriu que conjuntos de textos, discursos, enunciados, imagens, signos pictóricos e outras tantas fontes

históricas de naturezas variadas seriam como que pontes de acesso para realidades mais profundas (GINZBURG, 1989, p. 168).

O método de inferir a partir de indícios disponíveis (em nossa opinião, mediante uma forma de abdução, que consiste no ato de montar possibilidades de cenários através de indícios) auxilia na reconstituição de práticas sociais, trocas e/ou transformações culturais, desvelando igualmente as crenças tradicionais mescladas a novos valores, práticas sociais e a todos os diversos traços complexos de representações de mundo em dado contexto histórico (GINZBURG, 1989, p. 177)⁴⁰.

Os indícios desvelam todo um arcabouço de acontecimentos ao pesquisador do passado, não no sentido da *evenementielle* oitocentista⁴¹, mas sim aqueles de maior profundidade, tal como os neologismos encontrados na obra de Rabelais ou a cura dos doentes de escrófulas pelos reis da França e da Inglaterra (GINZBURG, 1989, p. 178). Tal paradigma e método indiciário permitem conclusões múltiplas, não evidentes à primeira vista e claro, mais complexas e isso mediante análise de fontes, usualmente fragmentadas e desconexas se tomadas em si mesmas (GUARINELLO, 2003, p. 41-45).

Estamos teorizando aqui apenas para reiterar que as fotografias elencadas acima podem ser mensuradas (inferidas) de várias formas, levando-nos a uma hipótese não tão evidente. Não descartamos a possibilidade de expressão de indícios de comportamentos específicos de amigos brincando de lutas de armas e espadas, tal como sugerido por Burke ou outros biógrafos. Amigos talvez não enquadrados às normas sociais mais conservadoras de uma localidade do interior do Texas, uma região representada como um local de pessoas “sisudas”, vinculada a seriedade das guerras e a belicosidade latente de pessoas comumente armadas e sérias (FINN, 2006, p. 21-26).

⁴⁰ O sentido dado para as representações em Ginzburg não é distinto, no nosso entender, ao sentido clássico de Roger Chartier (1990), tão bem esboçado no enunciado de Sandra Pesavento. Afirma a historiadora que representações são “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2005, p. 39)

⁴¹ Paul Veyne (1989) reitera que a história metódica se baseava no que se costuma denominar de “acontecimental”, os fatos políticos determinados pela ação dos chefes de Estado ou grandes vultos da história, os tratados e as batalhas. O não acontecimental seria o evento mais profundo, de curta, média ou mesmo longa duração, as transformações nas estruturas, as mudanças culturais e sociais, tudo aquilo que não seria evidente para os historiadores metódicos do século XIX.

Afinal, estamos tratando de duas fotografias de homens adultos representando a si próprios em trajes e ações típicas de mundos ficcionais ou outro tipo de representação qualquer, sendo que essas representações estão diretamente associadas à produção literária fantástica de Howard. As biografias sobre Howard como um todo normalmente consideram imagens fotográficas dessa natureza como genuínas ilustrações de um “excêntrico” escritor representando seus personagens ao lado de seus amigos igualmente exóticos, mas não devemos esquecer que tais fotografias foram montadas conscientemente pelos mesmos para algum propósito e aqui está o ponto central.

Talvez as fotografias, além de desvelarem algum tipo de brincadeira pitoresca ou atitudes não usuais dos fotografados, tenham sido conscientemente montadas como parâmetros para outras cenas de ação a serem imaginadas e narradas em textos de ficção, o que configuraria uma atitude com algum apelo artístico e até mesmo profissional de Howard e seus amigos e não somente uma brincadeira lúdica de “fim de semana”.

Robert Howard não seria necessariamente um homem incomum “brincando de guerreiro, bárbaro, *cowboy*, indígena ou bandido” (BURKE, 1999), mas talvez um heterodoxo escritor que mimetizava cenas em fotografias de narrativas escritas ou que ainda estava por escrever, o que pode ser reforçado pelo fato das fotografias nessa época possuírem amplos processos de preparação antes de serem executadas (COSTA, 2015, p. 27).

Para todos os demais cidadãos de Cross Plain, tais fotografias soariam estranhas, levando a relatos pejorativos sobre o homem Howard, relatos esses tomados erroneamente pelos mais variados biógrafos como juízos de fato de uma personalidade e de um comportamento, considerado incomum e até anormal sob o ponto de vista daqueles que não compreenderam os objetivos das respectivas fotografias.

O modo de ser heterodoxo de Howard (demonstrando-se aqui o título do presente capítulo) pode ser evidenciado se levarmos em conta suas próprias construções sobre si mesmo, ou seja, se observarmos alguns relatos de próprio punho sobre sua própria personalidade em correspondências, afastando-nos, portanto das visões sobre seu caráter e seu jeito de ser e de viver a partir de relatos biográficos de terceiros.

Ângela de Castro Gomes (2004) reitera que cartas e correspondências, da forma como são processadas na contemporaneidade fazem parte de um conjunto de escritos de indivíduos que estabelecem uma memória de si e sobre si mesmos. Na prática, tais escritos representariam partes integrantes de um amplo conjunto de registros de memórias no processo de construção dos indivíduos sobre si, ou seja, na construção de tais indivíduos enquanto personagens imbuídos de ideias, crenças e valores expressos, materializando suas respectivas memórias, bem como dos grupos aos quais pertencem (GOMES, 2004, p. 10).

Embora o “ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros em diários ou cartas seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno” (GOMES, 2004, p. 11). Em outras palavras, a escrita de si mesmo em registros como cartas demarca a construção de uma “identidade singular do indivíduo no todo social” (GOMES, 2004, p. 12) e tal construção se processaria de acordo com a marca de uma individualidade que se quer demarcar diante do mundo ou, mais particularmente, em dado grupo e em determinado contexto histórico.

Uma das construções mais interessantes de Howard sobre si mesmo não trata de aspectos de sua vida ou mesmo de seu modo de ser e de viver, mas de como ele se imaginava, melhor dizendo, como ele gostava de se imaginar. Como alguém com traços selvagens, oriundo de uma terra rústica e distante, um sujeito isolado e situado em algum território de fronteira, até mesmo imerso na condição da barbárie, uma espécie de representação ficcional de si mesmo. Vejamos um trecho de uma carta de 1933.

Eu vivi no sudoeste toda a minha vida, mas muitos de meus sonhos são situados em terras enormes e frias, de vastidões geladas e céus sombrios, e de pântanos gelados fustigados pelo vento e ermos sobre os quais sopram fortes ventos marinhos, e que são habitados por selvagens com cabelos longos e olhos ferozes, Com a exceção de um sonho, eu nunca sou, nesses sonhos de tempos antigos, um homem civilizado. Sempre eu sou o bárbaro, o despido, de cabelos desgrenhados, o homem selvagem de olhos claros, armado com um machado ou espada rude, lutando contra os elementos e os animais selvagens, ou me atracando com hostes de armaduras que marcham com o passo da disciplina civilizada, oriundos de terras de pousio frutíferas e cidades muradas. Isso está refletido em meus escritos, também, pois quando eu começo um conto dos tempos antigos, eu sempre encontro-me instintivamente

ao lado do bárbaro, contra os poderes da civilização organizada (HOWARD *apud* LORD, 1976, p. 51)⁴².

A construção processada por Howard em determinadas cartas, era bastante coloquial e irônica na sua maneira de se qualificar ou até mesmo de se vangloriar por sua pretensa inteligência, duvidando por vezes com ácida ironia de suas próprias qualidades, o que parece aproximar o escritor do sujeito ambíguo da biografia de Novalyne Price, afastando-o do homem depressivo mencionado no relato de Sprague de Camp. Em outro relato de Howard, tal construção pode ser evidenciada:

Eu progredi para além do homem comum, na medida em que a crença das pessoas não é absolutamente necessária para a vida e para o viver, mas não ao ponto em que eu seja absolutamente indiferente ao ceticismo flagrante. Percebo que realmente existe apenas uma pessoa no mundo que realmente acredita que eu sempre serei uma droga, ah, o jogo de escrita, e essa pessoa é eu mesma (HOWARD *apud* FINN, 2006, p. 103)⁴³.

Howard igualmente se preocupava com a visão que as outras pessoas poderiam ter de certos sujeitos pretensamente eruditos, enfatizando a rusticidade latente nas pessoas verdadeiras, muitas vezes, aliás, qualificando os homens polidos e civilizados como pessoas falsas e dissimuladas. Ele se representava pela simplicidade, como um homem comum do oeste, entrando nos debates acerca da oposição entre civilização e barbárie, num sentido mesmo de contraposição entre falsidade e retidão de caráter. Segue outro relato de Howard.

Se as pessoas comuns tendem a se desconfiar dos homens cultos, educados, é porque elas aprenderam pela amarga experiência de que, muitas vezes, a educação, suavidade e uma linguagem fina andam de mãos dadas com a desonestidade. Isso foi especialmente verdadeiro durante os primeiros dias do Ocidente, seguindo a conquista das fronteiras, quando os cavalheiros gentis e suaves com o linguajar educado vieram das secções civilizadas e enganaram os pioneiros analfabetos, mas geralmente honestos. Eu vi o mesmo em campos de petróleo recém-inaugurados. É fácil dizer que as pessoas são tolas para julgar todos os homens cultos

⁴² A tradução desta carta foi efetuada por Ricardo Herdy para a coletânea de textos de Howard, intitulada de "O Mundo Sombrio: Histórias dos Mitos de Cthulhu de Robert Howard", organizada por Denilson Ricci em 2016.

⁴³ No original: *I have progressed beyond the average man to the extent that people's belief is not absolutely necessary to my life and living but not to the point where I am absolutely indifferent to flagrant skepticism. I realise that there is really only one person in the world who really believes that I'll ever amount to a damn ah the writing game and that person is myself.*

por alguns criminosos educados (HOWARD *apud* DERIE, 2015, p. 35)⁴⁴.

O que mais chama a atenção nas construções de Howard em suas correspondências é a vinculação que estabelece entre sua pessoa, seus ancestrais e o oeste selvagem (seja o Texas ou o sudoeste do EUA como um todo), como se ele fosse herdeiro desse ambiente histórico e social em razão de sua herança familiar. Ele mesmo fazia questão de enfatizar que seus parentes e ancestrais eram pessoas que percorreram vários caminhos do Texas e do sudoeste dos EUA. Isso sugere uma relação próxima entre a visão de si mesmo ou de seus antepassados com seus personagens rústicos ou até mesmo bárbaros que viajam por lugares ermos de suas fronteiras ficcionais. Vejamos um exemplo de uma carta enviada ao também escritor August Derleth, de 1934.

Uma das principais razões pelas quais eu sempre esperei que o sucesso viesse em minha direção foi para que eu pudesse viajar. Há centenas de lugares no meu próprio estado que nunca vi, embora eu já tenha percorrido uma boa parte dele. Suponho que fiz menos viagens do que qualquer um da minha família, por centenas de anos. Eles sempre foram uma raça de vagabundos, em todos os ramos das minhas várias linhagens, e raramente, ficaram longos períodos na localidade em que nasceram (HOWARD *apud* FINN, 2004, p. 22)⁴⁵.

Ora, ao longo dessa mesma correspondência, Howard traça os diversos caminhos de seus familiares e antepassados pelo sudoeste dos EUA, mais especificamente pelo Texas, seja em lugares distantes da fronteira ou em meio a acontecimentos importantes da história do país, em meio à expansão para o oeste do século XIX. As lembranças de Howard sobre o Texas de sua infância são evocadas em certas passagens, incluindo a vinculação entre o mundo selvagem e o ato civilizatório marcado pelo surgimento de novas cidades. O trecho da carta

⁴⁴ No original: *If the common people tend to mistrust educated men at all, it is because they have learned by bitter experience that too often education and a smooth and glib tongue go hand with crookedness. This was especially true during the early days of the West, following the taming of the frontier, when glib gentlemen with educated phrases on their tongues came from the civilized sections and swindled the illiterate but generally honest pioneers. I've seen the same thing in newly opened oil fields. It's easy to say that the people are fools to judge all educated men by a few polished crooks.* Carta escrita para Lovecraft em 1933, em meio ao tema das diferenças existentes entre homens civilizados e bárbaros.

⁴⁵ No original: *One in the main reasons I've always hoped success would come my way, was so I could travel. There are hundreds of places in my own state I've never seen, though I've roamed over a goodly portion of it. I suppose I've done less traveling than any of my family, for hundreds of years back. They were always a race of wanderers, all branches of my various lines, and seldom stayed long in the locality in which they were born.*

abaixo, de 1931 para Lovecraft demonstra essa construção da memória de Howard:

Lembro-me, muito vagamente, da queda de um meteorito no sul do Texas, muitos anos atrás. Eu tinha cerca de quatro anos naquela época e estava na casa de um tio, numa pequena cidade a cerca de quarenta quilômetros da fronteira mexicana, uma cidade que tinha recentemente surgido como um cogumelo do deserto e ainda era bastante resistente (HOWARD *apud* FINN, 2006, p. 31)⁴⁶.

Ainda assim, Howard se via como um escritor acima de tudo e essa condição costumava ser reivindicada, muito em razão dele se representar em meio a outros intelectuais do mesmo porte, fossem em cartas para os mesmos ou para amigos e conhecidos, como uma forma de se diferenciar dos não escritores profissionais.

Em uma correspondência para a amiga e namorada Novalyne Price, Howard explicava que seus atos criativos eram complexos e que suas vivências o faziam criar diferentes personagens, a partir de diversas características das pessoas que conheceu e que conviveu. Talvez esse fato ajude-nos a entender que ele não se via como alguém isolado e antissocial, tal como apontado em algumas biografias, visto que fazia questão de evidenciar que seu ato criativo partia de sua sociabilidade com pessoas variadas e diferenciadas.

Se alguém lhe perguntar onde você se inspirou para escrever seus personagens... e eles estão certos em perguntar isso... você sempre pode dizer: "Tal personagem é uma combinação de muitas pessoas que conheci." Assim, se você personificar um idiota, ninguém vai querer se identificar com ele ... Para dizer a verdade, não sei como um homem cria um personagem para uma história. Não mais do que eu sei sobre como ele se apaixona. Eu não sei se seus personagens simplesmente saem da sua cabeça de forma criativa ou se ele vê um homem andando pela rua e reconhece-o instantaneamente... Eu duvido que qualquer escritor saiba, com certeza, de onde seus personagens vêm (HOWARD *apud* DERIE, 2016, p. 35)⁴⁷.

⁴⁶ *I remember, very faintly, the fall of a meteorite in South Texas, many years ago. I was about four years old at the time, and was at the house of an uncle, in a little town about forty miles from the Mexican Border; a town which had recently sprung up like mushroom from the wilderness and was still pretty tough.*

⁴⁷ *No original: If somebody ask you where you get your characters... and they're sure to do that... you always say, 'He's a combination of a lot of people I have known. That way, if you character is a damn fool, nobody will want to identify with him... To tell the truth, I don't know how a man gets a character for a story, anymore than I know how he falls in love. I don't know if his characters spring full-blown from his head, or if he sees a man walking down the street and recognizes him instantly... I doubt any writer knows for sure where his characters come from.*

Certamente que essas breves passagens de algumas cartas extraídas de um montante bastante complexo e vultoso não são suficientes para uma clara definição de Howard a partir de suas próprias representações sobre sua figura. De qualquer forma, elencamos aqui algumas passagens para evidenciarmos que o escritor possuía uma visão de si mesmo enquanto um intelectual oriundo do sudoeste dos EUA e que, de alguma forma, escrevia sobre tramas que espelhavam alguns aspectos desse ambiente que tanto parecia cultuar ou pelo menos evidenciar.

No próximo capítulo dessa primeira parte problematizaremos sobre o *corpus* literário howardiano, efetuando conjuntamente a isso o tratamento documental de seus escritos, ao mesmo tempo em que descreveremos e avaliaremos de forma mais geral os temas centrais da maior parte de suas narrativas, pelos menos aquelas que foram publicadas.

CAPÍTULO 2

O *corpus* literário howardiano e os temas basilares de seus escritos.

Um dos mais renomados estudiosos do *corpus* literário howardiano, Don Herron efetuou um catálogo dos livros, textos e revistas encontrados na biblioteca pessoal do escritor. Segundo ele, trata-se de um empreendimento que auxiliaria a pesquisadores a compreenderem a erudição histórica, a vitalidade e as influências culturais do escritor (HERRON, 2014, p. 2-14). Alocados no chamado “*The Robert Howard Memorial Colletion*”, tais obras expressam a paixão de Howard pela literatura (HERRON, 2014, p. 2), destacando-se alguns escritos fundamentais que auxiliam na compreensão dos temas basilares das narrativas criadas por ele.

Autores como Edgar Rice Borroughs, Arthur Conan Doyle, H.R. Haggard, Rudyard Kipling, Edgar Allan Poe, Sax Rohmer, Walter Scott, Mark Twain e Lovecraft encontram-se ao lado de Ernest Hemingway, John Reed, Voltaire, Jack London, Harold Lamb, Talbot Mundy e Clark Ashton Smith. Com isso o catálogo possui obras do porte de “*Tarzan of the Apes*”, de 1914, “*The Adventures of Tom Sawyer*”, de 1876, “*The Insidious Dr. Fu-Manchu*”, de 1913, além do universalmente conhecido “*The Hound of the Baskervilles*”, de 1902, uma das aventuras mais conhecidas do detetive Sherlock Holmes, mais “*Allan Quartermain*”, de 1887, dentre tantas outras⁴⁸.

Segundo Afrânio W. Tegão (2014, p. 48-49), Howard seguiu a mesma leitura de Lovecraft e de Clark Ashton Smith para compor contos fantásticos⁴⁹, tendo no conto, “*The Gods of Pegana*”, de 1905 e na obra, “*The Fortress Unvanquishable Save for Sacnoth*”, ambas escritas por Lord Edward John Dunsany, algumas de suas fontes de inspiração. Antero Leivas (2002) afirma que Dunsany povoou seus escritos com lendas ficcionais baseadas na mitologia greco-romana e/ou em mitologias orientais, trazendo a luz os mais diversos monstros, guerreiros e armas mágicas exóticas, sendo por isso considerado o verdadeiro “pai” do subgênero da Espada e Feitiçaria⁵⁰.

⁴⁸ Para conhecer o catálogo completo de obras da biblioteca pessoal de Howard sugerimos o catálogo de Don Herron, intitulado “*Robert Howard’s Library*” (2014).

⁴⁹ Ambos, junto de Howard, representam um dos trios mais representativos do gênero da fantasia épica ou Espada e Feitiçaria, sendo Lovecraft mais vinculado ao terror e ao ocultismo e Smith mais ao terror e suspense. (TEGÃO, 2014, p. 50 – 51).

⁵⁰ Em um texto introdutório de uma história em quadrinhos, da década de 1970, Sprague de Camp retira o nome de Howard como o pai do subgênero mencionado, considerando Lord Dunsamy o criador moderno desse tão supracitado gênero literário.

Outras duas influências marcantes são usualmente destacadas pelos especialistas do *corpus* literário howardiano. Por um lado, os escritos sobre reencarnação e vidas passadas de Jack London, tema esse muito presente em certos textos de Howard. Por outro, os artigos do movimento filosófico-ocultista oitocentista da Teosofia, de Helena Petrova Blavatsky (Madame Blavatsky) e Willian Scott-Elliot. O movimento da Sociedade Teosófica se consolidou após o lançamento da revista, “*The Theosophist*”, de 1879, que, dentre outras questões enfatizava a necessidade de compreensão do sincretismo entre os segredos e lendas do Oriente com aqueles do Ocidente, muitos dos quais encontrados em outros movimentos ocultistas e espíritas do século XIX.

Alguns temas se destacam além das problemáticas da reencarnação e vidas passadas, tais como a busca por uma verdade eterna e universal, a evolução do espírito da humanidade (em tonalidades hegelianas), a apoteose social, na qual o homem atingiria a perfeição com a evolução biológica, social, cultural e racional, o panteísmo, no qual Deus estaria presente em toda a matéria (KNOWLES, 2008, p. 70-71).

Obra relevante desse movimento foi “*A Doutrina Secreta*”, da mesma Blavatsky, na qual afirmava que antigas civilizações do porte da Lemúria, Atlântida e Hiperbórea sucumbiram devido a estágios de evoluções espirituais inferiores, com seus povos e civilizações apegados em demasia à ganância, mesmo que evoluídos tecnologicamente (KNOWLES, 2008, p. 71). Tais temas, aliás, estão presentes nas mais diversas narrativas de Howard, destacando-se aquelas do rei Kull e do próprio Conan, visto que essas três civilizações e suas trajetórias de decadência e queda aparecem constantemente nas narrativas da *Era Hiboriana*.

Não era incomum também a Howard (no que tange as tramas de história e fantasia) citar nomes de lugares, personagens, povos, culturas, civilizações e eventos tirados de obras clássicas do porte de “*Vidas Paralelas*” de Plutarco ou mesmo das “*Histórias*” de Heródoto, cotejando seu conhecimento histórico e sua erudição com temas da literatura fantástica como um todo (TEGÃO, 2014, p. 17).

Louinet reitera que o próprio nome Conan foi tirado da obra, “*The Outline of Mythology*” do já mencionado Bulfinch. O mesmo vale para os termos, Ciméria e/ou cimérios, que igualmente aparecem na narrativa histórica de Heródoto, ainda que em Howard tenham passado pela interpretação de Bulfinch, como sendo derivado

da palavra *Cymri*, que expressaria os povos celtas do País de Gales (LOUINET, 2006, p. 271).

Outros nomes da *Era Hiboriana* de Conan demonstram todo um arcabouço de influências de narrativas históricas, principalmente as compiladas pelo supracitado Bulfinch em obras do porte de “*The Age of Fable*” e “*The Age of Chivalry*” (LOUINET, 2006, p. 272). Nomes de povos, civilizações ou reinos utilizados por Howard em sua *Era Hiboriana*, tais como *Hibória*, *Aesires*, *Vanires*, *Hirkânia*, *Britúnia*, *Nemédia*, *Pictos*, dentre outros são apenas alguns exemplos retirados da historiografia e de compilações de mitologia.

Sua intenção (de Howard) de povoar o que ele denominou de *Era Hiboriana* com *cimérios*, *vanires*, *nemédios*, *afghulis*, nomes ligeiramente disfarçados e emprestados da história ou das lendas, nunca foi realmente compreendida. Patrice Louinet faz menção à censura que Lovecraft fez a Howard (em uma carta) por causa disso: “O único furo nesse negócio é a incurável tendência de R.E.H de inventar nomes semelhantes demais a nomes verdadeiros que, para nós, tem um conjunto de associações bem diferente” (TEGÃO, 2014, p. 52).

Howard construiu a partir dessa mimetização de nomes históricos ou extraídos da mitologia um mundo meta histórico ricamente elaborado, com pretensões bastante complexas. A constituição desse mundo criteriosamente elaborado foi somente possível mediante leituras densas e aprofundadas de narrativas de história, literatura fantástica e mitologia, sendo Howard, possivelmente um dos autores *pulps* mais preocupados com o embasamento de suas fontes de informação, de modo a que servissem de modelos a todas as culturas, sociedades, povos e civilizações criadas por ele, muitas das quais mimetizadas dos livros que degustava (HERRON, 1984, p. 10).

Não é exagerado lembrarmos que o próprio escritor enfatizava constantemente, fosse através de cartas ou relatos em seus diários, o apego criterioso pelas múltiplas leituras que realizava para compor narrativas literárias densas e bem embasadas, passando horas na biblioteca pública de Cross Plain (TEGÃO, 2014, p. 51). Apesar de a fantasia épica povoar muitos contos de Howard, não era somente sobre esse tema que ele escrevia, possuindo o autor um *corpus* literário bastante amplo e diversificado, com narrativas variadas sobre

história, ficção, suspense, terror, *western*, contos de detetives, narrativas sobre lutadores de boxe, de viajantes, dentre outras (FINN, 2006, p. 127 - 142).

No total, o texano escreveu mais de cento e sessenta narrativas em prosa, fora múltiplos poemas e quatro romances, isso sem levar em consideração todos os contos e poemas inacabados, os resumos deixados por ele, os diversos textos de ideias de personagens ou mesmo de pequenos contos ou romances épicos que pretendia escrever (SPRAGUE DE CAMP, 1980, p. 14), fora as cartas enviadas a amigos, escritores, leitores e editores, muitas das quais compiladas na já mencionada obra, “*A Means to Freedom: The Letters of H.P. Lovecraft and Robert E. Howard*”, de David Schultz e Rusty Burke, de 2009.

O primeiro texto publicado de Howard foi “*Spear and Fang*”, escrito em 1924, ano em que iniciou formalmente sua trajetória como escritor profissional após se formar no colegial⁵¹. Howard vendeu o texto por dezoito dólares para a revista *pulp*, *Weird Tales*, que o publicou no mês de julho de 1925 (TEGÃO, 2014, p. 40). A narrativa em questão trata da breve trajetória de dois *cro-magnons*, um homem e sua jovem companheira no enfrentamento a um grupo de *neandertais*.

Apesar de se passar na Pré-História, tratando da disputa entre duas espécies pela sobrevivência (*homo sapiens* versus *neandertais*), o que configura a luta entre dons naturais contra tecnologias de guerra (e por isso o título), a narrativa possui como tema principal o resgate da jovem *cro-magnon* (raptada pelos *neandertais*) por seu companheiro, tema esse (o resgate de uma mulher pelo protagonista) bastante usual na literatura *pulp* como um todo, incluindo as narrativas howardianas⁵².

Não é incomum, aliás, várias passagens biográficas sobre Howard reiterarem seu gosto por narrativas orais em torno de “rodas” de amigos ou

⁵¹ Após sua formatura no colegial, Howard ingressou na *Howard Payne Commercial School*, um curso técnico de datilografia situado também na cidade de Brownwood, mas é notório que nunca esteve à vontade na escola. Em uma carta publicada pelo biógrafo Rusty Burke, Howard evidencia os motivos de não aceitar a vida escolar. Vejamos: “*I hated school as I hate the memory of school. It wasn't the work I minded; I had no trouble learning the tripe they dished out in the way of lessons – except arithmetic, and I might have learned that if I'd gone to the trouble of studying it. I wasn't at the head of my classes – except in history – but I wasn't at the foot either. I generally did just enough work to keep from flunking the courses, and I don't regret the loafing I did. But what I hated was the confinement – the clock-like regularity of everything; the regulation of my speech and actions; most of all the idea that someone considered himself or herself in authority over me, with the right to question my actions and interfere with my thoughts.*” (HOWARD *apud* BURKE, 1999, p. 25)

⁵² Utilizamos aqui a tradução do texto efetuada por Fernando Nesser de Aragão, publicado em <http://cronicasdacimeria.blogspot.com.br/2007/01/ana-e-presa.html>, acessado em 04/02/2016.

familiares. Muitos especialistas afirmam que Howard nutria como inspiração os textos de horror e suspense regados a ataques de criaturas simiescas ou pré-históricas narrados por sua avó e por sua tia, Mary Bohannon (SAMMON, 2007, p. 5). A partir desse fato existem diversas inferências, tal como aquela citada no outro capítulo, sobre as ambições surreais de Howard em ser um nobre selvagem em um contexto mais primevo ou mesmo um honrado bárbaro enfrentando exércitos civilizados do porte das legiões romanas (SILVA, 2014)⁵³.

Entre os anos de 1925 e 1927, Howard escreveu diversos textos, publicando alguns deles. Destaque para as narrativas, *“In the Forest of Villefere”* e *“Wolfshead”*, ambas versando sobre ataques de lobisomens a vilas ou cidadezinhas isoladas, sendo a segunda narrativa publicada como sua primeira capa na *Weird Tales*. Outras tramas dessa época são *“The Hiena”* e *“The Lost Race”*, a segunda demarcando a cultura dos povos que formaram a Inglaterra, isso sem falar em uma espécie de autobiografia mesclada a trajetória de formação do Texas, intitulada, *Pós Oaks & Sand Roughts*, finalizada no ano de 1928, mas publicada somente em 1989⁵⁴.

O escritor, muito em razão da pressão familiar, chegou a ingressar no curso de contabilidade da *Howard Payne College*, também na cidade de Bronwood, em 1926. Após um acordo com o pai, Howard abandonou o curso (o qual terminaria mais tarde), focando em sua escrita, principalmente em narrativas bem humoradas de *western* (SAMMON, 2007, p. 6).

Howard, segundo Glen Lord, vinha escrevendo artigos humorísticos desde o jornal da escola, o *Yellow Jacket*⁵⁵, e continuava oferecendo histórias para diversas publicações, particularmente a *Weird Tales*. Entre a lista de contos desse período, podemos apenas conjecturar quais histórias estariam por trás de títulos como, *“The Valley of the Golden Web”* (“O Vale da teia Dourada”), *“Sanctuary of the Sun”* (“Santuário do Sol”), *“The Crimsom Line”* (“A Linha Escarlate”), *“Vulture’s Roots”* (“O Poleiro do Abutre”) e *“Windigo!Windigo!”*, dentre outras (TEGÃO, 2014, p. 37).

⁵³ Afrânio Tegão (2014, p. 40) reitera que Howard começou a escrever desde cedo, com nove anos de idade, sendo influenciado também pelos contos de Harold Lamb e Talbot Mundy, na revista *pulp Adventures*.

⁵⁴ Nessa espécie de autobiografia e narrativa sobre o Texas, Howard introduz pela primeira vez o nome de um personagem famoso. Trata-se de Sailor Steve Costigan, uma espécie de alter-ego nessa obra, mas que nos anos 1930 seria transformado em um marinheiro lutador de boxe, sendo publicado em diversos textos nas revistas, *Fight Stories e Action Stories* (BURKE, 1999).

⁵⁵ A mais antiga narrativa sobre boxe escrita por Howard chamava-se *“Cupid vs Pollux”*, publicada no supracitado jornal.

Chama atenção, no entanto, os tipos que Howard criou ao longo da carreira, ou seja, sua galeria de personagens, muitos dos quais adaptados posteriormente nos quadrinhos, cinema e outras mídias. Seria inócuo e até impossível traçarmos aqui todas as narrativas howardianas, mas a partir de seus personagens mais marcantes podemos demarcar as narrativas mais relevantes.

Em 1928, Howard criou o personagem Salomon Kane, um “puritano que viveu entre o fim do século XVI e começo do século XVII e que vaga pelo mundo com o objetivo de varrer o mal da face do planeta” (CALLARI, ZAGO, LOPES, 2011, p. 184). A primeira aventura do personagem chama-se “*Red Shadow*”, novamente publicada na *Weird Tales*, tendo Kane mais nove narrativas escritas sobre ele (sete textos apenas entre 1928 e 1932), além de poemas e outros tantos textos inacabados (LEIBER, 2014).

Diferentemente de personagens bárbaros, rústicos e/ou selvagens do porte de Kull e Conan, Salomon Kane era um homem civilizado, um espadachim inglês que combatia piratas, canibais, bandoleiros e flibusteiros pelas costas da Europa e da África, no contexto das Grandes navegações da Era Moderna, tema esse presente em sua primeira trama, centrado na caça ao bandoleiro francês Le Loup (O Lobo) (LEIBER, 2014, p. 2).

Salomon Kane foi o primeiro grande personagem de Howard a ser veiculado, mas chama atenção o teor fantástico inscrito nas narrativas do personagem, povoadas com culturas exóticas, povos míticos e/ou temas de ocultismo, configurando-se em uma espécie de matriz howardiana do gênero da Espada e Feitiçaria (SAMMON, 2007, p. 9).

Howard chegou a apresentar um esboço da primeira narrativa de Kane para outra revista *pulp*, a *Argosy All-Story*, mas o texto em questão não foi aceito para publicação. Reescrevendo-o a partir das críticas do editor da revista, Howard amenizou o teor teológico do personagem, enfatizando a fantasia e a aventura típica de um espadachim do período elisabetano com toques acentuados de feitiçaria e pirataria, sendo tais premissas reinseridas em outros tantos textos do personagem (BURKE, 1999, p. 44).

Destaques para “*The Moon of Skulls*”, em que Salomon Kane encontra uma rainha “degenerada” governando uma antiga colônia atlante, “*The Hills of the*

Dead”, que versa sobre o enfrentamento a um povoado inteiro de zumbis e *“Wings in the Night”*, onde o herói puritano é obrigado a proteger uma aldeia isolada ameaçada por harpias aladas, configurando-se em um embate entre fé cristã e monstros retirados das mitologias pagãs (BURKE, 1999, p. 49).

Se existe um ponto relevante das narrativas de Salomon Kane que interage com os temas comuns dos demais textos howardianos é a ideia de decadência em diversos povos e culturas da história, incluindo aquelas do mundo civilizado, do qual o personagem Kane era um exemplo inverso, visto que foi representando como um homem civilizado essencialmente justo e quase divino diante da degenerescência dos demais homens e de todos os marginais gananciosos sem ética e moral que ele era obrigado a enfrentar e expurgar em sua guerra santa pessoal (BURGER, 2006, p. 38-55).

Não podemos esquecer que Howard tinha sua visão pessimista quanto à ganância desenfreada dos homens civilizados na busca por riquezas materiais, incluindo aqueles de sua cidade, Cross Plain. A corrida pelo petróleo de seu contexto histórico era segundo ele, responsável pela vinda dos tipos da pior espécie para sua cidade, não sendo tais tipos muito diferentes dos imorais encontrados nos textos de Kane (BURGER, 2006, p. 46).

Uma carta enviada para o famoso editor *pulp*, Farnsworth Wright, de 1931, no qual Howard enfatizava que a explosão do petróleo “pode ensinar uma criança que a vida é bem podre, com uma velocidade que nada mais seria capaz” (FINN, 2004, p. 25) demonstra essa visão de decadência no escritor, tão bem acentuada pelos especialistas de sua vida e obra.

Um ano após a veiculação dos textos de Kane, Howard criou um dos seus mais famosos personagens, o rei Kull do lendário reino da Valússia, personagem bárbaro não muito diferente em alguns aspectos do que seria o personagem Conan. Lançado na *Weird Tales* no mês de agosto de 1929, Kull teve três narrativas publicadas durante a vida do escritor: *“The Shadow Kingdom”*, o clássico, *“The Mirrors of Tuzun Thune”*, com a maior quantidade de adaptações em HQs (Histórias em Quadrinhos) existentes⁵⁶ e por fim, *“Kings of the Night”*. Além desses

⁵⁶ Ao longo dos anos, essa narrativa sobre o rei Kull foi republicada em diversos textos literários, sendo a primeira adaptação para as histórias em quadrinhos datada de 1973, na *comics* intitulada *“Conan, The Barbarian”*, nº 25, sendo essa narrativa mais tarde quadrinizada novamente em *“The Savage Sword of Conan”*, nº 42.

três, Kull ainda teve mais nove textos lançados após a morte do escritor (CALLARI, ZAGO; LOPES, 2011, p. 184).

A primeira narrativa sobre Kull foi escrita entre 1927 e 1929, sendo considerada oficialmente a primeira narrativa howardiana genuinamente moderna do gênero literário da Espada e Feitiçaria, com todos os seus elementos constitutivos (SAMMON, 2007, p. 9). Desses elementos podemos destacar: a existência de reinos em parte semelhantes aos encontrados na Antiguidade e na Idade Média; lutas constantes de homens empunhando espadas contra magos, sacerdotes, feiticeiros ou monstros ancestrais que se remetem a antigas divindades ou demônios semiesquecidos; magia arcana e divina como elementos palpáveis e reais do mundo fantástico em questão – e lembremos aqui da esquematização de Todorov (1980) acerca do fantástico maravilhoso –, além de doses elevadas de mitos conhecidos adaptados nas referidas narrativas (BURKE, 1999, p. 58).

Devemos lembrar que *Era Hiboriana*, da qual Conan fazia parte era considerada por Howard como uma Idade Histórica posterior a de Kull, tratado pelo autor como um ancestral de seu mais famoso personagem (LEIBER, 2014, p. 6). Para as narrativas do rei da Valúsia, Howard criou uma espécie de Idade "Pré-Cataclísmica" anterior ao alvorecer da história registrada, mesmo em se tratando de uma cronologia ficcional. Nessa temporalidade, os continentes lendários da Atlântida e da Lemúria ainda não haviam desaparecido nos mares, sendo habitados não somente por antigas civilizações, como também por tribos de homens selvagens ou homens-feras (BURKE, 1999, p. 66).

Foi no continente fictício de Thurian, ostentando grandes civilizações e misteriosas "raças pré-humanas" que Kull passou a se aventurar até se tornar governante do reino civilizado da Valúsia (mesmo ele sendo um bárbaro). A primeira narrativa do personagem lidou com uma dessas raças pré-humanas, sendo uma obra-prima da típica paranoia *pulp* de horror dos anos 1920-1930. Em certo sentido, as raças pré-humanas nos textos de Kull não são muito diferentes, em sua conceituação geral, daquela encontrada na narrativa oitocentista de Edward Bulwer-Lytton intitulada "*Vril: The Power of the Coming race*", de 1871 (KNOWLES, 2008, p. 66).

Os chamados Vril-ya de Bulwer-Lytton retomaram o clássico ciclo da crença em raças e civilizações antigas esquecidas, ainda que tecnologicamente

avançadas, a exemplo da Atlântida de Platão. Nessas civilizações, a utopia encontraria ressonância na ideia de superautoridade, disciplina e unidade do poder, um tipo de construção sincrônica que influenciou outros tantos escritores dos séculos XIX e XX. Podemos destacar aqui o universal H.G. Wells e suas civilizações e raças futuristas, a exemplo dos pacifistas, Eloi e dos bestiais Morlocks em sua famosa obra, *“A Máquina do Tempo”* (KNOWLES, 2008, p. 90).

Voltando a Kull, a aventura mencionada acima centrou na conspiração de uma raça de homens-serpente para matar o monarca, assumindo sua aparência de modo a controlar o reino da Valúsia (GUILLAUD, 2014, p. 5). Na narrativa, Kull encontra pela primeira vez o personagem Brule, um guerreiro que se torna seu amigo e camarada de armas ao longo dos textos posteriores. Juntos, ambos descobrem e frustram a referida conspiração em um clímax que desvela Howard em seu melhor estilo apocalíptico (GUILLAUD, 2014, P. 6).

A narrativa é seguida de outra ainda mais famosa, *“The Mirrors of Tzun Thune”*, versando sobre uma fábula poética acerca da contemplação metafísica do próprio rei sobre a vida, o poder, o futuro, a civilização e a existência humana. Chama a atenção no referido texto o já citado tema howardiano da conspiração para derrubar o rei, desta vez através de um feiticeiro chamado Tzun Thune e seus espelhos mágicos que desvelariam o futuro.

No texto em questão, Kull divaga em frente aos espelhos do feiticeiro, seja sobre os objetivos da humanidade, sobre a essência do poder ou mesmo acerca do devir histórico. Na prática, Tzun Thune deveria convencer o rei a desistir de tudo, incluindo da coroa diante de visões de um futuro cataclísmico e escatológico, o que no final mostra-se apenas um estratagema dos conspiradores contra o rei bárbaro⁵⁷.

Howard evidencia na narrativa o temor do personagem principal frente a possível decadência e queda de uma civilização da qual ele se tornou governante. O pessimismo latente em relação ao futuro está presente no âmago das divagações de Kull doravante um estratagema político por trás de seus temores interiores, desvelando a ganância dos conspiradores pelo poder. Kull apresenta-se eminentemente sábio e melancólico em sua solidão e nostalgia de vida bárbara,

⁵⁷ Os contos sobre Kull podem ser encontrados em <http://cronicasdacimeria.blogspot.com.br/search?q=Kull>, acessados entre 20/02/2016 a 22/02/2016.

colocado no texto como um questionador da existência humana e da própria civilização, ainda que enganado por conspiradores civilizados (LEIBER, 2014, p. 4), o que em nossa opinião garante brilhantismo e solidez a trama.

Cotejando-se tais temores do personagem principal do texto (e tantos outros temores semelhantes dos demais personagens de Howard) com o contexto da passagem do século XIX para o século XX, compreendemos alguns pontos comuns com outros clássicos da literatura da nova sociedade industrial e urbana que emergiu nesse respectivo contexto, principalmente a literatura de horror que embasou em muito a literatura *pulp* como um todo (KNOWLES, 2008, p. 99).

Obras da literatura universal como, “*O Médico e o Monstro*”, de Robert Louis Stevenson, “*Drácula*”, de Bran Strocker, ou mesmo os vários contos de Edgar Allan Poe colocavam em evidência uma série de temores sociais, psicológicos, políticos e econômicos de indivíduos cada vez mais solitários e temerosos diante do aparecimento da multidão, o que se configurou em uma torrente de pessoas “ensimesmadas que espreitavam criminosos, monstros e tudo o mais que a mente humana pudesse traduzir em imagens a fim de exorcizar seus temores” (MAGNOLI; BARBOSA, 2011, p. 18).

Howard, com todos os seus temores em meio ao seu contexto histórico (mencionados anteriormente) talvez os exorcizasse em textos de fantasia épica, sendo a mencionada narrativa sobre o rei Kull apenas um dos muitos exemplos desse processo de catarse existencial.

Aqui temos uma questão pertinente ao campo do estudo da história das ideias via enunciados literários, principalmente de obras ficcionais contendo personagens marcantes em seus questionamentos dessa natureza. O enunciado de Jacques Leenhardt no capítulo da obra “*Leituras Cruzadas*”, intitulado “O Retrato de Rodrigo Cambará” elucida esse ponto:

O historiador pode analisar as ideias gerais que dominam uma época. O romancista deve encarná-las nos personagens. Ora, a exposição de ideias, por si, faz crer que elas influem diretamente sobre o pensamento e a ação das pessoas ou dos grupos. Ao serem enunciadas, elas adquirem um relevo que, no caso presente, mas talvez sempre, corre o risco de ser excessivo (LEENHARDT, 2000, p. 22).

No ano de 1934, quando Lovecraft elogiou as narrativas de Kull e pediu a Howard para escrever mais textos sobre o rei da Valússia, o escritor lhe respondeu que acreditava tratar-se de uma empreitada artificial naquele momento, estando um tanto distante do personagem e mesmo sem ideias ou apreço pelo mesmo (BURKE, 1999, p. 74).

Após a morte de Howard, Lovecraft comentou ao também escritor *pulp*, E. Hoffmann, que "a série do rei Kull foi provavelmente um momento estranho na carreira do jovem texano", uma opinião que outros tantos autores de fantasia corroboram até hoje (BURKE, 1999, p. 77). Talvez, pelo fato de alguns textos howardianos externarem temores tão prementes no escritor, o mesmo valendo para as narrativas de Conan que trataremos mais adiante.

Em 1930 Howard criou outro personagem importante, ainda que menos conhecido do grande público. Trata-se de Bran Mak Morn⁵⁸, também veiculando originalmente na *Weird Tales*, um líder bárbaro de uma tribo de pictos escoceses⁵⁹ que enfrentava as legiões do Império Romano em uma Grã-Bretanha ainda não romanizada. Com esse personagem, Howard explorou ao máximo suas leituras de história, enfatizando seu apreço pelos povos não romanizados (bretões e pictos, por exemplo) que historicamente enfrentaram as tropas de Roma na Antiguidade, o

⁵⁸ Howard teria criado o personagem em visita a New Orleans com a família quando tinha apenas 13 anos de idade. Lendo um livro sobre os povos pictos na Biblioteca Pública da cidade, ele se identificou com aquelas antigas tribos escocesas e como seus integrantes tinham enfrentado os romanos em tempos remotos. Ele teria mencionado o personagem já em 1923 para Tevis Clyde Smith e em outro texto ele já tinha tratado de um líder picto de nome Berula. Aliás, em 1930 Howard escreveu a trama, "*The Dark Man*", ambientado também entre os pictos, só que no século XI e no qual Bran Mak Morn seria considerado um deus entre as tribos representadas na aventura, como se fosse um modelo de conduta na luta contra invasões as suas terras (BURKE, 1999, p.71)

⁵⁹ Segundo MacHardy (2011, p. 176), os chamados pictos viveram no norte da Escócia, definindo-se como uma "Confederação de unidades tribais, cujas motivações políticas eram derivadas de uma necessidade em se aliar contra inimigos comuns". Os pictos não deixaram nenhum registro escrito de sua história, sendo conhecidos por fontes variadas, tais como os escritores romanos da Antiguidade e escocesas da Idade Média, incluindo as interpretações dos historiadores e arqueólogos modernos sobre as imagens deixadas por eles nas pedras. O escritor romano *Eumenius* refere-se, no século III D.C a um conjunto heterogêneo de tribos do extremo norte da Grã-Bretanha como "*Picti*" (que em latim significaria, os pintados), um termo adotado em razão das tribos em questão possuírem o hábito de pintar seus corpos com corante. A origem do termo aqui é comumente criticada por acadêmicos modernos, que consideram o termo derivado de "*Pecht*", que seria uma palavra para "os antepassados". O famoso historiador latino, Tácito se refere às tribos do extremo norte da Grã Bretanha, atual Escócia como "Caledônios", que seria apenas o nome de uma das muitas tribos desse povo heterogêneo. Interessante que o avanço romano na Grã Bretanha parou na muralha de Adriano, significando que pictos, celtas irlandeses e escotos jamais foram subjugados na região que hoje chamamos de Irlanda e Escócia.

que demonstra a preocupação constante do escritor com o tema da barbárie diante do avanço de uma civilização específica.

Howard era, é claro, um estudante de história. Mesmo quando escreveu sobre um personagem com um papel totalmente bárbaro, levantando armas contra a civilização, ele não se permitiu esquecer a realidade. No "Prefácio" para *Bran Mak Morn* (1969), Howard é citado afirmando que ele "era um inimigo instintivo de Roma", e que seu herói, Bran Mak Morn, rei dos pictos primitivos da Caledônia, era "apenas o símbolo do próprio antagonismo do autor em relação ao Império" (HERRON, 2014, p. 5)⁶⁰.

Tanto o líder picto, Bran Mak Morn, quanto o rei bárbaro Kull externam as predisposições de Howard pela defesa da barbárie ou no elemento selvagem e natural em detrimento da civilização, pelo menos em um sentido filosófico e comparativo. No primeiro caso, temos um protagonista selvagem de um povo histórico que se colocou contra inimigos civilizados tirados dos livros de história, no segundo, temos um rei bárbaro fictício de um reino civilizado fictício que se viu envolvido contra conspiradores civilizados em suas pretensões pelo poder⁶¹.

Ainda que Kull (como também Conan depois dele) tenha ingressado na civilização como governante de um de seus múltiplos reinos, lutando muitas vezes ao lado de mercenários e tropas civilizadas, ele representa alguns aspectos da barbárie que são exaltados por Howard em seus textos (ainda que os bárbaros não sejam idealizados como essencialmente bons), pois nunca se assume como um homem civilizado (HERRON, 2014, p. 6).

Nada mais próximo do tema do homem da fronteira mencionado anteriormente, ainda que exista uma diferença marcante entre Kull e Bran Mak Morn. O primeiro é um bárbaro que viveu em sua plenitude e ingressou na civilização para dominar povos civilizados após tornar-se rei de uma nação civilizada, enquanto que o rei picto lidera, ainda que sem sucesso ao final de sua trajetória, sua tribo contra as legiões de um Império civilizado (HERRON, 2014, p.

⁶⁰ No original: *Howard was of course a student of history; even when he wrote of a character in a fully barbaric role, raising arms against civilization, he did not permit himself to forget reality. In the "Foreword" to Bran Mak Morn (1969) Howard is quoted as saying that he "was an instinctive enemy of Rome", and that his hero Bran Mak Morn, king of the primitive Picts of Caledonia, was "merely the symbol of my own antagonism toward the empire.*

⁶¹ Os contos sobre Bran Mak Morn podem ser encontrados em <http://cronicasdacimeria.blogspot.com.br/search?q=Bran+Mak+Morn>, sendo acessados entre 25/02/2016 e 26/02/2016.

7). No primeiro caso, a barbárie sobrevive na civilização, no segundo, ela é derrotada, ainda que provisoriamente pela mesma.

O primeiro texto escrito sobre Bran Mak Morn chama-se “*Kings of the Nigth*”, (já mencionado quando tratamos de Kull) sendo o encontro entre o líder picto com o rei valusiano trazido do passado mediante a utilização de uma pedra mágica. O objetivo na narrativa seria o de convencer uma tribo de vikings a aceitarem um grande rei lendário como seu líder de modo a se unirem aos pictos de Bran Mak Morn para juntos enfrentarem as tropas romanas.

A narrativa mais famosa do personagem, no entanto, denomina-se “*Worms of the Earth*”, sendo um texto vinculado com os deuses ancestrais monstruosos do chamado *Cthuhlu Mythos*, uma espécie de cânone mítico-teológico criado pelo escritor Lovecraft (SAMMON, 2007, p. 14)⁶². Trata-se de uma trama de vingança na qual o líder picto decide encontrar um instrumento mágico nas entranhas da Terra para assassinar o romano Titus Sulla, que no início da trama executou friamente um de seus mais fiéis guerreiros pictos.

O personagem possui mais quatro narrativas, além de um poema e dois fragmentos inacabados, sendo considerado um dos personagens howardianos que melhor representou, sem quaisquer subterfúgios narrativos, a oposição aberta existente entre civilização e barbárie nas narrativas do autor. Isso sem falar na identidade pessoal de Howard em torno dos povos da Grã Bretanha do Mundo Antigo e Medieval que deram origem aos escoceses, ingleses e irlandeses, no último caso, remetendo-se a ancestralidade da mãe do escritor (CALLARI; ZAGO; LOPES, 2011, p. 184).

Personagem igualmente importante de Howard é *Red Sonya of Rogatino*, adaptada aos quadrinhos como uma espécie de “Conan feminina”, tomando parte da *Era Hiboriana* do bárbaro cimério e até lutando ao lado dele em diversas narrativas de arte sequencial pós anos 1970.

⁶² Expressão criada pelo escritor August Derleth para descrever o conjunto de lendas extraídas dos textos de Lovecraft, quase como um cânone mitológico no que tange a existência de antigas divindades adormecidas que possuiriam o objetivo de destruir toda a realidade tal como a concebemos. Os deuses e demônios antigos da *Era Hiboriana* de Conan, bem como as narrativas de Bran Mak Morn se baseavam nessas criaturas tiradas das narrativas de Lovecraft, que como bem ressaltamos mais de uma vez, era um importante autor *pulp* que costumava se corresponder com Howard (TEGÃO, 2014, p. 49-50).

Sonya foi concebida originalmente pelo próprio Howard na trama literária, *“The Shadow of the Vulture”*, lançado na *“The Magic Carpet Magazine”* em 1934. Originalmente a personagem era uma guerreira ucraniana do século XVI, portando sabres, pistolas e uma habilidade em combates quase divina no enfrentamento das tropas do sultão do Império Turco-Otomano, Suleyman, o Grande, em meio a um cerco à cidade de Viena (CALLARI; ZAGO; LOPES, 2011, p. 184). A personagem, conhecida por sua ferocidade contra os homens e por seus longos cabelos cacheados vermelhos não foi a primeira heroína feminina forte, ativa e independente criada por Howard, sendo inspirada em outra personagem do escritor, *Dark Agnes de la Fere*, que por sua vez teria sido espelhada na própria Novalyne Price (BURKE, 1999, p. 40). No caso de Agnes, Howard a colocou como protagonista do texto, *“Sword Woman”*, publicado somente após a morte do autor.

Em linhas gerais, trata-se de uma mulher que viveu na França do mesmo século XVI de Sonja, sendo obrigada a contrair matrimônio de acordo com o costume da elite nobiliária da época. Humilhada e maltratada pelo marido, ela o mata, sendo presa e depois vendida ao dono de um bordel. Após fugir e ser treinada na arte da espada pelo mercenário Guiscard de Clisson, Agnes passa a se aventurar livremente pela Europa Moderna, recusando-se a aceitar qualquer autoridade masculina a partir de então.

Aqui, como no texto de Sonja, Howard demonstra certo apreço por personagens femininas valentes e de personalidades fortes, levando escritoras de fantasia da época, do porte de C.L Moore, Leigh Brackett, Jessica Salmonson, e Nancy Collins a elogiarem o escritor (BURKE, 1999, p. 42). O enunciado abaixo, quando Agnes responde ao espadachim Clisson após ordená-la que vestisse suas anáguas é bastante representativo:

Deixe uma mulher conhecer seu lugar apropriado; Deixe para ela alimentos e a obrigue a costurar e a assar e que ela providencie filhos, não olhando para além do seu limiar ou além do comando de seu senhor e mestre! Bah! Eu cuspo em todos vocês! Não há homem vivo que possa enfrentar-me com armas e viver, e antes de eu morrer, vou provar isso para o mundo! (HOWARD traduzido por BURKE, 1999, p.28).

Personagem digno de ser mencionado também é El Borak, um pistoleiro texano chamado originalmente de Francis Xavier Gordon, criado ainda na infância

de Howard (quando ele tinha apenas dez anos de idade) e remetendo-se ao próprio ambiente do qual o escritor fazia parte, a região de El Paso, no Texas (FINN, 2006, p. 179). Suas aventuras não se passam apenas no oeste dos EUA, mas sim em várias partes do mundo entre o final do século XIX e início do século XX, principalmente no Oriente Médio e na Ásia. O nome El Borak remete-se a um apelido árabe que expressa sua incrível velocidade com as pistolas, algo como *Swift* (LAI, 2008, p. 5-6).

Relevante notar que o personagem encontra-se especificamente na fronteira entre a dita civilização e territórios considerados bárbaros e selvagens pelos homens civilizados, dentro de uma visão eurocêntrica sobre o Oriente Médio e a Ásia (ROIO, 1998, p. 19-33). Uma região de tribos “selvagens” em constantes conflitos entre si, em meio à opressão do Império Turco-Otomano ou diante do processo neocolonialista europeu.

Nesse contexto, El Borak se coloca de forma altruísta na defesa das populações locais ante a violência propiciada pelos poderosos, seja dos múltiplos líderes tribais da região, seja das tropas turcas ou mesmo europeias, ora defendendo tais populações contra as forças europeias, ora a serviço do próprio projeto neocolonialista (LAI, 2008, p. 7-8). Novamente encontramos aqui (mais diretamente ou não) o tema do homem da fronteira entre civilização e barbárie, seus contos possuindo um pano de fundo nitidamente histórico e não de fantasia épica, como no caso de Conan e/ou Kull.

Nascido, em sua ficção literária, na fronteira do oeste dos EUA, esse personagem (tipicamente ocidental) se aventurava em outras fronteiras do mundo conhecido, desta vez no dito Oriente, no caso aqui, o Oriente Médio e a Ásia. Trata-se de um Oriente construído pelos ocidentais como o ambiente “externo negativo ameaçador, identificado normalmente com o fanatismo e/ou com a religião muçulmana” (ROIO, 1998, p. 29). Oriente visto como o espaço da barbárie, da guerra endêmica de pilhagens, da selvageria de seus povos antigos, do despotismo de seus chefes, da falta de mão de obra para o trabalho, da aridez do solo, visão essa muito antiga e que fazia parte de uma longa “tradição cultural que antecede as guerras grego-persas, passando por vários autores romanos” e na qual tais representações definem uma identidade inversa ao do Ocidente (ROIO, 1998, p. 31). Howard representava assim, El Borak como um homem da fronteira

do Oeste (Ocidente), aventurando-se em uma fronteira do Leste, (Oriente), em pleno ato de civilizar a região, o que equivaleria a ocidentalizá-la.

A primeira aventura de El Borak chama-se *“The Dauhter of Erlik Khan”* e foi publicada em 1934 na revista *pulp*, *“Top Notch Magazine”*. Em vida, Howard publicou apenas quatro narrativas do personagem, sendo mais onze textos publicados postumamente (CALLARI; ZAGO; LOPES, 2011, p. 185). O texto em questão trata de uma pequena expedição em uma ampla região que engloba os atuais, Afeganistão, Paquistão e Índia. A expedição em questão é encabeçada por dois ingleses além de El Borak e tem como objetivo resgatar um companheiro daqueles, sequestrado pelos integrantes de uma tribo turcomana comandada por certo Yusef Khan.

No desenrolar da trama, El Borak é aprisionado por um grupo de guerreiros de origem mongol. Seus membros vivem em uma pequena localidade chamada Yolgan e seus cidadãos cultuam divindades baseadas em antigos líderes do Império Mongol do medievo, incluindo certo Erlik Khan, que dá nome ao título da trama. Logo, o pistoleiro se vê igualmente envolvido pelos problemas de uma princesa da Caxemira chamada Yasmeena, conhecida dele de outros tempos e que na trama está sendo cultuada pelo povo simples de Yolgan como uma reencarnação da filha de Erlik Kahn.

Em linhas gerais, trata-se de uma narrativa sobre a divinização de uma mulher que não aceita mais essa situação, mas que está presa a personagem criada devido à idolatria do povo simples e aos interesses de poder de alguns sacerdotes inescrupulosos da região, uma mulher que decide fugir de Yolgan com a ajuda de El Borak. O texto desvela com isso o tom howardiano padrão no qual o protagonista se envolve com os problemas de uma mulher em perigo e que depende de suas habilidades para salvá-la de uma situação limite⁶³.

Outros dois personagens howardianos dignos de nota são: Sailor Steve Costigan, um marinheiro valentão que lutava boxe em várias partes do mundo, sendo publicado a partir de 1929 nas revistas *“Fight Stories”* e *“Action Stories”* e The Sonora Kid, outro *cowboy* do oeste, publicado somente em 1988, contendo

⁶³ O texto foi acessado para esse breve resumo em <http://gutenberg.net.au/ebooks06/0600991h.html>, mais especificamente em 02/02/2016.

oito narrativas finalizadas no total e mais seis narrativas inacabadas (CALLARI; LOPES; ZAGO, 2011, p. 185).

Costigan possui trinta e quatro narrativas veiculadas, mais três fragmentos de textos inacabados, sendo esses últimos publicados apenas muito tempo depois da morte de Howard. O elevado número de textos só é possível se considerarmos as publicações do personagem Dennis Dorgani, que na verdade configura-se no mesmo Costigan. Isso porque a Grande Depressão dos anos 1930 levou a falência das duas publicações mencionadas acima, mais especificamente no ano de 1933, o que obrigou Howard a veicular os contos do marinheiro boxeador na *Oriental Adventures Magazine* e na *Oriental Stories* (LOUINET, 2006, p. 271).

Tratava-se de uma publicação mais ampla e vendável, já conhecida do autor, visto ser comum ele veicular textos sobre aventuras históricas na mesma. Por questões editoriais, Howard foi obrigado a mudar o nome do marinheiro na revista, disfarçando-o, apesar dos temas serem idênticos, bem como as características físicas e psicológicas do personagem principal (BAUGH, 2011, p. 2).

O que chama atenção nas narrativas do marinheiro é que ele viaja o mundo em busca de aventuras incríveis e de boxeadores mais fortes do que ele para enfrentar em lutas arranjadas e ilegais. Incansável em sua busca por lutadores melhores, Costigan jamais sofre derrotas, apenas nos casos de corrupção dos árbitros em meio à pressão de mafiosos no jogo de apostas dos combates. O personagem é quase o ideal de boxeador de Howard, o sujeito que jamais desiste, mesmo quando enfrenta os adversários mais perigosos e ágeis ou mesmo quando se envolve em combates arranjados contra ele (HOFFMAN; CERASINI, 1986).

Costigan é um homem brutal, feroz, munido de uma força de vontade ímpar, mas com pouca cultura ou mesmo pouca capacidade cognoscitiva, possuindo um bom coração, mas eminentemente azarado e comumente enganado por homens mais espertos e corruptos do que ele. Nas suas narrativas, Howard se utiliza de elementos de humor devido ao fato do protagonista estar sempre desatento ao ambiente a sua volta ou em razão de nunca ficar com o dinheiro e com as mulheres que conhece ao longo das aventuras. Costigan é impetuoso, muitas vezes arrogante e honrado, um sujeito sempre disposto a auxiliar os mais fracos, mas também configura um valentão impetuoso que não deixa de entrar em uma briga por qualquer pequeno desentendimento (BAUGH, 2011, p. 3-4).

Viajando em seu navio, “*O Menina do Mar*”, Costigan traça uma rota pouco convencional para conhecer lugares exóticos e portos variados das periferias do mundo conhecido nas primeiras décadas do século XX, o que desvela o tema principal de suas narrativas. Em outras palavras, novamente observamos um personagem que se enquadra na temática howardiana do viajante de fronteiras distantes, localizadas nas margens do mundo civilizado, onde os tipos mais corruptos e violentos interagem e sobrevivem em meio a perigos (BAUGH, 2011, p. 5).

O outro personagem howardiano mencionado, *The Sonora Kid* é por sua vez um *cowboy* valentão ao estilo *Texas Ranger* que, em alguns textos howardianos, se encontra com o pistoleiro El Borak. O personagem chama-se Steve Allison, não sendo muito distinto do modelo de jovem vaqueiro temerário do oeste dos EUA. Suas narrativas foram publicadas apenas muito tempo após a morte do escritor, não existindo ainda muitos estudos sobre as mesmas, ainda que seja um personagem bem trabalhado e deveras semelhante aos homens da fronteira que Howard tanto cultuava.

Howard possui ainda narrativas de terror e aventuras-limites; muitas das quais influenciadas pelos cânones criados por Lovecraft no chamado *Cthulhu Mytos*. Destaque para “*A Pedra Negra*”, “*Os Vermes da Terra*”, “*O Povo das Trevas*”, “*O Povo Pequeno*”, além de outras narrativas igualmente interessantes, mas ainda pouco conhecidas do grande público, tais como “*A Chama de Assurbanipal*”, “*A Coisa no Telhado*” e “*Os Deuses de Bal-Sagoth*”.

Destaque também para os textos sobre ficção histórica, publicados também na *Oriental Adventures* entre 1930 e 1934 (LOUINET, 2006, p. 272). Como alguns exemplos, nós podemos apontar: “*The Trail of the Blood-stained God*”, sobre o personagem Kirby O’Donnell, que se aventurava pelo mundo na década de 1930; “*Hawks Over Egypt*”, uma aventura que se passa no país do Nilo no século XI, protagonizada pelo personagem Diego de Guzman; “*The Road of the Eagles*”, sobre a trajetória de Ivan Sablianka, líder de um bando cossaco das estepes orientais em sua perseguição ao assassino turco, Osman Pacha; “*Three-Bladed Doom*”, outra narrativa passada na década de 1930, no tão mencionado Afeganistão, novamente protagonizada por El Borak (CALLARI; ZAGO; LOPES, 2011, p. 194).

Também podemos mencionar o personagem Esaú Cairn do romance intitulado, “*Almuric*”, um dos quatro romances escritos por Howard em sua curta carreira. O personagem é muito semelhante ao John Carter, do famoso escritor Edgar Rice Burroughs, criador de Tarzan. No caso do personagem de Howard, trata-se de um homem brutal, extremamente forte e que, após assassinar um político famoso, é tele transportado por um cientista até um planeta distante chamado, “*Almuric*”. Nesse planeta inóspito, o personagem se envolve emocionalmente com uma mulher chamada Altha e precisa enfrentar os integrantes de uma raça de homens alados bestiais chamados de Yagas, tendo que salvar a mulher das garras dos mesmos (FINN, 2006, p. 182).

As narrativas de Howard como um todo, principalmente aquelas com personagens marcantes e brutais expressam constantemente a temática da fronteira, principalmente no entrecruzamento entre civilização e barbárie (incluindo também algumas fronteiras simbólicas de gênero, raça e etnia nas narrativas). Trata-se de narrativas de personagens que vivem e/ou perambulam por territórios distantes, sejam eminentemente ficcionais ou mesmo com traços históricos.

Podemos destacar o puritano Salomon Kane e sua cruzada particular nas zonas coloniais da África e da Ásia contra tipos inescrupulosos da Idade Moderna, o drama existencial do rei bárbaro Kull diante de conspiradores civilizados em uma trama para tomar seu reino fictício, o teor escatológico da trajetória de embates constantes de Bran Mak Morn contra as legiões romanas nas fronteiras da Grã Bretanha, a epopeia pessoal de Red Sonja em meio ao avanço do Império Turco-Otomano sobre uma Europa Central e Oriental ainda com traços arcaicos e feudais.

Mesmo tratando de personagens ficcionais, todos eles possuem traços marcantes relacionados ao contexto de produção do escritor, visto que Howard transpôs para o papel alguns aspectos dos homens da fronteira existentes em diversas literaturas estadunidenses ou outros tipos de representações do XIX e início do XX, mesclando sua imaginação com o que conhecia das crônicas de fronteira de seu respectivo contexto histórico. A esse propósito, Peixoto (2009) ressalta a construção de uma identidade eminentemente sulista e localista em Howard, enfatizando elementos para além de uma identidade especificamente texana, tal como defendido por Mark Finn (2006, p. 85).

Howard teria demarcado personagens que igualmente não se enquadravam nas normas sociais de suas respectivas sociedades ficcionais ou histórico-ficcionais, representando nas narrativas atitudes heterodoxas frente ao conservadorismo latente de Cross Plain (PEIXOTO, 2009, p. 300). Isso significa que Howard enfatizou outros tipos de fronteiras simbólicas em seus escritos que não apenas aquela do oeste selvagem ou mesmo do Texas-Fronteira, mencionado anteriormente, compondo igualmente identidades de acordo com o seu micro contexto (PEIXOTO, 2009, p. 301).

Enquanto Finn demarca a identidade do Texas-Fronteira do oeste dos EUA do século XIX, que tinha na epopeia do Álamo de David Crocket uma de suas expressões basilares (FINN, 2006, p. 81), Peixoto especifica uma identidade sulista com tonalidades localistas da parte de Howard, enfatizando as construções do escritor em torno de homens rústicos que não seriam necessariamente os colonos brancos puritanos, os pioneiros do leste ou mesmo os anglo-americanos como um todo, muito menos os texanos de seu contexto.

Como veremos em outro momento dessa dissertação, seriam eles os homens rústicos que perambularam pelo oeste no século XIX, mesclando a seus aspectos culturais europeus civilizados o elemento indígena nativo, moldando-se ao ambiente selvagem da própria fronteira onde se aventuravam.

No caso específico de Bran Mak Morn e do próprio Conan havia uma forte demarcação de uma identidade irlandesa que levou tais personagens a mundos ficcionais ou históricos ficcionais semelhantes aos dos celtas, bretões e/ou pictos da história europeia. Uma maneira de Howard enfatizar a ancestralidade da mãe, diferenciando a si mesmo e sua família dos demais cidadãos de Cross Plain, ou seja, mediante elementos de alteridade em relação aos conterrâneos de seu micro contexto (PEIXOTO, 2009, p. 302).

Até, porque, tal como veremos no capítulo seguinte dessa primeira parte da dissertação, Conan seria um bárbaro a mimetizar os antigos celtas bretões e, a partir desse fato, não seria considerado, segundo o próprio Howard, um tipo idêntico aos homens da fronteira do oeste americano tal e qual, muito em razão do cimério ser um bárbaro em sua natureza basilar.

Importante destacar que essa ambiguidade em torno das múltiplas identidades criadas por Howard só é possível a partir da conceituação não-

essencialista das identidades sociais, tal como explicado por Stuart Hall (1990). Segundo esse estudioso, as identidades possuem aspectos específicos que devem ser observados em todas as suas dimensões, não possuindo, no entanto um caráter fixo, ainda que muitos acreditem em aspectos unitários de demarcação das mesmas, como se existisse uma única essência imutável de identificação.

O mesmo vale para a ideia histórica de uma pretensa verdade imutável em torno de um passado comum de determinado grupo, ainda que não exista tal verdade. Na contramão dessas crenças, Hall defende o caráter eminentemente relacional das identidades, ou seja, as demarcações simbólicas que mudam a todo instante dependendo do caso e comumente em comparação com aspectos igualmente mutáveis (HALL, 1990, p. 14).

Hall afirma, portanto que as identidades não são unificadas e nem herméticas como aparentam, podendo existir contradições entre as demarcações ou mesmo entre os “lugares” diferentes dos sujeitos que estabelecem essas respectivas demarcações, ocorrendo também discrepâncias entre um sentido de identificação específico e/ou outro, de acordo com espaços distintos, grupos, crenças, valores ou ideologias (HALL, 1990, p. 15).

As identidades são traduzidas por sistemas de representações que concebem significados aos sujeitos e a grupos específicos de seus respectivos meios sociais, de acordo com determinados eventos e historicidades (WOODWARD, 2014, p. 15). As identidades podem estar vinculadas a demarcações de cunho étnico, a espaços geográficos localizados ou mais amplos, a traços culturais, raciais e familiares específicos, a questões de gênero, nacionais ou mesmo históricas, podendo ser macros ou micros dependendo do caso.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2014, p. 17-18).

A idealização howardiana dos homens da fronteira e também dos bárbaros e selvagens em geral pode ser compreendida também mediante seu contexto

histórico mais amplo e, principalmente, a partir das ponderações pessoais do autor, facilmente encontradas em cartas de próprio punho.

Em duas correspondências enviadas a H.P. Lovecraft, uma de março e a outra de julho de 1933, Howard manifesta sua escolha filosófica pelo mundo da fronteira e talvez pela vida selvagem mais próxima a condição da barbárie diante do que considerava ser a decadência da civilização. Ele coloca suas preferências pelo modo de vida e de ser dos homens rústicos e selvagens, sejam os bárbaros ou mesmo os homens da fronteira (em suas especificidades e diferenças em relação aos bárbaros), em detrimento do cinismo, do materialismo e da falsa impostura dos homens civilizados. Segue abaixo dois enunciados extraídos das respectivas correspondências:

O que eu quero é impossível, como já disse antes: eu quero, em uma palavra, a fronteira - que [está] cercada na frase, terra nova, terra aberta, terra livre - rica e inquebrável e virgem, arrasada com o jogo e carregada de florestas frescas e riachos com água doce e fria, onde um homem poderia viver com o suor de suas próprias mãos, sem impostos, multidões, barulho, desemprego, falência bancária, extorsões de gangues, leis e todas as outras coisas cansativas da civilização (HOWARD *apud* BURKE, 1999, p.20)⁶⁴.

Preferiria viver sob a liberdade comparativa da fronteira antiga do que nas condições atuais. Eu ficaria feliz em trocar todo o "enriquecimento" da civilização moderna por aquela existência. Percebo que o objetivo do "bom governo" não é cumprir o que você chama de slogan da liberdade (HOWARD *apud* BURKE, 1999, p. 20)⁶⁵.

A fronteira para Howard era uma terra aberta, com muitos rios, florestas, planícies, desertos, montanhas e córregos naturais, um espaço geográfico e também cultural livre dos problemas cotidianos das grandes e pequenas cidades estadunidenses, bem como dos elevados impostos governamentais, das extorsões cotidianas e toda a sorte de encargos e leis.

⁶⁴No original: *What I want is impossible, as I've told you before; I want, in a word, the frontier - which [is] compassed in the phrase, new land, open land, free land - land rich and unbroken and virgin, swarming with game and laden with fresh forests and sweet cold streams, where a man could live by the sweat of his hands unharried by taxes, crowds, noise, unemployment, bank-failures, gang-extortions, laws, and all the other wearisome things of civilization.*

⁶⁵No original: *I'd rather have lived under the comparative freedom of the old frontier than under present conditions. I'd gladly trade all the "enrichment" of modern civilization for that existence. I realize the object of "good government" is not to fulfill what you call the catch slogan of liberty.*

A civilização apenas fingia conceber a liberdade aos homens civilizados, o que aproxima Howard aqui das considerações do filósofo iluminista Jean Jaques Rousseau, ao qual trataremos na segunda parte deste estudo. Como que uma promessa de futuro promissor que jamais seria realizada, a civilização expropriava essa mesma liberdade que fingia conceber e proteger, retirando toda a ação ou vontade individual, tornando os homens civilizados semelhantes aos animais em cativeiro.

Pensemos agora no contexto dos anos 1930, quando Howard escreveu suas cartas e a maior parte de suas narrativas sobre as fronteiras entre a civilização e a barbárie. Tratemos desse contexto não como uma realidade anterior aos enunciados, mas dentro da perspectiva de configuração em uma “forma”, melhor dizendo, um parâmetro composto por múltiplos estudos e pesquisas de história baseadas em fontes que se tornam inteligíveis quando organizadas por historiadores profissionais ou quando debatidas e discutidas a partir de novos métodos, abordagens e conceituações (FINLEY, 1994).

Como bem acentuado por Norberto Luís Guarinello (2003), o historiador executa constantemente mediações em suas pesquisas e textos historiográficos, mas essas mediações não se vinculam somente a modelos, teorias ou conceitos, constituindo-se igualmente em formas, admitidas pelos estudiosos como “acessórios necessários para o ordenamento de documentos dispersos e sem sentido histórico quando tomados em si mesmos” (GUARINELLO, 2003, p. 45).

A morfologia da história articula múltiplos documentos textuais de modo a sua posterior comparação e análise, significando a elaboração *a posteriori* de um ambiente sócio histórico com base nos testemunhos legados do passado e em conjunção (ou mediante críticas) com as interpretações dos historiadores contemporâneos (GUARINELLO, 2003, p. 46). Em nossa opinião, isso sugere não somente uma mera periodização, mas também a constituição de parâmetros explicativos e temáticos para o estudo de tipos variados de documentos textuais do passado, organizados e interpretados para a consecução do texto historiográfico.

A esse propósito, Michel de Certeau (1975) reitera a diferenciação da historiografia contemporânea em relação aos modelos historiográficos oitocentistas, significando a percepção atual de que os estudiosos da história concebem sentido ao passado na própria execução de sua atividade laboral

(CERTEAU, 1975, p. 41). Em outras palavras, o ato de dar sentido ao passado está imbricado com a própria *práxis* historiográfica, signo de afirmação inscrita na existência do próprio sentido do passado (CERTEAU, 1975, p. 42), não se resumindo a uma mera periodização ou mesmo a descoberta de um sentido imanente inscrito nas fontes, como se as mesmas expressassem um contexto enrijecido a *priori* ou “falassem por si mesmas”⁶⁶.

Normalmente, os anos 1930, por exemplo, são tomados como os da Grande Depressão e a partir dessa morfologia usualmente e tacitamente aceita, os historiadores estabelecem debates sobre o que representa essa crise, tratando de aspectos variados de cunho político, social, econômico e cultural. Não se trata apenas do estabelecimento da periodização “década de 1930” ou “anos da Grande Depressão”, visto que essa forma-contexto possui algumas características específicas segundo interpretações contemporâneas de historiadores profissionais, e isso a partir de fontes agrupadas e ordenadas segundo essas respectivas interpretações.

Sob o subtítulo, “*Uma Nação Deprimida*”, Demétrio Magnoli e Elaine Senise Barbosa (2011, p. 156-160) concebem significados ao pós-*crash* de 1929, enfatizando a tão mencionada crise econômica, o desemprego crescente, a quebra constante de empresas e bancos, a elevada fome nos campos, os suicídios nas grandes cidades, o abatimento social, o universo dos gângsteres com a Lei Seca, com o tráfico de bebidas ilegais e com a crescente violência urbana, as manifestações por direitos de mulheres e negros, o comportamento escapista em torno dos jogos de azar e corridas de cavalos, a cultura midiática de massas em ebulição e a conseqüente alienação extraída desse processo.

⁶⁶ Segundo o teórico da história, José Carlos Reis existe algumas posições eminentemente opostas nas ciências humanas sobre verdade, objetividade e conhecimento histórico. Seguindo as análises do estudioso, poderíamos dizer que de um lado estariam os realistas metafísicos, defensores da existência de um ser atemporal (o passado), objetivo e universal, passível de inteligibilidade (total ou parcial, dependendo do modelo), constando entre seus adeptos, Ranke, Marx, Weber, Ricoeur e Marrou. Do lado oposto, estariam os nominalistas, aqueles que não se interessam por um real universal exterior aos discursos produtores de sentido histórico. Entre seus principais integrantes encontram-se Foucault, De Certeau, Duby e Koselleck. Ambas as posições procuraram relacionar a objetividade do passado com a subjetividade do historiador, possuindo, no entanto, visões distintas quanto à leitura epistemológica dessa difícil relação. Os primeiros aceitam a existência da subjetividade, mas estão eminentemente preocupados com a realidade, exterior e anterior as fontes, enunciados e aos discursos do passado, deixando aos segundos o questionamento total quanto à possibilidade de um real passado passível de existir para além da subjetividade do historiador e do texto historiográfico. (REIS, 2003, p. 147-176).

Por sua vez, Sean Purdy (2013, p. 207-208) nomeia a crise econômica e social dos anos 1930 com o jargão, “tempos duros”, afirmando tratar-se de uma expressão comum nos anos da Grande Depressão, de modo e demarcar os temores crescentes dos estadunidenses da época. Temores comuns aos cidadãos americanos devido à falta de empregos formais, diante das guerras e dos totalitarismos na Europa, bem como devido ao crescimento desenfreado de subúrbios pobres nas grandes cidades do leste e nas pequenas cidades do oeste, chamadas na época de *Hooverilles* (em alusão ao presidente Hoover, que tinha sido responsabilizado pelo início da crise, segundo se dizia na época).

Não seriam leituras tão diferentes assim, guardadas as proporções, da clássica análise de Eric Hobsbawm em sua obra, “*Era dos Extremos*” (1994), quando o estudioso elenca vultosos números extraídos das fontes dos anos 1920-1930 para tratar do chamado “*boom*” de consumo dos anos 1920 e da posterior depressão da década seguinte. Com isso temos a defesa da conhecida tese, de cunho marxista, acerca do problema da superprodução capitalista gestada no pós-Primeira Guerra Mundial.

Agora, pensando no território das crenças e representações, é possível destacar em meio a todos esses números e a todas essas inferências sobre a forma, Grande Depressão (que usualmente toma a crise econômica como determinante a toda a crise de modo geral), algumas breves palavras do historiador britânico. Palavras essas que atendem a nossos propósitos no presente estudo, especificamente quando Hobsbawm afirma que a “Grande Depressão confirmou a crença de intelectuais, ativistas e cidadãos comuns de que havia alguma coisa fundamentalmente errada no mundo em que viviam” (HOBBSAWM, 1994, p. 106).

Muito desse sentimento de desconfiança com o rumo das coisas em meio à crise econômica e social pode ter gestado os supracitados temores em Howard no que tange a queda e a decadência da civilização, um sentimento que se potencializava ao ser veiculado e publicado nas mídias da época, o qual interpelava outros temores ou mesmo algumas soluções simbólicas, ainda que sob uma ampla roupagem ficcional, pelo menos no caso específico de Howard.

O especialista da obra de Howard, Don Herron (1984, p. 25) reitera esse sentimento de crise nos anos 1930 como genuinamente relevante na consecução de narrativas *pulp* de terror, fantasia, “Espada e Feitiçaria” do período, enfatizando

ainda que as narrativas de Conan eram uma ínfima parte dos textos howardianos como um todo e que esses, por sua vez, eram apenas algumas tramas de tantas outras narrativas dessa natureza da época a igualmente demarcarem temores ou sentimentos pessimistas quanto ao presente e ao futuro.

Obras importantes da literatura da época podem ser elencadas, tal como “*As Vinhas da Ira*”, de 1939 ou mesmo a obra, “*Enterrem meu Coração na Curva do Rio*”, também da década de 1930, a primeira versando sobre a pobreza no campo, o êxodo rural e a exploração dos trabalhadores e a segunda versando sobre a conquista do oeste a partir do ponto de vista dos indígenas. Ambas expressam igualmente alguns temores e sentimentos de que a civilização conhecida estava decadente ou “doente”, não sendo novidade ao longo da história a extrapolação de uma crise (real ou imaginada) por sentimentos que ampliam ou até mesmo criam um quadro dessa natureza.

O clássico historiador Santo Mazzarino (1991, p. 25) ao tratar da passagem do século I A.C para o I D.C já dizia, na distante Antiguidade, que diante de certas situações limites mediadas por disputas políticas endêmicas, descrença na moralidade vigente ou mesmo por crises econômicas e sociais, os pensadores, literatos e as pessoas mais influentes de uma dada sociedade explanavam seus temores concernentes a uma “*Inclinata Res Publica*”, nos moldes do orador latino Cícero, acreditando na degenerescência dos costumes da própria civilização e enfatizando as possíveis soluções para o problema, normalmente em torno de uma busca de segurança em um passado idealizado ou mesmo na rusticidade dos ancestrais.

Guardadas as proporções e todas as especificidades de cada contexto, o escritor Howard externava sentimentos dessa natureza em suas narrativas, significando não apenas uma crítica à ganância pela corrida do petróleo de seu contexto local, mas também temores diante do futuro em meio à crise da Grande Depressão e/ou ao sentimento de crise vigente. Como veremos na segunda parte da dissertação, sentimentos que não foram gestados apenas no pós Crise de 1929, mas ao longo das três primeiras décadas do século XX.

Para terminar esse capítulo, gostaríamos de efetuar uma breve comparação do processo efetuado por Howard na demarcação de múltiplas identidades em meio a um contexto específico imbuído de sentimentos de crise com a análise de

Sandra Pesavento (2000) sobre a obra literária, “*O Retrato*”, de Érico Veríssimo⁶⁷. Em linhas gerais, a historiadora reitera que, entre tantos elementos culturais importantes, a obra de Veríssimo expressa construções de identidades do gaúcho em meio a momentos impactantes de nossa história a nível nacional e regional. A passagem que se segue explicita esse processo, bem como o entrecruzamento entre literatura e história.

Pode parecer heresia dizer que a narrativa ficcional de Erico se atrele a este viés, que coloca num passado atemporal e glamourizado o padrão de referência identitário do Rio Grande do Sul, mas Érico é filho de seu tempo, e sua escritura é datada. Entendemos que perpassa pela sua obra o delineamento de certos valores e “defeitos bonitos”, que fazem do gaúcho um arquétipo sedutor e que dão, ao menos, uma “compensação simbólica” para perdas reais (PESAVENTO, 2000, p. 47).

Não é nossa intenção aqui defender que o homem da fronteira howardiano assemelha-se ao gaúcho, especificamente, ao homem da fronteira do Rio Grande do Sul idealizado na literatura regional (e muito menos o bárbaro de Howard, que seria um tipo ainda mais distante). Nem tampouco afirmar que são processos idênticos de construções identitárias, ainda mais se considerarmos as especificidades e as diferenças culturais, de contexto ou mesmo literárias entre Erico Veríssimo e Robert Howard.

Chama nossa atenção, no entanto os processos comuns de demarcação de identidades idealizadas sobre personagens ficcionais específicos de modo a expressarem modelos de condutas idealizados diante de contextos imbuídos de crise, de sentimentos de crise ou, nas palavras de Pesavento, de “perdas reais”.

Além disso, consideramos que a literatura de Howard diz algo sobre seu ambiente social e histórico, sobre a cidade de Cross Plain, o Texas, o sul e o oeste dos EUA como um todo ou mesmo sobre a Grande Depressão no país. Da mesma forma, a obra de Erico Veríssimo diz muito sobre o Rio Grande do Sul, a fronteira com o Uruguai e a Argentina, sobre o Brasil, a Era Vargas e o período democrático populista posterior (PESAVENTO, 2000, p. 47). Se Erico Veríssimo é “filho de seu tempo”, só para citar novamente Pesavento, Howard também o é. Seus textos

⁶⁷ A trilogia épica “*O Tempo e o Vento*” do gaúcho Érico Veríssimo apresenta a saga das famílias Terra-Cambará em meio à formação histórica do Rio Grande do Sul. A obra, de grande extensão, foi dividida em três partes, publicadas com os subtítulos de “*O Continente*”, “*O Retrato*” e “*O Arquipelago*”, respectivamente em 1949, 1951 e 1962.

expressam, portanto essa constante tensão existente na literatura entre ideias pessoais de um autor e elementos mais amplos de sua cultura, história e sociedade.

No próximo capítulo trataremos especificamente das narrativas de Conan publicados na revista *Weird Tales* entre 1932 e 1936. Se até o momento tratamos do homem e do escritor Howard, bem como de seu *corpus* literário de forma mais geral, agora é o momento de especificarmos os textos de Conan, suas condições de produção, as motivações que levaram Howard a criar o personagem, as características e os temas basilares dos referidos textos, não esquecendo também dos traços típicos da literatura *pulp* como um todo e da própria publicação em formato magazine, *Weird Tales*.

Além disso, estabeleceremos outras relações entre os Ciclos de Conan com os temas da fronteira, da civilização e da barbárie, cotejando-os com narrativas historiográficas clássicas dos EUA que versam sobre temas semelhantes, principalmente a obra do já mencionado historiador, Frederick Jackson Turner. Concordamos com Dan Herron (1984) sobre o personagem Conan possuir traços semelhantes aos demais personagens howardianos, mesmo que os textos do bárbaro cimério possuam elementos ainda mais ambivalentes no que tange ao tema da fronteira, enfatizando muito mais a consequente oposição entre civilização e barbárie como um todo.

O cimério Conan seria um tipo bem específico de bárbaro, mais cruel e, portanto diferenciado em alguns pontos dos homens da fronteira do oeste selvagem dos EUA, pelo menos se comparado a outros personagens howardianos. Mesmo assim, o tema da fronteira está inserido em suas narrativas, sendo Conan o não civilizado que questiona a corrupção dos homens civilizados e às vezes até interage com homens da fronteira bastante semelhantes a aqueles tão cultuados nos EUA oitocentista ou mesmo por Robert Howard no século seguinte.

CAPÍTULO 3

Os textos de Conan na *Weird Tales* e suas condições de produção.

No início de 1932, mais particularmente no mês de fevereiro, Robert Howard (segundo relatos e cartas escritas por ele) viajou de ônibus a San Antônio e ao Vale do Rio Grande, próximo à fronteira sudoeste do Texas (FINN, 2006, p. 167). Nessa região inóspita da divisa do estado com o México, Howard teria encontrado um chinês que lhe narrou sobre as torturas que presenciou no extremo Oriente, quando centenas de subversivos comunistas foram decapitados em Pequim pelos integrantes do Partido Nacionalista (Kuomintang), levando o escritor a ficar “nauseado” (LORD, 1976, p. 50; LOUINET, 2015, p. 120).

Um pouco mais tarde, em algum lugar da cidade de Rio Grande, Howard teria substituído seu boné de pano habitual por um enorme *sombrero* mexicano, entrando em algum estabelecimento qualquer para comer *tortillas* regadas a vinho espanhol, quando, em uma espécie de transe criativo, teria concebido a figura de seu mais famoso personagem: Conan, o Bárbaro (SPRAGUE DE CAMP, 1984, p. 23)⁶⁸. O enunciado a seguir referenda tais palavras entorno dessa quase epopeia da fronteira referente à criação de Conan, sendo parte de uma carta enviada por Howard ao editor da *Weird Tales*, Farnsworth Wright:

Conan, simplesmente surgiu em minha mente alguns anos atrás, quando eu estava fazendo uma parada numa pequena cidade fronteiriça na parte baixa do Rio Grande. Eu não o criei por nenhum processo consciente. Ele simplesmente surgiu do nada, totalmente desenvolvido, e me colocou para trabalhar registrando suas aventuras (HOWARD Traduzido por THOMAS, 2012, p. 61).

Baseando o personagem em tipos conhecidos por ele (os já mencionados homens da fronteira da literatura oitocentista) e mesclando tais tipos rústicos a certos bárbaros oriundos da ficção e mesmo da historiografia, Howard imergiu completamente nas narrativas de Conan nos quatro anos seguintes, ainda que não

⁶⁸Em meados da década de 1980, o escritor de quadrinhos Roy Thomas, responsável por quadrinizar o personagem Conan para a *Marvel Comics* entre 1970 e 1981 escreveu uma narrativa em quadrinhos, baseada na epopeia de fronteira de Howard, tão comentada em suas biografias, mais especificamente na obra de Lyon Prague de Camp, na de Glenn Lord e na de Novalyne Price. A narrativa em quadrinhos escrita por Thomas foi publicada na revista em formato magazine, “*The Savage Sword of Conan*” e o autor efetuou um texto explicando suas intenções e influências. Na narrativa em questão, Howard encontra-se com o próprio Conan após o escritor salvar uma linda mulher em perigo, tema esse bastante comum nas narrativas do cimério. De certa forma, a epopeia do escritor acerca do ato de criação do bárbaro cimério fez de Conan uma espécie de representação de uma contraparte sua, como se Conan representasse o espírito heroico, rústico e texano do escritor.

tenha se resumido a escrever sobre o cimério. O personagem seria um amálgama de Kull, Bran Mak Morn e os demais tipos rústicos idealizados pelo escritor em outros textos de sua autoria. A carta abaixo assinada pelo autor é representativa:

Conan nasceu alguns anos atrás em meu subconsciente, quando eu fiz uma parada em uma pequena cidade fronteira de Rio Grande. É simplesmente uma combinação de homens plurais que conheci e eu acho que é por isso que ele se tornou um golpe para mim quando eu embarquei no ato de escrever sua saga. Algum mecanismo de meu subconsciente tomou as características dominantes de vários homens armados do oeste do meu país, homens rústicos dos campos petrolíferos, certos jogadores profissionais e muitos trabalhadores honestos com quem estou em constante contato. Um amálgama que produziu aquele a quem chamo de Conan, o cimério (HOWARD Traduzido por LOUINET, 2015, p. 184).

Howard tornou o cimério sua principal atração literária, construindo em torno dele toda uma mística representada em cartas e relatos de próprio punho, como se o personagem externasse aspectos obscuros de seu subconsciente, expressando igualmente a mescla de todos os homens nobres, selvagens, bárbaros cruéis e rústicos de fronteiras históricas ou ficcionais que o autor conhecia (HERRON, 1984, p. 121).

Ele representou o ato criativo em torno de Conan como se não existisse sequer labor intelectual de sua parte, como se o bárbaro cimério fosse à expressão de um *insight* genial e espontâneo a representar tudo o que ele, Howard, sonhara em um dia ser e/ou escrever (LORD, 1976, p. 35). Em outra carta, de 1933, agora enviada ao amigo e escritor *pulp*, Clark Ashton Smith, Howard esboça sua admiração pelo personagem.

Eu sei que estava há meses absolutamente estéril de ideias, totalmente incapaz de trabalhar em qualquer coisa vendável. Então o homem Conan pareceu crescer subitamente em minha mente, sem que eu precisasse empreender muito trabalho, e de imediato, uma torrente de histórias fluiu da pena – ou melhor, da máquina de escrever -, quase sem esforço de minha parte. Não parecia que eu estivesse criando, antes relatando eventos ocorridos de fato. Episódio coroava episódio tão rapidamente que eu mal podia acompanhar seu ritmo. Por semanas, nada fiz a não ser narrar aventuras de Conan. O personagem se apossou da minha mente e, na maneira de narrar os contos, atropelou tudo mais. Quando eu deliberadamente tentava dirigir a escrita a algum outro lugar, não conseguia (HOWARD Traduzido por LOUINET, 2006, p. 265).

A própria Novalyne Price (1985) afirmou que o cimério preencheu a maior parte da escrita de Howard nos anos seguintes à sua criação, explicando ainda que o autor somente começou a se distanciar do personagem por volta do final de 1935, fato esse igualmente reiterado por Louinet (2015) na afirmação de o autor exauriu todas as suas ideias em torno do bárbaro cimério neste momento.

Ainda assim, Conan tornou-se o arquétipo de vários outros personagens do escritor, possuindo traços e aspectos encontrados nos mesmos, ainda que suas especificidades sejam igualmente marcantes, destacando-se o ambiente ficcional ricamente elaborado por trás das narrativas, além de traços de uma personalidade complexa, não monocromática ou mesmo não unidimensional (FINN, 2006, p. 165; WEINBERG, 1976, p. 7).

Importante destacar, no entanto que a barbárie de Conan seria considerada por Howard, pelo menos em algumas de suas cartas, muito mais forte e presente do que em qualquer traço rústico ou selvagem dos homens da fronteira dos EUA, ainda que ele se utilizasse desses personagens históricos como parâmetros de suas muitas criações. Em uma carta enviada a Lovecraft, de 1933, Howard teceu uma afirmação bastante pontual, especificando a diferença entre o tipo de bárbaro que seria Conan em relação aos traços rústicos dos tão cultuados homens da fronteira dos EUA.

Devo repetir que não é minha intenção idealizar as condições da barbárie - e aqui nota-se que não falo da fronteira americana, mas dos gauleses e dos godos. O homem americano da fronteira não era um bárbaro, ele era simplesmente um tipo altamente especializado. Minha concepção da barbárie particularmente não resplandece (HOWARD *apud* FINN, 2006, p. 165)⁶⁹.

Conan seria um bárbaro mais próximo do arquétipo mimetizado dos povos celtas gauleses, enquanto que os homens da fronteira dos EUA seriam tipos mais específicos segundo Howard. Tais homens de fronteira estariam mais próximos, portanto da mescla entre homens selvagens indígenas do oeste e homens civilizados do leste americano, sendo os bárbaros nas narrativas do cimério mais cruéis e selvagens do que os homens rústicos do oeste.

⁶⁹ No original: *I must repeat that it is not my intention to idealize conditions of barbarism - and here let is noted that I am not speaking of the American frontier, but of the Gauls and Goths. The American frontiersman was not a barbarian; he was simply a highly specialized type. My conception of barbarism does not glitter, particularly.*

Mesmo assim, levando-se em conta as narrativas de Conan e o trecho da outra carta do escritor que elencamos anteriormente, nos parece que o cimério teria alguns traços desses mesmos homens da fronteira. Tais características estariam exatamente nessa intercessão entre civilizados e bárbaros e sim, apareceriam constantemente nas narrativas de Conan, sendo ele um homem igualmente rústico que servia de contraponto aos corruptos homens civilizados de suas aventuras, tal como veremos na segunda parte dessa dissertação.

Como dissemos na introdução, Conan seria representado também em suas múltiplas faces, como um pirata, um ladrão, um capitão de navio, um mercenário, um corsário, um rei ou apenas um aventureiro temerário, ainda que igualmente fosse tratado como um homem austero, astuto e honrado, em textos sem encadeamento cronológico entre si (RIPKE, 2004, p. 22).

Guardadas as proporções, especificidades e contextos históricos, Howard realizou um movimento em parte semelhante ao do conhecido historiador da arte alemão, Aby Warburg, que segundo Carlo Ginzburg (1989, p. 43), realizou uma viagem ao Novo México/EUA no final do século XIX com o intuito de entrar em contato com o universo da fronteira e do que chamou de mundo indígena “primitivo”, o que teria lhe permitido interpretar alguns aspectos da cultura pagã do Mundo Antigo e Medieval para melhor compreender o Renascimento, seu foco de estudos.

Mesmo com objetivos diferenciados, Howard mesclou história, ficção e uma experiência pessoal na fronteira dos EUA em suas narrativas sobre seus homens da fronteira, incluindo Conan, permitindo criar e moldar um bárbaro deveras multivalente e ambivalente, inserindo o personagem em “mundos” exóticos, reinos e territórios de fronteira ficcionais criados para ele (HOFFMAN, 1976).

A fronteira, querendo ou não Howard moldou sua visão de barbárie e ele mesmo evidenciou isso nas duas cartas sobre a criação de Conan, mesmo que depois ele viesse a especificar o caráter mais ficcional de Conan e mais próximo dos bárbaros da literatura e da história europeia do Mundo Antigo e/ou Medieval.

A primeira narrativa de Conan foi publicada em dezembro de 1932, intitulada, “*The Phoenix on the Sword*”, novamente na revista *pulp Weird Tales*, ainda que o personagem não tenha, nesse momento inicial, qualquer direito a uma imagem de capa. A narrativa em questão mostrava Conan em torno dos seus

quarenta anos de idade como governante do reino fictício da Aquilônia, sendo na verdade uma adaptação de outro texto anterior jamais publicado, intitulado “*By This Axe I Rule!*”, no qual figurava o já mencionado rei Kull (SAMMON, 2007, p. 10; TEGÃO, 2014, p. 100).

Não foi a primeira vez, aliás, que Howard usou o nome de Conan e até mesmo a premissa do personagem em uma narrativa de sua autoria. Em outubro de 1931, Howard terminou o texto, “*People of the Dark*”, vendendo-o para a *pulp*, “*Strange Tales of Mystery and Terror*”, concorrente da *Weird Tales*. A narrativa em questão tratava das lembranças de vidas passadas do protagonista, John O’Brien, quando reviveu episódios de uma antiga encarnação na figura de um bárbaro gaélico chamado Conan, um homem rústico da fronteira do norte da Grã-Bretanha que lutava ferozmente no campo de batalha e jurava em prol de uma deidade celta chamada Crom (LOUINET, 2006, p. 266).

De fato é muito comum os especialistas observarem na narrativa um protótipo direto do famoso e popular, Conan, visto sua descrição e até a nomeação do deus Crom, igualmente cultuado pelo bárbaro cimério nos Ciclos de Conan (VAN RISE, 2007).

Em sua viagem até a fronteira, Howard teria concebido também um poema chamado por ele simplesmente de *Ciméria*. No respectivo poema ele exaltava uma região de colinas distantes, com um clima nostálgico e com muitos ventos frios incessantes, ou seja, um lugar no qual a luz jamais chegava e onde a melancolia estaria representada pela quietude e pela solidão das terras ermas da fronteira (LOUINET, 2006). Vejamos abaixo o poema ao qual nos referimos:

Eu me lembro
 Das florestas escuras, mascarando encostas de colinas sombrias;
 Da perpétua abóbada plúmbea em pesadas nuvens;
 Das correntes crepusculares que fluíam em silêncio,
 E dos ventos solitários, sussurros no desfiladeiro.

Paisagens se sobrepondo, colinas sobre colinas,
 Encosta por encosta, cada uma, povoada de árvores tristes,
 Nossa terra descarnada jazia. E quando um homem subia
 Um pico áspero e contemplava, olhos protegidos,
 Via nada além da paisagem infinita – colina sobre colina,
 Encosta por encosta, cobertas como suas irmãs.

Era terra de melancolia que parecia abrigar
 Todos os ventos e nuvens e sonhos afugentados do sol,

Os galhos despidos agitavam-se por ventos solitários,
 E florestas recolhidas, de todo meditativas,
 Nem mesmo iluminadas pelo sol raro e esmaecido,
 Que tornava homens, sombras encolhidas; eles a chamavam de
 Ciméria, terra da Noite e das Trevas.

Foi há tanto tempo, tão longe daqui
 Que esqueci até mesmo o nome pelo qual os homens me chamavam.
 O machado e a lança de ponta em sílex são como um sonho,
 E caçadas e guerras, sombras. Lembro-me
 Apenas da quietude daquela terra severa,
 Das nuvens empilhadas sobre as colinas,
 Do esmaecer das florestas eternas.
 Ciméria, terra da Noite e das trevas.

Oh, alma minha, nascida das colinas encobertas,
 De nuvens e ventos e fantasmas afugentados do sol,
 Quantas mortes servirão para romper, afinal,
 A herança que me envolve em tristes
 Vestes de fantasmas? Busco meu coração e encontro
 Ciméria, terra da Noite e das Trevas.
 (HOWARD Traduzido por LUINET, 2006, p. 28).

Escrito em Mission, Texas, por volta do ano de 1932, esse poema foi enviado ao editor Emil Petaja dois anos depois, retratando o que seria considerado a terra natal do personagem Conan (LOUINET, 2006, p. 266). É consenso entre os especialistas na vida e obra de Howard, que a Ciméria retratada nessas linhas ecoava passagens de *“Vidas Paralelas”*, de Plutarco, mas que igualmente possuía mais paralelos com o Texas do que com o País de Gales, a base social e histórica utilizada para representar a terra ficcional do bárbaro Conan em sua *Era Hiboriana* (FINN, 2006, p. 170).

Em outras palavras, mesmo Howard aceitando ou negando tal fato, existe muito mais do Texas e do oeste selvagem dos EUA no mundo ficcional de Conan do que transparece a primeira vista, mesmo que o próprio criador de Conan tenha distanciado seu bárbaro dos homens da fronteira do oeste em alguns de seus relatos (ainda que não em todos, como vimos anteriormente).

As capas da *Weird Tales*, por sua vez desvelam muito sobre o teor das narrativas inscritas em seu interior – evidenciando também os gostos do seu público leitor jovem masculino – com temas apelativos que mesclavam violência e erotismo. Como dissemos em nossa introdução, a *magazine pulp* se destacou com as ilustrações de capa de Margareth Brundage, visto que suas ilustrações chamavam a atenção de leitores e críticos.

Tais capas eram normalmente coloridas, padronizadas e com brochuras coladas com papelão, contendo temas usuais de protagonistas masculinos ao lado de “mulheres sensuais” seminuas, normalmente em perigo frente a forças sobrenaturais, extraterrestres ou mesmo diante de monstros do imaginário mítico da literatura oitocentista (WEINBERG, 1976, p. 88). A título de curiosidade, elencamos duas capas específicas da *Weird Tales* com ilustrações de Brundage referentes às narrativas dos Ciclos de Conan.



Figuras 3 e 4: Figura 2 – Na imagem à esquerda, observamos a primeira ilustração de capa de um texto de Conan na *Weird Tales*, de junho de 1933. Fonte: <http://www.pulpmags.org/default.htm>. Na direita observamos a primeira capa da *Weird Tales* a retratar Conan, publicada em agosto de 1934. Fonte: <http://www.pulpmags.org/default.htm>.

Nada mais próximo, portanto dos temas fantásticos dos textos howardianos, o que atraía o escritor para produzir cada vez mais e mais rápido, possibilitando a ele não somente uma boa remuneração pelos textos produzidos, mas também incentivando a publicar seus personagens estranhos, selvagens e rústicos (EVERETT e SHANKS, 2015, p. 10). Ainda que a fantasia épica ou o tema literário da “Espada e Feitiçaria” expresse o teor central das narrativas dos Ciclos de Conan, o supracitado tema da fronteira entre civilização e barbárie igualmente aparece nas narrativas literárias originais do cimério (HERRON, 2014).

Embora Howard não tenha mencionado jamais ter lido o mais famoso historiador estadunidense de sua época, Frederick Jackson Turner, as representações inscritas nas narrativas de Conan e outros personagens baseados

em homens da fronteira possuem pontos de ligação com as ideias desse renomado historiador. Trata-se de um estudioso deveras cultuado nos EUA na primeira metade do século XX, muito em função do peso de suas considerações sobre a formação histórica da nação a partir de verdadeiras epopeias dos homens que desbravaram o oeste selvagem (ÁVILA 2005, p. 192), sendo muito difícil, em nossa opinião, que Howard não tenha tido entrado em contato com tais escritos.

Turner se tornou pioneiro nos estudos acadêmicos no que tange a formação histórica, política, geográfica e cultural dos EUA, criando em 1893 sua tão cultuada *frontier thesis* (ÁVILA, 2009, p. 86). De certa forma, o historiador rompeu com a historiografia romântica do século XIX, que enfatizava a narração e o aspecto literário da história em detrimento de qualquer método científico consolidado, tomando indiretamente o modelo civilizatório europeu anglo-saxão como basilar para a construção da nação norte-americana. O mesmo vale para a chamada teoria genética (*germ theory*), que enfatizava as origens e a continuidade do “espírito” democrático dos EUA, remontando-o aos genes germânicos dos norte americanos, embebidos no direito consuetudinário e na temeridade dos ancestrais europeus desde suas epopeias numa Europa Pré-Moderna (ÁVILA, 2005, p. 193)

A tese da fronteira de Turner, por sua vez baseava-se na ação livre, empreendedora, honrada e temerária de homens comuns e até mestiços do próprio continente americano, ainda que singulares em suas condutas e práticas no ato de desbravar o oeste (ÁVILA, 2009, p. 85). Em outras palavras, a fronteira do oeste fora conquistada e até civilizada por homens rústicos, mas honrados, violentos, mas temerários, aqueles homens que tinham as melhores condições de fazer do oeste parte de um novo país e ao mesmo tempo de fazer desse país uma grande Nação, os EUA.

As epopeias nacionais de historiografia turneriana também seriam basilares para os estudos históricos acerca das origens das instituições políticas e sociais dos EUA durante toda a carreira de Turner, entre os anos 1890 e 1924 (ÁVILA, 2005, p. 195). Além disso, os argumentos históricos do pesquisador seriam relevantes na consecução de explicações presentistas⁷⁰ para a história em geral e

⁷⁰ Pode-se definir o chamado presentismo nos estudos históricos a partir das considerações de François Hartog em sua obra, *“Régimes d'historicité: présentisme et expériences du temps”* (2003). Segundo esse estudioso, o presentismo se caracteriza por uma temporalidade dominada pelos fatos e eventos ocorridos no tempo presente e que condicionam cada vez mais ao estudo do passado a

dos EUA em particular, bem como sobre teorias sociais que destacavam o homem comum mestiço norte-americano eminentemente empreendedor na formação das instituições do país (ÁVILA, 2005, p. 196).

Em linhas gerais, a teoria de Turner sobre a fronteira destacava o espaço histórico-geográfico construído em meio à necessidade de expansão de homens eminentemente laboriosos e valorosos, como se o ato de “fazer o oeste” fosse o verdadeiro motor da formação da nação estadunidense, exaltando-se as chamadas “forças invisíveis” que forjaram arduamente as próprias instituições democráticas dos EUA (ÁVILA, 2009, p. 87-88).

Estas forças, segundo Turner, se assentariam nas lutas dos homens da fronteira pela posse da terra e nos códigos de conduta idealizados em meio ao processo civilizatório, o que equivalia exaltar a mescla do elemento europeu com o elemento indígena em meio às disputas cotidianas no oeste selvagem, uma posição que se baseava na inevitabilidade da expansão e na formação do caráter genuíno do homem americano e de suas instituições livres, honradas e democráticas (ÁVILA, 2005, p. 196).

Chama nossa atenção, em toda essa epopeia historiográfica criada por Turner, não somente o papel dado por ele aos pioneiros desbravadores e/ou aos mestiços que cruzaram e sobreviveram na linha da fronteira para criar a nação, mas igualmente à força das considerações do historiador entre os acadêmicos e mesmo entre o público não acadêmico de sua época (ÁVILA, 2005, p. 197).

Cabe ressaltar que Turner é considerado o primeiro grande nome da academia de seu país a tentar explicar sociologicamente a formação histórica das instituições dos EUA, tornando-se um dos grandes expoentes da historiografia estadunidense na primeira metade do século XX, até que suas teses começaram a ser questionadas nos anos 1960 em diante (ÁVILA, 2009, p. 90-91).

Concomitante à ampla exposição de sua teoria, e como resultado desta, Turner foi arregimentando um crescente grupo de jovens estudantes ao seu redor. Na primeira década do século XX, a

partir da noção de que esse presente é imprescindível ao historiador, ainda mais se considerarmos a crise pós-moderna de qualquer perspectiva de futuro ou mesmo a concepção de impossibilidade de busca de uma pureza histórica do passado. Hartog insiste que vivemos em meio a um corte temporal, sendo que “esse corte não quer ser mais celebrar o “fim da história”, mas sim estimular a reflexão, desfazer a evidência do presente, historicizar constantemente o presente” (REIS, 2012, p. 40).

Universidade Estadual do Wisconsin, de Turner já era um dos principais polos de formação de novos historiadores e a “Escola de Wisconsin”, com sua ênfase nos aspectos socioeconômicos, era a mais importante referência para a historiografia norte-americana. Tal façanha é creditada ao intenso trabalho de Turner como orientador, chefe de departamento e professor. Para comprovar sua importância, basta dar uma olhada na sua lista de orientandos imediatos. Dentre os diversos nomes, encontramos alguns dos mais importantes historiadores americanos do século XX, como Carl Becker, Merle Curti e Arthur Schlesinger Sr. Mesmo após sua ida a Harvard, o Departamento de História de Madison continuou sendo um dos mais importantes dos Estados Unidos. A importância da “Escola de Wisconsin” foi tamanha, que mesmo universidades consagradas como Stanford e Yale adaptaram seus departamentos de história aos parâmetros estabelecidos por Turner em Madison. Em 1910, ano em que o historiador foi para Harvard, a *frontier thesis* já era aceita como a principal explicação histórica nos Estados Unidos, sendo utilizada não só na academia, mas também fora dela. Um dos motivos para esta ampla ressonância era a sua capacidade de falar sobre a maioria dos norte-americanos, construindo uma narrativa que superava as divergências sociais e regionais para a criação de uma visão harmônica da história estadunidense, que explicava não só o passado da nação, mas também lhe fornecia apontamentos para o futuro, no que Richard Slotkin chamou de um “paradigma de ação”, através da constatação da inevitabilidade da expansão das fronteiras dos Estados Unidos – no continente e fora dele (ÁVILA, 2005, p. 195-196).

As obras de Turner foram lidas, cultuadas e divulgadas na mesma época em que Howard escrevia narrativas sobre seus homens de fronteira, ficcionais ou não, mais ainda, foram veiculadas no mesmo contexto histórico de criação do personagem Conan, ainda que o escritor não tenha se baseado, segundo considerações de renomados especialistas de sua vida e obra, nas teorias desse historiador para referendar um dos seus principais temas de escrita: a fronteira em meio à luta histórica entre civilização e barbárie.

Defendemos esse vínculo de forma indireta entre Howard e Turner pelo peso da obra historiográfica do segundo no momento de produção dos textos howardianos sobre os Ciclos de Conan, bem como pelo fato de Howard ser um estudioso da história em seu próprio contexto, inclusive a história de seu país (LOUINET, 2015, p. 108). Fora isso, podemos considerar a possibilidade de estabelecermos considerações de cunho teórico-conceitual de modo a referendar tais vínculos.

Não esqueçamos jamais das análises de Chartier (1990) sobre práticas e representações sociais, na afirmação de que as representações de um mesmo contexto histórico possuem ressonâncias diretas e/ou indiretas com elementos existentes na opinião pública desse respectivo contexto ou mesmo com diversas representações de segmentos sociais específicos em dado momento de produção das mesmas, devendo, portanto ser observadas em suas similitudes e diferenças (CHARTIER, 1990, p. 22-23).

O mesmo vale para as considerações de Hall quando trata de elementos constitutivos de nosso “circuito da cultura”, quando membros de uma mesma cultura em dado tempo e lugar “compartilham conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhes permitem sentir, refletir e, portanto, interpretar o mundo de forma semelhante” (HALL, 2016, p. 23). Isso significa que existem códigos linguísticos comuns e mais, existem sistemas de representações disponíveis que são compartilhados por diferentes indivíduos de uma mesma cultura e de um mesmo contexto, independentemente desse compartilhamento ser feito de forma direta ou indireta (HALL, 2016, p. 23-24).

Muito do que observamos em Conan se deve a vínculos indiretos como também a influências literárias de Howard, influências essas marcadas não somente pelas leituras de sua biblioteca pessoal, mas igualmente pelas ideias veiculadas em seu círculo de amigos e conhecidos escritores que costumavam se corresponder e a tecer ponderações ou questionamentos sobre os personagens e textos criados por eles (FINN, 2006, p. 151).

Chamado de “*Círculo de Lovecraft*”, esse amplo conjunto de correspondências entre escritores *pulps* do porte de Lovecraft, Robert Bloch, August Derleth, Robert E. Howard, Henry Kuttner, Clark Ashton Smith, Donald Wandrei y Frank Belknap Long são comumente utilizados em estudos sobre os mesmos e acerca do respectivo movimento literário do qual fizeram parte (NYIKOS, 2015, p. 44). Nesse ponto devemos tecer algumas considerações pertinentes.

Howard e Lovecraft estabeleceram uma profícua correspondência a partir dos anos 1930 até o ano da morte do criador de Conan e pode-se dizer que esse conjunto de cartas expressa um importante *corpus* literário sobre os contos *pulps*, muito em razão dos debates travados entre ambos os autores acerca de diversos personagens e narrativas fantásticas escritas por eles (LOUINET, 2015, p. 207).

Alguns temas dessas cartas podem ser dirimidos facilmente, pelo menos no que diz respeito a nossos propósitos de estudos. Em primeiro lugar, Howard e Lovecraft tratam do tema principal dos textos howardianos, o supracitado tema da fronteira entre civilização e barbárie, o primeiro autor usualmente defendendo a necessidade de aspectos do estágio da barbárie diante da corrupção latente da civilização em diferentes momentos da história e o segundo autor externando a herança positiva do progresso científico e intelectual da civilização europeia no mundo de sua época, na esteira de ideias iluministas ou mesmo oitocentistas sobre o assunto, com todas as suas tonalidades eurocêntricas ou etnocêntricas (LOUINET, 2006, p. 21).

Em segundo lugar, os temas políticos do contexto de ambos os autores, Howard mais inclinado à defesa do regime democrático estadunidense, em tonalidades mais sociais-democratas e progressistas, com doses moderadas de liberalismo político e Lovecraft um tanto elitizado em suas elucubrações, chegando até mesmo a flertar com ideias fascistas de sua época, mesmo sem se expor diretamente (LOUINET, 2006, p. 22)⁷¹.

Por fim, se observa nas cartas as influências diretas de Lovecraft na escrita de Howard, visto que muitas narrativas de Conan possuem a participação de deuses e/ou mesmo de criaturas antigas descritas nos contos *lovecraftianos*, com toda a sua carga mitológica específica (LOUINET, 2015, p. 208).

Confrontando suas ideias com as do erudito escritor da cidade norte-americana de Providence (Lovecraft), Howard viu-se forçado a fundamentar suas opiniões em dados históricos e políticos; como consequências, os contos de Conan frequentemente ecoam ideias expressas na correspondência e vice versa (LOUINET, 2006, p. 21).

Uma das correspondências mais relevantes desse *corpus* diz respeito a uma resposta de Howard sobre o estágio da barbárie, uma ponderação que retirava do

⁷¹ A esse propósito, não é incomum, em meio aos debates sobre civilização e barbárie, certos posicionamentos políticos de Howard e de Lovecraft. A correspondência entre os dois escritores evidencia as diferenças de seus posicionamentos. Howard comumente defende as liberdades individuais e Lovecraft chega a exaltar o progresso da civilização ordeira representada pela Itália de Mussolini. Ainda que Howard tivesse premissas racistas em muitos de seus textos, muito usual em seu ambiente social, em seu contexto e na própria literatura *pulp*, ele comumente defendia o princípio das liberdades individuais como basilar a todas as demais conquistas humanas. É famosa a carta na qual ele afirma para Lovecraft que as guerras dos homens civilizados apenas diziam defender a civilização, quando na verdade eram guerras de pilhagens desses mesmos homens para esmagar as demais culturas e sociedades (LOUINET, 2015, p. 42 - 43).

bárbaro Conan qualquer premissa rousseauniana em torno do “Bom Selvagem”⁷², premissa, aliás muito comum na literatura oitocentista e na literatura fantástica da primeira metade do século XX, tendo como maior expoente dessa visão o personagem Tarzan, de Edgar Rice Borroughs (TEGÃO, 2014, p. 150).

É consenso que Howard se utilizou de elementos de Tarzan para a consecução de seus homens selvagens ou rústicos, incluindo o bárbaro Conan (TEGÃO, 2014, p. 151), mas ele fez questão de reiterar que não tinha uma visão idílica ou idealizada do cimério, o que poderemos constatar na próxima parte desta dissertação. Muito da personalidade e da postura de Conan em seu mundo ficcional, incluindo as características bárbaras em suas ações são evocadas nas correspondências de Howard, ainda que as discussões travadas entre ele e Lovecraft sobre a oposição entre civilização e barbárie sejam mais gerais e até com um teor filosófico mais amplo.

Primeiramente é interessante elencar um trecho de uma carta de Howard para Lovecraft, de 1933, deixando claro para o escritor de Providence que o texano não queria o fim da civilização ou mesmo que não defendia qualquer tema em especial para apenas se contrapor as ideias do amigo de correspondência, sendo Lovecraft um verdadeiro apologista quanto aos rumos que a civilização poderia tomar em sua época histórica. Vejamos:

No que diz respeito à civilização e à barbárie: eu realmente acho que você está levando esse assunto um pouquinho a sério demais. Você certamente percebe que não estou tentando minar ou derrubar a civilização! Meu sentimento pessoal pode ser muito importante de um jeito ou de outro. Na verdade, penso que seu ressentimento neste assunto é baseado em um sentimento de que a atitude pode implicar uma depreciação de certos ideais e atividades pelas quais você tem uma paixão. Eu acredito que você sente que está defendendo suas percepções pessoais, preferências e ideais, tanto quanto a civilização. Deixe-me apressar-me a assegurar-lhe que nunca pretendi fazer qualquer depreciação de qualquer coisa que você valorize. Eu nunca escrevi

⁷² Segundo Tegão (2014, p. 150), o mito do “*Bom Selvagem*” foi destacado entre os pensadores iluministas, embora a tradição vincule essa definição a Rousseau. A passagem do filósofo acerca do sujeito de “poucas paixões e que basta a si mesmo, com necessidades verdadeiras e não baseadas em suas vaidades” expressa à construção entorno do homem na natureza antes de ser corrompido pela civilização. Existiria aqui um tipo de pureza no selvagem, relacionado com a natureza enquanto um ambiente idílico e destituído de qualquer corrupção, uma pureza cheia de nostalgia em meio a uma “natureza límpida” dos tempos da aurora da humanidade (ROUSSEAU *apud* NICOLA, 2005, p. 310).

conscientemente uma palavra de crítica de nenhuma das suas preferências pessoais (HOWARD, 2016, p. 43-44)⁷³.

Lovecraft, tal como evidenciado por um de seus grandes biógrafos, S.T Joshi (2001) se tornou conhecido por suas posições conservadoras, colocando-se como um partidário da cultura britânica e também teutônica (ou seja, duas culturas europeias), muitas vezes se colocando também como adepto de ideias etnocêntricas e racistas.

Muito se comentava entre os escritores de seu círculo de amigos da época o quanto Lovecraft se entusiasmou com a ascensão dos regimes fascistas na Europa, ainda que ele tenha negado tal fato em uma carta para Howard de 1934 (RICCI, 2016, p. 500-502). Na carta em questão ele evidenciou seu apreço pelas liberdades individuais e pela civilização de modo geral, o que, segundo sua visão, seria representada pelo progresso das artes, das ciências, da alta literatura e dos conhecimentos⁷⁴.

Os debates entre Howard e Lovecraft concernente aos rumos da civilização de sua época são bastante representativos e existem inúmeras cartas entre ambos sobre tais assuntos de cunho político, social, econômico e, claro, filosófico e civilizacional. É marcante, entretanto, uma das primeiras correspondências, de 1930, quando Howard explica o que poderia ocorrer naquele ano pós quebra da bolsa de valores de 1929.

Você está fazendo uma análise correta, visto que teremos que revolucionar inteiramente a economia se a nação continuar do jeito que está, e essa crise parece se situar entre o fascismo e o comunismo – ambos os quais detesto totalmente. E, sem dúvida, o mundo acabará como você bem diz, recuando até a barbárie - se algum ser humano permanecer vivo após a próxima guerra. Uma vez que o objetivo inevitável de toda a civilização é sua posterior decadência, parece que não vale a pena combater o longo caminho

⁷³ No original: *Concerning civilization and barbarism: I really think you are taking this matter a bit too seriously. You surely realize that I am not making any attempts to undermine or overthrow civilization! My personal feeling can scarletly matter much one way or the other. In fact, I think your resentment in this matter is based on a feeling that may attitude implies a deprecation of certain ideals and pursuits for which you have a passion. I believe that you feel you are defending your personal pursuits, preferences and ideals as much as civilization. Let me hasten to assure you that I have never intended to imply any deprecation of anything you value. I have never consciously utters a word of criticism of any of your personal preferences.*

⁷⁴ Não elencamos a carta porque estaríamos desviando-nos de nosso tema, mas a mesma pode ser averiguada no final da obra “*O Mundo Fantástico de H.P. Lovecraft*”, organizada por Denílson Ricci, publicada em 2016. A referida carta foi traduzida por Jonas Iemes Bertoldo Scherer.

da barbárie em primeiro lugar (HOWARD *apud* FINN, 2006, p. 145)⁷⁵.

No relato elencado, Howard evidencia seus temores quanto a uma guerra e quanto ao que parecia ser o recuo da civilização até a condição da barbárie, sendo, entretanto uma resposta aos temores de seu interlocutor, ou seja, Lovecraft. Robert Howard reiterava que o longo caminho até a barbárie talvez não valesse a pena combater e nesse ponto parece que o escritor estava demarcado o quanto ele via a barbárie como um recuo natural da civilização em casos excepcionais de crise.

Essa visão seria a que melhor expressava seu posicionamento no que tange a condição da barbárie, não como uma defesa política de que a civilização deveria necessariamente recuar até tal condição de forma geral, mas sim como uma demarcação de ser um fato inevitável ocorrer tal processo em caso de uma crise grave ou mesmo de uma grande guerra mundial. O relato da carta de 1935 para Lovecraft reverbera o mais bem articulado aspecto do pensamento de Howard sobre o assunto.

Quanto às minhas alegadas tendências “anti-humanas”, é bem verdade que criei certas fases da civilização moderna, de forma impessoal e inteiramente além das minhas preferências particulares. Embora a civilização, como um todo, seja indubitavelmente preferível a qualquer barbarismo (e não incluo a fronteira americana na categoria de barbárie, visto que se tratava de uma civilização substancial, altamente especializada em determinadas linhas). Não considero que a nossa civilização seja perfeita e reservei o direito (assim como você) de me opor e criticar certas fases que parecem ilógicas, defeituosas ou opressivas para mim; E quais conclusões eu chego através da observação, comparação e senso comum. Eu acredito que nossa civilização contém muitas farsas e hipocrisias que funcionam exatamente no oposto dos ideais e padrões que deveríamos representar e a defender. Eu acredito que essa civilização já passou por seu pico (exceto em seus modos mecânicos) e está recuando em vez de avançar em direção a um plano de vida mais elevado. Eu acredito que muitas tendências modernas são retrógradas e não progressivas (HOWARD *apud* DERIE, 2016, p. 44)⁷⁶.

⁷⁵ No original: *You are tight economics will have to revolutionize entirely if the nation is to continue, and the choice seems to lie between fascism and communism – both of which I utterly detest. And doubtless the world will eventually, as you say, sink back into barbarism – if any humans are left alive after the next war. And since the inevitable goal of all civilization seems to be decadence, it seems hardly worth while to struggle up the long road from barbarism in the first place.*

⁷⁶ No original: *As for my alleged “anti-human” tendencies, it is true that I have criticized certain phases of modern civilization, impersonally, and entirely apart from my own particular preferences. While civilization, as a whole, is undoubtedly preferable to any state of barbarism (I do not include the American frontier in the category of barbarism; it was a substantial civilization, highly specialized along certain lines). I do not consider that our civilization is perfect, and I reserve the right (just as*

A breve passagem evidencia em primeiro lugar o quanto Howard não defendia a barbárie em sua essência, desvelando o que seria a hipocrisia da civilização de sua época histórica, seja de forma genérica ou específica, de seu país ou de sua região e sua comunidade. Adotar alguma preferência por alguma civilização em especial, no entanto, não o fazia desconsiderar os aspectos positivos da barbárie como um contraponto a uma determinada civilização que para ele seria hipócrita e que se baseava em valores que poderiam significar uma mera farsa ou até não serem defendidos na prática por tal civilização.

Também é imprescindível não esquecer o Howard tratou da fronteira dos EUA como representando o espaço de uma civilização específica e não da barbárie no sentido literal, visto que era notória sua defesa quanto ao mundo da fronteira não significar um retorno ao estágio da barbárie. Em outras palavras, Howard não colocava diretamente a barbárie no mesmo estágio do ser e do estar na fronteira do oeste dos EUA, ainda que suas representações nas cartas às vezes se afastem de suas representações inscritas nas narrativas dos Ciclos de Conan, quando observamos aproximações de alguns aspectos da barbárie nas condutas dos homens da fronteira ou vice versa.

O mundo da fronteira representaria, ao contrário de uma visão literal sobre a barbárie, certa rusticidade presente nos homens da fronteira e em certos aspectos na condição dos homens mais próximos ao estágio de barbárie, podendo servir de exemplo para uma civilização que se encontraria em direção a sua própria decadência. Em outras palavras, o apego de Howard à barbárie seria relativo e isso em face de uma civilização igualmente relativa, a civilização de sua época e de seu contexto sócio histórico.

Terminamos esse capítulo evidenciando também o quanto é perigoso demarcar a totalidade das ideias de um indivíduo a partir de relatos escritos por ele mesmo em diários ou cartas. Nessas correspondências, por exemplo, o indivíduo, Howard retrata suas ideias para outras pessoas mediante algum tipo de objetivo,

you do) to object to and criticize certain phases which seem illogical, faulty or oppressive to me; which conclusions I arrive at through observation, comparison and common sense. I believe that our civilization contains many shams and hypocrisies which work in the exact opposite from the ideals and standards they are supposed to represent and uphold. I believe that this civilization has already passed its peak (except in the mechanical way) and is receding rather than advancing toward a higher plane of life. I believe that many modern trends are retrogressive rather than progressive.

visto que todos esses registros são construídos segundo critérios de demarcação de sua identidade e mais, de demarcação consciente de sua individualidade diante do outro, o que já serve como uma construção não linear de si mesmo, não sendo, portanto a simples expressão de suas ideias inconscientes ou de todo o seu ser.

Como bem acentuamos no primeiro capítulo, cartas e demais registros escritos são aspectos fragmentários e ordinários daqueles que os criaram, aspectos igualmente fragmentários e ordinários de suas vidas e ideias, sendo muitas vezes construções que pretendem conceber para outrem suas próprias identidades, não expressando, portanto tudo o que pensam, sentem ou tudo que são enquanto totalidades individuais (GOMES, 2004, p. 14).

Para critérios de entendimento de como esses registros são processados e como podem ser vistos, pode-se conceber a utilização do conceito de “teatro da memória”, visto que os registros constroem uma ideia de indivíduo como personagem de si mesmo, ou seja, como construção de si e que difunde uma ideia de pensamento de si, tal como gostaria que os outros o vejam (GOMES, 2004, p. 17).

Trabalhar com correspondências enquanto fontes históricas sobre as ideias de um indivíduo, no caso aqui, de um escritor, pressupõe não considerarmos tais cartas como registro de uma totalidade individual (como se as cartas expressassem tudo o que pensava Howard sobre a barbárie ou a civilização), mas sim compreender a construção que esse autor fez de si mesmo nessas cartas, como veiculou suas ideias, crenças, valores e afins, além de critérios bastante pontuais de destaque.

Entre eles caberia elencar as condições em que as cartas foram escritas, para quem foram escritas, a partir de qual contexto, que assuntos eram tratados e porque eram tratados, que linguagem foi utilizada ou que tipo de assunto estava disponível no momento de produção das mesmas (GOMES, 2004, p. 20).

Cartas são, assim, um tipo de escrita que tem fórmulas muito conhecidas, porque aprendidas, inclusive nas escolas, como a datação, o tratamento, as despedidas e a assinatura, além de um papel mais apropriado, um timbre/uma marca, um envelope, uma subscrição correta. Têm também um certo ritmo que é descontínuo e cíclico, podendo se acelerar ou desacelerar de acordo com determinados acontecimentos e momentos da vida dos correspondentes. A escrita epistolar envolve o envio e o

recebimento de mensagens entre indivíduos, e uma observação básica é a que ressalta os múltiplos distanciamentos constitutivos dessa prática cultural. O primeiro a ser notado é o da distância no espaço e no tempo entre as ações de escrever e ler cartas: a distância entre os correspondentes que se encontram nesse lugar, físico e afetivo, constituído pelas cartas. Outro é o distanciamento entre o autor da carta e todos os acontecimentos narrados, principalmente os que têm nele mesmo o principal personagem. Ou seja, no momento da escrita, os acontecimentos/personagens narrados experimentam tempos variados, que podem se situar no passado (“ontem aconteceu...”, “você se lembra quando?”), no presente (“estou escrevendo esta carta...”) ou no futuro, nos projetos anunciados e planejados em conjunto (GOMES, 2004, p. 20).

Não foi e não é nossa intenção nesta dissertação nos debruçarmos com afinco sobre toda a correspondência de Howard, mesmo que estejamos nos utilizando de alguns enunciados extraídos das mesmas para tratarmos de temas que igualmente aparecem nas narrativas literárias originais de Conan. Ainda assim, as teorizações elencadas acima devem ser destacadas em razão de utilizarmos de enunciados de algumas dessas cartas de Howard, significando que não tomamos tais enunciados como expressões de uma totalidade discursiva do autor sobre os temas comentados.

Howard e Lovecraft, por exemplo, trocaram correspondências entre 1930 e 1935 e muitas dessas correspondências estão inseridas em um contexto de crise econômica grave em seu país e também em meio a debates entre intelectuais que estavam se afirmando perante outros de um círculo específico de escritores. Essas cartas elucidam alguns pontos das ideias de Howard sobre diferentes assuntos (o oeste, os EUA, a civilização, a barbárie, a fronteira), mas nosso estudo vincula-se as representações de Howard nas narrativas do personagem Conan, que dizem muito também sobre as ideias do escritor, ainda que de forma indireta.

Os enunciados extraídos dos Ciclos de Conan, de Howard são centrais no presente estudo e devemos evidenciar que nossa análise posterior desses enunciados, mais especificamente na segunda parte dessa dissertação versará especificamente sobre a fronteira entre civilização e barbárie, respondendo a aspectos das construções históricas acerca dos termos, bem como da literatura de fronteira oitocentista dos EUA e claro, de aspectos vinculados ao contexto histórico de Howard.

Na primeira parte dessa dissertação tratamos, portanto de alguns aspectos do homem e do escritor Robert Howard, a forma como ele foi retratado e representado por diferentes biógrafos, não esquecendo-nos das representações que ele mesmo estabeleceu sobre si mesmo e de seu contexto histórico, não somente do que pensava de sua época e de seu país, mas também de algumas idealizações que ele fazia do oeste selvagem estadunidense do mundo oitocentista, especificamente o Texas e regiões próximas.

Tratamos da construção de muitos de seus personagens, incluindo Conan, o mais conhecido e popular de suas criações literárias, especificando como ocorreu o processo criativo do personagem e como o próprio Howard abordou tal fato, com um forte teor literário e ficcional. Com isso, igualmente evidenciamos alguns aspectos do contexto histórico do autor nessa primeira parte, as características de sua escrita e, claro, as relações existentes entre história e literatura, o que demarca a natureza do presente estudo.

Na segunda parte a seguir versaremos sobre os enunciados dos Ciclos de Conan especificamente, dividindo novamente nosso texto em três capítulos. O primeiro versará sobre os termos “civilizado e bárbaro” ao longo da história, em diferentes tradições discursivas, o segundo tratará das construções howardianas sobre ser bárbaro e civilizado nas narrativas de Conan, finalizando o terceiro capítulo dessa segunda parte com uma leitura sobre o contexto do texano e sobre sua concepção de decadência civilizacional que levaria a necessidade de comportamentos mais rústicos, tão próximos aos dos homens da fronteira, que de certa forma aparecem nas narrativas dos Ciclos de Conan.

PARTE 2 – SITUANDO CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE NOS CICLOS DE CONAN DIANTE DO CONTEXTO HISTÓRICO DO ROBERT HOWARD.

CAPÍTULO 4

Bárbaro e civilizado em diferentes tradições discursivas ao longo da história.

Seguindo a perspectiva teórica da “análise crítica do discurso textualmente orientada” de Fairclough, estabeleceremos agora algumas ponderações sobre barbárie e civilização dentro do léxico, em suas múltiplas historicidades e tradições discursivas⁷⁷. Não realizaremos aqui qualquer digressão dos termos a partir da aceitação tácita de que são palavras fixas do vocabulário, visto que a análise do discurso textualmente orientada procura compreender amplos processos de lexicalização de termos e conceitos em dados contextos, designando “aspectos inteligíveis do mundo social e que se transformam em seus significados de tempos em tempos e em épocas distintas, bem como para grupos sociais diferentes” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 109).

“Ser bárbaro” e/ou “ser civilizado” nos Ciclos de Conan expressa significações específicas concebidas por Howard, convergindo ou divergindo com outras interpretações de longa duração histórica, imbuídas de suas respectivas historicidades e em constantes processos de (re) significação. Bárbaro e/ou civilizado são termos bastante utilizados por literatos, pensadores, filósofos, teólogos, historiadores e líderes militares ao longo da história e, nesse processo dinâmico do emprego dos termos, ambos foram sendo moldados por diferentes tradições discursivas até suas apropriações por Howard em suas narrativas literárias sobre Conan.

Não podemos deixar de considerar, portanto que um dos focos da análise do discurso textualmente orientada está exatamente nas “lexicalizações alternativas e sua significância política e ideológica, bem como sobre questões de relexicalização dos domínios da experiência como parte das lutas sociais e políticas” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 110).

⁷⁷ O termo, tradição, seguindo sua etimologia latina (*tradere*), pode ser interpretado como “tradução”, “transmissão” ou “transferência”, podendo expressar um conjunto de ideias ou representações de certos contextos históricos que são transmitidas e/ou transferidas adiante (MARQUES, 2008). É imperativo dimensionar as tradições discursivas apropriadas a *posteriori*, visto que, tal como demarcado por Fairclough (2016, p. 112), os textos são consumidos diferentemente e em contextos sociais distintos, sendo que as apropriações dependem dos modos de interpretação disponíveis pelos consumidores dos mesmos.

A prática discursiva - como indiquei anteriormente - envolve amplos processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso e de acordo com distintos fatores sociais (FAIRCLOUGH, 2016, p. 111).

Se as narrativas literárias de Howard convergiram ou divergiram das diferentes tradições discursivas que enunciaram e deram significados específicos aos termos, bárbaro e/ou civilizado, incluindo suas oposições e antagonismos, cabe agora compreendermos o modo como essas diversas tradições foram sendo abordadas desde sua gênese. Isso significa analisar os termos de acordo com diferentes tipos de discursos, para que possamos efetuar processos de comparações com o emprego de Howard, situando igualmente os fatores sociais e históricos de seu respectivo contexto, bem como a tradição textual da qual ele fazia parte.

Segundo consta no “*Dicionário da Civilização Grega*”, organizado pela helenista Claude Mossé (2004), o termo bárbaro⁷⁸ foi empregado inicialmente pelo poeta *aedo*, Homero como uma onomatopeia. A significação usual nas compilações de Homero e depois, nas *Historias* de Heródoto dizem respeito à forma como o estrangeiro, no caso específico, o não grego e todos aqueles que não falavam a língua grega seriam considerados em suas práticas sociais, culturais e em suas instituições pelos povos alocados em cidades-Estado da Grécia Antiga (MOSSÉ, 2004, p. 54).

Heródoto, sem dúvida foi quem melhor definiu, em um texto de natureza histórica, a imagem do bárbaro entre os gregos no Mundo Antigo, efetuando usualmente comparações contínuas dos bárbaros aos *polites*, os cidadãos que viviam nas *poleis*. Os gregos, por falarem uma mesma língua (mesmo que em suas variantes) e por adotarem aspectos específicos de uma cultura com pontos de convergência, fariam parte de uma mesma comunidade cultural e linguística, opondo-se aos bárbaros. Heródoto justificava, inclusive, seu empreendimento

⁷⁸ O termo latino, *barbarus* foi adaptado à definição grega anterior, mas permaneceu em nosso vocabulário, em razão de fatores históricos e linguísticos. (WOLFF, 2004). A esse propósito, Levi-Strauss (1976, p. 4) afirma que o termo “se refere etimologicamente à confusão e à desarticulação do canto das aves, opostas ao valor significante da linguagem humana”. O próprio termo não seria neutro (assim como o termo “selvagem”), representando aquele que vive na floresta, no mundo natural, portanto, longe da cultura propriamente humana. O bárbaro seria o ser meio animalesco, o que não pronuncia corretamente a língua humana (o grego), que “balbucia” como os demais animais, sendo aquele que não é humano no uso da linguagem.

narrativo diante da necessidade de compreensão dos “*grandes feitos*” realizados tanto pelos gregos quanto pelos bárbaros (MOSSÉ, 2004, p. 55).

Em uma obra intitulada, “*O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo*” (2005), Patrick Geary reitera o quanto Heródoto se colocou como o primeiro historiador verdadeiramente etnógrafo, tratando da cultura e da etnia dos povos (*ethne*) a partir de suas tradições religiosas, costumes sociais, línguas, culturas materiais, sistemas econômicos e regimes políticos, todos definidos a partir das suas respectivas “*etnogêneses*”, uma espécie de busca das origens míticas de cada povo (GEARY, 2005, p. 59-60).

Na perspectiva de Heródoto, a língua e o território marcariam os diferentes povos, reconhecendo nos bárbaros (os não gregos como um todo) alguns aspectos culturais que não reconhecia nos gregos, sem elaborar julgamentos pejorativos sobre os estrangeiros em suas elucubrações, fato esse que teria levado o historiador a ser chamado de “*barbarófilo*”, em razão de diferenciar o não grego do grego sem criar com isso interpretações pejorativas (GEARY, 2005, p. 63-64). Heródoto seria, portanto imparcial em sua etnografia histórica dos bárbaros, não criando uma narrativa de tipo nacional, no sentido de qualificação de um povo (o grego) em detrimento de outros (os bárbaros)⁷⁹.

François Hartog (2001), em um estudo considerado referência no que tange a obra de Heródoto, afirma que o historiador estabeleceu, no entanto, uma espécie de retórica da alteridade ao falar de gregos e bárbaros. Sua obra estaria marcada por um jogo de espelhos que situava o grego e os bárbaros em polos opostos, o primeiro imbuído de aspectos culturais específicos invertidos em relação aos segundos. Utilizando-se de conotações aparentemente não pejorativas para falar dos bárbaros, Heródoto os definia por suas práticas sociais e culturais inversas as dos gregos, não sendo apenas a língua o polo definidor da alteridade entre ambos.

Para traduzir a diferença, o viajante tem a sua disposição um número conveniente de inversões em que a alteridade se transcreve diante de si mesma. Entendemos que as narrativas de viagem seriam narrativas utópicas que recorreram abundantemente a construções de alteridades “transparentes” para o ouvinte ou o leitor da obra: não existia mais *a* e *b*, mas ao contrário, *a* como o

⁷⁹ Patrick Geary (2005, p. 65) reitera que Heródoto foi interpretado de forma bastante distinta pelo que denomina de “tradição etnográfica romana”, com nomes como Tácito e Plínio, o Velho fazendo parte desta respectiva tradição.

inverso de *a*; reconhecemos essa narrativa como figura privilegiada do discurso utópico, cujo projeto não é mais que falar sobre si mesmo (HARTOG, 2001, p. 332)⁸⁰.

Heródoto pretendia tratar da cultura e da história dos gregos, mas esse empreendimento foi realizado através da demarcação da alteridade cultural em relação aos bárbaros, uma espécie de descrição etnográfica marcada pela inversão da cultura grega em comparação à cultura dos persas, dos asiáticos em geral e dos africanos (incluindo lídios, fenícios, egípcios e citas). Por tais motivos, Heródoto se utilizou do jogo de espelhos enquanto um esquema retórico da alteridade que pretendia evidenciar para seus leitores os feitos do outro, ou seja, dos bárbaros.

Nesse esquema retórico, o historiador grego estabeleceu dois significados sobre o bárbaro, melhor dizendo, sobre o estrangeiro linguístico que se contrapunha de forma aparentemente neutra ao grego. O primeiro significado, um tanto destituído de juízos de valor aparente definia o bárbaro como o “eterno outro” que tinha modos e costumes completamente inversos aos modos e costumes dos gregos⁸¹.

O segundo significado, imbuído de uma tonalidade pejorativa, colocava o bárbaro (e especificamente os persas, que na época da tessitura da obra, estavam em constantes guerras contra os gregos) como submisso ao poder despótico de reis que se consideravam deuses, estando eles influenciados por sua *hybris*, uma espécie de orgulho irracional que ocasionava adorações desmedidas da parte dos súditos para com seus senhores e que, igualmente impedia a disciplina e a ordem no campo de batalha (HARTOG, 2001, p. 333-334).

Em outras palavras, o bárbaro era o outro em termos linguísticos, mas também cultural e comportamental, sendo igualmente um “outro inferior”, seja por não ser racional como o grego, por idolatrar déspotas como se fossem deuses encarnados, por não ser disciplinado na guerra e, principalmente, por ser orgulhoso

⁸⁰ No original: *Por traduire la différence, le voyageur a à sa disposition la figure commode de l'inversion ou l'altérité se transcrit en anti-même. On conçoit que les récits de Voyage ou les utopies y recourent abondamment, puisqu'elle construit une altérité "transparente" pour l'auditeur ou le lecteur: il n'y a plus a et b, mais simplement a et l'inverse de a; on conçoit même qu'elle soit la figure privilégiée du discours utopique, dont le projet n'est jamais que de parler du même.*

⁸¹ Claude Mossé (2004) afirma que Heródoto descreve os costumes dos bárbaros a partir de uma inversão dos costumes dos gregos. O exemplo dos egípcios é significativo, visto que, no relato de Heródoto está representado “que os homens egípcios ficam em casa enquanto suas mulheres vão ao comércio e fazem o varejo”, ou mesmo “os homens carregam seus fardos na cabeça enquanto as mulheres carregam nos ombros”, ou o célebre relato acerca de “os homens urinarem agachados e as mulheres urinarem em pé” (MOSSÉ, 2004, p. 55).

em demasia (HARTOG, 2001, p. 100-129). Um exemplo interessante de comparação entre bárbaro e grego no texto de Heródoto é mencionado por Todorov em sua obra de referência, *“O Medo dos Bárbaros, para além do choque das civilizações”*. Vejamos o excerto que se segue:

A respeito desse tema, uma página de Heródoto é particularmente esclarecedora. Ao ter vencido os persas, o chefe militar espartano, Pausânias, recebe o seguinte conselho de um grego: no desfecho de uma batalha precedente, os persas haviam cortado a cabeça do rei de Esparta e a tinham enfiado em um poste; para se vingar, ele deveria praticar o mesmo gesto. Com veemência, Pausânias rejeitou essa sugestão: “Tal ato convêm melhor a bárbaros que a gregos; mas até mesmo entre os bárbaros, nós o reprovamos” (TODOROV, 2010, p. 27).

No caso em questão, a oposição está estabelecida por uma espécie de moralidade elevada do homem grego frente a uma conduta desmedida dos bárbaros, mesmo em relação a inimigos vencidos. Como bem diz Todorov, “Pausânias abandona a relação de rivalidade e comporta-se como pessoa civilizada” (TODOROV, 2010, p. 28). A oposição, bárbaro e civilizado revela uma conduta ideal do ponto de vista moral, na qual o grego usualmente deveria cumprir. A conduta imoral do bárbaro funciona como oposição a conduta idealizada do grego, notadamente civilizado, sendo aquela reprovada de forma contumaz, especificamente por sua violência desmedida⁸².

Como uma síntese da visão de Heródoto, Todorov igualmente reitera que o texto do historiador grego possui duas oposições linguísticas na utilização dos termos, bárbaro e civilizado. A primeira reverbera um valor universal absoluto, sendo o bárbaro reconhecidamente desmedido em suas ações para com seus inimigos na guerra, estando o grego notadamente reservado e resoluto em termos morais. A outra oposição inclui apenas o domínio ou a falta de domínio da língua, no caso, da língua grega, o que parece ser uma construção neutra baseada em um valor relativo que apenas diferencia um povo, o grego, dos demais povos que conviviam com os mesmos no Mundo Antigo e que não falavam sua língua (TODOROV, 2010, p. 28).

⁸² O exemplo em Homero parece dizer muito acerca de condutas consideradas fora dos comportamentos típicos ideais, mesmo na guerra e mesmo da parte de um homem civilizado, sendo o exemplo de Aquiles em relação ao corpo de Heitor, uma atitude reprovável de um grego quanto ao respeito necessários aos ritos fúnebres (VIDAL NAQUET, 2002, p. 51-61).

A tradição discursiva do texto histórico de Heródoto chegou posteriormente aos romanos, ainda que o historiador e etnógrafo do século V A.C fosse sumariamente criticado por diversos pensadores da Antiguidade, muito em razão de seus métodos de coletar relatos orais em viagens a lugares distantes⁸³.

Os romanos, em dado contexto histórico (mais especificamente entre os séculos III e I A.C), influenciados por suas guerras de conquista, seus conflitos internos (tanto por terras como por direitos políticos), ou suas ameaças externas, reverberaram em diversas narrativas, a oposição entre bárbaro e civilizado. Heródoto, segundo relatou Arnaldo Momigliano (2004, p 66) impressionou o orador latino, Cícero, e esse o apelidou de “o pai da história”, provavelmente pelo caráter de *res gestae*⁸⁴ e de *magistra vitae*⁸⁵ que julgou reconhecer na obra do grego (FINLEY, 1989, p. 24).

Cícero, que não era propriamente um historiador, escreveu relatos sobre o passado romano e sobre a origem das instituições políticas da República romana (FINLEY, 1989, p. 47-56). Sua concepção de República vinculava-se a ideia mais geral de uma comunidade política ordenada por leis, por magistrados instituídos legalmente e instituições tradicionais criadas pelos antepassados da *Urbe* (CÍCERO, *De Republica*, Livro 1, Cap. 26), estando tal visão notadamente

⁸³ Momigliano (2004, p. 66) explica que os críticos de Heródoto, entre os quais, Tucídides, depreciavam seus métodos de coletar relatos orais para narrar fatos de passados distantes e sem a devida averiguação direta. Como que um historiador itinerante, Heródoto teria coletado, segundo seus críticos, mais mitos do que fatos verdadeiros, opinião essa sustentada por Tucídides, com seu método baseado na *autopsia*, que consistia em observar diretamente os fatos e os feitos humano para tratar de acontecimentos recentes, portanto passíveis de sustentação. A esse propósito, na visão de Momigliano, os críticos de Heródoto não souberam reconhecer seu humanismo e suas sutilezas, não apreciando o fato de que o historiador pretendia conhecer os feitos dos bárbaros (MOMIGLIANO, 2004, p. 67).

⁸⁴ A *Res Gestae* designa os acontecimentos em torno dos grandes feitos dos homens eminentes, normalmente os poderosos e/ou governantes de Reinos, cidades-Estado ou Impérios. Uma história dos reis e dos Príncipes, contada por eles mesmos ou executadas por apologistas em seus louvores, estando à história a serviço do poder. O primeiro Imperador romano, Augusto escreveu em forma de *Res Gestae*, iniciando a obra com as seguintes palavras: “Durante o meu sexto e sétimo consulado, depois de ter feito finalmente acabar as guerras civis, tendo assumido o supremo poder por consenso universal, transferi o governo da República, passando-o da minha pessoa às mãos do senado e do povo romano” (AUGUSTO, *Res Gestae*, Cap. 34)

⁸⁵ A concepção de Cícero de uma história “mestra da vida” e “fornecedora de exemplos do passado” para os homens do presente (CÍCERO, *De Oratore*, 2, 36), tornou-se conhecida entre os romanos. Não se tratava de uma defesa original, visto que na Grécia tal concepção já existia, desde Heródoto. O prefácio das *Histórias* de Políbio destaca a função do estudo do passado nesses mesmos termos, empreendimento retomado mais tarde por historiadores romanos do porte de Salústio, Tito Lívio e Diodoro da Sicília. (HARTOG, 2001, p. 171).

influenciada por Platão, Políbio e em alguns pontos, pelo próprio Heródoto (FINLEY, 1989, p. 127-141).

Esse último fizera questão de enunciar em sua narrativa o caráter perene das *poleis* gregas, notadamente associadas à ideia de comunidades políticas isonômicas e independentes entre si, afirmando de forma categórica que “a maioria das cidades que antigamente eram grandes tornaram-se pequenas; e as que, em meu tempo, eram grandes, antes eram pequenas” (HERÓDOTO *apud* HARTOG, 2001, p. 47).

A partir dessa categorização, Cícero comumente expressou seus temores quanto ao auge e posterior decadência da comunidade política romana, ou seja, a possibilidade do que denominou de *Inclinata Res Publica*⁸⁶, principalmente diante de seu contexto histórico do século I. A.C, marcado por crises políticas e disputas oligárquicas, tanto entre integrantes das elites cidadinas romanas, como entre magistrados, comandantes militares e o próprio senado da capital imperial (MAZZARINO, 1988, p. 25; WALLACE-HADRIL, 1997, p. 3-22)⁸⁷.

Mesmo que o orador latino estivesse tratando de aspectos que considerava ser a decadência dos costumes ancestrais romanos (*mos maiorum*), parece-nos, a luz de suas considerações, que a República, marcada pela *libertas civitas*⁸⁸ fora considerada um modelo ideal de entidade político-social em tempos imemoriais e que, a qualquer momento, poderia entrar em decadência por seus próprios defeitos

⁸⁶ Trata-se do medo ciceroniano de que o século I. A.C, época em que o orador viveu, estaria passando por uma crise insolúvel e que poderia levar ao fim da República, ou seja, da própria comunidade política romana (MILES, 1995, p. 95-109).

⁸⁷ Processo contínuo de conflitos civis e políticos entre instituições romanas e mais especificamente entre grandes líderes e generais romanos que viveram no século I A.C. Trata-se da época de Cícero, de Cneu Pompeu, Marco Licínio Crasso e os mais conhecidos generais ou líderes políticos de Roma, destacando-se Júlio César, Marco Antônio e Otávio Augusto. De fato, é quase consenso entre historiadores da Antiguidade que as chamadas guerras civis do século I A.C, em Roma levaram ao advento do regime dos césares, ou mais especificamente, o Principado (VASALY, 1997, p. 204-205).

⁸⁸ Segundo Fábio Joly (2003, p. 112-115), o historiador Tácito defende o ideal de *libertas* (liberdade) republicana em oposição à *servitus* (escravidão). A *libertas* seria entendida, porém como liberdade de expressão no contexto de uma estrutura poliarquica, ou seja, liberdade total da palavra restrita a *nobilitas* (a elite romana) e parcial no que se refere ao restante do *populus* (o povo, ou seja, todos os cidadãos). A *civitas*, por sua vez seria a expressão da cidadania plena romana, definindo-se como a condição daqueles que detinham plenos direitos. Assim a República Romana seria marcada pela presença da cidadania plena, uma *libertas civitas*, ao mesmo tempo em que se constituía como o regime político específico vinculado à existência de magistrados, senado e assembleias do povo.

internos, ou seja, sua corrupção e seus conflitos políticos (guerras civis), sendo por fim destroçada como tantas outras comunidades políticas antes dela⁸⁹.

Novamente, Patrick Geary (2005, p. 57-70) trata da oposição discursiva entre civilizado e bárbaro no Mundo Antigo, mais especificamente entre os pensadores romanos. Afirma o estudioso que os romanos estabeleceram uma ideia arraigada sobre sua própria civilização, como se fosse caracterizada por sua política constitucional e pela cidadania de seus membros enquanto *populus romanus*, ou seja, um povo marcado pela existência de leis e instituições políticas bem definidas (GEARY, 2005, p. 66).

Na visão de uma ampla tradição de pensadores do porte de Cícero, Tito Lívio, Virgílio, Plínio e Amiano Marcelino, havia uma ideia difundida de que os romanos tinham uma história pregressa que os levou da condição natural até a condição de povo constitucional, enquanto que os outros povos, os estrangeiros, ainda estariam na condição natural, sendo definidos não por suas leis, mas por sua geografia de origem, sua cultura “ativa” e sua língua, inexistindo nesses povos da natureza a marca do ser civilizado, ou seja, da lei e da política entorno de regras constitucionais estabelecidas por dada comunidade (GEARY, 2005, p. 67).

O problema, é que o preço amargo a ser pago por ser uma Civilização/República baseada no ideal de *libertas civitas* era correr o risco de se reduzir a sua própria decadência ulterior, o que sugeriria a iminência de uma situação oposta ao governo regido por leis, magistrados, assembleias e demais instituições.

Teríamos aqui uma situação marcada, segundo Cícero pela ausência de qualquer regime político estável, visão essa anteriormente evidenciada por Heródoto, Aristóteles e Políbio, o último, responsável por estabelecer a noção de *ciclosicose* (as mudanças dos ciclos nas formas de governo e as crises geradas nas comunidades políticas por conta desse fato) para designar tal processo de auge e decadência dos regimes políticos conhecidos da Antiguidade (BOBBIO,

⁸⁹ Ao final de sua *Republica*, Cícero narrou um sonho do general Cipião Emiliano, destruidor de Cartago em 146 A.C, uma das personagens históricas retratadas nesta obra filosófica. Emiliano teria encontrado seu avô, Cipião, o Africano no respectivo sonho e o mesmo teria lhe explicado que os excessos e os vícios humanos seriam as causas primeiras das desordens da República. Nas palavras do orador: “as almas dos homens abandonados aos prazeres corporais fizeram-nos servos de suas paixões libidinosas e obedientes ao impulso de sua voluptuosidade, violando leis divinas e humanas, vagando errantes na prisão que se tornou seus corpos, agora doentes, tal como essa República que agora residem, em discórdia” (CÍCERO, *De Republica*, Livro VI, Cap. XIX).

1985, p. 48)⁹⁰. Sem designar diretamente em seu texto os termos, bárbaro e civilizado, Cícero deixou implícito que algum tipo de “barbárie interna” seria a doença social da civilização política romana⁹¹.

Fora esses temores que marcaram pensadores do porte de Cícero, havia uma tradição de “história nacional” e/ou “universal” em Roma: a primeira, preocupada em demarcar as origens das instituições que levaram Roma a se tornar a capital de um Império territorial. A segunda, centrada em expressar a superioridade dos romanos enquanto integrantes de uma República Universal ordenada e bem sucedida nos campos político e militar, comparando-os constantemente com as comunidades estrangeiras (MOMIGLIANO, 2004, p. 119-155).

Tanto Fábio Pictor, considerado o primeiro historiador romano a escrever (ainda que em grego) uma história das origens de Roma, no século III A.C (MOMIGLIANO, 2004, p. 125), como Políbio, uma espécie de refém originário de Megalópolis, na Arcádia, que ficou dezessete anos sob a tutela da casa dos nobres “Cipiões” (HARTOG, 2001, p. 119) expressaram a superioridade da civilização romana diante dos povos estrangeiros, usualmente empregando tonalidades pejorativas para com todos aqueles que não detinham a cidadania plena e que não faziam parte das instituições políticas romanas.

O historiador universal alça-se, de algum modo, ao ponto de vista da providência: ele vê a história, desde as origens, como a história

⁹⁰ Na visão de Aristóteles, as formas de governo poderiam se transformar assumindo formas negativas, seja com a tirania facciosa dos maus reis, com os excessos do povo ou com a confusão e a ganância da aristocracia, tornando-se nesse caso uma oligarquia. As formas simples de governo tornavam-se negativas quando os interesses privados daqueles que estavam no comando de uma comunidade se sobressaíam frente aos interesses de todos, ou seja, do bem comum. Se os governantes comandassem certos regimes ou governos para seus propósitos pessoais e benefícios, poderia haver a degenerescência da comunidade política, o que gerava sedição e o risco da comunidade se desagregar. Políbio, por sua vez retrabalhou essa concepção, na premissa de que se as constituições dos governos não fossem estáveis, a degenerescência ocorreria de qualquer forma, evidenciando um processo de auge e decadência civilizacional impossível de ser combatido, a menos que a comunidade pudesse conciliar todos os poderes na constituição mista, com a presença de senado, magistrados e assembleias populares, tal e qual, Roma em época de República (BOBBIO, 1985, p. 45-73).

⁹¹ Segundo Pierre Neraudau (1996), os estoicos latinos do final da República e início do regime conhecido como Principado (o regime dos Imperadores), dentre os quais, o próprio Cícero enfatizaram preocupações com a falta de ordem social e política na *Urbe*, efetuando analogias entre as doenças e seus remédios como metáforas das crises civis e suas superações. Isso significa que a comunidade regida pela lei seria destroçada, segundo o orador, pela condição da crise e dos conflitos políticos e civis, como se fosse parte de uma doença que colocava em risco a própria civilização republicana romana. A barbárie seria aqui uma doença social, ainda que não nomeada.

de uma única cidade. *Polis/cosmos* – uma versão historiográfica e universalista da famosa dupla romana *urbs/orbis*, em que, entretanto *Urbs* designa, bem evidentemente, apenas Roma. O historiador universal deve usar seu saber e seu esforço para tentar abraçar a totalidade do que aconteceu, desde as épocas mais antigas até seu próprio tempo. Longe de rejeitar o que passou do lado dos bárbaros e de recusar a mitologia, ele deve, ao contrário, incluí-los em sua narrativa (HARTOG, 2001, p. 141-142).

O empreendimento de demarcação dos feitos dos antepassados da *Urbe/Orbis*, Roma, bem como os feitos dos bárbaros (os não romanos) universalizou narrativamente o processo da conquista de Roma sobre os demais povos, sendo bárbaro todo aquele que deveria ser destruído ou conquistado pelo poderio romano, o que recolocava, sob “roupagens” imperialistas, a conhecida oposição entre bárbaro e civilizado de Heródoto.

Roma (*Urbe*) representava a República (comunidade política), munida de sua respectiva *civitas* e sua *libertas*, encarnando a civilização conquistadora imperial (*Orbis*) nos moldes ciceronianos e polibianos, enquanto que os estrangeiros, os bárbaros, eram os povos a serem destruídos ou conquistados. Roma integrava pela força o bárbaro, mesmo que os historiadores universalistas ensejassem, tal como Heródoto antes deles, contar os feitos dos mesmos – fosse os feitos ocorridos antes ou em meio às conquistas (HARTOG, 2001, p. 189-206).

A história universal estava a serviço do poder político-militar romano e os significados dos termos bárbaro e civilizado faziam parte desses dois campos, guiando e/ou justificando a expansão imperial. Lembremos novamente as considerações de Farclough, evidenciadas anteriormente, quando expressou a relevância da análise crítica do discurso ao compreender as “lexicalizações alternativas e sua significância política e ideológica”.

Outro exemplo a ser destacado nos discursos de autores romanos diz respeito à relação implícita existente em seus enunciados acerca da decadência interna da civilização romana ante as ameaças externas representadas pelos bárbaros. Tal relação discursiva encontra-se, por exemplo, na narrativa histórica de Salústio ou nos poemas de Horácio, um dos escritores financiados por Mecenas, o mais importante conselheiro do Imperador Augusto⁹².

⁹²O pesquisador do Mundo Antigo Romano P.G. Walsh afirma que o historiador da época de Augusto, Tito Lívio teria expressado em sua obra, “*Ab Urbe Condita Libri*” um pretenso favorecimento dos deuses para com os romanos, o que seria uma garantia da proeminência da

Em uma atitude apologética relacionada ao Imperador, considerado pela tradição escrita de sua época como aquele que finalizou as guerras civis do final do século I A.C, Horácio representou diretamente a oposição entre bárbaro e civilizado, integrando a ideia de crise interna de Cícero e Políbio à política imperialista de Augusto e os temores quanto a uma decadência em tempos vindouros, caso as crises civis retornassem (MAZZARINO, 1991, p. 24-25). “No epodo XVI, Horácio fala – em termos polibianos – em ruína interna (*suis et ipsa Roma viribus ruit*) e ruína externa (*barbarus heu cineres insistet victor et urbem eques sonante verberabit úngula*). (MAZZARINO, 1991, p. 26).

Júlio César, conterrâneo de Cícero e pai adotivo de Augusto, efetuou um relato sobre suas próprias conquistas, afirmando em seu *De Bello Galico* (A Guerra das Gálias) que a anexação da Gália Transalpina começou quando os helvécios (um dos muitos povos germânicos do norte da Europa) decidiram se apoderar de uma região, que por acordos antigos entre gauleses e romanos, pertencia a Roma (CÉSAR, *De Bello Galico*, Cap. I). A descrição de César sobre os povos bárbaros germanos os colocava como homens eminentemente belicosos, selvagens, numericamente fortes, superiores a muitos na arte militar, munidos de glória e que possuíam a nítida intenção de buscar a supremacia por seu ímpeto cultural de constantemente atacar outros povos (CÉSAR, *De Bello Galico*, Cap. II).

Em outras palavras, a ameaça externa dos bárbaros era uma constante na tradição escrita romana, em seus mais variados gêneros discursivos e contextos históricos, estando o bárbaro relacionado ao homem selvagem ou cruel que ameaçava a civilização romana, muito em razão de possuir uma cultura eminentemente agressiva. Na visão de comandantes militares do porte de César, por exemplo, para que os bárbaros não destruíssem sua civilização, seria preciso combatê-los pela força das legiões, necessitando Roma de líderes militares fortes e aptos na guerra, ou seja, dos Imperadores (CANFORA, 2002, p. 201-218)⁹³.

Urbe diante de seus inimigos externos, os bárbaros. Segundo Walsh (1958, p. 361), Lívio julgara que tal vantagem fora adquirida em razão da demonstração da *pietas* dos cidadãos aos seus deuses tradicionais, no cumprimento dos ritos religiosos da comunidade política. Assim, na perspectiva do romano, o principal elemento aglutinador dos integrantes da *Urbe* em torno de um objetivo comum não seria a tão propagada *metus hostilis* (medo do inimigo) do historiador Salústio, mas o respeito e a devoção filial dos romanos aos seus deuses pátrios, equivalendo aqui a um aspecto de diferenciação dos homens civilizados em relação aos bárbaros (WALSH, 1958, p. 362).

⁹³ Chama nossa atenção a obra, “*Júlio César, O Ditador Democrático*”, de Luciano Canfora, publicada em português em 2002. Trata-se de uma referência sobre a conduta de César em seu

O que importa aqui é destacarmos que a visão sobre os bárbaros enquanto um conjunto de povos eminentemente selvagens, agressivos, belicosos e ameaçadores atravessou o mundo romano em diferentes momentos da tradição textual e da história imperial (iniciando-se ainda antes da ascensão dos primeiros imperadores, com Augusto), agregando-se as concepções cristãs posteriores (CROSSAN, 1994, p. 75-77). No devido tempo, os pensadores cristãos passaram a igualmente demarcar a oposição entre o bárbaro e o civilizado, de acordo com seus propósitos e suas concepções teológicas universalistas (MAZZARINO, 1991, p. 33-46).

Em um primeiro momento, a mensagem universalista do cristianismo não aceitava a cisão dos povos (bem como entre escravos e homens livres), reiterando a grande quantidade de línguas e culturas na humanidade criada por Deus (TODOROV, 2010, p. 29). Em uma passagem de São Jerônimo, em que citava o apóstolo Paulo, evidenciava-se a condição universalista dos povos, visto que Cristo teria regenerado todos os homens em sua paixão, fossem gregos, romanos ou bárbaros (TODOROV, 2010, p. 30).

Com o tempo, entretanto, a oposição entre o bárbaro e o civilizado iria se sobressair nos textos dos pensadores cristãos, principalmente diante das constantes invasões germânicas aos territórios do Império, a partir do terceiro século. Os povos oriundos de regiões distantes do norte da Europa eram cada vez mais vistos pelos cristãos como uma ameaça à sua comunidade, devido ao que atribuíam como sua crueldade e desumanidade (TODOROV, 2010, p. 30). A passagem abaixo evidencia a historicidade da tradição que definiu os bárbaros germanos como protagonistas da queda de Roma:

Na literatura mundial, o cristão do século III D.C, Comodiano, foi o primeiro a apresentar os germanos, mais precisamente os godos,

respectivo contexto histórico, aquele do século I A.C. Cânfora destaca que autores como Cícero, Tácito e Sêneca tiveram influência dos ideais gregos de liberdade, a partir da primazia das leis e de autoridades escolhidas livremente em assembleias, dentro de uma ideologia antimonárquica. Assim, a história da *Urbe* teria lhes ensinado a vislumbrar uma República livre, dentro do ideal de *libertas civitas*, uma comunidade triunfante aos olhos da elite, que aparentemente abominava os êxitos militares desmedidos de homens como César, adulado pelas massas e pretendentes a tirania. Nesse sentido seria muito difícil convencer integrantes das elites romanas a aceitarem governos autocráticos, a menos que os inimigos externos de Roma fossem muito poderosos e que os êxitos militares fossem associados às condutas e as capacidades de grandes generais do porte de César, o que acabou prevalecendo em termos de representação sobre as conquistas naquele contexto (CANFORA, 2002, p. 26).

como bárbaros protagonistas da queda de Roma. Sob o império de Décio, violento perseguidor dos cristãos, os godos invadiram e saquearam a península balcânica; em Arbitro, numa terrível batalha entre os pântanos, o próprio imperador morreu no ano 251; em 252-253 os godos foram à Ásia Menor, chegando até Éfeso (...). Ele (Comodiano) não conseguia aceitar que durante mais de dois séculos, grande parte do mundo romano tivesse permanecido surda à mensagem da fé cristã (MAZZARINO, 1991, p. 47).

Na tradição romana pagã, de modo geral⁹⁴, o bárbaro, considerado selvagem e belicoso deveria ser destruído ou conquistado e isso somente ocorreria se não existisse uma guerra civil no interior da *Urbe* e mais, se os Imperadores fossem chefes político-militares aptos e competentes para assegurar a supremacia da civilização romana sobre as periferias conquistadas, dentro da concepção de *pax romana* (paz romana) e seus vínculos com o tema da *bellum iustum* (guerra justa)⁹⁵.

Caso contrário, a queda de Roma estaria prevista, não somente em função de seus conflitos internos ou devido à corrupção dos *mores* (a moral dos antepassados), mas também em razão das constantes invasões bárbaras. A barbárie venceria, portanto a civilização, representada por Roma e seu Império Universal, eminentemente político, militar e territorial.

Entre os autores cristãos pós-século III, essa visão de auge e decadência de Roma com a participação do elemento bárbaro foi aos poucos sendo (re) significada, visto que, segundo pensadores do porte de Comodiano, a crise interna decorreria de dois fatores: em primeiro lugar, da existência do próprio paganismo

⁹⁴ E aqui reiteramos tratar-se de um conjunto de autores gregos e/ou romanos distintos e não cristãos que retrataram de alguma forma a oposição entre civilizados e bárbaros na Roma Antiga. Podemos elencar aqui autores do porte de Políbio, Salústio, Tito Lívio, Varrão, Cícero, Dionísio de Helicarnassos, Sêneca, Plínio, o Velho.

⁹⁵ Se tomarmos os escritos de Francisco Munhoz (1998) e de Klaus Wengst (1991) referentes à chamada *pax romana* e seus vínculos com o tema da *bellum iustum* entre os antigos romanos, destacaremos o duplo papel desse tema nos textos ciceronianos e cesarianos por exemplo. No primeiro caso, o de justificar a expansão romana perante os próprios cidadãos da *Urbe*, no segundo, o de conferir importância à tradição dos *ius festiales*, ou seja, referendar a sacralização das declarações formais de guerra com o propósito de criar condições de harmonia, ainda que baseada em uma espécie de paz armada hegemônica na relação entre centro dominador e periferias conquistadas, nas relações com os demais povos que entraram em contato ou estiveram em conflito com os romanos ao longo da história. Isso não significa, em hipótese alguma, a ausência de conflitos endêmicos entre os ditos povos das periferias imperiais (os bárbaros) para com a ordem central vigente, até porque, apesar de o Império ter “propiciado a integração econômica e cultural de muitos povos, foi incapaz de gerar uma verdadeira integração social, já que não baseou sua conquista em um único consenso ou qualquer paz geral, tal como muitas vezes atribuíram certos historiadores, pouco críticos com a documentação escrita legada da Antiguidade” (GUARINELLO, 2010, p. 123).

no interior de Roma, em segundo, diante das constantes perseguições dos Imperadores pagãos aos cristãos. Comodiano e mesmo outros autores cristãos, integraram a noção de decadência e queda de Roma ao paganismo existente no Império, tratando igualmente da problemática das perseguições aos cristãos por parte dos Imperadores. Esses pensadores situaram o pecado como um mal a ser combatido e as invasões dos bárbaros como uma prova de fé que evidenciava esse mal (MAZZARINO, 1991, p. 52).

A tradição escrita dos filósofos da patrística foi mais adiante ainda. Os fundadores dos principais dogmas da Igreja Cristã pós-século IV foram quem melhor integraram a concepção de “desígnios ou juízos” de Deus com as invasões dos bárbaros às fronteiras imperiais. O enunciado que se segue evidencia tal construção discursiva:

Santo Ambrósio falara em “inimigos externos”, os bárbaros, e em “inimigos internos”, os pecados e pecadores pagãos. (...) O conceito de decadência, já consubstanciado por um profundo sentimento de culpa, transformou-se no conceito de Juízos de Deus. E de “Juízos de Deus” está entretecida a obra histórica de Orósio, concluída em 418, ele que era um “presbítero” espanhol, muito afeiçoado a Santo Agostinho. Em sua pátria ele conhecera de perto as devastações e os horrores das migrações dos bárbaros. *“Eu vi os bárbaros”, dizia, “eu tive de evita-los por serem nocivos, adúlá-los por serem os senhores, rezar por eles apesar de infiéis, fugir deles enquanto tramavam insídias”* (MAZZARINO, 1991, p. 63).

Autores cristãos dos mais variados, como Santo Ambrósio, Orósio e Santo Agostinho demarcaram a relação intrínseca entre a decadência de Roma (enquanto um Império edificado pelos homens) com as invasões bárbaras, como se tais invasões expressassem a trama histórica tecida pela divindade para que o paganismo fosse apagado e derrotado da história e para que o cristianismo pudesse prevalecer, mesmo em caso de o Império na terra deixar de existir enquanto comunidade política territorial (MAZZARINO, 1991, p. 46).

O bárbaro, mais especificamente o germano, era considerado eminentemente selvagem e cruel, não somente por possuir uma cultura agressiva, mas por representar o paganismo, enquanto que o romano seria o ser civilizado, desde que convertido ao cristianismo. Segundo a tradição textual da patrística, a fé cristã dos romanos estava sendo testada por Deus, sendo as invasões dos

bárbaros o plano secreto da divindade que levaria a vitória final do cristianismo sobre o paganismo.

A concepção cristalizada de Império Universal territorial da tradição pagã anterior deu lugar a um discurso de formação da identidade cristã, uma situação consolidada na Idade Média sob a designação de cristandade, na qual o sentido de comunidade estaria para aquém de qualquer Império secular, político, militar e territorial (LE GOFF, 2008, p. 95-96).

Talvez Roma não morra, se os romanos não morrerem. E eles não morrerão se louvarem a Deus; morrerão se blasfemarem. De fato, o que é Roma senão os romanos? Não se trata de pedras e madeira, de altos quarteirões e altas muralhas. Estas foram feitas para eventualmente serem destruídas. Ao edificar, o homem colocou pedra sobre pedra; ao destruir, separou pedra sobre pedra. Um homem fez aquelas coisas (pedra e madeira e quarteirões e muralhas); e um homem as destruiu. Injuria-se Roma porque se diz que está prestes a cair? Não, não se injuria Roma, e sim seu artifice. Que raiva dos povos estrangeiros, que crueldade de bárbaros pode ser comparada aos danos das guerras civis? Os godos pouparam tantos senadores que é de surpreender que tenham matado alguns (SANTO AGOSTINHO apud MAZZARINO, 1991, p. 77).

O bárbaro era cada vez mais o pagão a ser combatido pelo cristão, enquanto que esse último passava a ser parte integrante de uma mesma comunidade religiosa, desde que convertido. Não se tratava mais de uma comunidade política ou cívica liderada por uma autoridade imperial (ainda que os reis ou Imperadores fossem posteriormente considerados os representantes de Deus na terra, se e quando convertidos), mas sim de uma civilização cristã universal, agregada diante as próprias invasões bárbaras (LE GOFF, 2008, p. 157-169).

Mesmo que inimigos da cristandade em formação⁹⁶ os bárbaros eram considerados os artifices secretos dos “desígnios” ou “juízos de Deus” e logo,

⁹⁶ Átila, rei dos Hunos, foi amplamente mencionado pela tradição escrita romana, já cristianizada. Tido como um dos maiores inimigos da humanidade e da cristandade de sua época, o século V, Átila receberia de um eremita anônimo o epíteto de “*O Flagelo de Deus*”. O embaixador trácio, Prisco, que esteve na embaixada bizantina junto ao rei huno o colocava como um ser selvagem, ainda que vigoroso, um homem terrível, ainda que humano e superior a outros tantos senhores de sua época, em alguns momentos sendo visto até como um libertador dos puros devido aos altos impostos cobrados pelo Império Romano da época. A tradição cristã podia tomar os hunos de Átila como parte de uma espécie de “provação de Deus”. O próprio termo “flagelo” podia significar a “mão de Deus” que pulverizava os impuros e os infiéis, ou seja, os poderosos que oneravam os súditos e o próprio clero (MAZZARINO, 1991, p. 74-76).

muitos deles se converteriam ao cristianismo, integrando-se a comunidade cristã que originalmente combateram. “O propósito de Santo Agostinho estava inserido na situação de sua época. O Império Romano era atacado por duas espécies de inimigos, os bárbaros e os hereges pagãos” (LE GOFF, 2008, p. 108).

Essas concepções de vinculação da barbárie ao paganismo ou mesmo às heresias se tornaram o centro da oposição entre o ser bárbaro e o ser civilizado na tradição cristã. Essa tradição representou igualmente a relação intrínseca entre a justificação da guerra contra o bárbaro e a necessidade de vitória da civilização cristã sobre a barbárie, visão essa que se tornaria marcante na Idade Média europeia ocidental (LE GOFF, 2008, p. 109). De certa forma, o cristianismo, tornado religião de Estado Romano a partir do século IV, não mais poderia se opor ao ato de guerra, tal como nos tempos de sua gênese e difusão inicial, visto que a civilização universal cristã (agora dentro de sua ortodoxia pós Concílio de Nicéia) estava “exposta a múltiplos ataques, por parte daqueles que eram chamados de bárbaros e/ou pagãos” (LE GOFF, 2008, p. 106).

As ideias de Santo Agostinho se associaram, portanto a concepção de guerra justa, como uma forma de confinar a guerra à autoridade dos reis e da Igreja (a *auctoritas*⁹⁷ de Deus ou daqueles investidos por Ele). A guerra justa em Santo Agostinho expressou uma legitimação da guerra perante a ameaça dos bárbaros contra a cristandade, representada pela célebre fórmula, de que “as guerras justas vingam as injustiças” (LE GOFF, 2008, p. 96). Esse ideal, aliás, seria apregoadado pelo papa Urbano II no Concílio de Clermont de 1095, quando conclamou os cristãos para as cruzadas contra os “infiéis muçulmanos” (LE GOFF, 2008, p. 107).

A tradição discursiva agostiniana, preponderante no final do Império Romano e em grande parte da Idade Média (re) significou, portanto a oposição entre bárbaro e civilizado. Tal oposição estava bastante inserida no campo da “Guerra

⁹⁷ O conceito da *auctoritas* foi estabelecido na tradição escrita pagã romana e mais tarde foi apropriado pela tradição cristã. Originalmente significaria a força simbólica de uma pessoa, grupo ou instituição específica no ato de tomar decisões e igualmente sancioná-las (Cf. PETIT, 1969, p. 35). Segundo as considerações de Andrew Wallace-Hadrill (1997, pp. 3-22), a *auctoritas* individual dos membros da aristocracia romana (principalmente a *nobilitas*) estava vinculada à obtenção de cargos institucionais e à exaltação dos feitos dos antepassados que integraram magistraturas importantes, um atributo que dependia do emprego de instrumentos de poder que se mostrassem benéficos à comunidade política. Na tradição cristã, o termo é cada vez mais associado à autoridade eclesiástica, ou seja, a condição dos membros do clero de tomarem decisões legítimas sobre questões religiosas ou sobre os desígnios de Deus referentes a seus fiéis da cristandade (LE GOFF, 2008, p. 98).

Justa” ou mesmo no terreno da definição religiosa do nós/cristãos contra os eles/pagãos ou eles/hereses/ infiéis.

Na Idade Moderna, em tempos de Grandes Navegações, de Colonialismo, Renascimento Cultural e Iluminismo, outros significados foram sendo concebidos aos respectivos termos, retomando-se a fronteira entre bárbaro e civilizado sob os auspícios de concepções filosóficas e políticas marcantes, ainda que o aspecto religioso também se sobressaísse.

No século XV, diante das grandes navegações e da empresa colonial dos reinos absolutistas europeus, os nativos americanos, os indígenas, passaram a ser qualificados como bárbaros e/ou selvagens por autores europeus⁹⁸. A noção de “*Guerra Justa*”, encontrada anteriormente em Santo Agostinho e depois, na obra do jurista Hugo Grócio⁹⁹ foi adaptada pelos colonizadores como justificação da submissão de tribos de índios “hostis” a colonização e/ou ao processo de catequização católica dos padres jesuítas (TODOROV, 1981, p. 89)¹⁰⁰.

⁹⁸ E nesse ponto existe uma ambiguidade muito interessante nos relatos dos espanhóis, principalmente quando tratam dos indígenas mais sofisticados em suas organizações sociais e políticas. Espanhóis do porte de Hernan Cortez, conquistador de Tenochtitlan e do Império Asteca, mencionam em cartas para o rei da Espanha o quanto os nativos eram ao mesmo tempo selvagens, mas civilizados em alguns aspectos de sua cultura e hábitos. Vejamos as palavras de Todorov (1981) sobre o assunto: “Quando Cortez deve emitir um julgamento sobre os índios do México, será sempre para aproximá-los dos espanhóis; há nisso mais do que um procedimento estilístico ou narrativo. ‘Numa de minhas cartas informava Vossa Majestade de que os naturais deste país são muito mais inteligentes do que os das ilhas; que seu entendimento e sua razão deles nos pareceram suficientes para que eles possam se comportar como cidadãos ordinários. Nos comportamentos e relacionamentos, essa gente tem quase os mesmos modos de ver que na Espanha, e há tanta ordem e harmonia quanto lá; e, considerando que são bárbaros e tão afastados do conhecimento de Deus e da comunicação com outras nações racionais, é uma coisa admirável ver a que ponto chegaram em todas as coisas’. Como bem evidencia Todorov ao final do excerto: Note-se que, para Cortez, as relações com uma outra civilização podem explicar um alto nível de cultura” (TODOROV, 1981, p. 71).

⁹⁹ O tema da guerra justa possui uma longa dimensão temporal, levando a diferentes interpretações nos mais variados contextos históricos. Podemos citar o jurista Hugo Grócio, um dos primeiros a esboçar o princípio da guerra justa na Idade Moderna. Grócio considerava que a guerra não poderia ser invalidada pelo direito, visto que poderia ser lícita quando seus motivos fossem justos. Em sua opinião, a guerra somente poderia ser deflagrada por governantes reconhecidos e que ambicionassem a total aplicação do direito, “auxiliando na retenção das coisas úteis para a vida dos homens em comunidade” (GRÓCIO, 1925, p. 20 *apud* MACEDO, 2006, p. 8).

¹⁰⁰ Ainda assim, padres como o já mencionado Bartolomé de las Casas e até algumas leis da coroa espanhola enfatizavam que a guerra justa não poderia ser uma justificativa para escravizar ou massacrar os indígenas. Todorov (1981, p. 89) menciona que uma ordem régia, datada de 1530, de Carlos V. Tal ordem proibia sumariamente a escravização indígena mediante qualquer imperativo, mesmo em se tratando de casos de “guerra justa”. A Igreja utilizava-se dos mesmos imperativos e não é de estranhar tal fato visto que havia um embate entre colonos e padres, os primeiros utilizando-se de justificativas para a escravização dos nativos, os segundos tentando combater tais práticas com vias a catequização. O humanismo nessas proibições podiam sim evidenciar interesses de poder por parte do clero e mesmo da coroa.

Mesmo assim, cristãos fervorosos do porte de Bartolomé de Las Casas iriam relativizar ou mesmo negar a associação comum entre indígenas e bárbaros, afirmando, de forma categórica, que os espanhóis tinham superado os nativos em desumanidade (um qualificativo que passou a ser cada vez mais relevante na definição do bárbaro), em meio à conquista dos povos pré-colombianos (TODOROV, 2010, p. 30). Nada, aliás, que atrapalhasse as constantes significações e (re) significação do termo, bárbaro pelos europeus, segundo seus próprios interesses e em meio ao processo de colonização da América:

Alguns povos que Colombo encontrou eram considerados bárbaros porque viviam nus e desconheciam a escrita. Outros, como os astecas ou maias, visivelmente pertenciam a grandes civilizações complexas e urbanizadas, mas eram tidos como bárbaros porque praticavam uma religião cujos ritos incluíam sacrifícios humanos em massa. Mas em proporções muito maiores, e em nome da civilização cristã, todos esses povos foram reduzidos à escravidão, torturados e massacrados, e sua cultura, seus templos e suas estátuas foram destruídos pelos espanhóis, que, encantados com o outro, cometeram ali o primeiro grande genocídio conhecido da história moderna. Bartolomé de las Casas já observava: os espanhóis dizem que eles (os indígenas) são bárbaros, mas a barbárie dos espanhóis em *relação a eles é muito maior*. Quando finalmente reconheceram que os índios eram dotados de uma alma que os habilitava a civilização e à conversão cristã, não substituíram a mão-de-obra gratuita que representavam pelo tráfico de escravos trazidos da África negra? Foi então que começou o mais longo e racional empreendimento de barbárie da história moderna, o comércio triangular – em nome (novamente) da “civilização” que era preciso levar para além-mar (WOLFF, 2004, p. 27).

O excerto apresentado pelo filósofo Francis Wolff coloca algumas questões sobre a oposição entre bárbaro e civilizado no decorrer da Idade Moderna depois das Grandes Navegações. Em primeiro lugar, demarca a designação usual na época, os termos como expressões, objetos ou *locus* de comparação entre duas grandes culturas. As culturas complexas, representadas pelos europeus e as culturas “primitivas”, representadas pelos indígenas americanos em suas vestes e hábitos simples ou seu desconhecimento da escrita.

Em segundo lugar, o ser bárbaro representava aquele que comumente praticava sacrifícios humanos, como era o caso de maias e astecas. Esses povos, em teoria possuíam características culturais e políticas consideradas civilizadas, segundo um viés específico de que o ser civilizado era eminentemente urbano e

sua política era comandada por autoridades centralizadas e bem definidas. Na prática, tais civilizações seriam consideradas bárbaras pelos europeus em meio ao processo colonialista, visto que as mesmas praticavam sacrifícios coletivos contra outros homens, principalmente seus inimigos (lembramos aqui do trecho de Pausânias ao falar da falta de moral e desumanidade dos bárbaros na Grécia Antiga).

Em terceiro lugar, o texto estabelece a existência de críticas por parte de cristãos espanhóis do porte de Bartolomé de Las Casas quanto à desumanidade encontrada nos atos dos próprios espanhóis, que, apesar de se considerarem civilizados, praticaram verdadeiros genocídios contra os indígenas, sendo, portanto qualificados como bárbaros¹⁰¹. A barbárie estaria vinculada, portanto à desumanidade latente nas condutas, muito semelhante à forma como os autores cristãos da Antiguidade trataram os germanos invasores do Império Romano.

A diferença agora estava no fato de que a barbárie poderia existir dentro da própria civilização ou mesmo na cultura dos europeus conquistadores, mesmo que se considerassem civilizados por suas técnicas, seus conhecimentos e suas tecnologias. Por fim, a última crítica do excerto, direcionada a escravização dos negros africanos em época de neocolonialismo e imperialismo, sendo o termo bárbaro associado às ditas “raças não negras”, visto que os brancos conquistadores justificavam o ato da conquista dos africanos, como se os mesmos

¹⁰¹ Devemos lembrar que o estágio da barbárie atribuída pelos “civilizados espanhóis” aos nativos indígenas das Américas era comumente utilizado por pensadores, padres, bispos e demais integrantes do clero espanhol para defender o empreendimento da colonização a ser feito pelo Estado com o aval e participação da Igreja Católica. Tal empreendimento era realizado em prol da exploração do trabalho indígena, ou como parte do projeto de catequização daqueles nativos considerados aptos e dóceis ou mesmo na execução de massacres sobre aqueles considerados hostis, portanto avessos à civilização. Todorov (1982) evidencia diversas representações de espanhóis da mesma época de Bartolomé de Las Casas e a forma como eles justificavam os massacres, a exploração e a catequização forçada dos povos nativos da América. Vejamos um exemplo extraído do texto do autor: “Tal justificação da guerra é muito menos evidente do que gostaria Vitória, e, em todo caso, não diz respeito à reciprocidade: mesmo que essa regra se aplicasse indiferentemente a índios e a espanhóis, são estes últimos que decidem o sentido da palavra “tirania”, e é isso o essencial. Os espanhóis, à diferença dos índios, não são unicamente parte, mas também juiz, já que são eles que escolhem os critérios segundo os quais o julgamento será pronunciado; decidem, por exemplo, que o sacrifício humano diz respeito à tirania, mas o massacre não. Tal distribuição dos papéis implica que não há verdadeira igualdade entre espanhóis e índios. Na verdade, Vitória não dissimula; sua última justificativa da guerra contra os índios é perfeitamente clara a esse respeito (apesar de ser apresentada de modo dubitativo). Embora esses bárbaros não sejam completamente loucos, escreve, não são tão longe disso. Não são ou já não são mais capazes de se autogovernarem do que loucos ou até animais selvagens e bichos, haja visto que sua alimentação não é mais agradável e só ligeiramente melhor do que a dos animais” (TODOROV, 1981, p. 82).

merecessem a escravização, quando essa instituição representava um ato de barbárie dos ditos civilizados (TODOROV, 2010, p. 24-32).

Nesse ponto, o Renascimento Cultural foi menos incisivo e mais complexo na definição dos termos, bárbaro e civilizado, pelo menos se considerarmos um pensador renascentista bastante conhecido e representativo, Michel de Montaigne. Em um estudo sobre os indígenas brasileiros, Mércio Moreira Gomes (2012) afirma que o pensador francês foi um dos renascentistas que melhor refletiu sobre a admiração que sentia pelos povos nativos americanos, criticando comumente a concepção europeia corrente, que considerava os mesmos como selvagens e/ou bárbaros. Montaigne teria conhecido tupinambás oriundos do Rio de Janeiro levados à Paris e a partir do fato escreveu um ensaio intitulado de, “*Os Canibais*”, datado de 1574. No ensaio em questão, ele teceu questionamentos acerca da visão eurocêntrica corrente que considerava os nativos culturalmente atrasados (GOMES, 2012, p. 46).

Suas críticas giravam entorno do fato dos franceses serem governados por um menino, o delfim, futuro Luís XIII, enquanto que os indígenas americanos eram governados por sábios e experientes guerreiros. Além disso, afirmava que na França de sua época, havia pessoas muito ricas e muito pobres, enquanto que os índios trocavam todos os seus bens entre si, significando que os franceses tinham mais hábitos bárbaros do que os indígenas (GOMES, 2012, p. 47).

Em um artigo sobre os conceitos de civilização e barbárie, Maria Rita Kehl (2004) reiterou que Montaigne foi um dos grandes nomes da “*Época Moderna*”, ainda que seu pensamento não tenha se transformado em doutrina, tal como ocorreu, segundo ela, com Descartes. Montaigne, na visão da estudiosa foi “civilizador no melhor sentido do termo, pois trouxe a herança aristotélica para o seu pensamento” (KEHL, 2004, p. 114). Isso significa que o pensador considerou o diálogo como o melhor método de construção da verdade e mais, estabeleceu uma ética da modernidade, na qual, além do princípio da dúvida, o sujeito deveria se descentralizar de si mesmo, aceitando a alteridade como parte de uma ética que lhe permitisse compreender e aceitar o outro (KEHL, 2004, p. 115).

Em outras palavras, Montaigne foi civilizador não por entender que sua cultura, (a europeia, o ocidente, a francesa, qualquer que seja a escolha de identificação adotada) fosse superior às outras, mas sim por compreender que

existiam culturas tão ricas e interessantes quanto à dele, negando-se, portanto a qualificar de bárbaros os outros povos (fossem os indígenas, os africanos ou os asiáticos).

De certa forma, Montaigne teria sido preterido em sua época diante do processo colonizador e todas as “justificações” para as conquistas ou genocídios praticados pelos europeus naquele contexto, mas segundo Kehl, ele foi extremamente relevante na concepção contemporânea de que a barbárie não deve ser um qualificativo valorativo para diminuir o outro, o estrangeiro, seja em função das diferenças sociais ou culturais existentes (KEHL, 2004, p. 116). A barbárie, deveria ser, outrossim, um qualificativo valorativo ético para demarcar condutas desumanas de qualquer povo, comunidade ou mesmo civilização, incluindo a “nossa”.

Embora o termo civilização tenha se difundido para caracterizar o que diferencia as sociedades ocidentais modernas de todas as outras, seria muita pretensão identificar a modernidade, o Ocidente Moderno, com a civilização. A modernidade contém tanto “civilização” como “barbárie”. Contém sistemas de pensamento da certeza absoluta, que produzem fanatismo, intolerância e não comportam alteridade, e os sistemas de pensamento que não buscam a totalização e suportam a falta de uma verdade absoluta: esse é o pensamento que se abre para a alteridade (KEHL, 2004, p. 105).

O iluminismo do século XVIII conviveria com essa dupla definição. Por um lado, a visão corrente de progresso da civilização, que colocava a cultura europeia como o parâmetro representativo do ápice cultural das sociedades humanas, por outro, o questionamento às visões dogmáticas, sejam absolutistas ou religiosas, efetuando-se uma espécie de “desencantamento do mundo”, nas quais as religiões reveladas (as três grandes religiões monoteístas) seriam consideradas sinônimas do atraso civilizacional e de ignorância, “instituídas com uma única finalidade, qual seja, a dominação política por meio do logro e do engodo” (CHAUÍ, 2004, p. 159).

A crítica corrente poderia estar direcionada a autoridade divina do poder real de Jacques Bossuet e a forma como o cristianismo católico era utilizado como ideologia de justificação dos regimes absolutistas, evidenciando-se, portanto o

atraso civilizacional ainda vigente na Europa dos reis absolutos, marcada pela ausência de direitos individuais e pelas Guerras Religiosas¹⁰².

Ainda assim, iluministas diversos procuraram relacionar a ideia de progresso, tanto científico, cultural, moral, técnico, tecnológico à ideia genérica de auge da civilização, integrando ao termo um conjunto de instituições políticas e sociais do contexto europeu da Idade Moderna, processo muito semelhante, guardadas suas especificidades históricas, a aquele efetuado pela tradição pagã romana dos tempos antigos.

Segundo Marilena Chauí, a ideia de civilização surge no século XVIII. Suas raízes modernas remontam o período do humanismo, iniciado no século XV, com a ideia renascentista de dignidade do homem como centro do universo. Prossegue no século XVI e XVII com o estudo do homem como agente moral, político e técnico-artístico, destinado a dominar e controlar a natureza e a sociedade. Daí surge o homem civilizado, o homem como razão que se aperfeiçoa e progride temporalmente principalmente através das instituições políticas e sociais (TEGÃO, 2014, p. 143).

Iluministas do porte de Emmanuel Kant integraram sua filosofia da razão e da liberdade, por exemplo, ao avanço da cultura europeia, defendendo a educação como uma ferramenta imprescindível para que o homem alcançasse o verdadeiro conhecimento de modo a que progredisse rumo a um ideal de sociedade moral, finalidade máxima das civilizações humanas (NODARI, 2008, p. 11-29). Em sua filosofia, existia um ideal de progresso universal da humanidade como um todo, base do pensamento ocidental moderno, identificando-se com os ideais burgueses liberais do século XVIII (NODARI, 2008, p. 12-13)¹⁰³.

¹⁰² Na obra, *“Do Contrato Social”*, mais particularmente no Livro III, Capítulo VI, que trata do regime monárquico, Rousseau faz uma crítica severa ao direito divino do poder dos reis, de Bossuet. Afirma que os apologistas dos maus reis defenderiam que o “melhor remédio, dizem eles, é obedecer ao rei sem murmurar”, evidenciando ainda que para esses mesmos apologistas dos tiranos, “Deus dá os maus reis em sua cólera e devemos suportá-los como castigos do céu” (ROUSSEAU, 1999, p. 162).

¹⁰³ Em sua obra, *“Sobre a Pedagogia”*, Kant tratou da função da educação. Seu texto compunha-se de anotações de sala de aula ministradas por ele, compiladas e publicadas após sua morte. Na obra em questão, Kant desenvolveu alguns preceitos sobre razão, liberdade, disciplina e autonomia dos indivíduos, evidenciando paralelamente as diferenças entre civilização, barbárie e selvageria. O civilizado, segundo ele, eram os homens com uma moral superior e uma educação elevada, estando ele marcado pelas luzes, pela razão, enquanto que o selvagem eram aqueles homens em estágio natural, ainda destituídos de razão e conhecimento. Os bárbaros, por sua vez eram aqueles que negavam completamente a civilização, os saberes, as luzes e o conhecimento elevado da humanidade, sendo, portanto os piores tipos humanos.

Segundo o viés iluminista, a linha entre o selvagem e o civilizado estava demarcada pelo viés evolucionista, sendo o primeiro estágio atrasado e o segundo avançado, respectivamente – fosse culturalmente, socialmente, politicamente ou cientificamente –, enquanto que em Kant, por exemplo, a linha entre o bárbaro e o civilizado estava demarcada pelo conhecimento e pela moral superior do civilizado em relação ao bárbaro, esse último considerado eminentemente ignorante e imoral (WOLFF, 2004). O excerto que se segue, retirado de um dicionário de conceitos históricos desvela a visão iluminista no que tange a civilização em contraposição a barbárie.

A palavra civilização surgiu na França iluminista do século XVIII com um significado moral: ser civilizado era ser bom, urbano, culto, educado. Para os iluministas, a civilização era uma característica cultural que se contrapunha a ideia de *barbárie*, de violência, de selvageria. Além disso, ser civilizado era um ideal que todos os povos deveriam almejar, mas que poucos tinham alcançado (SILVA; SILVA, 2014, p. 59).

Até mesmo na guerra, o viés iluminista de delimitação da cultura civilizada superior à cultura dos bárbaros se tornou padrão, sendo Clausewitz o maior expoente da concepção entorno da “*guerra civilizada*” (KEEGAN, 2006, p. 19). Sua obra, “*Da Guerra*”, escrita e publicada no século XIX, herdou da tradição iluminista alguns pressupostos básicos que foram definidos por Clausewitz a partir de suas concepções políticas e militares, nitidamente eurocêntricas.

Por um lado, o estrategista prussiano estabeleceu a célebre fórmula das guerras entre Estados soberanos enquanto guerras racionais e civilizadas, expressando a “*continuação das relações políticas*” (KEEGAN, 2006, p. 20); por outro, ele difundiu a noção de que qualquer sociedade que adotasse práticas culturais guerreiras não delimitadas por imperativos políticos de soberania seriam sociedades especificamente bárbaras (KEEGAN, 2006, p. 21-22).

Em outras palavras, a oposição entre o bárbaro e o civilizado, segundo a tradição iluminista, esteve circunscrita a diversos campos: o moral, o cultural e o educacional (em Kant, por exemplo), chegando ao ato de guerra em si, considerada civilizada quando racional e política, tomada como bárbara quando circunscrita às guerras de pilhagens típicas de povos guerreiros específicos,

definição que em Clausewitz aparecia sob a conceituação de “guerra verdadeira” em contraposição a “guerra real”¹⁰⁴.

Um iluminista de peso a tecer considerações sobre o ser bárbaro em contraposição ao civilizado foi Jean Jacques Rousseau, com sua famosa construção do “*bom selvagem*”¹⁰⁵. Na obra de Rousseau, a crítica ao mundo civilizado foi estabelecida, sendo esse mundo aquele do século XVIII, em que os nobres e o clero detinham privilégios nas cortes absolutistas europeias em relação aos demais súditos dos reis.

O próprio Kant tornou-se admirador de Rousseau, chamando-o de “*Newton da Moral*”, evidenciando que seria necessário lê-lo várias vezes para compreender seu rico pensamento (FORTES, 1989, p. 11). A filosofia de Rousseau, no que concerne a civilização pode ser especificada, principalmente (mas não somente) em seus *Discursos*, um conjunto de pequenas teses escrita durante um concurso de moral na Academia de Dijon, em 1753 (FORTES, 1989, p. 40).

No segundo *Discurso* é feito um virulento ataque contra a civilização: o excesso de ciência e arte acaba por corromper o homem, tornando-o hipócrita, acentuando e generalizando seu egoísmo, jogando uns indivíduos contra os outros e, nessa corrida insaciável por mais comodidades, levando-os a se enredar em uma cadeia infernal de relações de submissão. Nascidas do orgulho humano e da humana ociosidade, as ciências e as artes acabam por consolidar esses vícios, ensinando aos homens não o cumprimento de seus deveres, mas a se enganarem mutuamente e melhor dissimulem suas intenções puramente egocêntricas (FORTES, 1989, p. 41).

¹⁰⁴Tal definição elucida muito bem a visão de Clausewitz acerca de a guerra representar a continuidade das relações políticas. Não seria qualquer guerra, mas a “guerra verdadeira”, marcada pelos ideais da cultura regimental, pela obediência total dos soldados aos seus chefes, pela disciplina, coragem, sacrifício, uma noção de honra militar, ou seja, a guerra orientada pelo Estado, notadamente perpetrada por exércitos formais disciplinados e dispostos no campo de batalha segundo critérios de honra guerreira. Tais guerras só ocorreriam mediante princípios racionais de declaração formal, estando os soldados a serviço do Estado e esse a serviço de imperativos políticos racionais. Tal visão difere do que o pensador da guerra chamava de “guerra real”, marcada pelo ímpeto da natureza, pela covardia dos atos de guerra, pelos interesses egoístas dos guerreiros, pelas pilhagens e roubos contra inimigos, pelas guerras a serviço de líderes tribais, ou seja, a guerra dos bárbaros que diferia da guerra civilizada, aquela que ocorria pelos já mencionados imperativos políticos e racionais. (KEEGAN, 2006, p. 35-36).

¹⁰⁵ Segundo Tegão (2014, p. 150), a ideia de “bom selvagem” estava em voga entre os iluministas do século XVIII e apesar de Rousseau construir sua própria teorização sobre o homem primitivo no estado da natureza, ele não foi o único a empregar o termo em seus escritos, empregando poucas vezes até de modo direto.

Rousseau estabeleceu uma crítica à visão corrente do Século das Luzes, de que a civilização, organizada enquanto sociedade civil era eminentemente superior às sociedades mais simples e/ou primitivas. Ele também intencionou demonstrar que o processo civilizatório consistia na “cisão entre a região do ser e do parecer ser”, evidenciando o modo como os homens representavam-se socialmente enquanto civilizados quando, na verdade se preocupavam apenas com suas paixões, privilégios e “objetivos puramente egoístas ou para melhor suplantar seus rivais na eterna luta pela satisfação do seu amor próprio exclusivista” (FORTES, 1989, p. 41).

Tratava-se de uma crítica, aliás, bastante datada, visto que seus alvos eram os nobres e os integrantes do clero, com todos os seus privilégios na corte absolutista francesa. Como em um exercício filosófico, Rousseau procurou construir uma linha histórica que abrangesse o progresso do modo primitivo dos tempos antigos rumo ao modo civilizado dos tempos modernos, relacionando a desigualdade das sociedades de sua época com a maldade e com o egoísmo dos homens civilizados, contrapondo-se principalmente a Thomas Hobbes no que tange as considerações sobre os homens primitivos no estado da natureza (TEGÃO, 2014, p. 152)¹⁰⁶. Essa crítica pode ser encontrada em um excerto do segundo *Discurso*, evidenciado abaixo:

Não iremos, sobretudo, concluir com Hobbes que, por não ter nenhuma ideia de bondade, seja o homem naturalmente mau; que seja corrupto porque não conhece a virtude; que nem sempre recusa a seus semelhantes serviços que não crê dever-lhes; nem que, devido ao direito que se atribui com razão relativamente às coisas de que necessita, loucamente imagine ser o proprietário do universo inteiro. Hobbes viu muito bem o defeito de todas as definições modernas de direito natural, mas as consequências que tira das suas, mostram que o toma num sentido que não é menos

¹⁰⁶ Importante reiterar que Rousseau é considerado aquele que deu início a filosofia naturalista, caracterizada pela ideia de que o homem em estágio natural seria essencialmente bom, muito em razão de ser transparente em suas relações sociais, sem o artificialismo criado pela civilização nas relações entre homens. Isso significa que o pensador iluminista evidenciava o quanto o aprendizado no mundo civilizado levava a calúnia, a mentira e a imoralidade, visto que seria o artificialismo civilizado que afastava o homem do estado natural, mais puro e mais verdadeiro segundo Rousseau. Também devemos destacar que suas considerações sobre os povos antigos eram mais especulações do que informações históricas, visto que o darwinismo é posterior ao iluminismo e visto que os pensadores europeus de sua época mais especulavam sobre os homens pré-históricos. Muito do que Rousseau conhecia dos povos que ele chamava de primitivos era com base nas informações trazidas por viajantes que mencionavam características e modos de vida dos povos indígenas americanos, utilizados por ele como exemplo do modo de ser natural (VASCONCELOS, 2012, p. 52-53).

falso. Raciocinando sobre os princípios que estabeleceu, esse autor deveria dizer que, sendo o estado da natureza aquele no qual o cuidado de nossa conservação é o menos prejudicial ao de outrem, esse estado era, conseqüentemente, o mais propício à paz e o mais conveniente ao gênero humano. Ele diz justamente o contrário por ter incluído, inoportunamente, no desejo de conservação do homem selvagem a necessidade de satisfazer uma multidão de paixões que são obra da sociedade (a civilização de sua época) e que se tornaram leis necessárias. O mau, segundo ele, é uma criança robusta. Resta saber se o homem selvagem é uma criança robusta. Hobbes não viu que a mesma causa que impede os selvagens de usar a razão, como pretendem nossos juristas, os impede de abusar de suas faculdades, como ele próprio acha; de modo que se poderia dizer que os selvagens não são maus precisamente porque não sabem o que é ser bons, pois não é nem o desenvolvimento das luzes (a razão, a consciência do ser pensante e racional), nem o freio da lei, mas a tranquilidade das paixões e a ignorância do vício que os impedem de proceder mal: *tanto plus in illis proficit vitiorum agnoratio, quam in his cognitivo virtutis.* (ROUSSEAU *apud* FORTES, 1989, p. 70-71).

Na perspectiva de Rousseau, Hobbes e outros autores europeus que depreciaram os povos primitivos ou mesmo que consideraram tais sociedades carentes de moral, efetuaram um retrato de si mesmos nos selvagens, enquanto uma “projeção de si mesmos no homem em estado natural” (FORTES, 1989, p. 44).

A pintura de imoralidade que retrataram era a do próprio homem civilizado, esquecendo-se ou negando o que parecia óbvio, segundo Rousseau, que os homens no estado na natureza não possuíam uma moral comum a nossa. Com isso, eles não poderiam ser taxados de maus, assim como não tinham nossos desejos e paixões pelos bens alheios, vivendo a partir do amor de si mesmos e seu instinto de sobrevivência, não possuindo, portanto qualquer interesse mesquinho pela propriedade alheia, fruto, segundo Rousseau, da origem de todo o mal da civilização moderna (TEGÃO, 2014, p. 153).

Nesse caminho, Rousseau foi estabelecendo sua concepção histórica de civilização, posteriormente adaptada e (re) significada pelo darwinismo social¹⁰⁷ do século XIX, pelo romantismo, pela literatura, pelo historicismo e positivismo, na

¹⁰⁷ O chamado Darwinismo Social foi prefigurado pelo filósofo inglês, Herbert Spencer. Ele se tornou conhecido por conjugar aspectos do darwinismo com o positivismo Comteano. Sua aplicação das teorias naturais na pesquisa social era uma fórmula para melhor compreendê-la, como se a mesma mimetizasse um organismo vivo. A premissa de Spencer girava em torno da ideia de que os melhores adaptados ao meio social seriam aqueles que ascenderiam socialmente (VASCONCELOS, 2012, p. 74-75).

qual os homens primitivos se encontraram inicialmente no estado na natureza até chegarem ao estado de civilização dos tempos modernos (FORTES, 1989, p. 60).

As associações livres e tribais dos primeiros homens foram conformando suas respectivas sociedades e a ausência de propriedade privada dos tempos iniciais não gerava neles o desejo pelos bens alheios ou mesmo a inveja, não existindo, portanto ganância e nem desigualdades sociais, o que impedia a cisão no interior das associações dos homens em estado natural. Vejamos alguns enunciados de Rousseau:

O primeiro sentimento do homem foi a sua existência, sua primeira preocupação a sua conservação. As produções da terra forneciam-lhes todos os socorros necessários, o instinto levou-o a utilizar-se deles. Essa foi a condição do homem nascente, essa foi a vida de um animal limitado inicialmente às sensações puras que, tão-só, se aproveitando dos dons que a natureza lhe oferecia, longe estava de pensar em arrancar-lhe alguma coisa. Tudo começa a mudar de aspecto. Até então errando nos bosques, os homens, ao adquirirem situação mais fixa, aproximam-se lentamente e por fim formam em cada região, uma nação particular, uma de costumes e caracteres, não por regulamentos e leis, mas sim, pelo mesmo gênero de vida e de alimentos e pela influência comum do clima. À medida que as ideias e os sentimentos se sucedem, que o espírito e o coração entram em atividade, o gênero humano continua a domesticar-se, as ligações se estendem e os laços de apertam. Cada um começou a olhar os outros e a desejar ser ele próprio olhado, passando assim a estima pública a ter um preço. Aquele que cantava ou dançava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais astuto ou o mais eloquente, passou a ser o mais considerado, e foi esse o primeiro passo tanto para a desigualdade quanto para o vício; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado, a vaidade e o desprezo e, de outro, a vergonha e a inveja. O que a reflexão nos ensina a esse propósito a observação o confirma perfeitamente: o homem selvagem e o homem policiado (civilizado) diferem de tal modo, tanto no fundo do coração quanto nas suas inclinações, que aquilo que determinaria a felicidade de um reduziria o outro ao desprezo. O primeiro só almeja o repouso e a liberdade, só quer viver e permanecer na ociosidade, e mesmo a *ataraxia* do estoico não se aproxima de sua profunda indiferença por qualquer outro objeto. O cidadão (civilizado), ao contrário, sempre ativo cansa-se, agita-se, atormenta-se sem cessar. O homem civilizado trabalha até a morte, corre no seu encalço para colocar-se em situação de viver ou renunciar a vida para adquirir imortalidade e bens; corteja os grandes que odeia e os ricos, que despreza (ROUSSEAU *apud* FORTES, 1989, p. 73).

A construção de Rousseau estabeleceu uma linha de progresso contínuo, na qual o homem primitivo, no estado da natureza avançaria rumo ao civilizado, com

seus marcos bem definidos; a criação das primeiras cabanas, a descoberta da agricultura, a utilização do ferro, a sedentarização, a origem da propriedade privada, o início do estado de guerra entre as comunidades e/ou cidades, surgindo outros vínculos sociais, marcados pelas “luzes” (a consciência e os saberes), mas também pela inveja, pela ganância, e pela auto representação de acordo com o *status*, a riqueza e o poder. O homem civilizado seria aquele que entrara em estado de guerra e de competição com os demais, diferentemente do homem primitivo (FORTES, 1989, p. 61-63).

De fato, Rousseau foi interpretado por outros pensadores em outros contextos históricos e essas respectivas interpretações se tornaram uma espécie de consenso sobre sua filosofia acerca do homem no estado natural. Voltaire, contemporâneo da filosofia das luzes, chegou a afirmar, com ironia, que Rousseau se empenhava em “querer nos tornar bichos” (FORTES, 1989, p. 10) ou até “nos fazer andar de quatro” (TEGÃO, 2014, p. 150).

Existe, portanto interpretações da obra de Rousseau que colocaram o homem selvagem pensado por ele numa situação de paz ulterior e de completa harmonia social uns com os outros e com o meio natural, como se o filósofo defendesse um retorno ao passado selvagem ou a uma condição idílica e utópica, quando de fato ele estava criticando o contexto sócio-político de sua própria época histórica. Se para ele o homem no estado de natureza era bom no sentido de não desejar as riquezas alheias, a civilização deveria tentar aprender com essa condição, não no sentido de mimetizar os hábitos e todas as normas desse homem, mas de adaptar aspectos positivos para com isso melhorar a moral da civilização de sua época (VASCONCELOS, 2012, p. 54).

Por um lado, Rousseau estava abrindo passagem para suas próprias teorizações sobre o contrato social (extraídas de John Locke), na elaboração de suas concepções de isonomia entre os cidadãos e de soberania dos mesmos em relação ao Estado. Por outro, ele estava tratando de uma hipótese de trabalho que buscava responder a premissa segundo o qual o homem seria educado no meio natural, não significando, portanto uma negação dos avanços da civilização, mas uma forma de solucionar alguns de seus males (TEGÃO, 2014, p. 154).

A literatura e a historiografia oitocentista, muitas das quais integradas às concepções liberais da época responderam de alguma forma e de acordo com

suas respectivas especificidades e objetivos a premissa de Rousseau quanto à existência de uma evolução histórica do modo selvagem ao civilizado, tomando emprestados os dois termos, civilizado e bárbaro de modo a inseri-los em fórmulas evolucionistas e nacionalistas (DEL ROIO, 1998, p. 82-100).

Desde o século XIX, historiadores e arqueólogos foram cada vez mais empregando a palavra civilização no plural, falando em civilizações, e o termo foi assim, aproximando-se dos conceitos de cultura, de povo, de Nação, e ganhando novos significados (SILVA; SILVA, 2014, p. 60).

Escritores e historiadores oitocentistas europeus integraram concepções genuinamente eurocêntricas e civilizatórias de base iluminista para demarcar os elementos de formação dos Estados-Nações, utilizando-se de termos associados (entre os quais, o de cultura, etnia, língua, e/ou povo) para uma definição acerca das ditas civilizações europeias enquanto culturas eminentemente nacionais, no sentido de configurarem-se como Estados-Nações.

De certa forma, tais Estados de base étnica, cultural e linguística foram sendo gestados, em termos simbólicos e ideológicos pela ação política de homens influentes e pela imaginação de autores românticos e nacionalistas do século XIX (entre os quais, historiadores, filósofos, arqueólogos e etnógrafos), ainda que tais Nações Imaginadas – seguindo-se a especificação conceitual de Benedict Anderson¹⁰⁸ – não sejam fenômenos totalmente arbitrários (GEARY, 2005, p. 28).

O que importa aqui é evidenciar que nesse processo complexo foram sendo criados diversos mitos de origem nacional para os diversos Estados político-

¹⁰⁸ Uma síntese da conceituação de Anderson pode ser encontrada na introdução de seu famoso estudo sobre Comunidades Imaginadas (2008). Na obra, o autor explica o que entende por “comunidades imaginadas”, de forma bastante didática e com um viés antropológico. Para Anderson, Nação seria uma comunidade política imaginada em razão de seus membros acreditarem na comunhão de várias culturas como se as mesmas fossem uma única, o que equivaleria a uma escolha de alguma cultura reconhecidamente hegemônica pela comunidade. Para ele, comunidades muito amplas ou maiores do que aldeias primordiais – em que seus membros se conheciam pessoalmente – não poderiam se constituir em outra coisa que não construções imaginadas, apenas aparentemente homogêneas diante das múltiplas culturas existentes entre seus membros ou grupos. Além disso, a Nação como uma comunidade imaginada tornava-se limitada diante de outras tantas comunidades existentes, “com suas fronteiras finitas, ainda que comumente elásticas”. Isso se daria porque “nenhuma nação imagina a si própria como tendo os mesmos limites que a humanidade” (ANDERSON, 2008, p. 25-26). Em outras palavras, o caráter subjetivo da Nação seria uma escolha entre pessoas de determinados grupos que procuram demarcar uma cultura hegemônica diante de outras tantas, de modo a sintetizarem aspectos considerados típicos ou a se diferenciarem daqueles considerados não pertencentes ao grupo.

administrativos e culturais de uma Europa em consolidação no que concerne ao estabelecimento de suas fronteiras.

O Estado Moderno, conformado dentro da ideologia política de seus ufanistas – enquanto expressão de determinadas culturas e dentro da lógica hegeliana de busca das origens comuns de determinados povos e etnias – se tornou o apanágio simbólico e identitário de entidades-político-administrativas que se consideravam eminentemente civilizadas, num sentido de expressarem a evolução histórica do modo primitivo dos antigos ao modo eminentemente nacional (e civilizacional) dos modernos (GERAY, 2005, p. 30). Abaixo, um excerto que expressa tal movimento:

Progressivamente, porém, a partir da Renascença, intelectuais da França, da Alemanha e do Leste Europeu começaram a se identificar com as vítimas da expansão imperialista romana, os gauleses, os germanos ou eslavos. Essa transformação de identidade se deu em contextos políticos que determinaram seus rumos. Na França renascentista, onde a continuidade da monarquia era notável, a realidade do Estado era inquestionável, mas não a existência de um povo unicamente francês. Na Alemanha, desde o século XI, alguns autores ocasionalmente aludiam a um povo alemão, mas, não havendo Estado alemão unificado, a identificação de uma cultura alemã não implicava necessariamente uma tradição política correspondente (GEARY, 2005, p. 32).

Nesse ponto torna-se relevante mencionar as análises de Hobsbawm em sua obra, *“Nações e Nacionalismo desde 1780”*, especificamente no que tange aos critérios utilizados no XIX para o estabelecimento dos Estados-Nações, muitos dos quais vinculados a fatores pretensamente objetivos, tais como língua, história comum, etnicidade, economia ou fronteiras estáveis, sem falar nos fatores subjetivos, dentro da já citada concepção de comunidades imaginadas.

Segundo o historiador, critérios pretensamente objetivos eram usados por ufanistas, literatos, historiadores para tentar escapar a definições subjetivas do tipo da de Ernest Renan, segundo o qual, “uma nação seria um plebiscito diário” (HOBSBAWM, 2011, p. 16). Isso significa que a literatura nacionalista oitocentista, guardada as especificidades e naturezas das obras, procurava estabelecer definições para as Nações recém-formadas, não somente pela consciência de seus membros participantes, mas por critérios que conformavam um dado povo (ou conjunção de povos) em dado espaço geográfico (HOBSBAWM, 2011, p. 17).

A Nação seria um fato a *posteriori* no que tange mesmo a seu estabelecimento e reconhecimento final dentro de um sistema internacional de países, ainda que o nacionalismo – que conformaria a consciência de um dado povo – fosse um fator a *priori*, melhor dizendo, anterior à Nação enquanto entidade territorial político-administrativa (HOBBSAWM, 2011, p. 18).

Pode parecer estranho que estejamos tratando aqui da formação do Estado-Nação, visto que nosso tema diz respeito aos termos, civilizado e bárbaro, mas quando compreendemos as conclusões de Hobsbawm referentes às Nações Modernas, nós consideramos possível o estabelecimento de vínculos entre a concepção de civilizações – enquanto expressão de povos e culturas aparentemente homogêneas – e de Nação, segundo alguns pontos específicos do modo de ver oitocentista.

Em primeiro lugar, o nacionalismo, ou seja, a aspiração de defesa da entidade coletiva que se define como povo ou etnia enquanto princípio aglutinador que sustenta a unidade política; em segundo lugar, a Nação enquanto entidade social originária e mutável, vinculada essencialmente ao mundo oitocentista em diante, ainda que seus integrantes se vejam como originários de uma história mais antiga, criando ou inventando elementos ancestrais (os mitos de origem) para justificarem a formação da referida entidade coletiva político-territorial administrativa; em terceiro, a aspiração de determinados povos em se estabelecerem como um povo homogêneo, vinculando-se a concepção de que elementos aparentemente objetivos existem nessa conformação e que esses elementos são basilares para a existência da Nação (HOBBSAWM, 2011, p. 18).

Pode-se citar de imediato a ideia de cidadania universal na França pós Revolução Francesa, ou mesmo a concepção de *volk*¹⁰⁹ entre os povos germânicos, como se os mesmos formassem uma espécie de comunidade unificada pela história comum, além, claro, da língua vernácula nacional,

¹⁰⁹ Segundo Hobsbawm (2011, p. 29), a palavra *volk* é comumente associada a povo e teria vinculações com as palavras derivadas de *natio*, ainda que tais associações sejam complexas. No alemão vulgar medieval, o termo *natie* (usado a partir da língua latina) não teria associação com o *volk*, que foi adquirida apenas no século XVI, significando nascimento ou grupo de descendência. Não é intenção aqui observar os diferentes significados dos termos, até por falta de leituras mais elaboradas de nossa parte, apenas especificar que esse sentido de entidade coletiva que acredita em uma descendência comum é vista, segundo Hobsbawm, como um elemento objetivo entre os integrantes de uma Nação-Moderna para explicarem porque são um único povo ou etnia e porque formam a Nação.

considerada tipicamente “do povo”, sem falar na noção de ideia de cultura nacional germânica, com todas as construções homogeneizantes existentes (HOBSBAWM, 2011, p. 18-19).

Um exemplo de como os historiadores ou etnógrafos do século XIX foram relevantes na definição da ideia de origem nacional mediante uma história comum e aparentemente mais antiga encontra-se na obra de Johan Gottfried Herder, que se baseou nos mitos de origem citados por Tácito para definir que o povo alemão existia desde a Antiguidade, como se os antigos germanos expressassem culturas livres e puras que se conformaram em associações diante do avanço romano. Isso significa que o povo germânico representaria uma antiga associação que se formou por elementos específicos, tais como os linguísticos-culturais, mas principalmente pela longa história de resistência contra o expansionismo romano (GEARY, 2005, p. 34-35).

Ora, temos com essa construção historiográfica, uma concepção de unidade, de antiguidade do povo em questão e mais, de continuidade histórica, como se os alemães do século XIX fossem herdeiros genuínos dos antigos germanos citados por Tácito em suas obras, *Germânia e Agrícola*. De certa forma, a finalidade da narrativa de cunho historicista¹¹⁰ de Herder, em seu caráter

¹¹⁰O historicismo pode ser caracterizado por uma conduta narrativista de certos historiadores, principalmente aqueles do século XIX, na Europa. Trata-se de uma conduta ou até uma “Escola Historiográfica” permeada pela ideia de existência de uma grande historicidade do devir, ou seja, pela noção de que a finalidade da história seria a formação do Estado-Nação, visto que o historicismo concebia que cada cultura nacional se desenvolveria necessariamente em Estado-Nação. Para os historicistas oitocentistas, o elemento subjetivo na história humana estaria circunscrito ao escrutínio das motivações dos grandes agentes da história, em especial, dos líderes políticos e/ou chefes de Estado. A narrativa historicista baseava-se nas consequências em torno das decisões de gabinete que se processavam a partir do tino pessoal dos respectivos agentes das elites políticas de uma dada comunidade, seus humores, carisma perante as massas, suas intenções e capacidades pessoais, na percepção do espírito da época, em tons hegelianos, comumente associado às vontades nacionais ou aos princípios das nacionalidades. Não havia, portanto, espaço para a memória do homem comum, para as representações subjetivas dos mais diferentes setores e grupos da sociedade, visto que esses eram apenas coadjuvantes dos acontecimentos históricos. Não importava para os historicistas oitocentistas compreenderem como os diferentes grupos sociais existentes pensavam sobre seu próprio passado, principalmente porque o passado real era único e inquestionável, objeto por excelência do conhecimento e da análise criteriosa do historiador cientificista, que utilizava o passado para compreender o espírito aglutinador da Nação ou a cultura nacional. O sujeito do conhecimento histórico buscava somente a inteligibilidade de um real existente antes mesmo de qualquer compreensão humana sobre ele. O horizonte historiográfico do historicismo estava limitado por esse olhar cientificista e narrativista, um olhar eminentemente circunscrito aos fatos políticos, às narrativas de cronologias lineares permeadas pelas ações e decisões dos agentes de Estado, as consequências das guerras e dos tratados diplomáticos, as decisões de bastidores dos governos dos Estados-Nações, tudo isso extraído de fontes oficiais após escrutínio metódico da linguagem inscrita nas mesmas. Nesse

teleológico seria a de explicar à formação da Alemanha mediante uma longa história de resistência dos germanos contra seus inimigos.

Temos aqui uma construção não muito diferente do viés iluminista e evolucionista entorno da passagem do modo bárbaro ao civilizado, visto que nessa construção, está implícito que os alemães civilizaram-se enquanto integrantes de uma Nação, ainda que tivessem uma origem bárbara. A barbárie germânica se tornaria uma civilização específica e essa se conformaria como Estado-Nação.

Geary (2005, p. 27 – 55) reitera que diante das guerras europeias – seja a Guerra dos Trinta Anos (1618 – 1648), com seus fundamentos religiosos e de disputas dinásticas (Habsburgo contra Bourbon), as Guerras Napoleônicas (1804 – 1815), com seus fundamentos imperialistas ou mesmo a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), com suas premissas nacionais (princípios das nacionalidades) – muitos intelectuais do porte de Herder foram exaltando fatos do passado realizados por determinados povos para demarcarem certas identidades comuns diante de uma Europa em ebulição, como se a epopeia nacional explicasse as causas finais da história das civilizações.

Hobsbawm (2011) vai um pouco mais adiante, afirmando que os fundamentos de formação dos Estados-Nações Modernos em termos simbólicos e ideológicos não estariam apenas restritos as disputas entre os poderosos chefes de Estado em suas guerras dinásticas ou imperialistas. Além desses conflitos, haveria a utilização, por parte das elites europeias, dos próprios sentimentos gerados pelas massas populares entorno dos levantes da “Era das Revoluções”.

O significado fundamental de nação, e também o mais ventilado na literatura era político. Equalizava o povo e o Estado à maneira das revoluções francesa e americana, uma equalização que soa familiar em expressões como Estado-Nação ou Nações Unidas ou a retórica dos últimos presidentes do XIX. Nos EUA, o discurso anterior preferia falar em povo, união, confederação, nossa terra comum, público, bem estar público ou comunidade, com o fim de evitar as implicações unitárias ou centralizantes do termo Nação em relação aos direitos dos estados federados. Na era das revoluções, fazia parte ou cedo se tornaria parte do conceito de Nação que esta deveria ser una e indivisa, como numa frase francesa. Assim considerada, a Nação era o corpo de cidadãos cuja soberania

ponto, os historicistas dialogavam com os adeptos da Escola Metódica Francesa e também com os adeptos do Positivismo Comteano, ainda que os historicistas enfatizassem aspectos mais nítidos das culturas nacionais e suas especificidades no processo de formação das Nações Contemporâneas (REIS, 2003, p. 147-176).

coletiva os instituía como Estado concebido como expressão política. A Nação incluiria o elemento da cidadania e da escolha ou participação de massa. John Stuart Mill não definiu a Nação apenas pela posse do sentimento nacional. Também acrescentou que os membros de uma nacionalidade, *'desejam que seja um governo deles próprios, ou de uma porção deles'* (HOBBSAWM, 2011, p. 31).

Novamente podemos observar sentidos tangenciados entre Estado-Nação e civilizações enquanto entidades coletivas territoriais e culturais específicas, visto que diante de determinados contextos históricos do mundo oitocentista, de guerras, revoluções e unificações de fronteiras, se afirmava novamente a ideia de existência de comunidades eminentemente constitucionais, cívicas e políticas.

No Mundo Antigo romano, tal como mencionado anteriormente, a civilização seria a organização coletiva baseada nas leis, na cidadania, nas constituições e nas instituições políticas do *populus* da *Urbe* (NERAUDAU, 1996, p. 167). Nesse mundo contemporâneo europeu, a afirmação se dava no rol do Estado-Nação e esse detinha elementos bastante semelhantes, do ponto de vista conceitual e semântico, aos elementos de uma civilização segundo o ponto de vista concebido na Antiguidade, em uma nova (re) significação do termo.

Intelectuais oitocentistas do porte do já mencionado Stuart Mill, por exemplo, procuraram afirmar a importância da escolha coletiva das massas na formação de suas respectivas Nações, massas essas soberanas que se viam como partes de uma entidade coletiva governada por agentes políticos reconhecidos. O termo, “civilizações” (preferencialmente no plural) era assim tangenciado pelo conceito de Estado-Nação, sendo esse afirmado pela cidadania de seus membros e pelos agentes políticos instituídos em meio às revoluções e guerras oitocentistas.

Logicamente que existem variantes linguísticas no século XIX, pelo menos no que tange aos termos, civilizado e bárbaro, e isso devido a outros fatores, sendo o chamado Neocolonialismo ou Imperialismo um dos processos mais relevantes no processo de definições paralelas dos supracitados termos. Novamente, Stuart Mill muito bem define a forma como as ditas Nações Modernas Civilizadas Europeias (e Ocidentais¹¹¹) deveriam tratar os demais povos do mundo diante do processo de avanço europeu sobre os continentes, asiático e africano:

¹¹¹ Não iremos tratar nessa dissertação do antípoda Ocidente *versus* Oriente, não por considerarmos tal debate pouco importante (muito pelo contrário), mas por se tratar de um debate que tangencia de outra forma a oposição entre civilização e barbárie. A oposição entre “Ocidente

Stuart Mill atualizou a questão proposta por Montesquieu da possibilidade ou não dos povos do Oriente serem capazes de sair da barbárie e do despotismo de um só, desenvolvendo o mesmo raciocínio: como é muito improvável que surja um legislador capaz de promover a ocidentalização (civilização) do Oriente, torna-se necessária a imposição do despotismo colonial que eleve os 'bárbaros' ao nível da 'civilização', leve o tempo que levar, mesmo que eles não queiram. Pode-se concluir que a 'condição' comum (e brevemente universal) dos povos atrasados é estar sob o despotismo direto dos povos mais avançados, ou sob sua total ascendência política (MILL *apud* DEL ROIO, 1998, p. 147).

O excerto reitera a tradição iluminista que tomou certos povos fora da Europa como eminentemente bárbaros e despóticos (e temos aqui alguns aspectos adaptados da construção de Heródoto) e que, por tais condições, deveriam ser obrigatoriamente civilizados pelas Nações Modernas europeias.

O termo civilização aqui volta a ser tratado no singular, visto que desvela o ideal iluminista de avanço de uma grande cultura universal, com seus conhecimentos científicos e tecnológicos, com suas instituições políticas e suas constituições, enfim, com seu modo de viver, nitidamente superior, segundo seus apologistas, aos dos povos estrangeiros do Oriente, nitidamente bárbaros e atrasados, aptos a serem civilizados pela força.

Podemos encontrar outros pontos de aproximação entre o conceito de Estado-Nação e de Civilização, mas agora segundo um viés econômico universalista e até capitalista. Hobsbawm comenta sobre a forma como Adam Smith, por exemplo, pensava a Nação Inglaterra, como sendo uma das civilizações mais avançadas da Europa em termos econômicos e, portanto, aquela mais apta a conquistar os mercados mundiais, nem que tivesse de se utilizar de meios militares para tais fins, conquistando diversos mercados e fontes de matérias-primas fora da Europa. Modernizar o mundo e torná-lo parte do sistema de “Nações Capitalistas”

Civilizado” e Oriente Despótico, o primeiro considerado moderno e democrático e o segundo bárbaro e atrasado, respectivamente, está implícito no texto de Heródoto e em diversas outras tradições discursivas que trataram de civilização e barbárie ao longo da história, muito presente, aliás, no viés iluminista e liberal da modernidade. “O que unifica a representação política do Oriente, gerada pela modernidade capitalista do Ocidente é a noção de despotismo, a chave a partir do qual todo o Oriente deve ser a um tempo conhecido, temido, inferiorizado e conquistado” (DEL ROIO, 1998, p. 82). Lembremos que na primeira parte dessa dissertação, quando tratamos do personagem El Borak de Robert Howard, evidenciamos como o autor construiu todo um ambiente de fronteira entre o mundo Ocidental e o Oriental em suas narrativas, tratando esse último como o ambiente do despotismo e do atraso civilizacional. A barbárie Oriental não parece ser reverenciada nas representações howardianas, o que torna tal debate relevante, mas claro, para algum outro estudo sobre as narrativas howardianas.

seria o mesmo que civilizar, nem que para isso fossem utilizados meios violentos e imperialistas contra os demais povos, considerados atrasados e bárbaros (HOBBSAWM, 2011, p. 37-39).

Devemos lembrar que Todorov reverbera uma importante diferenciação entre o termo civilização, no singular e o termo civilizações, no plural. O primeiro desvela uma condição moral ou uma atitude espiritual de toda a humanidade, em que a civilização se encontra no processo de evolução histórica (segundo um viés tirado da filosofia humanista e iluminista), enquanto que no plural, nós teríamos a concepção de existência de diferentes culturas, sejam de povos, Impérios, etnias específicas ou mesmo as Nações Modernas, como sendo expressões de vestígios associados à vida material e espiritual de determinada entidade coletiva cultural, político-administrativa (TODOROV, 2010, p. 37).

Como exemplo do primeiro caso, podemos citar a construção freudiana, quando o pai da psicanálise intenciona explicar a origem do que denomina ser o *“mal estar da civilização moderna”*, afirmando que os traços que melhor caracterizam a civilização humana seriam o “cultivo de atividades psíquicas mais elevadas, as realizações intelectuais, artísticas e científicas, bem como as especulações filosóficas da humanidade como um todo” (FREUD, 2011, p. 39).

O sentido no plural, ao contrário, possui tonalidades etnocêntricas e eurocêntricas nos quais diversos pensadores passaram a definir as civilizações a partir de aspectos culturais específicos, tais como a vivência em cidades, a utilização da escrita, os costumes e educação elevados, enfim, diversas práticas que serviriam para definir qualificativos de culturas superiores em comparação a outras, consideradas inferiores e, portanto, bárbaras (TODOROV, 2010, p. 38). Define, portanto aquilo que uma Nação Europeia deveria possuir ou já possuía para ser considerada uma das muitas civilizações nacionais existentes.

O mundo do neocolonialismo utilizou-se de ambos os termos no processo de conquista da Ásia e da África. O primeiro termo, civilização, foi utilizado para afirmar que existia uma verdadeira *“missão civilizadora”* que iria elevar (mesmo que pela força) os povos bárbaros como um todo. Já o segundo termo, civilizações, foi utilizado para afirmar que certos países europeus chegaram a uma condição política, econômica e cultural superior aos demais povos e entidades coletivas fora

da Europa e que, por tais motivos estavam aptos a levar a civilização até esses respectivos povos bárbaros (TODOROV, 2010, p. 39).

Ora, é mais do que notória a tese em torno do “*fardo do homem branco*”, de Rudyard Kipling uma rica fonte de expressão do Neocolonialismo do Império Britânico e sua dita “*missão civilizadora*” (FACINA, 2005, p. 1-8) O poema do prêmio Nobel de literatura trouxe tonalidades raciais aos termos, civilizado e bárbaro, na medida em que a Europa era o continente branco, diferentemente da Ásia e da África. Lembremos uma famosa passagem do famoso escritor do neocolonialismo:

Pegue o peso do Homem Branco
Envie o melhor que você cria
Até seus filhos ao exílio
Para atender a necessidade de seus cativos
Para esperar no arnês (armadura) pesado (a)
Em pessoas revoltas e selvagens
Seus povos capturados e maldosos
Meio-diabo e meio-filho
(KLIPING *apud* FACINA, 2005, p. 1)¹¹².

São deveras conhecidas as explanações de Claude Levi-Strauss no que tange a relação entre culturas, etnias, nações e raças, principalmente porque esse último termo, retirado da obra de Gobineau, um dos “pais das teorias racistas” estipulava a noção de que a pureza biológica (e morfológica) entre “brancos, negros e amarelos” seria um fator eminentemente positivo para o alcance do ápice da civilização humana (no sentido mesmo dado ao termo, no singular), sendo a mestiçagem entre as raças, ao contrário, um resultado negativo (STRAUSS, 1998, p. 2).

Levi-Strauss, criticando tal visão etnocêntrica de cunho racial, se esforçou para demonstrar que existiam mais culturas humanas, num sentido étnico e nacional (e costumeiramente ele usava os termos, indianos, ingleses, americanos, dentre outros), do que raças humanas e que essa diversidade das culturas se dava

¹¹² No original: *Take up the White Man's burden – Send forth the best you breed – Go bind your sons to exile – To serve your captives' need; - To wait in heavy harness, On fluttered folk and wild – Your new-caught, sullen peoples – Half-devil and half-child.*

não pelo isolamento histórico das mesmas (posteriormente transposto por contatos culturais), mas ao contrário, pelos constantes vínculos existentes, o que levava a diferenciações ou semelhanças acentuadas em função da demarcação de identidades e claro, de alteridades de diversas ordens (LEVI-STRAUSS, 1998, p. 3).

Mas este grande fragmento da humanidade separado consistia numa multidão de sociedades grandes e pequenas, que mantinham entre si contatos muito estreitos. E ao lado das diferenças devidas ao isolamento, existem aquelas, também importantes, devido à proximidade: desejo de oposição, de se distinguirem, de serem elas próprias. Muitos costumes nasceram, não de qualquer necessidade interna ou acidente favorável, mas apenas da vontade de não permanecerem atrasados em relação a um grupo vizinho que submetia a um uso preciso um domínio em que nem sequer se havia sonhado estabelecer leis (LEVI-STRAUSS, 1998, p. 3).

Algumas teorias racistas, segundo Levi-Strauss, nada mais seriam do que etnocentrismos históricos pertencentes às mais diferentes culturas existentes, visto que, em sua opinião, cada cultura teria sua forma própria de desqualificar as demais, utilizando-se de termos depreciativos para tratar de todos aqueles que não pertenceriam às mesmas, o que recolocava novamente os termos, civilizado e bárbaro na fórmula de identificação de “*si mesmo*” em contraposição aos “*outros*”, o estrangeiro cultural, linguístico, étnico e agora também, racial (LEVI-STRAUSS, 1998, p. 4).

É na própria medida em que pretendemos estabelecer uma discriminação entre as culturas e os costumes, que nos identificamos mais completamente com aqueles que tentamos negar. Recusando a humanidade àqueles que surgem como os mais “selvagens” ou “bárbaros” dos seus representantes, mais não fazemos que copiar-lhes as suas atitudes típicas. O bárbaro é em primeiro lugar o homem que crê na barbárie (LEVI-STRAUSS, 1998, p. 4).

Na visão do antropólogo, o problema das raças, definidas de forma bastante contraditórias pela mescla de traços biológicos, morfológicos e culturais que demarcariam os ditos superiores e inferiores - sendo o etnocentrismo europeu da época de neocolonialismo a mais complexa e elaborada construção racista até o XIX - vinculava-se a instituição “pseudocientífica” de um “falso evolucionismo”

homogeneizante que procurava negar as diversidades culturais existentes através de discursos maniqueístas, etnocêntricos e racistas.

Segundo Levi-Strauss, ao contrário dessa visão, as culturas humanas, em suas diversidades criariam definições distintas, sendo que tais diferenciações estariam relacionadas muito mais aos contatos cotidianos entre pessoas e sujeitos nas grandes cidades e países do mundo contemporâneo oitocentista do que propriamente no interior de discursos ideológicos de agentes poderosos do neocolonialismo europeu para justificar a conquista de certas periferias fora da Europa, com todas as suas riquezas naturais (LEVI-STRAUSS, 1988, p. 5-6).

De certa forma, a visão crítica ao processo colonialista europeu, tão bem exposta na obra, *“O Livro Negro do Colonialismo”*, de Marc Ferro¹¹³ em torno das ideologias civilizatórias enquanto estratégias de dominação das elites dos países centrais europeus não seria em si o único fundamento, segundo Lévi-Strauss, de construções racistas ou mesmo etnocêntricas a diferenciar qualitativamente os ditos brancos europeus dos outros povos não brancos (principalmente os africanos e asiáticos).

Como bem acentuado por Wolff (2004, p. 33), o chamado relativismo cultural expresso na obra de Lévi-Strauss configurou uma ideia específica de civilização enquanto contraposição à ideia de barbárie. A definição de barbárie segundo o viés étnico-racial foi utilizada, segundo Lévi-Strauss, por diferentes povos e culturas ao longo da história, culturas essas que se consideravam superiores a outras no tempo e/ou no espaço, o que seria uma forma de justificação cultural e mesmo de poder sobre outros povos que entravam em contato com as mesmas. Não existiria a barbárie, apenas homens das mais diferentes culturas que acreditariam na ideia

¹¹³ Marc Ferro (2004) se dedicou nessa obra as múltiplas formas de dominação dos centros hegemônicos sobre as periferias, iniciando-se pelo colonialismo do século XVI, passando pelo imperialismo do século XIX e chegando até ao processo de globalização do XX. Entre outras coisas, Ferro acentuou que o racismo foi um componente fundamental do processo colonialista, utilizado como uma construção discursiva e uma estratégia dos conquistadores perante os povos conquistados, principalmente os povos africanos. O colonialismo poderia se basear na ideia de desigualdade social, isto é, na ideia da existência de seres humanos menos desenvolvidos historicamente, mas que poderiam, eventualmente, ascender à condição de conquistadores ou mesmo na premissa de que existiriam "diferenças de natureza ou de genealogia entre certos grupos humanos" que jamais chegariam à condição civilizacional do europeu. Ferro apresentou a Igreja e o Exército como instituições igualitárias na América luso-hispânica, acentuando as diferenças do colonialismo ibérico para o neocolonialismo industrial do século XIX, calcado em discursos que apenas mascaravam os interesses econômicos por trás da dominação dos povos conquistados, ou seja, os interesses das potências industriais em ampliar suas fontes de matérias-primas e seus mercados consumidores.

de barbárie para demarcar o estrangeiro, fosse como cultura ou mesmo como “outra raça” (WOLFF, 2004, p. 34).

Dessa forma, também, não existiria apenas uma única visão racista de uma Europa eminentemente eurocêntrica em época de neocolonialismo, mas diversas formas de depreciação de outras culturas no interior de diferentes povos e etnias, sendo o ponto de vista Europeu do mundo oitocentista – ainda que um dos mais elaborados e influentes até os dias atuais – apenas mais um a depreciar aqueles povos que entraram em contato em dado momento de sua história (LÉVI-STRAUSS, 1998, p. 6).

Os debates teóricos acerca dos problemas de um relativismo cultural crítico quanto a concepções oitocentistas de etnocentrismos raciais aqui expostos são muito interessantes e relevantes e mesmo Wolff (2004, p. 6-7) se propõe a criticar alguns aspectos dessa respectiva visão de Lévi-Strauss¹¹⁴, mas por agora evidenciamos que chegamos ao momento de começarmos a tratar dos escritos de Robert Howard sobre ser civilizado e bárbaro nos Ciclos de Conan.

Isso porque consideramos que expomos os mais diversos significados sobre os dois termos em diferentes tradições discursivas, visões essas que poderão ser encontradas em diversas passagens dos escritos de Howard, ora situando-se em concordância com algumas delas, ora se contrapondo as mesmas em suas narrativas literárias.

Da Antiguidade ao século XIX, diversas tradições discursivas foram construindo significados específicos para os termos, civilizado e bárbaro, de acordo com diferentes contextos históricos e definições filosófico-culturais. Howard,

¹¹⁴ Antes de sua crítica ao relativismo cultural, Wolff reitera sua importância, explicando que tal conceito responde a uma tripla necessidade básica: uma posição ético-política contra os males do expansionismo ocidental, uma necessidade metodológica para os etnólogos compreenderem diversos povos e culturas, despidos de seus preconceitos e uma posição epistemológica, visto que os antropólogos precisam compreender as construções culturais daqueles que estudam, despindo-se não somente dos preconceitos culturais, mas compreendendo a estrutura interna de cada cultura em sua especificidade (WOLFF, 2004, p. 34-35). Após isso, Wolff explica que, do ponto de vista moral e lógico, o relativismo possui também alguns limites e contradições. Do ponto de vista moral, a crítica vincula-se a conclusão de que os absurdos realizados por alguém em nome de uma dada cultura não podem ser justificados do ponto de vista ético quando afetam a vida, a dignidade e liberdade humana. Do ponto de vista lógico, a crítica direciona-se a contradição do pensamento relativista, na medida em que o relativismo reconhece que todos podem ter seu direito de opinar, pensar e ser. Isso significa que tal posição valeria para aqueles que não aceitam o relativismo, o que equivale a afirmar que critérios absolutos não relativistas são igualmente passíveis de estarem certos e, portanto devam ser, por convicção dos próprios relativistas, aceitos, mesmo quando negam o relativismo (WOLFF, 2004, p. 36-37).

inserido em um contexto específico, os EUA da primeira metade do século XX, igualmente dialogou com essas diversas visões no estabelecimento de suas considerações sobre os supracitados termos, de acordo com seu contexto e também diante das construções discursivas existentes nos EUA oitocentista, época de expansão territorial dos colonos de origem europeia sobre os territórios dos povos indígenas, do leste para o oeste.

No próximo capítulo faremos a análise empírica dos Ciclos de Conan de Robert Howard, especificamente os excertos concernentes ao modo de ser civilizado em contraposição ao modo bárbaro, cotejando tais passagens com os diversos significados dos supracitados termos aqui expostos. Não esqueceremos também de uma observação atenta acerca da forma como os referidos termos, civilizado e bárbaro, foram pensados em certas tradições discursivas nos EUA oitocentista, bem como no contexto histórico do autor texano.

CAPÍTULO 5

Ser Bárbaro e Ser Civilizado nos Ciclos de Conan de Robert Howard.

Em um estudo de referência já citado nessa dissertação, Willian Wolff define três sentidos gerais e históricos para os termos, barbárie e civilização de modo geral, estando esses respectivos sentidos dirimidos ao longo do capítulo anterior, quando tratamos dos termos civilizado e bárbaro.

O primeiro sentido trata civilização como o estágio da passagem de um modo de vida primitivo para outro modo mais evoluído, retirado da tradição renascentista e iluminista. Seria uma espécie de afastamento dos costumes grosseiros e rudimentares das sociedades arcaicas para outras formas de agir dentro de uma sociedade mais aberta e urbanizada. Seria igualmente um processo de abrandamento dos costumes, de refinamento dos modos no trato social, de busca pelo pudor nas relações individuais e coletivas, definição essa encontrada nas análises sobre a sociedade da corte absolutista Europeia, efetuadas pelo sociólogo alemão, Norbert Elias (WOLFF, 2004, p. 21).

O segundo sentido designa civilização como o momento de alcance de uma condição superior no que tange as ciências, as letras e as artes, “em suma, o patrimônio mais elevado de uma sociedade” (WOLFF, 2004, p. 22). A civilização representaria a face mais elevada da cultura humana, vinculada à parte “especulativa, contemplativa e espiritual da vida”. Em outras palavras, seria outro modo de ver evolucionista, retratando o bárbaro como um ser atrasado em termos de alcance da cultura superior da humanidade, seguindo aspectos específicos da visão de Rousseau e mesmo de Kant quanto aos estágios dos saberes (as chamadas luzes) da humanidade (WOLFF, 2004, p. 22-23).

Essa teorização, aliás, teria sido muito bem estabelecida nos trabalhos do antropólogo inglês, Lewis Henry Morgan, que reiterou o fato da humanidade atravessar sucessivas fases evolutivas, seguindo uma única direção, do natural ao civilizado, do irracional ao racional, compreendendo especificamente três etapas relevantes: a da selvageria inicial da época da caça, da coleta, do arco e da horda primitiva, a do estágio da barbárie, com a utilização da cerâmica, do ferro e com a organização tribal, chegando-se por fim até a etapa da civilização, marcada pela escrita e pelo surgimento do Estado (WOLFF, 2004, p. 23).

Por fim, o terceiro sentido que designa civilização como uma forma de conduta de um sujeito ou grupo específico em relação a outros, uma conduta de respeito nas relações sociais, por formas específicas de assistência, cooperação, compaixão, conciliação e pacificação nas relações humanas, principalmente entre etnias, nações, culturas, povos, enfim, entre o “*nós*” e o “*outro*” (WOLFF, 2004, p. 23).

O ser civilizado, tal como o grego Pausânias, mencionado na primeira parte deste trabalho, seria aquele que possui humanidade. O bárbaro, por sua vez seria o sujeito feroz e selvagem que não se preocuparia com os membros dos demais grupos, usualmente dotado de brutalidade e que não possuiria sentimentos tidos como humanitários, sendo também aquele que cometeria crimes atrozes, assassinatos sem pudor, holocaustos, etnocídios e genocídios (WOLFF, 2004, p. 23).

Essa visão se encontra, pelo menos em parte, nas tradições antigas e modernas, a julgar todas as nossas considerações do capítulo anterior. Fosse entre os gregos para tratar da desumanidade dos outros povos, incluindo-se os persas. Entre os romanos para tratar dos povos germânicos que atacavam as fronteiras imperiais. Entre os europeus de época de colonialismo para tratar das condutas “desumanas” dos povos indígenas americanos. Entre os iluministas para tratar dos povos do passado da humanidade ou mesmo de outras partes do mundo não europeu que ainda praticavam condutas consideradas irracionais e desumanas.

Novamente entre os europeus do mundo oitocentista, para designar povos que não viviam segundo as formas cívicas e políticas das Nações Modernas ou mesmo aquelas “raças humanas” que viviam em outras partes do mundo fora da Europa e que praticavam atos de crueldade.

O primeiro sentido demarca a civilização como civilidade nas condutas comportamentais cotidianas, no qual o bárbaro é ainda arcaico em sua capacidade de socialização. O segundo sentido demarca o alcance da parte espiritual da cultura civilizada, estando o bárbaro ainda atrasado nos seus saberes e na sua capacidade de compreensão do mundo. O terceiro sentido, por sua vez, expressa à adoção de humanidade por parte dos indivíduos, humanidade essa vista enquanto norma de conduta ética e moral em relação aos outros, sendo o bárbaro, ao contrário, um ser pré-humano ou até desumano (WOLFF, 2004, p. 24).

Todorov igualmente reitera que esse terceiro sentido de civilização – e, conseqüentemente, de barbárie – estaria na essência semântica do modo como devemos utilizar conceitualmente tais definições nos dias atuais, desde claro, seja modificada a ideia central exposta na tradição evolucionista iluminista e depois oitocentista de que o civilizado e o bárbaro seriam termos definidores de culturas ou povos específicos, os primeiros superiores em relação aos segundos.

Isso porque, desde Rousseau, se pode pensar na civilização como um modo de agir baseado na compaixão pelo outro, independente de onde esse outro vive ou mesmo a qual cultura pertença. Ora, seguindo-se a lógica do filósofo iluminista, “a capacidade de ter compaixão ou crueldade depende da capacidade de um indivíduo imaginar o efeito de sua atitude em relação a outrem” (ROUSSEAU *apud* TODOROV, 2010, p. 32). Isso significa que, na visão de Todorov, o ser civilizado é aquele que possui compaixão pelo outro, humanidade em relação aos diferentes sujeitos, sendo o bárbaro aquele que não se importa e que por tal motivo se porta de forma desumana para com qualquer um que não faça parte de seu grupo de convívio.

No seio da comunidade, o mais civilizado é aquele que conhece melhor seus códigos e suas tradições porque tal conhecimento permite-lhe compreender os gestos e atitudes dos outros membros de seu grupo, portanto, aproximá-los de sua própria humanidade. A ideia de civilização implica o conhecimento do passado. Tal outro, limitado em sua compreensão e sua expressão, ignorando os códigos comuns, condena-se fatalmente a circular apenas no interior de seu pequeno grupo e excluir os outros. O bárbaro recusa reconhecer-se em um passado que seria distinto do presente. A cortesia, ou seja, a aprendizagem da vida com os outros, é, por sua vez, um primeiro passo para a civilização; não é um acaso se o termo policiado (derivado de *politeia*, a cidadania grega) tinha, outrora o duplo sentido de cortês (*poli*) e de civilizado (*civilise*). A tortura, a humilhação e o sofrimento infligidos aos outros têm a ver com a barbárie. O mesmo ocorre com o assassinato e, ainda mais, com o assassinato coletivo, o genocídio, qualquer que seja o critério que tenha permitido delimitar o grupo a ser eliminado: a “raça” (ou características físicas visíveis), a etnia, a religião, a classe social ou as convicções políticas (TODOROV, 2010, p. 35).

De certa forma, Todorov segue o ponto de vista de Lévi-Strauss no que concerne a crítica veemente quanto a duas concepções bem demarcadas de civilização: a primeira enquanto concepção monolítica em torno de uma definição

evolutiva racial, cultural e/ou étnica, a segunda enquanto modo de diferenciar povos superiores, os civilizados, dos inferiores, nesse último caso, os bárbaros.

Para Todorov, a obra, *“Raça e História”*, de Levi-Strauss, lançada em 1952, enfatizou ao contrário dessas concepções, a mesma legitimidade em todas as culturas humanas e mais, foi relevante para a superação quanto à concepção vigente de que existiram etapas de civilização e barbárie enquanto antípodas culturais, raciais ou mesmo de povos específicos que se consideravam evoluídos e assim se definiam em contraposição a outros mais atrasados (TODOROV, 2010, p. 63).

Estaríamos na esteira de um postulado universalista, mas nesse caso, um postulado que poderia servir a qualquer indivíduo, independente da cultura ou grupo, visto que a barbárie estaria no ato específico do sujeito qualquer que se convenceu de que “uma população ou um indivíduo não pertencem plenamente à humanidade e merecem tratamentos que ele se recusaria a aplicar a si mesmo” (TODOROV, 2010, p. 64).

Em outras palavras, o terceiro sentido perde aqui sua carga evolutiva no que tange a definições de culturas, povos, etnias e raças, ganhando um sentido de moralização do ser, segundo o qual qualquer sujeito poderia adquirir humanidade e compaixão pelo próximo. Civilizar significaria, portanto, se humanizar, definição que não aparece na literatura howardiana (o que poderia qualificar um anacronismo, visto que Howard viveu e escreveu nos anos 1920/1930 e não pensava necessariamente a partir de um viés humanista, tão caro a homens como Todorov, que vivenciou regimes opressivos da Europa Oriental durante a Guerra Fria).

Em várias passagens do texto literário howardiano, especificamente aquelas referentes ao personagem Conan, a palavra bárbaro é utilizada para designar os modos do cimério junto a uma descrição pormenorizada sobre suas atitudes, formas de agir, pensar, se portar e se vestir. Muitas vezes existem correlações dos modos de Conan com o mundo instintivo, selvagem e animal.

Essas descrições de Conan desvelam a relação aproximada entre o mundo selvagem com o mundo humano, expressos no modo de ser do homem primitivo, o que, por si somente aproxima a visão howardiana da filosofia iluminista em torno do “Bom Selvagem” de Rousseau ou mesmo do evolucionismo expresso pelo

antropólogo, Morgan. Vejamos alguns exemplos que podem ser observados em *A Fênix na Espada*.

Atrás de uma escrivainha clara, trabalhada em filigramas de ouro, sentava-se um homem de ombros largos e pele bronzeada, que parecia deslocado em meio àquele ambiente luxuoso. Mais parecia pertencer ao sol e aos ventos e às terras altas do estrangeiro. Seus mínimos movimentos expressavam músculos de aço unidos a um cérebro ágil, coordenados por um guerreiro nato. Não havia nada deliberado ou calculado em suas ações. Ou ele estava perfeitamente em repouso, imóvel como uma estátua de bronze, ou em movimento, não aos solavancos bruscos impulsionados por nervos tensos, mas sim com uma velocidade felina que confundia a visão de quem tentasse segui-lo. (HOWARD, *A Fênix na Espada*, 2006, p. 37)¹¹⁵.

Já na primeira narrativa literária de Conan, o bárbaro cimério foi descrito como um homem diferenciado, com sentidos comparáveis aos de um felino, sendo ele um homem especial em seus modos de ser, alguém vindo de fora, um estrangeiro em comparação com os demais membros da sociedade em que se encontrava. A premissa do ser bárbaro como o “eterno outro selvagem” de Heródoto ou da tradição etnográfica romana pagã da Antiguidade está evidenciada.

Trata-se de uma narrativa em que Conan apareceu como rei da Aquilônia, um reino civilizado que se pareceria na ficção de Howard com uma França medieval da época carolíngia. No enunciado elencado a seguir – parte de outra narrativa dos Ciclos de Conan, intitulada, *Colosso Negro* – observamos novamente uma descrição do bárbaro, demarcando-se um paralelo entre o cimério e certos animais selvagens das florestas.

Ele hesitou por um instante, depois deu de ombros. Yasmela imaginou que talvez ele a visse como uma mulher nobre cansada de amantes polidos, disposta a se entreter. Ele lhe devolveu o manto e a seguiu. Com o canto do olho, ela o observava enquanto desciam a rua juntos. Sua armadura não conseguia conter as linhas de uma força descomunal. Tudo em torno dele era assim imenso, natural, indomesticável. Ele era estranho a ela, como uma selva, tão diferente dos cortesãos afáveis a que estava acostumada. Ela o temeu, disse a si mesma que odiava aquela força bruta e a indelicadeza bárbara; mas algo de excitação e perigo se movia

¹¹⁵ A maior parte dos enunciados dos Ciclos de Conan elencados a partir de agora são traduções dos textos originais de Howard. Tais narrativas foram compiladas e publicadas no Brasil em 2006 pela Conrad Editora, com tradução de Cláudio Salles Carina. As narrativas intituladas de “*A Hora do Dragão*”, “*Além do Rio Negro*”, “*As Negras Noites de Zamboula*” e “*Os Profetas do Círculo Negro*” foram traduzidas por Alexandre Callari, compiladas na publicação da Editora Évora, de 2012.

dentro dela a cada vez que o fitava. Sentira a mão poderosa em seu braço e um calor a percorrera por dentro só de se lembrar desse breve contato. Muitos homens haviam se curvado aos pés de Yasmela. Mas ali estava um que parecia jamais ter se ajoelhado diante de ninguém. Sentia-se como se estivesse conduzindo um tigre solto; estava assustada e, ao mesmo tempo, fascinada com o próprio medo (HOWARD, *Colosso Negro*, 2006, p. 169).

O paralelo mencionado no excerto ocorre de forma explícita, demarcando-se o bárbaro Conan visualizado pela personagem Yasmela como um tigre selvagem, melhor dizendo, como se ele possuísse, em sua essência bárbara e primitiva, uma força descomunal e uma natureza animal indomesticável, a própria expressão de uma selva, diferente dos “cortesãos afáveis a que ela (Yasmela) estava acostumada”.

A narrativa em questão trata do encontro do então mercenário Conan com a princesa de um pequeno reino civilizado (Khojara) e de como a jovem foi levada a precisar da força bárbara do cimério para derrotar seus inimigos. Novamente existe a descrição do ser bárbaro e de pronto observamos a aproximação deste ser com o mundo selvagem e natural, com os animais de grande porte, munidos de instinto e força sobrenatural. Além disso, claro, a visão civilizada quanto a uma suposta indelicadeza bárbara, o que parece nos remeter a visão de Norbert Elias. Logo abaixo, outro exemplo desse mesmo tipo de descrição usual do bárbaro cimério nas narrativas howardianas:

O estranho estava vestido como ele, com botas e calções, apesar de estes serem de seda e não de couro. Mas trajava uma cota de malha tecida, sem mangas, ao invés da túnica, e um capacete empoleirado sobre sua juba escura. Aquele capacete apreendeu o olhar do outro; não tinha crista, porém, era adornado por pequenos chifres de búfalo. Nenhuma mão civilizada jamais criara uma peça como aquela. Nem era a face abaixo dele a de um homem civilizado: parda, com cicatrizes, olhos azuis ardentes. Era uma face tão imaculada quanto à floresta primitiva que constituía o pano de fundo. O homem trazia uma espada larga na mão direita, e a ponta estava manchada de vermelho (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 200).

Neste trecho de *Além do Rio Negro*, temos a descrição de uma “face tão imaculada quanto uma floresta primitiva”, o que sugere novamente a visão usual da barbárie dentro da perspectiva iluminista e evolucionista citada no capítulo anterior e no início deste capítulo, como se o bárbaro Conan representasse uma espécie de

primitivismo ancestral da humanidade como um todo, afastando tal face natural do ser civilizado, sendo esse último essencialmente urbano (dentro da perspectiva do segundo sentido de civilização proposto por Wolff).

O excerto trata da narrativa mais relevante de Conan do ponto de vista do mundo da fronteira da *Era Hiboriana*, quando o cimério passou a lutar contra outros povos selvagens (os chamados *pictos*) em uma zona distante que estava sendo colonizada pela civilização do reino da Aquilônia (um pouco antes de Conan se tornar rei desse mesmo reino).

Na narrativa em questão, o bárbaro se encontra com o personagem Balthus no interior de uma floresta selvagem, sendo esse último um mateiro da fronteira, ainda que deveras impressionado com o primitivismo ancestral da figura de Conan, mais primal e essencial. No enunciado a seguir, outro exemplo do tipo usual de descrição do ser bárbaro nos Ciclos de Conan, da mesma narrativa mencionada:

Balthus limpou a testa com a mão tremendo e olhou para Conan. Os olhos do bárbaro estavam com um fogo latente que jamais se acendeu nos olhos da raça de homens civilizados. Naquele instante ele era inteiramente selvagem, se esqueceram do homem ao seu lado. Em seu olhar ardente, Balthus vislumbrou e reconheceu imagens imaculadas e memórias meio encarnadas, sombras do alvorecer da vida, esquecidas e repudiadas pelas raças sofisticadas, fantasmas antigos e primitivos, inomináveis (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 230).

O personagem Balthus, ao observar a face do cimério, vislumbrou um fogo que, segundo o enunciado howardiano, “jamais se ascendeu na face de homens civilizados”. Em Conan ele reconheceu, portanto um homem selvagem que encarnaria imagens dos ancestrais primitivos da humanidade, de um primitivismo inominável que as ditas “raças sofisticadas e civilizadas” não mais possuiriam.

Novamente observamos a visão evolucionista em torno da barbárie que se tornaria civilização em algum momento da história (mesmo em se tratando aqui de um passado ficcional), sendo Conan uma representação viva de outro momento da humanidade de seu próprio mundo fantástico. O padrão do ser bárbaro enquanto uma força primal e um elemento selvagem do mundo natural dos tempos antigos são novamente evidenciados na passagem que se segue:

Conan sentou-se em uma pedra a seu lado, com a espada sobre os joelhos. A luz do fogo refletia em sua armadura, e ele parecia uma imagem de aço – um poder dinâmico, temporariamente sossegado;

não adormecido, mas imóvel por um instante, a espera de um sinal qualquer para entrar de novo em ação. O brilho das chamas brincava com seu rosto, fazendo-o parecer entalhado em uma substância misteriosa, dura como o aço, contudo. Mesmo que estivesse parado, seus olhos queimavam com uma intensidade viva. Ele não era simplesmente um selvagem; era parte dos elementos indomáveis da natureza. Em suas veias, corria o sangue de uma matilha de lobos; em seu cérebro, escondiam-se as profundezas meditativas das noites do norte; seu coração pulsava com o fogo de florestas em chamas (HOWARD, *Colosso Negro*, 2006, p. 178).

A narrativa trata da luta de Conan contra o inimigo da já citada princesa Yasmela e novamente a visão retratada na cena é a de um bárbaro que transparece ser mais do que apenas um homem selvagem, sendo parte dos “elementos indomáveis da natureza”. A aproximação do cimério com certos animais de grande porte é igualmente destacada no excerto, no caso, com os lobos caçadores de uma matilha, o mesmo valendo para a representação do fogo ardente do coração de Conan, como uma “floresta em chamas”.

A filosofia iluminista e depois oitocentista, com suas tonalidades evolucionistas está presente em um enunciado que se apega ao padrão da vinculação do ser bárbaro ao ser primitivo dos momentos ancestrais de uma determinada humanidade, bem como de uma animalidade do ser bárbaro representado. Conan é tido pelo narrador da trama como um ser sobrenatural ante os olhos de uma mulher civilizada.

Abaixo, mais dois exemplos de excertos dessa mesma natureza, agora retirados de duas narrativas distintas dos Ciclos de Conan; o primeiro, retirado de *A Cidadela Escarlata*, tratando do aprisionamento do rei Conan por reinos inimigos da Aquilônia, reinos esses notadamente civilizados, o segundo, de *Pregos Vermelhos*, versando sobre o encontro de Conan com duas antigas civilizações de seu mundo ficcional.

Conan saltou uma imprecação e foi assolado por um certo pânico ao examinar a escuridão que o cercava para além do semicírculo de luz. Todos os temores supersticiosos dos povos bárbaros dormiam em sua alma, intocados pela lógica da civilização. Além disso, sua razão dizia-lhe que não tinha sido posto ali somente para ficar confinado (HOWARD, *A Cidadela Escarlata*, 2006, Vol. II, p. 23).

Conan parecia imperturbável. Era um bárbaro, e a infinita paciência das criaturas selvagens participava da sua natureza da mesma

forma que a paixão e a raiva. Conseguia suportar uma situação como aquela com uma frieza impossível para pessoas civilizadas (HOWARD, *Pregos Vermelhos*, 1995, p. 16).

Seria possível elencar aqui outros tantos enunciados dessa mesma natureza e com os mesmos tipos de descrições do ser bárbaro. Enunciados que possuem a mesma contraposição entre civilização e barbárie retirados de outras tantas narrativas howardianas. Consideramos, porém, que os excertos aqui apresentados expressam a aproximação da visão de Howard com a visão filosófica de caráter iluminista e depois evolucionista do mundo oitocentista que toma o bárbaro e a própria condição da barbárie como um momento específico da condição do homem em dado momento do passado ancestral da humanidade.

Devemos reiterar que a conceituação de discurso, segundo Fairclough (2016, p. 94) remete-se ao uso da linguagem como uma prática social e não como uma atividade puramente individual. O discurso, na visão do teórico é um “modo de ação em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95). O discurso howardiano como representação da barbárie enquanto modo primitivo de uma humanidade ficcional remete-se a forma como Howard vislumbrava o passado histórico da humanidade diante de um contexto específico.

Isso significa que existe uma relação implícita entre as representações ficcionais dos Ciclos de Conan, de Howard, e a forma como o escritor pensava alguns aspectos de seu próprio contexto histórico, sendo tal vinculação uma característica das representações, pelo menos se julgarmos pertinentes algumas considerações teóricas de Hall.

Nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos. (HALL, 2016, p. 21).

Nesse ponto, é preciso considerar não somente as tradições discursivas evidenciadas nos excertos howardianos, mas também as tradições discursivas apontadas no capítulo anterior acerca dos termos, civilizado e bárbaro. Devemos evidenciar que Howard parece estar respondendo a certos elementos de algumas tradições discursivas presentes no mundo oitocentista dos EUA.

Para compreendermos tais tradições discursivas devemos considerar a ideia geral de fronteira do oeste dos EUA oitocentista e o processo expansionista estadunidense deste respectivo contexto histórico, marcado por contatos constantes, violentos ou não, entre homens brancos e indígenas. Na perspectiva do historiador James West Davidson (2016, p. 140), a fronteira do oeste selvagem estadunidense não seria apenas uma linha fixa entre uma região e outra, representando constantes conflitos e encontros entre pessoas, objetos e animais que se entrecruzavam a todo instante.

Certa tradição discursiva dos EUA tratou da expansão para o oeste estadunidense como sendo o momento civilizacional do leste “branco” de origem, anglo-americana sobre o oeste selvagem nativo e bárbaro. Segundo essa visão etnocêntrica e até religiosa, estariam evidenciadas nas ações dos colonizadores brancos uma espécie de “Destino Manifesto” enquanto um processo histórico necessário que tinha como mote civilizar todo um ambiente hostil povoado por homens bárbaros pagãos e infiéis, ou seja, os povos indígenas (SLOTKIN, 1985, p. 30).

Tal fato teria movimentado a formação da própria Nação Norte-Americana desde seu período colonial, como que representando a luta racial, religiosa e civilizacional entre os ditos “homens brancos cristãos bons” (os pioneiros puritanos) contra os “índios pagãos selvagens maus” (SLOTKIN, 1985, p. 3-23). O darwinismo social de cunho antropológico eurocêntrico e oitocentista, aliado a múltiplos discursos nacionalistas e neocolonialistas – e que herdaram aspectos das tradições discursivas civilizacionais greco-romanas, cristãs e iluministas – estaria muito bem representado.

Essas representações dizem respeito à ideia de dois mundos distintos que se entrecruzaram num contexto específico: de um lado, o mundo primitivo, no caso dos EUA, do oeste, das florestas e pradarias selvagens, usualmente denominadas de *wilderness*; do outro, o mundo civilizado do leste urbanizado do país, que expandiu continuamente seus domínios territoriais no século XIX (ÁVILA, 2006, p. 55).

Em nossa opinião, os enunciados dos Ciclos de Conan demonstram um viés específico que traça igualmente alguns aspectos de contatos entre dois mundos distintos entre si, mas que se assemelham (pelo menos na contraposição entre o

mundo natural e o não natural) a esse esquema discursivo encontrado nos EUA oitocentista: tanto o mundo primitivo representado por aspectos comportamentais do bárbaro Conan (e talvez pelo mateiro Balthus), quanto o mundo civilizado representado pela Aquilônia, pela princesa Yasmela, seu reino e outros personagens não bárbaros que entram em contato com o cimério nas narrativas.

A questão pontual é que Howard inverte o discurso, efetuando uma espécie de idealização da barbárie e uma crítica à civilização de seu mundo ficcional. Tal fato nos diz muito sobre sua própria visão de barbárie, de civilização e mesmo de fronteira. Logo adiante observamos mais alguns exemplos dessa contraposição do ser bárbaro primal e selvagem idealizado em relação ao homem civilizado, notadamente criticado nos Ciclos de Conan, desta vez mediante uma exaltação bastante nítida do primeiro em detrimento do segundo, o que desvela a já citada inversão a qual nos referimos.

O cimério olhou ao redor, embaraçado com a trovada de gargalhadas que sua observação provocara. Ele não via nada de engraçado nisso e ainda conhecia pouco de civilização para entender o que significava descortesia. Os homens civilizados são mais mal-educados que os selvagens, porque sabem que podem ser grosseiros e não ter o crânio despedaçado. Banhado em vergonha e embaraçado, ele poderia ter partido sob toda a humilhação, mas o kothiano deu de continuar a rebaixá-lo. (HOWARD, *A Torre do Elefante*, 2006, p. 97-98).

O enunciado trata de uma narrativa onde Conan é ainda muito jovem e encontra-se em uma taverna povoada por homens e mulheres civilizados. Quando um dos mercadores da taverna começa a zombar de seus modos simples e primitivos (e temos aqui a visão corrente do bárbaro como um ser primitivo, rude e não educado), Conan sente-se totalmente humilhado. O cimério, em sua jovialidade, não compreende a complexidade das zombarias sobre ele e mesmo assim as considera totalmente descorteses, o que evidencia a contraposição inversa entre o ser bárbaro e o civilizado.

Desta vez o trecho desvela uma clara demonstração quanto ao primeiro possuir um código de honra e de respeito para com os demais homens e para com os costumes alheios, sendo o civilizado totalmente zombeteiro e sem o devido trato para com o não civilizado Conan. No excerto que se segue, o cimério é novamente questionador quanto aos costumes e práticas dos homens civilizados. Vejamos:

- Bem, ontem à noite, em uma taverna, um capitão da guarda real violentou a namorada de um soldado, e este jovem, naturalmente, acabou com o oficial. Mas parece que existe uma maldita lei que impede a gente de matar integrantes da guarda, de maneira que o rapaz e a moça fugiram.

- Andaram dizendo que me viram com eles e, assim, eu fui levado ao tribunal. O juiz me perguntou onde o mocinho estava escondido. Respondi que, sendo ele meu amigo, não poderia traí-lo. A corte se enfureceu, o juiz fez um discurso demorado sobre a minha responsabilidade para com o Estado e a sociedade, além de um monte de outras coisas que eu nem entendi, e me ordenou a dizer para onde meu amigo tinha fugido.

- Então também eu comecei a ficar furioso, porque já explicara a minha posição. Mas contive minha ira e fiquei quieto. O juiz então achou que eu tinha demonstrado desprezo pelo tribunal; deveria ser mandado para o calabouço e apodrecer lá até me decidir a trair meu amigo.

- Então, vendo que todo mundo enlouquecera, tirei a espada e arrebentei a cabeça do juiz; abri caminho para fora do tribunal; ao perceber o garanhão do chefe de polícia amarrado ali perto, montei e fugi em disparada em direção ao porto, onde esperava encontrar um navio de partida para o estrangeiro (HOWARD, *A Rainha da Costa Negra*, 2006, p. 123).

No enunciado observamos novamente a contraposição do ser bárbaro ao homem civilizado e a demarcação dos modos bárbaros de Conan segundo o viés de não abrandamento dos costumes, muito comum na leitura teórica e sociológica de Elias.

Lembremos que o pensador alemão dimensionou o processo civilizador como uma espécie de condicionamento dos bons costumes, um processo que começou a se consolidar na sociedade da corte europeia absolutista da Idade Moderna, quando os homens passaram a “desenvolver, a gentileza, a cortesia, e a urbanidade” (ELIAS, 1994, p. 9), ou mesmo quando perceberam que seria preciso conter suas pulsões naturais através de um “acréscimo de responsabilidade” (ELIAS, 1994, p. 11), incluindo nas atitudes frente aos demais homens em sociedade (ELIAS, 1994, p. 12).

Existe, portanto, na construção histórica de Elias sobre o ato civilizatório da humanidade e do Ocidente em especial, uma espécie de abrandamento dos costumes por meio de etapas, sugerindo o sociólogo que esse processo ocorreu nos últimos 700 anos da humanidade – até culminar da grande mudança dos comportamentos na Idade Moderna – uma espécie de “curva de civilização”, quando a contenção dos atos primitivos passou a fazer parte da mudança social,

na medida em que os homens passaram a dimensionar suas atitudes, tanto a nível psíquico como a nível comportamental (ELIAS, 1994, p. 14).

Tal fato trouxe a tona atitudes mais responsáveis de vergonha e delicadeza da parte dos sujeitos, como que um crescimento psicológico não somente dos indivíduos em si, mas da própria sociedade como um todo, que passou a ampliar seus mecanismos de sanções quanto aos modos primitivos, inibindo-os e civilizando-os (ELIAS, 1994, p. 15).

Voltando a passagem em questão dos Ciclos de Conan, o bárbaro cimério explica a um marinheiro de um navio – para o qual fugiu após ser perseguido pela guarda de um reino civilizado – que não compreende as leis daquele reino. Conan deixa explícito, aliás, que considera tais leis sem sentido, visto que, em sua opinião, seria uma desonra trair um amigo que matou um guarda após sua namorada ter sido violentada pelo mesmo e que, por tal motivo, estaria sendo julgado.

Conan mostra-se indignado com a atitude do juiz do tribunal em mandar prendê-lo após se negar a evidenciar o paradeiro do amigo. Isto porque, em sua opinião, ele estaria apenas agindo corretamente segundo seu código de honra e ética bárbara, uma atitude que evidencia um código muito peculiar de fidelidade para com seus amigos e conhecidos, independente dos atos que os mesmos pratiquem.

Esse excerto foi retirado de uma das mais famosas narrativas do bárbaro cimério na literatura *pulp*, *A Rainha da Costa Negra*, quando ele se aliou a capitã pirata Bêlit e passou a viver aventuras a seu lado, tornando-se amante da personagem. Está evidenciado no enunciado o quanto Conan é um homem da fronteira, ou seja, o quanto as regras pessoais de honra e lealdade valem muito mais para ele do que as leis formais e escritas dos homens civilizados, mesmo que o bárbaro cometa atitudes brutais e violentas quando questionado em seu modo de ser e de viver.

O cimério parece possuir elementos do ser rústico das fronteiras, brutal, selvagem e violento, não se eximindo de “partir o crânio” de um juiz para escapar daquilo que considera uma injustiça, ao mesmo tempo em que é igualmente correto e leal em suas relações interpessoais. No excerto seguinte, de outra narrativa

howardiana, o cimério novamente mostra-se crítico em relação às atitudes dos homens e mulheres civilizados.

- Nos viemos do deserto – resmungou Conan – Entramos na cidade ao anoitecer, famintos. Encontramos um banquete servido para alguém e o comemos. Não tenho dinheiro para pagar por ele. Na minha terra não se nega comida para um homem faminto, mas vocês, civilizados, precisam ter suas recompensas... Se forem iguais a todos que conhecemos. Não fizemos mal a ninguém e já estávamos saindo. Por Crom, não gosto desse lugar, onde homens mortos se erguem e homens adormecidos desaparecem no ventre das sombras (HOWARD, *Xuthal do Crepúsculo*, 2006, Vol. II, p. 100).

O excerto trata de uma narrativa em que Conan se encontra em uma cidade distante no interior do deserto, uma cidade notadamente amaldiçoada (conhecida como Xuthal, a Antiga), na qual o cimério se aventura ao lado de uma companheira civilizada. Logo, ambos encontram vários integrantes da população da cidade, homens e mulheres que se dizem herdeiros de uma antiga civilização “decadente”. A narrativa possui tons lovecraftianos, visto que Conan enfrenta uma antiga divindade monstruosa e bestial que literalmente devora os integrantes de Xuthal, eles que comumente se colocam em torpor pelo consumo exagerado do lótus negro, que no mundo de Conan seria uma espécie de droga alucinógena.

Chama nossa atenção às palavras do cimério ao tratar dos civilizados, como se eles não fizessem nada pelos outros sem esperar sua devida recompensa, como se a ganância pelos bens materiais fosse inerente a sua condição. A tonalidade da construção do “*Bom Selvagem*” incorruptível de Rousseau está em parte evidenciada, bem como a ideia acerca da civilização (enquanto uma cultura específica) ser eminentemente gananciosa quanto aos bens materiais. A seguir, outra citação que contrapõe o primitivismo bárbaro representado por Conan aos decadentes civilizados:

Conan observava, imobilizado pela repulsa e trêmulo de náusea. Embora fosse puro e primitivo como um lobo da floresta, não ignorava os segredos perversos das civilizações decadentes. Já havia vagado pelas cidades de Zamora e conhecido mulheres de Shadizar a Perversa. Mas sentia ali uma abjeção cósmica que transcendia a mera degenerescência humana (HOWARD, *O Poço Macabro*, 2006, Vol. II, p. 139-140).

Conan é descrito no excerto como um homem puro e primitivo, um “lobo da floresta”, ainda que fosse conhecedor dos “segredos perversos das civilizações decadentes”. A narrativa em questão trata do encontro do cimério com outra antiga civilização de uma ilha distante. Novamente trata-se de uma civilização amaldiçoada e considerada decadente pelo narrador universal da narrativa howardiana. O cimério é representado como um bárbaro puro, mas não ingênuo, um viajante que singrou entre diversas civilizações e culturas conhecidas, consideradas igualmente perversas pelo narrador universal: civilizações essas “como somente elas poderiam ser”, ou como se fossem parte de uma “abjeção cósmica que transcendia a mera degenerescência humana”.

Na passagem que se segue, novamente retirado da narrativa de fronteira em que Conan encontra o mateiro Balthus, observamos outro exemplo desse tipo de contraposição entre o ser bárbaro primitivo munido de tonalidades naturais, animais e genuínas frente à civilização decadente que se apega aos ganhos materiais:

Apesar da companhia, sentiu-se solitário. Conan era tanto uma parte daquela imensidão quanto Balthus era um estranho a ela. O cimério podia ter passado anos entre as grandes cidades do mundo, podia ter caminhado com os governadores da civilização; podia até mesmo atingir seu capricho selvagem, algum dia de reinar sobre uma nação civilizada: coisas mais estranhas já tinham acontecido. Mas não era menos bárbaro por causa disso. Sua preocupação era apenas com os fundamentos desnudos da vida. As intimidades aconchegantes de pequenas coisas, os sentimentos e deliciosas trivialidades que compõem uma parte tão grande da vida dos homens civilizados não tinham sentido para ele. Um lobo não era menos lobo porque um capricho circunstancial o fizera correr entre um grupo de cães de caça. Derramamento de sangue, violência e selvageria eram os elementos naturais da vida que Conan conhecia; ele não podia, e jamais entenderia as coisas pequenas que são caras aos homens e mulheres civilizados (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 234).

O excerto traça mais um paralelo entre o ser bárbaro e o civilizado. Conan é o bárbaro que mantém certo afastamento frente às pequenas coisas, desejos e ganâncias usuais dos civilizados, ainda que conheça seus modos de agir e ainda que anseie reinar, num futuro próximo, sobre um reino civilizado (o que acontece em sua trajetória pessoal ao se tornar rei do reino da Aquilônia). Ao mesmo tempo, Conan é um ser brutal, feroz e que aceita a existência da violência e da guerra como parte integrante das sociedades humanas.

Em um estudo acerca da contraposição entre civilização e barbárie dos Ciclos de Conan, Don Herron (1984) reitera o quanto o cimério jamais foi representado como um bárbaro totalmente puro, no sentido dado por Rousseau¹¹⁶. A conclusão do estudioso é que Conan jamais poderia ser tratado como um selvagem cheio de pureza ou de ingenuidade natural, visto que suas atitudes eram sumariamente violentas, muitas vezes até se envolvendo com a busca por riquezas materiais, saques e roubos ao longo das aventuras¹¹⁷.

Os enunciados de Howard sobre o cimério não permitem qualquer interpretação a respeito de uma vinculação de Conan a qualquer indígena inocente retirado de algum texto de Montaigne ou mesmo com qualquer homem bondoso totalmente primitivo e ingênuo, tal como vislumbrado na construção filosófica de Rousseau. Não podemos esquecer que em outro momento deste estudo já reiteramos o quanto essa visão de pureza foi apropriada por outros pensadores que entraram em contato com a obra do filósofo iluminista, ainda que Rousseau possua considerações em torno da idealização da pureza do homem em estado natural¹¹⁸.

O próprio Howard mencionou em uma de suas muitas cartas o necessário afastamento que procurou estabelecer entre seu personagem Conan e qualquer visão idílica da barbárie ou da selvageria em termos gerais, ainda que sem nomear a base filosófica que estaria criticando no referido texto. Segue abaixo a passagem citada:

Não tenho a visão idílica do bárbaro – até onde pude aprender, trata-se de uma condição sombria, sangrenta, feroz, impiedosa. Não tenho a paciência para a representação de um bárbaro de qualquer raça como uma criança cheia de dignidade, feita à

¹¹⁶ Lembremos a frase famosa de Rousseau de que “o homem nasce bom na natureza, sendo a civilização que o corrompe”. Isso não significa qualquer defesa de retorno ao estado primitivo, mas sim a formulação de um contrato social para tornar as leis e os governos mais justos, além da necessidade de uma educação dos instintos naturais, tal como prefigurado por Rousseau na obra “*Emílio ou a Educação*” (BERVIQUE, 2004).

¹¹⁷ Nesse ponto, observamos a contraposição ao naturalismo de Rousseau, visto que o filósofo idealizou os povos indígenas a partir de relatos de viajantes que estiveram na América, sem realmente conhecer aspectos da cultura destes povos (STAROBINSKI, 1991). Howard, por sua vez situou seus selvagens ou bárbaros na linha de uma animalidade e até crueldade em suas ações, muito em função de suas leituras, mas também de seus preconceitos sobre os povos indígenas dos EUA, ainda que às vezes idealizando-os por essas mesmas animalidades e crueldades.

¹¹⁸ Como já evidenciamos mais de uma vez, Rousseau foi o principal filósofo do naturalismo, defendendo o estado natural dos homens primitivos como uma condição mais altruísta e verdadeira, o que não significa uma defesa de retorno ao primitivismo ancestral.

imagem de Deus na natureza, dotada de uma estranha sabedoria e falando frases sonoras e bem enunciadas (HOWARD *apud* LOUINET, 2006, p. 157).

Tanto Louinet (2015) quanto Tegão (2014) reiteraram que o cimério jamais foi representado nas narrativas dos Ciclos de Conan como um mero estereótipo de Tarzan de Edgar Rice Burroughs (ainda que algumas influências de Tarzan em relação à Conan, principalmente físicas sejam marcantes e evidentes, tal como tratado na primeira parte deste estudo), ou mesmo como uma síntese do Menino Lobo, Mogli, retirado da obra de Rudyard Kipling. Conan não foi tratado como um ser bárbaro dotado de pureza moral no sentido de ingenuidade ou desapego aos bens materiais ou mesmo como alguém avesso a atos de violência nos campos de batalha, muito pelo contrário.

O bárbaro cimério é constantemente representado como um homem brutal, com certo apego e gosto pela violência, munido de rusticidade e sanguinolência, possuindo aqui alguns elementos próprios do ser rústico da fronteira do mundo ficcional howardiano, tal como evidenciado no sentido dado a barbárie enquanto ser parte de uma cultura guerreira.

Tal visão está demarcada na tradição greco-romana pagã ao tratar dos inimigos dos povos civilizados, na própria tradição cristã da Antiguidade para retratar os povos germânicos ou mesmo na tradição política de Clausewitz quando o teórico se referiu aos povos que lutariam simplesmente pelo saque ou pelos espólios de batalha¹¹⁹. Podemos vislumbrar abaixo dois exemplos da sanguinolência de Conan, em trechos de narrativas diferentes.

De costas contra a parede, ele encarou por um breve instante o anel humano que se fechava, depois saltou naquela direção. Conan não era um lutador defensivo; mesmo sob o peso e desvantagens intransponíveis, ele sempre levava a guerra até o inimigo. Qualquer outro homem teria morrido ali, e o próprio Conan não guardava esperança de sobreviver, mas sua ferocidade queria infligir o máximo de danos possíveis antes de tombar. Sua alma de bárbaro estava em chamas, e cantigas de antigos heróis soavam em seus ouvidos. (HOWARD, *A Fênix na Espada*, 2006, p. 50).

¹¹⁹ De fato, Conan explica para a princesa Yasmela que nasceu em meio à guerra, considerando que essa instituição moldou seu ser, assim como todos os bárbaros cimérios de sua tribo. Se utilizarmos aqui a construção de Clausewitz sobre a guerra, as tribos bárbaras da Ciméria fariam costumeiramente a “guerra real”, aquela de pilhagens e não a “guerra verdadeira”, baseada em imperativos políticos ou das razões de Estado.

- Você acha que seus companheiros o seguem? – Ela perguntou, abruptamente.
- Como assim?
- Quero dizer que vou nomeá-lo comandante dos exércitos de Khoraja – declarou Yasmela.
Ele parou com o copo nos lábios e sorriu. Havia uma nova luz em seus olhos.
- Comandante? Crom! Mas o que seus nobres perfumados vão dizer?
- Eles me obedecerão! – Ela bateu palmas para chamar um escravo, que entrou e lhe fez uma reverência. – Chame o conde Thespides a minha presença imediatamente, e também o chanceler Taurus, lorde Amalric e Aga Shuptras. – Yasmela esperou o escravo sair e voltou-se para Conan, que agora devorava a comida trazida por Vatesa.
- Coloco minha confiança em Mitra. Você já participou de muitas guerras?
- Eu nasci no meio de uma guerra – Conan respondeu, arrancando um pedaço de carne do osso com seus dentes fortes. – O primeiro som a soprar nos meus ouvidos foi aquele das espadas, seguido do grito dos feridos. Lutei em brigas de sangue, guerras de tribo e campanhas imperiais (HOWARD, *Colosso Negro*, 2006, p. 171).

O primeiro enunciado retirado de “*A Fênix na Espada*” trata da primeira narrativa de Conan, no enfrentamento a seus inimigos enquanto rei da Aquilônia, inimigos esses que organizaram uma conspiração armada contra sua vida. O cimério se utiliza de sua própria espada, de sua força, sua selvageria e sanguinolência natural bárbara para solucionar o problema.

O segundo trecho, de “*Colosso Negro*” traça novamente a relação de Conan com Yasmela e sua indicação como chefe das tropas do pequeno reino da princesa, no enfrentamento de seus inimigos. Chama a atenção o fato de Conan afirmar que nasceu em meio ao campo de batalha, como se a guerra fosse inerente ao seu próprio ser e a sua cultura tribal, nitidamente bárbara. Aqui, o sentido de barbárie é o sentido da cultura guerreira, de Clausewitz.

O ponto que destacamos nesse estudo é o fato de Howard, de forma muito premente, inverter a lógica em torno da contraposição entre civilização e barbárie como um todo, mesmo que o bárbaro, Conan, seja eminentemente violento e sanguinolento na guerra e nas batalhas de seu cotidiano, significando que tais características não o fazem ser o antagonista de uma determinada civilização. Ele mesmo pode se tornar, em algumas narrativas howardianas, o próprio artífice guerreiro de alguma civilização específica, quando não o rei de uma delas, no caso, a já mencionada Aquilônia.

O bárbaro, Conan, em seus traços primais, ancestrais, violentos e sanguinários é representado como aquele que está no centro do processo civilizacional de sua trama ficcional, aproximando o texto de Howard de outras tradições discursivas anteriores. Nesse ponto observamos alguns vínculos do texto howardiano com a tradição dos “mitos da fronteira” dos EUA e toda a idealização do oeste selvagem como um domínio definidor do caráter do homem estadunidense. Mesmo que Howard tenha traçado diferenças entre o bárbaro e o homem da fronteira, nos parece aqui que os vínculos são muito fortes para negarmos tal fato.

Novamente elencamos as teorizações de Fairclough (2016), visto que o discurso é tido em sua leitura teórica como parte de uma intertextualidade necessária e inerente ao mesmo, na afirmação de Foucault de que “não pode haver enunciado que de uma maneira ou de outro não reatualize outros” (FOUCAULT *apud* FAIRCLOUGH, 2016, p. 139). De fato, a análise de discurso e mesmo da análise de discurso textualmente orientada enfatiza a forma como os textos são moldados por discursos anteriores que estão respondendo a eles ou reutilizando-os em contextos diversos, significando que cada enunciado seria “um elo na cadeia de enunciação”, sejam pela constituição de pedaços de outros, readaptações ou reorientações em dado contexto em que são novamente enunciados (FAIRCLOUGH, 2016, p. 140).

Ora, de certa forma, é exatamente o que estamos tentando captar aqui, visto que Howard elencou enunciados específicos sobre o ser bárbaro e o ser civilizado a partir de tradições discursivas específicas. Os ditos mitos da fronteira estadunidense oitocentista, por exemplo, se caracterizaram por uma série de textos de cunho literário que aos poucos construíram a ideia de rusticidade dos *frontiermen* desbravadores do oeste em meio ao processo civilizatório e de formação dos EUA como Estado-Nação, em parte e guardadas suas especificidades, na mesma linha da literatura oitocentista que procurou evidenciar aspectos de povos e etnias para com isso valorizar a formação das Nações modernas europeias.

Como sustentado por Guazzelli (2003 p. 129), o exemplo canônico desse homem da fronteira estadunidense idealizado pela literatura teria sido Daniel Boone, imortalizado na obra de John Filson, intitulada de “*The Adventures of*

Colonel Daniel Boone”, publicada em 1784, mas que teria uma forte difusão no país e mesmo na Europa no século seguinte. Tal como tantos outros homens da fronteira que vieram antes e depois dele, esse desbravador seria alguém que se mesclava ao mundo rústico e a seus habitantes selvagens, um homem que cruzava tal mundo munido da mais pura valentia, coragem e de uma necessária rusticidade e violência para sobreviver em um ambiente igualmente rústico e violento.

Segundo essa literatura da fronteira, o caráter do homem americano estaria sendo desenvolvido em meio ao processo de desbravamento do oeste selvagem, sendo esse homem quase que um “bárbaro” civilizador valente e temerário (uma mistura do elemento Europeu com o elemento local) no enfrentamento dos próprios nativos selvagens das pradarias e florestas (GUAZZELLI, 2003, p. 129).

O modelo civilizador encontra em Boone a figura típica do fronteiro, que para superar os selvagens assemelha-se aos mesmos em hábitos, resistência às adversidades do ambiente e exercendo a brutalidade quando necessário, cioso de sua importância para o país (...). Outros famosos *frontiersmen* da geração anterior, como Thomas Cresap e Robert Rogers, receberam menos atenção por parte dos seus contemporâneos, porque Daniel Boone, além de tudo, foi um destacado *partisan* durante a Revolução Americana: o homem da fronteira era também um dos fundadores da Nação Americana (GUAZZELLI, 2003, p. 130).

Podemos vislumbrar outros exemplos desses homens de fronteira, muitos dos quais reais e imortalizados em obras literárias e panegíricos tipicamente apologistas, como é o caso de *“The Last of the Mohicans”*, de James Fenimore Cooper, lançada em 1826. Na obra em questão, o personagem Natty Bumppo é o herói desbravador da fronteira, meio nativo e meio pioneiro, um homem que esbarra no avanço da própria civilização, com todas as suas leis e normas enrijecidas, tendo ele que vivenciar sua liberdade quase perdida em meio aos conflitos por terras e pela caça nas pradarias selvagens povoadas por índios e outros desbravadores brancos (GUAZZELLI, 2003, p. 131).

Esses últimos, aliás, são comumente representados na obra como ineptos na guerra de fronteira em comparação com o ser rústico que vaga entre homens civilizados e nativos (GUAZZELI, 2003, p. 132), o que muito se assemelha com a forma como o bárbaro Conan é representado diante do mateiro Balthus, destacado em outro momento.

Os “mitos da fronteira” são assim um conjunto de textos distintos de diferentes apologistas acerca da formação dos EUA, apologistas esses que procuravam não apenas justificar a expansão dos brancos descendentes de europeus em direção ao oeste estadunidense (excluindo os nativos do processo), como também pretendiam demarcar uma identidade própria para o típico homem americano, um indivíduo mesclado culturalmente em meio a tal processo, não sendo ele totalmente europeu, mas também não sendo totalmente nativo (ÁVILA, 2006, p. 13).

Em outras palavras, trata-se de um homem da fronteira, tal como era o bárbaro Conan em seu mundo ficcional (e não esqueçamos que a Ciméria seria uma Inglaterra pré-romana gélida, nublada, nostálgica, escura, tal como o Texas na visão de Howard, assim como sua população seria de homens fortes e de pele bronzeada, como a pele de um nativo das pradarias americanas). De certa forma, os personagens idealizados dos mitos da fronteira cativaram Howard e muito o influenciaram em suas narrativas sobre Conan a ponto de o autor exaltar aspectos da barbárie no personagem, mesmo quando o cimério era visto pelos olhos de homens civilizados.

Howard não gostava se vincular o homem da fronteira ao bárbaro por natureza, visto ser esse último mais violento e cruel e o primeiro ser um tipo bem especializado e tipicamente americano, mesclado, mas as influências da literatura da fronteira não podem ser negadas em sua literatura fantástica e mesmo nos comportamentos do bárbaro Conan.

Temos com isso uma construção ambivalente do ser bárbaro howardiano diante do ser civilizado, uma visão que foge dos esquemas usuais oitocentistas de exaltação do segundo em detrimento do primeiro. Tal fato ocorre, em nossa opinião, em razão do contexto de Howard e, claro, da influência das tradições discursivas estadunidenses sobre o autor texano, incluindo os mitos da fronteira que exaltavam homens rústicos e seus modos violentos em um ambiente hostil. Vejamos mais alguns exemplos de como Howard efetuou tal contraposição nos Ciclos de Conan, tratando da visão dos civilizados em relação ao cimério:

- Então você também é um bárbaro! – exclamou Balthus sem querer.

O outro acenou com a cabeça sem se ofender.

- Sou Conan da Ciméria!
- Já ouvi falar de você – um interesse renovado correu o olhar de Balthus. Não era de admirar que o picto fora vitimado por seu próprio tipo de artimanha! Os cimérios eram bárbaros tão ferozes quanto os pictos, e muito mais inteligentes. Era óbvio que Conan tinha passado bastante tempo entre os homens civilizados, ainda que aquele contato não tivesse amolecido ou enfraquecido qualquer um de seus instintos primitivos (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 203).

Voltamos aqui para a interação entre Conan e Balthus, o mateiro da fronteira que encontra o cimério na floresta distante de seu mundo ficcional, em meio ao processo colonizador dos aquilonianos sobre as terras dos povos *pictos*. Conan é tido em “*Além do Rio Negro*” como um bárbaro feroz, tanto quanto seus inimigos selvagens, mas ele é ainda mais selvagem e também mais inteligente do que os nativos.

Mais do que uma comparação entre Conan e os nativos ficcionais da narrativa, o excerto ressalta a comparação entre o ser bárbaro, Conan e a civilização da *Era Hiboriana* (no sentido clássico, como de uma grande cultura humana), visto que o cimério, no entender de Balthus, não foi enfraquecido pelos contatos com os homens civilizados, mantendo todos os seus “instintos primitivos”. Logo abaixo vislumbramos outro exemplo, desta vez em torno da idealização do bárbaro pelos olhos de Olívia, uma mulher civilizada:

Fez-se silêncio por algum tempo, a mulher agachada na proa, o homem puxando os remos. Ela o observava com fascinação tímida. Evidentemente ele não era hirkaniano e não parecia pertencer a nenhuma raça Hiboriana. Havia uma solidez lupina que marcava aquele bárbaro. Suas feições, excluindo as marcas e manchas das batalhas e de sua jornada pelos pântanos, refletiam uma selvageria indomada, mas que não eram maldosas e nem degeneradas (HOWARD, *Sombras de Ferro sobre a Lua*, 2006, Vol. II, p. 58).

A personagem encontra Conan numa ilha distante do Mar de Vilayet, que seria o equivalente ao Mar Negro e, da mesma forma que tantos outros personagens das narrativas howardianas, ela se fascina com a “força bárbara” do cimério. O importante aqui não é a já citada comparação do ser bárbaro com atributos de animais ferozes, a dita “solidez lupina” mencionada no trecho de “*Sombras de Ferro sobre a Lua*” e muito menos a igualmente mencionada “selvageria indomada” exaltada na figura de Conan em diversos enunciados.

Chama nossa atenção o vislumbre da personagem quanto a Conan não possuir feições degeneradas ou maldosas, mesmo que possuindo um rosto manchado de sangue e crivado de cicatrizes de batalha. O excerto que se segue é da mesma narrativa a nos transmite ainda mais a idealização de Conan pelos olhos da mulher civilizada.

De tudo isso Olívia estava apenas mecanicamente consciente. Seu cérebro fatigado estava quase entrando em colapso. Deixada sozinha e desprotegida, percebia o quanto a proteção de Conan significava para ela. Refletiu vagamente sobre as surpreendentes travessuras do destino, que podiam fazer a filha de um rei, a companheira de um bárbaro sanguinário. Com isso lembrou-se da repulsa que sentia por seu próprio povo. O pai dela e Shah Amurath eram homens civilizados e com eles só passara por sofrimentos. Nunca havia encontrado nenhum homem civilizado que a tivesse tratado com bondade, a não ser quando havia segundas intenções por trás de seus atos. Conan a escutara, a protegera e, até agora, não exigira nada em retribuição (HOWARD, *Sombras de Ferro Sobre a Lua*, 2006, Vol. II, p. 77).

Se havia qualquer dúvida acerca da inversão howardiana quanto à barbárie possuir traços de um comportamento honrado e digno, deixando para a civilização certa decadência ou degenerescência, essa passagem é elucidativa. A personagem Olívia ao mesmo tempo em que pensa em Conan como um bárbaro sanguinário, se desvela impressionada pela proteção dada a ela pelo cimério, mesmo não lhe pedindo nada em troca.

A atitude de Conan no trato com Olívia, segundo a própria visão da personagem civilizada, é a de um homem honrado que a escuta e protege e mais, que não pede nada em troca, o que difere das atitudes usuais dos civilizados, tidos como “homens maldosos que jamais a trataram com bondade”. Se Conan não é o ingênuo selvagem idílico de qualquer idealização filosófica naturalista, ele pelo menos é apresentado na narrativa como um homem honrado, ainda que sanguinário, sendo a barbárie howardiana a expressão de uma dupla visão de homem da fronteira em termos de comportamento: da honradez a selvageria típica de quem vive na guerra e pela violência. O excerto que se segue traz novas construções:

Muito do jeito de ser de Conan era inexplicável para as pessoas civilizadas que ele governava, e isso incluía sua insistência em dormir sozinho em seu quarto ou tenda ou – Traga-me a cabeça de Tarascus e eu farei de você um barão! – em sua hora de angústia,

o verniz da civilização de Conan caiu. Com olhos de fogo, ele apertou os dentes com fúria e sede de sangue, tão bárbaro quanto qualquer homem de sua tribo nas colinas da ciméria (HOWARD, *A Hora do Dragão*, 2012, p. 17 e 20).

Aqui retiramos um enunciado de uma das quatro narrativas que apresentam Conan como rei da Aquilônia, sendo essa a narrativa com o maior número de páginas entre todas aquelas escritas por Howard. Segundo os dizeres do enunciado de *“A Hora do Dragão”*, o bárbaro teria um jeito de ser inexplicável para as pessoas civilizadas que ele mesmo governava, incluindo nos hábitos mais cotidianos, como o de dormir sozinho em seu quarto ou tenda, mesmo ele sendo um rei com muitos servidores. Qualquer traço de civilização no cimério seria uma espécie de “verniz” que ele retirava em casos de guerra contra seus inimigos civilizados, tal como é o caso da narrativa da qual esse excerto faz parte.

É nesse ponto que encontramos diversos tipos de enunciados howardianos que desvelam suas críticas mais pesadas contra a civilização. Nessas passagens, observamos a construção de que os civilizados são ainda mais cruéis e até mais sanguinários do que os próprios bárbaros.

Podemos vislumbrar nesses enunciados um pouco daquele terceiro sentido mencionado ao início desse capítulo, quando explicamos – seguindo o esquema de Wolff e as digressões de Todorov – que a barbárie poderia expressar um comportamento desumano da parte de qualquer sujeito, e mais, que a barbárie poderia se encontrar no interior da própria civilização ou de culturas que se afirmam como civilizadas. O trecho seguinte especifica tal construção:

Agora, por entre fileiras ruidosas, cavalgavam os senhores dos conquistadores – Strabonus, com seu rosto largo e escuro e olhos astuciosos; Amalrus, esbelto, fastidioso, traiçoeiro, perigoso como uma serpente; e o abutre Tsotha-landi, curvado, vestido apenas com um manto de seda, com grandes olhos negros cintilando em um rosto que parecia o de uma ave de rapina. Deste mago kothiano contavam-se histórias sombrias: mulheres de cabelos aparados das aldeias do norte e do oeste assustavam seus filhos com seu nome. Pela ameaça de serem vendidos a ele, escravos rebelados retornavam a degradante submissão mais prontamente do que pelo chicote. Homens diziam que ele possuía uma grande biblioteca de livros obscuros enrolados na pele de vítimas humanas esfoladas vivas e que traficava com poderes da escuridão nos inomináveis fossos abaixo da colina onde se situava seu palácio, quando trocava segredos profanos em troca de jovens escravas aos gritos. Tsotha era o verdadeiro governante de Koth (HOWARD, *A Cidadela Escarlata*, 2006, Vol. II, p. 14-15).

O excerto, retirado de “*A Cidadela Escarlata*” trata da descrição de três senhores (reis, nobres e estudiosos das artes mágicas) civilizados, todos eles inimigos declarados de Conan e que, logo no início da narrativa em questão, trouxeram o rei bárbaro para uma armadilha. Chama a atenção à forma como todos os civilizados representados no excerto são astuciosos, traiçoeiros ou mesmo genocidas.

Se Howard não representa Conan nas suas narrativas, tal e qual o homem em estado da natureza segundo o sentido de Rousseau – visto que o cimério vive pela violência e também pela busca de saques e roubos em algumas de suas aventuras – ele representa sim os homens civilizados tal e qual eles aparecem na filosofia do iluminista francês.

Lembremos que na perspectiva de Rousseau, os homens se corrompem devido à artificialidade da civilização da qual fazem parte, preocupando-se somente com seus “amores próprios”¹²⁰, ou seja, o apego a seus bens materiais, ao poder pessoal, ao *status* social, aos prazeres mundanos e, claro, a luxúria frente as riquezas oriundas da propriedade privada (VASCONCELOS, 2012, p. 54).

A citação que se segue demarca mais outro exemplo dessa mesma categorização dos homens civilizados, como sendo eminentemente gananciosos, corruptos, ardilosos, cruéis, desumanos, dentre outros adjetivos.

Nem o povo da cidade se sai melhor. Sua riqueza é despojada deles, suas filhas mais belas tomadas para satisfazer o desejo insaciável de Constantius e seus mercenários. Estes homens são totalmente sem piedade ou compaixão, possuidores de todas as características que os nossos exércitos aprenderam a detestar em nossas guerras contra os aliados shemitas da cruel Argos – a crueldade inumana, luxúria e ferocidade de bestas selvagens. O povo da cidade forma a casta dirigente de Khauran – predominantemente hiboriana, valorosa e guerreira. Mas a traição de sua rainha os entregou nas mãos de seus opressores. Os shemitas são a única força armada em Khauran, e a punição mais

¹²⁰ Na filosofia de Rousseau existe uma diferença marcante entre o “amor de si mesmo”, típico do homem em estado natural, que se preocupa com os cuidados com a saúde e o “amor próprio”, vinculado ao comportamento de quem vive somente por suas propriedades e o amor que nutre pelos bens materiais e pela riqueza (VASCONCELOS, 2012). Em nossa opinião, nesse ponto específico, Conan se aproxima do homem que possui “amor de si mesmo”, visto que ele não se apega as suas propriedades a ponto de esquecer-se de seu instinto natural, vivendo desapegado das riquezas materiais, ainda que ele lute constantemente pelo saque e pelas pilhagens. Conan é notadamente apegado aos prazeres naturais, não vendo problema em partir para outra aventura e deixar de lado tudo o que conquistou em termos de bens materiais sob as mais variadas situações. Seu apego ao ouro é equivalente ao desapego quando outras oportunidades surgem.

infernais é infligida a qualquer khaurani encontrado em posse de armas. Uma perseguição sistemática, para destruir todos os jovens khauranis capazes de portar armas, tem sido brutalmente feita. Muitos foram impiedosamente massacrados, e outros vendidos como escravos para o turanianos. Milhares já fugiram do reino, ou entrando no serviço de outros governantes, ou se tornando bandidos, à espreita em numerosos bandos ao longo das fronteiras. (HOWARD, *Uma Bruxa Nascerá*, Crônicas da Ciméria)¹²¹.

O enunciado de “*Uma Bruxa Nascerá*” fala de Taramis, uma bruxa ardilosa que se tornou rainha de um pequeno reino civilizado (Khauran). Trata-se de uma mulher impiedosa que se utiliza de magia e de manipulação para enganar o povo deste pequeno reino. Isso sem falar no uso da força de tropas de mercenários civilizados de modo a garantir sua manutenção no poder. Esses mercenários se aproveitam da situação para perseguir o povo de Khauran e massacrar quaisquer rebeldes contrários à rainha, tal como procederiam, segundo o enunciado, todos os civilizados em suas guerras de conquista.

O homem civilizado é representado de forma análoga à forma como está exemplificado o mercenário Constantius ao início do excerto, um ser cruel, inumano, feroz, no sentido negativo da ferocidade e que procura satisfazer seus desejos insaciáveis por riquezas e luxúria. Em outras palavras, observamos um homem que nutre acima de tudo o “amor próprio”, tal como destacado na filosofia de Rousseau. No trecho que se segue podemos averiguar mais alguns exemplos das condutas típicas dos civilizados nos Ciclos de Conan:

Ela (Taramis) instituiu o sacrifício humano, e desde que se juntou a Constantius, não menos que quinhentos homens, mulheres e crianças já foram imolados. Alguns deles morreram no altar que ela erigiu no templo, ela mesma empunhando a adaga de sacrifício, mas a maioria conheceu um destino ainda mais horrível. Ao amanhecer, Taramis cambaleou bêbada para fora do templo, com os olhos brilhando de triunfo demoníaco. Os doze cativos nunca mais foram vistos, nem a inumana voz rouca ouvida. Mas há uma sala no templo em que ninguém jamais vai, exceto a rainha, realizando antes um sacrifício humano à frente desta. E esta vítima nunca mais é vista novamente. Todos sabem que naquela câmara sombria se esconde um monstro da noite negra das eras, o qual devora os humanos a guincharem que Taramis oferece a ele (HOWARD, *Uma Bruxa Nascerá*. Crônicas da Ciméria)¹²².

¹²¹ Texto publicado no site <http://cronicasdacimeria.blogspot.com.br/2015/05/nascera-uma-bruxa.html>, acessado em 20/05/2017.

¹²² Texto publicado no site <http://cronicasdacimeria.blogspot.com.br/2015/05/nascera-uma-bruxa.html>, acessado em 21/05/2017.

Essa parte é representativa por evidenciar a degenerescência do ser civilizado, no caso em questão, a própria rainha Taramis e seu mercenário Constantius. Também retrata a visão usual de que sacrifícios humanos são característicos de culturas específicas baseadas na idolatria religiosa desmedida, sendo essa construção discursiva não muito diferente de um enunciado de algum colonizador europeu do século XVI no tratamento da civilização maia ou asteca, por exemplo.

De qualquer forma, o enunciado de Howard lembra muito os dizeres de Bartolomé de Las Casas ao retratar e criticar não somente os ditos povos civilizados mesoamericanos e seus sacrifícios humanos como também os Europeus e suas guerras de conquista regadas a genocídios contra seus inimigos.

A barbárie estaria aqui no interior da própria civilização, seguindo-se o terceiro sentido explicitado por Wolff e Todorov, quando ambos reiteraram, em obras distintas, o fato de a mesma ser representada pela desumanidade latente de certos indivíduos contra outros homens ou povos, independentemente de suas culturas de pertencimento. Taramis e Constantius se comportariam como pessoas bárbaras, ainda que na visão de Howard, tais comportamentos fizessem parte do comportamento tipificado das civilizações ficcionais representadas nas narrativas dos Ciclos de Conan. Outro exemplo desse tipo de construção pode ser averiguado a seguir:

O cimério havia feito uma ideia dos planos de Tuthmekri, graças a seu conhecimento da natureza humana. Certamente foi ele quem propôs a conquista de Punt aos reis de Zimbabo, embora seu verdadeiro objetivo fosse apoderar-se dos Dentes de Gwahlur. Sem dúvida, aqueles reis cautelosos pediram provas de que o tesouro realmente existia, antes de tomarem qualquer medida. As joias que Tuthmekri solicitara como garantia seriam uma prova convincente. Uma vez certos da existência do tesouro, os reis de Zimbabo atuariam. Punt seria invadida simultaneamente por leste e oeste, mas os homens de Zimbabo se esforçariam para que os nativos de Keshan carregassem o peso da luta. Então, quando tanto Punt quanto Keshan estivessem esgotados pela contenda, Zimbabo aniquilaria os dois povos, saquearia Keshan e levaria o tesouro, mesmo que tivessem que desmontar cada edifício pedra por pedra, ou torturar todos os habitantes do reino (HOWARD, *As Joias de Gawhlur*, Crônicas da Ciméria)¹²³.

¹²³ Texto publicado no site <http://cronicasdacimeria.blogspot.com.br/2015/05/as-joias-de-gawhlur.html>, acessado em 23/05/2017.

O trecho trata de “*As Jóias de Gawhlur*”, uma das aventuras de Conan pelos chamados reinos negros, que seriam equivalentes a aqueles do continente africano da Antiguidade (incluindo o Egito, o Reino do Punt ou o Reino da Núbia). A narrativa desvela alguns aspectos da geopolítica do mundo ficcional de Conan, a Era Hiboriana e a forma como diversos reinos, impérios e nações civilizadas se relacionam umas com as outras na busca por tesouros ou poder.

No caso em questão, Conan está trabalhando para o reino ficcional de Zimbabo e busca um conjunto de joias antigas, chamadas de Dentes de Gwahlur, em um templo distante, joias essas pretendidas por outro mercenário de nome Tuthmekri, inimigo do cimério. Novamente o enunciado informa o quanto os povos civilizados da *Era Hiboriana* são movidos por guerras e riquezas, sendo Conan o bárbaro que conhece a natureza humana desses respectivos homens civilizados, ao mesmo tempo em que se utiliza desse conhecimento para ganhar seus devidos benefícios em suas aventuras. Outro exemplo dessa mesma natureza pode ser evidenciado a seguir.

- Você está em boa companhia com esse assassino – murmurou Nabonidus. – Já venho suspeitando de você há algum tempo. Foi por isso que fiz desaparecer aquele obscuro secretário da corte. Antes de morrer, ele me contou muitas coisas, entre elas o nome do jovem nobre que o subornava para surrupiar segredos de Estado, os quais por sua vez, eram vendidos pelo nobre para potências rivais. Não se envergonha disso, Murilo, seu ladrão de mãos pálidas?

- Não tenho mais motivos do que você para me sentir envergonhado, seu trapaceiro de coração de abutre. – respondeu Murilo prontamente. – Você explora um reino inteiro para seu próprio benefício sob o disfarce de um estadista desinteressado, engana o rei, empobrece os ricos, oprime os pobres e sacrifica o futuro da nação por sua ambição impiedosa. É mais ladrão do que eu. Este cimério é o mais honesto entre nós três, porque rouba e mata abertamente (HOWARD, *Inimigos em Casa*, 2006, Vol. II, p. 169).

O texto, retirado de “*Inimigos em Casa*” retrata a disputa entre dois membros poderosos de um reino pequeno onde Conan se aventurou quando jovem. O primeiro sujeito destacado é o nobre Murilo, conhecido por sua riqueza e sua política civilizada tipicamente da corte. Sua postura desvela aquele aspecto da polidez hipócrita de um nobre de qualquer reino absolutista europeia da Idade Moderna, tal como exemplificado nos estudos de Norbert Elias, representando no

excerto muito mais uma fachada para a busca do poder do que o mero regramento de comportamento a impedir quaisquer conflitos provenientes da ganância individual.

O outro sujeito destacado no texto é o poderoso mago Nabonidus, que na narrativa se apresenta como o maior manipulador do governante do pequeno reino ficcional retratado, sendo ele conhecido por usar sua magia contra seus inimigos pessoais, incluindo Murilo, a quem nutre um ódio pessoal quase doentio pelo fato do nobre se portar como um alpinista social da corte da qual o mago é hegemônico.

O enunciado desvela a política civilizada, nitidamente manipuladora e corrupta, pois cada um dos adversários se utiliza de artifícios mesquinhos para subir na escala de poder, independentemente das consequências de seus atos. Murilo, como diz o excerto, “vende segredos de Estado para seus inimigos” enquanto Nabonidus é conhecido por “explorar um reino inteiro para seu próprio benefício sob o disfarce de um estadista desinteressado”.

De certa forma, o homem civilizado aqui não é distinto daquele indivíduo civilizado da filosofia de Rousseau, quando o pensador francês destacou a ganância do mesmo pelas riquezas e/ou pelo poder, ainda que transparecesse possuir uma conduta moral frente à sociedade. Além disso, ao final da citação, verificamos novamente a contraposição do ser bárbaro ao ser civilizado nos Ciclos de Conan, onde o primeiro é tido como um ser mais autêntico, verdadeiro e honesto do que o segundo. Como bem diz o próprio Murilo, “este cimério (Conan) é o mais honesto entre nós três, pois rouba e mata abertamente”.

O que podemos depreender a partir do texto é que a honestidade bárbara de Conan não faz do cimério um ser puro, ingênuo, idílico ou bondoso, mas sim o faz ser um homem violento e brutal, ainda que autêntico. Conan não engana os outros com seus atos por uma falsa representação de si mesmo. Se o bárbaro mata ou rouba, ele o faz de forma aberta, sem engodos ou manipulações, diferentemente dos homens civilizados.

No nosso entender, parece-nos que tais construções discursivas dizem algo da forma como Howard realmente tratava o bárbaro. Ele não o fazia por defender apenas o estágio da barbárie de forma filosófica ou abstrata ou mesmo como um estágio munido de pureza natural, mas sim por tomar em conta, mesmo que

inconscientemente, um tipo de homem mesclado e rústico, no caso, o tão mencionado homem da fronteira das pradarias dos EUA oitocentista.

Tratar-se-ia de um homem violento, que podia até roubar, matar, pilhar, mas que era aberto, honesto, direto e que servia de exemplo como o típico pioneiro desbravador do oeste selvagem, sendo Conan uma das formas do escritor texano exemplificar uma conduta igualmente tipificada em contraposição à corrupção dos homens genuinamente civilizados, tão apegados, nas narrativas howardianas aos bens materiais e a busca pelo poder. Se Conan não era o homem da fronteira em essência, sua barbárie o levaria mais próximo desse homem do que os civilizados que entravam em contato com ele.

Certamente que se trata de uma afirmativa inferida de nossa parte, mas não devemos esquecer o quanto a visão de um oeste selvagem conquistado e desbravado por homens mesclados e mestiços se tornou um padrão comum em narrativas da historiografia estadunidense, tal como podemos vislumbrar nas construções dos mitos da fronteira ou mesmo no excerto de cunho historiográfico elencado a seguir:

O oeste estava sendo ocupado por novas famílias e novos animais no XIX. Durante anos, os habitantes do leste se referiam as Grandes Planícies como o Grande Deserto Americano. Quem poderia viver em uma terra tão seca e árida? Mas, à medida que os bisões eram exterminados, o gado dos colonos brancos tomava o seu lugar. Colombo havia trazido as primeiras vacas ao Caribe em 1493, e com o passar dos séculos elas se espalharam por todo o México e chegaram ao Texas, ao norte. Esse gado sobreviveu com pouca água e se defendia com chifres que chegavam a medir 2,4 ou até 2,8 metros de uma ponta a outra. Os *vaqueros* mexicanos desenvolveram o equipamento necessário para arrebanhar os animais, com o ferro em brasas para marcar uma vaca com o símbolo do dono, laços para laçar os bois, chapéus de abas largas – os *sombreros* – de modo a proteger do sol escaldante e botas de couro com salto alto, esporas e bico pontiagudo para entrar confortavelmente nos estribos da sela. Os norte-americanos do leste – *gringos*, como os mexicanos os chamavam – adotaram essas técnicas, e muitos mexicanos ainda continuaram a pastorear o gado (DAVIDSON, 2016, p. 203).

Pode parecer fora de contexto esta citação, visto que estamos tratando da contraposição entre o ser bárbaro e o ser civilizado em uma narrativa ficcional, mas essa construção discursiva não é distinta da forma como Howard narrou o oeste selvagem estadunidense em suas cartas (ou até mesmo em outras narrativas). Ele

mesmo reverberava as características do avanço dos pioneiros sobre o oeste selvagem e o modo como esses indivíduos se formaram pela mescla de tipos distintos de homens e culturas da fronteira no decorrer do processo civilizacional. Vejamos um exemplo extraído de uma de suas cartas a Lovecraft:

Algun dia eu gostaria de escrever uma crônica do Sudoeste, da maneira como ele parece para mim, mas acho que eu não poderia lidar com o assunto corretamente. Bem, se eu nunca escrevê-la, pelo menos, as pessoas do meu sangue teriam uma mão (ajuda) para fazê-la - o que é infinitamente melhor do que escrever de forma nada romântica as ações de outros homens. Os meus parentes estavam entre os atiradores na King's Mountain, e com Old Hickory em Nova Orleans; Eu tive três grandes tios na corrida do ouro de 1849 - Um Howard e dois Martins - o Howard se instalou em Sonora, Califórnia; e um dos Martins deixou seus ossos na trilha - ambos, os meus avós, viajaram por quatro anos com Bedford Forrest e eu tive um bisavô no exército confederado, bem como uma série de tios geniais - um morreu em uma escaramuça sem nome no Wilderness e outro caiu na batalha de Macon, na Geórgia; meu avô, coronel George Ervin, chegou ao Texas quando ele ainda era selvagem e cru, meu avô entrou no Novo México muito antes dele se tornar um estado e foi trabalhar uma mina de prata - e uma vez que ele cavalgou muito rápido e selvagememente pelo Texas com os Apaches do velho Geronimo em sua trilha; uma tia minha casou e entrou no território indígena e viveu lá por anos antes do governo vir a legalizar a terra para os colonos; e um dos meus tios, também se estabeleceu no que é agora Oklahoma, em seus dias mais selvagens, quando ele era inundado de índios meio selvagens e assassinos renegados de meia dúzia de estados (HOWARD *apud* FINN, 2006, p)¹²⁴.

A ideia de que a fronteira do oeste selvagem estadunidense era um lugar de contatos culturais, da mescla entre o desbravador mexicano com o colono do leste ou mesmo do branco europeu com o indígena do oeste fez parte das concepções recebidas por Howard, tal como depreendemos na referida carta ao tratar de seus

¹²⁴ No original: *Some day I'd like to write a chronicle of the Southwest as it appears to me, but I don't suppose I could handle the thing properly. Well, if I never write it, at least people of my blood had a hand in making it - which is infinitely better than unromantically writing down the deeds of other men. Kinsmen of mine were among the riflemen at King's Mountain, and with Old Hickory at New Orleans; I had three great-uncles in the 49 gold rush - a Howard and two Martins - the Howard settled in Sonora, California, and one of the Martins left his bones on the trail - both my grandfathers rode for fours yars with Bedford Forrest, and I had a great grandfather in the Confederate Army, too, as well as a number of great-uncles - one died in a nameless skirmish in the Wilderness and another fell in the battle of Macon, Georgia; may grandfather Colonel George Ervin came into Texas when it was wild and raw, and he went into New Mexico, too, long before it was a state, and worked a silver mine - and once he rode like a bat out of Hell for the Texas line with old Geronimo's turbaned Apaches on his trail; an aunt of mine married and went into the Indian Territory to live years before the government ever oponed the land for settlers; and one of my uncles, too, settled in what is now Oklahoma, in its wildest days, when it swarmed with half-wild Indians and murderous renegades from half-a-dozen states.* Tradução livre.

ancestrais pioneiros – e mesmo na primeira parte deste estudo, quando tratamos do homem e escritor, Robert Howard.

Como bem afirmado nos dois textos elencados, tratava-se de um ambiente de trocas em que o ato de desbravar e povoar se dava a partir da própria mescla de elementos diferenciados de povos e culturas, ocorrendo o desbravamento mediante a valentia dos homens rústicos da fronteira em um território selvagem, cruel, hostil, um ambiente composto por escaramuças e guerras quase endêmicas (DAVIDSON, 2016).

O homem brutal e cruel das narrativas de Howard ou mesmo dos mitos da fronteira dos EUA seria exatamente esse homem laborioso que se aproveitaria do ambiente onde se encontrava e que se comportaria de forma aberta, honesta e valente em determinado contexto hostil, não sendo, portanto a epopeia do ser civilizado, que viveria na busca pelos prazeres, riqueza ou poder. A civilização, nesse tipo de construção não derrotaria a barbárie ou a suprimiria completamente. A barbárie realizaria assim uma nova civilização em dado ambiente e contexto específico.

O homem da fronteira das narrativas da fronteira demarcaria, portanto o ato civilizatório e não o ser civilizado e polido das cortes ou das tramas ardilosas do mundo político, sendo o bárbaro howardiano – mesmo em se tratando de Conan, um personagem ficcional de um mundo fantástico – um exemplo bem próximo desse genuíno homem da fronteira idealizado desde o século XIX nos EUA, um tipo que muito influenciou Howard quando da criação de seu mais famoso personagem, ainda que possamos também ver distinções entre o bárbaro por natureza e o homem da fronteira do oeste.

Como bem lembramos na primeira parte deste estudo, foi para além da fronteira que Robert Howard criou Conan, quando vislumbrou em sua mente imaginativa o bárbaro, Conan, quase que saído das pradarias do Novo México em uma viagem até a região. No próximo capítulo iremos situar algumas narrativas howardianas dos Ciclos de Conan que estão ainda em consonância com a contraposição entre civilização e barbárie, algumas delas que tratam da ideia presente de que a barbárie seria um estado natural a substituir a civilização quando essa entrasse em decadência.

De certa forma, tais enunciados estão em consonância não somente com aspectos inerentes ao século XIX, diante do desbravamento e da conquista do oeste selvagem estadunidense, mas também com as primeiras décadas do século XX e as crises sucessivas nos EUA, tanto devido ao contexto interno do país, e do Texas propriamente dito, quanto devido às consequências da Grande Depressão dos anos 1930, a nível nacional e regional.

CAPÍTULO 6

A ciclocicose e a idealização de aspectos da barbárie como resposta ao sentimento de crise no contexto histórico de Howard.

As primeiras três décadas do século XX nos EUA foram marcadas por conflitos sociais e crises financeiras, juntamente a certo crescimento industrial relativo, nesse último caso, até meados dos anos 1920. Ao lado deste avanço industrial pós Guerra da Secessão, pós Conquista do Oeste e pós Primeira Guerra Mundial havia uma demanda crescente entre setores específicos da sociedade estadunidense por competição livre, especificamente entre empresários dos grandes conglomerados industriais (DAVIDSON, 2016, p. 206).

Os homens de negócios, tal como o capitão da indústria do aço, Andrew Carnegie, colocavam em pauta suas cartilhas político-econômicas diante de concepções em voga na sociedade estadunidense da época. Muitas dessas concepções eram influenciadas pelo liberalismo econômico e pela filosofia de Herbert Spencer concernente ao darwinismo social, asseverando-se que a livre iniciativa e a competição entre os mais aptos levaria a Nação rumo ao progresso, não se aceitando a atuação do Estado na economia ou mesmo à insatisfação dos trabalhadores com as péssimas condições em que se encontravam nas fábricas ou nos trens utilizados para chegarem ao trabalho (DAVIDSON, 2016, p. 207-208).

No final do século XIX e no decorrer da primeira década do século XX, diversas greves de trabalhadores irromperam no país, muitas das quais sufocadas por milicianos ou policiais a mando dos governos estaduais, governos esses que usualmente defendiam os interesses dos empresários e da grande indústria (MAGNOLI; BARBOSA, 2011, p. 140-142). O crescimento econômico esporádico do período não era suficiente para impedir que mais de quinhentos bancos e quinze mil negócios tenham ido à bancarrota, muitos dos quais influenciados por especulações exageradas em um contexto de ausência de regulamentação criteriosa no mercado de ações (DAVIDSON, 2016, p. 210).

Segundo Pierre Melandri (2001, p. 62), a economia dos EUA vivia, ao final do século XIX e primeiro quarto do século XX, uma intensa instabilidade com a acumulação de riqueza e concentração de grandes empresas (os famosos holdings e trustes), além da especulação financeira desenfreada e de um sistema bancário desregulamentado. Tal fato propiciou ainda antes da Crise de 1929 o fechamento

de muitos bancos regionais e a quebra de pequenas e médias empresas, o que levou ao aumento do desemprego, chegando-se a cerca de dois milhões de desempregados no período¹²⁵.

Nesse contexto ocorreu uma gradual perda de poder aquisitivo dos trabalhadores, o que gerou conflitos constantes nas fábricas entre patrões e empregados ou mesmo entre americanos nativos e não nativos, ainda mais se levarmos em conta a vinda de milhares de imigrantes para ocuparem vagas não especializadas num mercado de trabalho em gradual retração (MELANDRI, 2001, p. 63).

Inseridos a contragosto em tal contexto negativo estavam, portanto, os trabalhadores das grandes cidades estadunidenses, muitos dos quais atuando arduamente em associações e sindicatos fabris, normalmente sofrendo com o frio devido à falta de calefação em suas casas simples ou mesmo no interior das fábricas onde trabalhavam por horas extenuantes, sem quaisquer direitos trabalhistas ou segurança (MELIANDRI, 2001, p. 64).

Industriais como o já mencionado Carnegie simplesmente asseveravam a importância do *laissez-faire* de modo a coibir os governos estaduais ou mesmo a União a efetuarem alguma ação social concreta fora dos atos comuns de repressão policial contra empregados insurgentes, levando ao surgimento do movimento sócio-político conhecido como “Movimento Progressista” (KARNAL; PURDY; FERNANDES; MORAIS, 2013, p. 175).

Formado por integrantes das classes médias urbanas, intelectuais e profissionais liberais, o movimento era bastante atuante ao início do século XX, principalmente no leste e no meio oeste do país e logo seus integrantes passaram a exigir uma maior participação do Estado na economia e na sociedade, não somente como forma de diminuir a injustiça social e de manter a ordem em um contexto marcado por conflitos endêmicos, mas igualmente para tentar solucionar

¹²⁵ Não podemos esquecer que os números relacionados ao desemprego nos EUA pós Crise de 1929 e durante a Grande Depressão Econômica chegam a 12 a 14 milhões de desempregados, tal como apontado por Davidson (2016, p. 238). Outros números do pós-Crise de 1929 dão conta da quebra de mais de 1800 bancos entre 1931-1932, chegando a mais dois mil bancos em 1933. As exportações totais dos EUA retrocederam de 5,4 bilhões em 1929 para 2,1 bilhões em 1933, com o comércio transatlântico diminuindo sobremaneira, tal como constam os números das exportações americanas, para a Europa, de 2,3 bilhões em 1929 para 784 milhões em 1932, quando os efeitos do *crash* eram sentidos em larga escala nas economias mundiais (MAGNOLI; BARBOSA, 2011, p. 172-180).

as contradições existentes entre capital e trabalho (KARNAL; PURDY; FERNANDES; MORAIS, 2013, p. 176).

Os progressistas queriam, acima de tudo, melhores serviços de água, esgoto, saneamento e saúde e não somente incentivavam novas políticas públicas estatais como também defendiam uma regulamentação maior da iniciativa privada, de modo a que os banqueiros, financistas ou mesmo grandes empresários não lucrassem à custa da miséria da população como um todo (DAVIDSON, 2016, p. 215).

Não foi a toa, aliás, que Theodor Roosevelt se tornou um presidente americano bastante popular na primeira metade do século XX, não somente por uma política externa expansionista de ingerências sobre a América Latina (o chamado Corolário Roosevelt), mas principalmente por sua política econômica no plano interno. A esse propósito, o presidente adotou parte da política progressista de regulamentação da economia como um modo de enfraquecer os grandes trustes e conglomerados do período, ganhando por conta dessa atuação o apelido de “*trust buster*” (destruidor de trustes) (DAVIDSON, 2016, p. 220).

Sobressaía nos EUA, para aquém dos arroubos ufanistas de qualquer nova era dos ricos homens de negócios – normalmente gestados pela crescente industrialização e formação de grandes empresas – um estado de extremismos e conflitos constantes, ou seja, um estado de insatisfações ou sentimentos de crise diante de um quadro impactante e que muitas vezes parece camuflado pela ideia de que tudo veio a ruir somente a partir da Crise de 1929 (MAGNOLI E BARBOSA, 2011, p. 17-33).

As três primeiras décadas do século XX no país de Robert Howard foram marcadas por movimentos preocupados com o meio social e tais movimentos, de cunho progressista, eram insuflados pelas críticas constantes aos massacres contra negros, indígenas e imigrantes no país, sendo cada vez mais comum ocorrer tais atos contra minorias e grupos não hegemônicos, tal como pode ser apontado no trecho a seguir:

Os vagões ferroviários para os afro-americanos não eram tão confortáveis, as escolas para os negros recebiam muito menos dinheiro para educação, e os cidadãos negros eram mantidos de fora dos melhores restaurantes e hotéis. Ao isolar as chamadas “pessoas inferiores”, a segregação encorajou mais desprezo, ódio e

violência para com elas. No oeste, imigrantes chineses foram espancados e expulsos do trabalho nas fazendas. No leste, mineiros poloneses desarmados receberam tiros da polícia quando a tensão com relação às greves aumentou. No sul, mercadores judeus tiveram suas lojas destruídas por agressores durante a madrugada. De longe, os mais atingidos pela violência foram os afro-americanos. Cerca de três mil foram linchados nos anos seguintes – enforcados, torturados e queimados vivos por multidões de brancos, sobretudo no sul, mas também em outros Estados. As multidões geralmente não faziam segredo de seus planos, e grandes aglomerações se reuniam para assistir, incluindo mães e até mesmo filhos dispensados da escola, como se fosse feriado. No ímpeto de manter a América “americana”, muitos norte-americanos se esqueceram dos ideais de sua nação: o de que todos são criados iguais e de que “devemos nos unir nesse trabalho” (DAVIDSON, 2016, p. 216).

Pode parecer a olhos mais críticos um trecho bastante genérico de uma narrativa historiográfica um tanto homogeneizante, visto que as especificidades regionais e históricas, em suas múltiplas historicidades, costumam enriquecer qualquer análise, mas o que pretendemos demonstrar com a passagem elencada é que o movimento progressista, igualmente mencionado em muitos livros de história sobre os EUA da primeira metade do século XX, se tornou um elo relevante entre as sucessivas crises existentes no país e suas múltiplas tentativas para tentar solucioná-las.

Não é gratuita a opinião historiográfica corrente sobre esse período conturbado, com o fortalecimento de grupos extremistas do porte da *Klu Klux Klan*, levando o cinema do país a tecer diversas constatações acerca da segregação racial, com filmes do porte de “*O Nascimento de uma Nação*” (MAGNOLI; BARBOSA, 2011, p. 138).¹²⁶ Também podemos mencionar os movimentos e as greves operárias que acabavam em constantes violências ou como graves casos de polícia, com constantes prisões de líderes e ativistas, como ocorreu em abril de

¹²⁶ Filme mudo e em preto e branco, lançado nos EUA em 1915. O elenco contou com, Lillian Gish, Mae Marsh, Henry B. Walthal, tendo a direção de D.W. Griffith. O drama conta a história de dois irmãos de uma mesma família, os Stoneman. Eles visitam os membros de outra família, os Cameron, naturais da Carolina do Sul. A amizade destas famílias logo é afetada diante dos acontecimentos marcantes em torno da Guerra Civil Americana (1861-1865), visto que os Cameron se alistam no exército Confederado enquanto que os Stoneman se tornam combatentes da União. São retratadas na obra as consequências da guerra na vida dos integrantes das duas famílias, bem como os vínculos com diversos acontecimentos históricos, destacando-se o crescimento da guerra, o assassinato do presidente Abraham Lincoln e o posterior surgimento da Ku Klux Klan no sul, devido aos ressentimentos com a criação da 13ª Emenda Constitucional, que concedeu liberdade aos negros no país. Informações retiradas de <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-5433>, acessado em 03/07/2017.

1914 no Colorado, tal extremismo culminando na condenação a morte dos dois operários anarquistas de origem italiana; Bartolomeo Vanzetti e Ferdinando Nicola Sacco (MAGNOLI; BARBOSA, 2011, p. 140).

Se observarmos o Texas de Howard mais especificamente, a situação parecia bastante peculiar, ainda que igualmente marcada pelo duplo aspecto do crescimento da indústria ao lado de conflitos internos, sucessivas crises e/ou sentimentos de crise. O incremento na geração de empregos com o “boom” do petróleo das primeiras décadas do século XX andou lado a lado com diversas consequências inerentes ao fato. Novos centros urbanos foram gestados ou incrementados num Texas com sucessivas migrações e êxodo rural ao longo dos anos 1910-1920, destacando-se o aumento de cidades do porte de San Antonio, Dallas, Houston e Fort Worth (FINN, 2006, p. 10).

A esse propósito, aliás, existe uma imagem construída sobre os texanos que mescla o elemento rural do *cowboy* da fronteira com o megaempresário multimilionário do Petróleo das grandes metrópoles do estado, imagem essa representada em filmes como, “*Assim Caminha a Humanidade*”¹²⁷ ou na série, “*Dallas*”¹²⁸ (FINN, 2006, p. 13).

Essa imagem deixa de evidenciar, no entanto o quanto as primeiras décadas do século XX foram traumatizantes para muitas pessoas comuns que vivenciaram tal ciclo econômico no Texas e no sudoeste dos EUA como um todo, na medida em que o *boom* foi acompanhado também pelo aumento dos índices de violência e crimes urbanos, pela prostituição desenfreada, pela difusão de doenças, posterior desemprego e claro, pelo alcoolismo entre as camadas mais pobres da população (FINN, 2006, p. 14). O movimento reformista, bastante atuante no leste, igualmente

¹²⁷ Com direção de George Stevens, esse épico de 1956 é estrelado por James Dean, Elizabeth Taylor e Rock Hudson. Pode ser resumido como um drama familiar, de inimizades e rivalidades entre os personagens principais, traçando as mudanças da economia do Texas com a descoberta do petróleo no início do século XX, visto que aos poucos a pecuária era deixada de lado devido ao *boom* do petróleo no oeste americano. Informações retiradas de <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-29107>, acessado em 03/07/2017.

¹²⁸ Série televisiva transmitida pelo canal norte americano, CBS, entre os anos de 1978 e 1991. O elenco foi composto por Patrick Duffy, Victoria Principal, Larry Hagman, Ken Kercheval, entre outros e tratou do embate entre duas famílias. Na trama inicial, os integrantes da família Barnes acusam os membros da família Ewing de terem roubado parte de uma companhia milionária do ramo de petróleo, no Texas. Novamente observa-se a questão da passagem da economia do gado para a economia do Petróleo, com o enriquecimento de famílias oligárquicas da terra e com a mescla do comportamento *cowboy* com o comportamento dos empresários corporativos, sendo o personagem J.R. Ewing sua maior expressão. Informações retiradas de <http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/tv>, acessado em 03/07/2017.

chegou ao oeste como uma tentativa de solucionar as crises ou o sentimento de crise do período.

Em nosso entender, Robert Howard, diante desse quadro nacional e regional buscava uma tentativa de explicação e até uma espécie de solução, ainda que de forma literária e fantasiosa, para os problemas inerentes ao *boom* do petróleo do sudoeste americano, seguindo, claro, suas representações ficcionais e mesclando a elas alguns aspectos dos mitos da fronteira tão conhecidos e cultuados por ele.

Em parte influenciado pela obra de Edward Gibbon, “*Declínio e queda do Império Romano*”, ao qual devotou algumas observações na criação de personagens do porte de Bran Mak Morn (LOUINET, 2015, p. 218-220) e também pelas suas leituras da história da Antiguidade Clássica, com toda a construção narrativa em torno da ciclocicose – deveras mencionada no primeiro capítulo desta parte da dissertação – Howard efetuou sua própria construção de auge e queda das suas civilizações ficcionais da *Era Hiboriana*. Não esqueçamos aqui das considerações tratadas na primeira parte dessa dissertação a respeito da juventude de Howard, que se viu em constantes mudanças de cidades e regiões ao lado do pai e da mãe, muito em razão da situação das crises econômicas sucessivas em que se encontrava o oeste dos EUA ao longo das primeiras décadas do século XX (RICCI, 2016, p. 18-19).

De fato, as narrativas literárias howardianas constantemente representam crises sucessivas e posteriores decadências e/ou “mortes” civilizacionais, incluindo a narrativa escrita por ele (já mencionada na introdução) que demarca a origem do mundo ficcional de Conan. Em diversas passagens das aventuras do cimério, a ciclocicose (mesmo que jamais nomeada) é diretamente evidenciada, principalmente quando alguns personagens ou o próprio bárbaro reiteram a existência de um ciclo natural de auge e decadência das civilizações humanas. Vejamos:

Vimos os homens evoluírem dos macacos e construírem as reluzentes cidades de Valúsia, Kamelia, Commoria e suas irmãs. Vimos como eles se abalaram com os ataques dos atlantes, pictos, lemúrios e pagãos. Vimos os oceanos se erguerem e tragarem a Atlântida e a Lemúria, as ilhas dos pictos e as reluzentes cidades civilizadas. Vimos os sobreviventes de Pictdom e da Atlântida construírem seu império da idade da pedra para depois caírem na ruína, envolvidos em guerras sangrentas. Vimos os pictos

afundarem no estado de selvageria abismal, os atlantes voltarem ao estado simiesco. Vimos novas levas de migrações de selvagens rumo ao sul, conquistando o Círculo Ártico para construir uma nova civilização, com novos reinos chamados Nemédia, Koth, Aquilônia e suas irmãs. Vimos o seu povo ressurgir das selvas dos macacos que haviam sido os atlantes. Vimos os descendentes dos lemúrios, que haviam sobrevivido ao Cataclisma aparecerem de novo como selvagens que migraram para o oeste, como hirkanianos. E vimos essa raça de demônios, sobreviventes de uma antiga civilização anterior à submersão da Atlântida, adquirir de novo a cultura e o poder, que é este maldito reino de Zamora (HOWARD, *A Torre do Elefante*, 2006, p. 114).

O texto, extraído de “*A Torre do Elefante*”, reverbera a primeira *construção* howardiana sobre o auge e a posterior queda de antigas civilizações de sua Era Hiboriana, sendo tal narrativa escrita em meados de 1932, um pouco antes de o escritor estabelecer sua narrativa original sobre a criação de seu mundo fantástico (LOUINET, 2006, p. 279).

Na narrativa em questão, Conan encontra uma antiga e sábia criatura com corpo de homem e cabeça de elefante. Trata-se de uma criatura chamada Yag-Kosha, aprisionada em uma torre de uma grande cidade portuária e que logo revela ao bárbaro tudo que presenciou ao longo das eras históricas. A criatura se apresenta como um ser cósmico oriundo das estrelas, ou seja, uma mescla entre o elemento divino (sua descrição parece muito semelhante ao deus Ganesha da mitologia hinduísta) com o elemento extraterrestre, das típicas entidades híbridas encontradas nos contos lovecraftianos.

O que mais chama a atenção na passagem é a ideia inerente de que as grandes civilizações do passado da humanidade da *Era Hiboriana* retrocederam ao estado da selvageria e a partir do fato convergiram para o estado civilizado, exatamente como aparece na filosofia aristotélica ou mesmo na tradição pagã etnográfica romana da Antiguidade, quando os autores do Mundo Antigo destacaram tais ciclos de auge, decadências, mortes e retornos civilizacionais nas *poleis* gregas, reinos e/ou Impérios de seus respectivos contextos históricos.

Howard estabelece com isso um modelo que demarca certo pessimismo e até aceitação tácita quanto ao vigor deste círculo vicioso, tratando tal processo como inerente à própria civilização, o que se desvela uma espécie de predestinação civilizatória. O estágio da barbárie sucederia então o civilizado

quando o mesmo entrasse em crise e assim sucessivamente. Nas linhas a seguir, mais um exemplo desse tipo de construção:

O homem suspirou e olhou para as mãos calejadas dele (Conan), desgastadas pelo contato com os cabos de machados e espadas. Conan estendeu o longo braço para alcançar o jarro de vinho. O caçador o observou, comparando-o com os homens que estavam ao seu redor, com os que haviam morrido ao longo do rio perdido, comparando com aqueles outros homens selvagens do outro lado do rio (os pictos). Conan parecia não estar ciente do olhar dele.

- O barbarismo é o estado natural da humanidade – o caçador disse, ainda olhando sombriamente para o cimério. – A civilização não é natural. Apenas um capricho circunstancial. E, no final, o barbarismo deverá sempre triunfar (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 253).

Na passagem de “*Além do Rio Negro*”, narrativa da fronteira mais relevante dos Ciclos de Conan, Howard demarca a premissa de que a civilização seria artificial, sendo o “*barbarismo o estado natural da humanidade*”. O tom da filosofia de Rousseau está mais do que evidenciado, mas logo a seguir, ao final do enunciado, Howard reitera – pelas palavras do caçador – o quanto o barbarismo iria sempre triunfar sobre a civilização, como que uma apologia ao estágio da barbárie sobre o civilizado.

Don Herron (1984) sugere a defesa irrestrita da parte de Howard em torno da necessidade de um retorno a aspectos relacionados à barbárie (talvez a busca de modelos de condutas mais verdadeiras e simples, com o desapego aos bens materiais), como se o escritor estivesse sugerindo tal processo em meio à crise civilizacional de sua própria época histórica. Tegão (2014) sugere tratar-se de uma construção pessoal e autoral do texano, muito em função das premissas extraídas da filosofia do *Bom Selvagem* de Rousseau, ficando Louinet (2016) com a opinião de que ele estaria evidenciando a forma de pensar do mundo da fronteira, tão cara ao criador de Conan, opinião bastante semelhante as dos biógrafos, Burke (*apud* RICCI, 2016) e Finn (2006).

No nosso entender, o tema da fronteira é central na construção howardiana acerca da necessidade da barbárie enquanto um estágio purificador da civilização, ainda mais em contextos de crise e de conflitos sociais, ou seja, em momentos históricos marcados por incertezas e desafios a serem superados, como aqueles mencionados ao início deste capítulo. O próprio Howard, na já mencionada carta

para Lovecraft, de 1933 procurou se desvencilhar de uma posição tão dicotômica, atestando que o barbarismo seria uma condição ainda mais cruel do que a natureza do ser da fronteira, mais civilizado e de uma natureza mais específica.

Como bem atesta Finn (2006, p. 166), Howard queria desvencilhar-se da ideia de que sua literatura fantástica (e especificamente de Conan) tratava apenas de tipos genéricos e homogêneos de bárbaros, visto que, segundo ele, existiriam os bárbaros antigos, os celtas, os godos e existiriam os bárbaros selvagens das pradarias americanas (representados pelos pictos nas narrativas de Conan).

O homem da fronteira não seria, portanto um espelho literal de Conan, mas sim um tipo mesclado, uma nova raça de homens meio civilizados e meio selvagens, mais especializados do que os bárbaros, dessa forma menos cruéis, ainda que rústicos e mais próximos da barbárie se comparados aos homens totalmente civilizados.

Mesmo tecendo considerações mais complexas, Howard jamais conseguiu desvencilhar a imagem de Conan e outros de seus personagens de fronteira da representação do bárbaro selvagem sobrevivente das terras distantes da civilização, sendo Conan especificamente o exemplo do bárbaro que se sobressairia diante dos contatos violentos entre civilização e barbárie, exatamente como ocorreria na fronteira rústica idealizada pelo escritor texano e antes dele, por toda a literatura regional mencionada no capítulo anterior.

Mais do que isso, os homens selvagens tipicamente do oeste seriam aqueles que triunfariam em meio a todas as crises existentes, violências rotineiras ou mesmo diante das ondas migratórias no árduo ambiente da fronteira, enfim, a todos os fatos que Howard vivenciou enquanto crescia e se tornava adulto nas primeiras décadas do século XX. A ciclocicose seria, portanto uma explicação crível aos olhos do escritor para qualquer processo traumatizante e tido como decadente em determinada civilização humana, fosse tal sociedade ficcional ou não. A seguir outro exemplo:

Valéria escutava perversamente fascinada. A rixa tornara-se uma terrível força básica que empurrava inexoravelmente a população de Xuchotl à morte e à extinção. Permeava toda a vida deles. Nasceram e esperavam morrer naquilo. Nunca deixavam a cidade e seu castelo no interior a não ser para se esconderem nas Salas do Silêncio (parte central da cidade), que ficava entre as duas fortalezas rivais para matar ou morrer. Às vezes os predadores

voltavam com prisioneiros que gritavam aterrorizados, ou com macabros testemunhos de vitória. Às vezes simplesmente eles não voltavam ou seus corpos esquartejados eram jogados diante das portas de bronze. Era uma existência irreal, de pesadelo: separados do resto do mundo, como coelhos presos na mesma armadilha, a se matarem reciprocamente durante anos, arrastando-se e rastejando por corredores escuros para mutilar, torturar e assassinar os rivais (HOWARD, *Pregos Vermelhos*, 1995, p. 55).

Esse texto de “*Pregos Vermelhos*” parece diferenciado se tomado sem a devida explicação, mas desvela a trama sobre uma rixa entre duas civilizações antigas que inexoravelmente estariam sendo levadas para suas respectivas extinções. Tais civilizações seriam análogas, na construção ficcional de Howard, com as culturas maias e astecas da mesoamérica. De um lado encontravam-se os Xotalanc, escondidos em salões da parte leste da cidade esmeralda de Xucloth, do outro estavam os Tecúhltli, localizados na parte oeste da mesma cidade, estando Conan e a personagem Valéria (companheira do bárbaro na narrativa) em meio a uma verdadeira carnificina que estava levando-os à extinção.

Sem dúvida, tal como foi apontado por (LOUINET, 2015, p. 192-200), que o escritor texano se baseou em suas próprias leituras de história acerca das escaramuças e sacrifícios humanos praticados por ambas as civilizações pré-colombianas de maias e astecas, civilizações essas muito bem conhecidas pelo texano devido a sua curiosidade pelo estudo da história mexicana (LOUINET, 2015, p. 199).

Ainda assim, tomando-se o contexto histórico de Howard, podemos inferir o quanto ele ressaltou igualmente o peso do destino inexorável de civilizações que viviam em meio à guerra e conflitos entre si. Parece-nos que o excerto trata do sentimento de crise inscrito no contexto de Howard, desvelando o quanto tais sentimentos insuflados por acontecimentos marcantes de sua própria época ecoaram em seu pensamento e em suas construções narrativas, mesmo em se tratando de civilizações ficcionais baseadas em antigas civilizações históricas. Em outra passagem, podemos observar a força do teor da ciclocicose nas narrativas howardianas:

- Três mil anos! – ele resmungou. – Set! Diga-me o que mudou no mundo.
- Os bárbaros que derrubaram Acheron estabeleceram novos reinos – relatou Orastes. – Onde outrora havia o império, agora

erguem-se reinos chamados Aquilônia, Nemédia e Argos, fundados por tribos separatistas. Os antigos reinos de Ophir, Coríntia e Koth ocidental, que haviam sido subjugados por Acheron, novamente ganharam sua independência com a queda do Império.

- E quanto ao povo de Acheron – continuou Orastes -, quando fui para a Stygia, Python estava em ruínas, e todas as belas cidades com torres púrpuras de Acheron foram manchadas de sangue e pisoteadas pelas sandálias dos bárbaros.

- Nas colinas, alguns pequenos grupos ainda descendem de Acheron – disse ele. – Quanto ao resto, foi engolido pela maré brutal de meus ancestrais bárbaros, varrendo tudo do mapa. Eles haviam sofrido demais por causa do reino de Acheron.

- Um sorriso terrível, com dentes à mostra, contornou os lábios do pythoniano.

- Sim! Muitos bárbaros, homens e mulheres, morreram berrando no altar sob esta mão. Eu vi suas cabeças serem empilhadas para formarem uma pirâmide na grande Praça de Python, quando os reis voltaram do oeste trazendo seus espólios de guerra e escravos capturados.

- Sim. Mas quando o dia do acerto de contas chegou, a espada não descansou até que Acheron deixasse de existir. E Python das torres púrpuras tornou-se uma reminiscência de dias esquecidos. Os reinos jovens se levantaram sobre as ruínas imperiais e se engrandeceram. Agora o trouxemos de volta para nos ajudar a dominar esses reinos, os quais, embora menos pujantes que o antigo Acheron, são ricos e poderosos, dignos de se governar. (HOWARD, *A Hora do Dragão*, 2012, p. 9).

Esse enunciado foi extraído de “*A Hora do Dragão*”, narrativa howardiana dos ciclos de Conan que mais possui páginas dedicadas ao bárbaro cimério. Novamente Conan é retratado enquanto rei da Aquilônia e como de costume nessas narrativas, o bárbaro enfrenta um antigo mal saído do mundo da magia ancestral para destroná-lo.

Trata-se de uma antiga divindade idolatrada por uma civilização grandiosa de tempos antigos, a civilização de Acheron, destruída, segundo a mitologia de Howard, por levas de bárbaros vindos do oeste (e a escolha geográfica nos parece proposital). Uma civilização decadente que teve sua sina de auge e morte marcada por sua própria condição interior (a ganância dos seus povos) ao lado das guerras contra os bárbaros, não muito distante da forma como o encontro entre civilizados e bárbaros era representado pelos escritores cristãos romanos da Antiguidade ao tratarem das levas de povos germânicos vindos do oeste da Europa.

A cicloicose howardiana chega a seu ponto máximo na passagem e o pessimismo inscrito quanto ao futuro de quaisquer civilizações só é superado pela demarcação do fato de que as levas de bárbaros advindos do ocidente (e das

fronteiras do mundo ficcional de Conan) destruíram e depois renovaram as civilizações humanas quando as mesmas entraram em declínio. A fronteira entre civilização e barbárie é assim transposta pela ação dos bárbaros, sendo tal construção o cerne, em nossa opinião, das narrativas de Howard enquanto explicação para a superação de qualquer decadência ou crise civilizacional de seu contexto.

É nesse ponto que nos parece relevante tratar, ainda que superficialmente, das representações do historiador da fronteira mais cultuado da primeira metade do século XX nos EUA, Frederick Jackson Turner. Historiador acadêmico da dita *western history*, Turner estabeleceu sua famosa *frontier thesis* em meio à profissionalização do conhecimento histórico no país, estando ele inserido no contexto acadêmico de demarcação de uma narrativa nacional tipicamente social e científica, chegando até mesmo a ser elogiado por quatro presidentes da República (ÁVILA, 2006, p. 22-23)¹²⁹.

Atuando na primeira metade do século XX em universidades do porte de Portage, Baltimore, Madison e Harvard, Turner se tornou muito popular no país, tanto entre profissionais de história como entre não profissionais. Seu nome era tão destacado que Woodrow Wilson – também professor em Princeton e futuro presidente dos EUA – difundiu as teorias turnerianas sobre o oeste selvagem e sobre a formação da Nação a partir da conquista do oeste, levando a que muitos professores da educação primária e secundária ensinassem tais teorias em escolas de todo o país (ÁVILA 2006, p. 36).

A história do oeste segundo as teorizações de Turner era uma espécie de parâmetro teórico e metodológico para a historiografia científica dos EUA. Tratava-se de uma epopeia historiográfica genuinamente social e nacional que partia da ideia de que a origem do caráter do povo americano tinha como germe a expansão e a conquista do oeste, tornando-se com isso o modelo historiográfico mais representativo do país a ponto de mais de 90% dos livros didáticos destacarem aspectos da *frontier thesis* em suas páginas (ÁVILA, 2006, p. 43). Pode-se dizer que a história do oeste, tal como concebida por Turner se impôs como história oficial no período, chegando aos livros didáticos com uma força incomum (ÁVILA, 2006, p. 44).

¹²⁹ Theodor Roosevelt, Hoover, Woodrow Wilson, Hoover e Franklin Delano Roosevelt.

A *frontier thesis* era apontada por presidentes do porte de Herbert Hoover como o caminho para o futuro de uma nação combalida por sucessivas crises, conflitos internos e, claro pelas consequências marcantes da grande Crise de 1929 (ÁVILA, 2006, p. 48), da qual esse presidente fora responsabilizado por não ter impedido a especulação desenfreada dos grandes financistas. Franklin Delano Roosevelt assumiu o cargo logo após com o mesmo espírito, o de tentar criar caminhos e pontes para o futuro a partir do estudo da história e dos exemplos dos homens do passado, principalmente aqueles homens do oeste, visto que o presidente do *New Deal* – um herdeiro direto do já mencionado movimento progressista – igualmente foi aluno de Turner, mais especificamente em Harvard durante um curso de verão de 1902 (ÁVILA, 2006, p. 48).

Se Turner era esse grande artífice de uma história do oeste e de uma história científica e nacional que poderia mostrar pontes ou caminhos para a superação de conflitos, crises ou mesmo de sentimentos de crise, o que podemos afirmar sobre sua narrativa historiográfica? O que tal narrativa teria de semelhante com a construção de Howard sobre civilização, barbárie, fronteira e mesmo sobre a supracitada ciclocicose?

Turner admitia que a natureza e o ambiente da *wilderness* (palavra que exemplifica um “ambiente selvagem” ou “lugar ermo”) fora preponderante para a formação do caráter selvagem dos pioneiros norte-americanos, como se a conquista de novas terras a oeste representasse um choque contínuo entre sociedade e natureza, ajudando a forjar os típicos norte-americanos (ÁVILA 2006, p.55).

Dentro de sua lógica reformista, Turner não era favorável a uma história *magistra vitae*, ou seja, uma história de exemplos do passado para os homens do presente, muito em função de ele acreditar que cada época histórica tinha suas características e especificidades. Mesmo assim, ele admitia que a conquista do oeste fora um ato épico que formou o caráter tipicamente americano, cabendo aos mesmos retomarem sua condição de desbravadores e conquistadores em busca da superação das sucessivas crises civilizacionais pelas quais estavam passando em sua época (ÁVILA 2006, p. 57).

O passado precedia o presente no ato de formação das relações históricas existentes entre os dois momentos do devir, não servindo o primeiro como um rol

infindável de exemplos a serem seguidos à risca pelos contemporâneos do historiador. Cabia aos estudiosos, no entanto, entenderem tais relações causais de modo à compreensão dos males que aconteciam em suas respectivas épocas, ainda mais em um contexto de crise ou sentimento de crise civilizacional (ÁVILA, 2006, p. 59). Isso significa que Turner – seguindo-se aqui as conclusões de Arthur Ávila – fornecia uma reconfiguração do passado que se “adequava tanto aos interesses daqueles sequiosos de manter a América tradicional quanto dos que tencionavam mudanças sociais, ainda que mínimas” (ÁVILA 2006, p. 59).

As bases de sua *frontier thesis* começaram a se organiza no já citado escrito de 1893, intitulado, “*The Significance of the Frontier in American History*”, procurando o autor compreender não somente o “processo de expansão estadunidense, mas os fatores econômicos e sociais que o condicionam e o determinam” (ÁVILA, 2006, p. 67).

Pode-se perceber claramente que nossa leitura de Turner, pelo menos para esta dissertação não é direta, partindo de um interlocutor especialista, o historiador Arthur Ávila, pesquisador da narrativa turneriana. Esse estudo apenas verifica, mediante leitura do trabalho de dissertação de Ávila, que algumas representações de Turner são bastante aproximadas das representações literárias de Howard no que tange a fronteira, civilização e barbárie, muito em razão de Turner ser deveras influente no período em que Howard viveu e escreveu.

Fora isso, todas as biografias de Howard elencadas na primeira parte dessa dissertação apontam o fato de ele ser um estudioso fervoroso da história dos EUA, principalmente do Texas ou do oeste como um todo, fora o fato do próprio escritor apontar isso em algumas de suas cartas.

Interessante que os estudiosos das narrativas de Howard ou mesmo sobre sua vida e obra jamais apontam qual historiografia especificamente ele se utilizou para compor suas visões da história do oeste dos EUA ou sobre civilização, barbárie e fronteira em termos genéricos, sendo aqui um diferencial do presente estudo, visto que esse é o primeiro trabalho de pesquisa (pelo menos dentre os trabalhos que tomamos conhecimento sobre Howard e suas narrativas) a vincular

as representações do escritor texano com as do famoso historiador da fronteira do oeste dos EUA¹³⁰.

Por um lado, Turner criou uma narrativa nacional de pertencimento de um povo a um determinado ambiente sócio histórico e geográfico, dentro da concepção de uma comunidade imaginada, tal qual pensada por Benedict Anderson. Por outro, ele delimitou o sentido da fronteira para explicar a formação do típico norte americano, como se o mesmo fosse o constructo de todos os pioneiros em suas diversas formas, desde os caçadores de peles e animais, os comerciantes, os *trappers*, os fazendeiros e os *cowboys* do oeste (ÁVILA 2006, p. 68). As palavras de Ávila elucidam a visão historiográfica de Turner:

A expansão da fronteira é sempre o pano de fundo da ação, a intriga que unifica estas 'sub-intrigas' em um todo comum. A trama da narrativa é, invariavelmente, sempre a mesma: a chegada dos europeus às praias dos Estados Unidos, seu avanço em direção ao Pacífico, sua transformação em algo novo através do contato com a natureza do Novo Mundo e o decorrente fim da fronteira de ocupação. O desenlace da intriga, independente da conjuntura de escrita dos textos, também é sempre igual: a construção da nação e a consolidação como potência industrial, capitalista, democrática (ÁVILA, 2006, p. 68).

Caso o leitor deste estudo tenha dúvidas sobre as possíveis relações dos escritos historiográficos de Turner com os escritos literários de Howard, segue outro exemplo de análise da obra do primeiro. Em nossa opinião, trata-se de uma explicação condizente sobre *frontier thesis*, tão bem executada por Ávila:

A fronteira – conceituada como o ponto de encontro entre a civilização e a barbárie ou simplesmente como sinônimo para 'Oeste' – havia exercido o poder de 'americanização' sobre as massas imigrantes. O Europeu, ao se assentar em territórios inóspitos do Oeste, deixava para trás parte de sua herança cultural e se transformava em algo diferente do que era antes. Não mais um representante do Velho Mundo, o colono renascia como americano, o senhor do Novo Mundo (ÁVILA, 2006, p. 69).

Logo a seguir observamos outra citação, desta vez retirada do próprio Turner. Aqui observamos uma pequena, mas significativa amostra de sua obra que resume

¹³⁰ No nosso entender, um estudo mais completo sobre as representações dos dois autores seria bastante relevante na compreensão de aspectos ideológicos dos EUA da primeira metade do século XX e já deixamos adiantado que pretendemos, em outro momento de nossa trajetória acadêmica, desenvolver um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

com maestria seu pensamento sobre a expansão para o Oeste dos EUA, mais especificamente, a relação entre fronteira, civilização e selvageria ou rusticidade de um modo geral. Reiteramos que é um trecho retirado da supracitada dissertação de Ávila:

A fronteira é a linha mais rápida e efetiva da americanização. O deserto domina o colono. Ele o encontra europeu em suas vestimentas, indústrias, ferramentas, modelos de transporte e pensamento. Ele o tira da ferrovia e o coloca na canoa. Ele arranca o vestuário da civilização e o veste com a camisa de caça e o mocassim (...). Resumindo, na fronteira o meio ambiente é muito forte para o homem. Ele aceita suas condições ou perece (...). Aqui está um novo produto que é americano (...). O avanço da fronteira significou um firme movimento de distanciamento da influência europeia, um firme crescimento da independência em termos americanos (TURNER *apud* ÁVILA, 2006, p. 70).

Elencamos tais representações historiográficas, porque em nossa opinião existem alguns aspectos em comum com as descrições do mundo da fronteira efetuada por Howard nos Ciclos de Conan, ainda que em seu caráter ficcional, fantasioso e literário e ainda que ele defendesse ser o mundo de seu personagem distinto ao mundo das pradarias americanas. Muitas dessas representações de fronteira em Howard já foram mencionadas e analisadas no capítulo anterior, ainda que possamos elencar mais algumas outras passagens que nos parecem aproximar-se sobremaneira das considerações turnerianas explicitadas por Ávila em seu estudo. Vejamos:

O outro emergiu hesitante e o encarou. Sentiu-se indefeso e fútil quando percebeu as proporções do homem da floresta, o peito de ferro maciço, e o braço que portava a espada vermelha, bronzeado pelo sol, estriado e marcado de músculos. Ele se movia com a facilidade fatal de uma pantera; também era ferozmente flexível para ser produto da civilização, até mesmo para aquele arremedo de civilização que compunha as distantes fronteiras (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 200).

Se esse texto, assim como os demais que elencaremos a seguir, não fosse retirado de "*Além do Rio Negro*", de Howard, e se o mesmo (ou os demais) tivesse os nomes de lugares e/ou de pessoas ficcionais trocados por nomes de lugares e/ou de pessoas do oeste dos EUA, provavelmente os leitores estadunidenses não teriam dificuldades em acreditar que se tratasse de uma trama sobre a fronteira de seu país, em meio aos conflitos entre colonos pioneiros colonizadores contra os

indígenas. A fronteira retratada no trecho é onde se encontra um “arremedo de civilização”, o que configura um espaço distante do mundo civilizado, ou seja, um mundo natural, selvagem e rústico.

Aquilo era verdade; as marchas bossonianas, com suas vilas fortificadas lotadas de arqueiros determinados, serviam a Aquilônia há bastante tempo como um amortecedor contra os bárbaros da periferia. Agora, entre os colonizadores que viviam além do Rio do Trovão, estava crescendo uma raça de homens da floresta capaz de enfrentar os bárbaros em seu próprio jogo, porém, seus números ainda eram escassos. A maior parte dos homens da fronteira era como Balthus, mais do tipo colonizador do que mateiro (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 203-204).

Se a fronteira do texto é representada como um lugar distante, composto pelos povos bárbaros da periferia do mundo ficcional de Conan, essa fronteira forma uma nova raça de homens da floresta, “uma raça de homens capaz de enfrentar os bárbaros em seu próprio jogo”. Ora, que nova raça seria essa, se não a mescla do ser civilizado que vaga e conquista o mundo da fronteira com o ser bárbaro, rústico ou selvagem que nasce e vive no ambiente ermo e distante da própria fronteira?

A narrativa traça novamente a composição da fronteira como o lugar da barbárie, no sentido de um mundo natural onde vivem os homens selvagens, ao mesmo tempo em que constitui-se no *locus* de construção de uma nova categoria de homens mestiços, tal como na construção de Turner sobre o oeste americano, responsável por mesclar o elemento civilizado com o bárbaro para com isso criar uma nova “raça” de homens: os típicos americanos (que não seriam nem bárbaros e nem civilizados, mas homens rústicos que lutariam por uma nova civilização). Não deixemos de reiterar o final do texto: “homens da fronteira seriam mais do tipo colonizadores do que mateiros”.

Ali, no forte a civilização acabava. Era o último posto do mundo civilizado; representava o impulso mais ocidental das raças hibernianas dominantes. Além do rio, o primitivo ainda reinava em florestas sombrias, cabanas feitas de sapé nas quais os crânios sorridentes de homens eram pendurados, e recintos com paredes de lama onde fogueiras brilhavam e tambores ressoavam, e lanças eram estímulos nas mãos de homens escuros e silenciosos com cabelos negros emaranhados e olhos de serpente. Olhos que, com frequência, brilhavam nos arbustos de frente para o forte do outro lado do rio (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 209-210).

Novamente uma explicação do significado da fronteira na “Era Hiboriana”, no caso, a fronteira da civilização ficcional de Howard, composta pelas ditas “raças” hiborianas. Tratar-se-iam de homens que na ficção do texano, equivaleriam aos ditos povos indo-europeus, historicamente os ancestrais dos homens do chamado Ocidente, responsáveis pela formação de uma cultura europeia e pela colonização das Américas.

Para além do “Rio do Trovão” do mundo ficcional de Conan ficaria, portanto a fronteira, o mundo primitivo que serve de lar para os bárbaros criados por Howard. Eles são representados como selvagens que vivem em florestas sombrias e em cabanas feitas de sapé, homens que possuem crânios pendurados em suas casas. Esses selvagens são representados na narrativa com “cabelos negros, emaranhados e com olhos de serpente que brilham sob os arbustos das florestas densas”. Ora, tratam-se, na ficção de Howard, dos pictos, mas como já mencionamos em outro momento, ninguém estranharia se essa fosse uma descrição estereotipada dos indígenas das pradarias americanas do oeste.

- Conan, depende mais de você do que percebe. Você conhece a fraqueza desta província, um calço pequeno empurrado para o deserto selvagem. Sabe que a vida de todos os povos a oeste das marchas depende desse forte. Se ele cair, machados vermelhos estarão fragmentando os portões de Velitrium antes de um cavaleiro conseguir cruzar as marchas. Sua Majestade, ou seus conselheiros, ignoraram meu pedido de mais tropas para guardarem a fronteira. Nada sabem sobre as condições aqui e têm aversão de gastar mais dinheiro nessa direção. O destino da fronteira depende dos homens que cá estão (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 213-214).

Velitrium, na narrativa howardiana, seria uma espécie de Álamo, um forte em posse dos colonizadores bastante afastado da civilização, quase que perdido no interior da fronteira, em vias de ser tomado pelas vagas de povos selvagens nativos do oeste, o que, aliás, é o que ocorre no final da trama. Conan atua como uma espécie de mercenário para os colonizadores e seu conhecimento do mundo da fronteira é visto como essencial pelo capitão do forte, quase como o único elemento entre o domínio da civilização sobre o lugar diante da ameaça dos pictos.

Ao final do texto, quando é mencionado pelo capitão do forte que “o destino da fronteira depende dos homens que cá estão”, fica mais do que evidente a importância dos homens da fronteira nessa narrativa. Que a conquista da fronteira

e o ato civilizatório depende não somente de um único bárbaro, Conan, mas sim de todos os homens que vivem e que se habituaram ao ermo e que, por tal motivo, seriam eles os mais aptos colonizadores da mesma, os homens mesclados entre civilizados e bárbaros.

Ninguém falava. Balthus havia dado uma boa olhadela em seus companheiros no forte antes de eles deslizarem pelas paliçadas até o banco e para dentro da canoa que os aguardava. Eles eram uma nova casta que crescia no mundo naquela beirada bruta da fronteira; homens cuja necessidade impiedosa ensinara o modo de ser das selvas. Tinham muitos pontos em comum com os aquilonianos das províncias do oeste, vestiam-se da mesma forma: botas e mocassins e camisas de camurça, calções de couro, com cinturões largos que seguravam machados e espadas curtas. Eram todos magros, cheios de cicatrizes e de olhares duros, musculosos e taciturnos (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 215).

Novamente a ideia de que os homens da fronteira seriam uma nova casta de sujeitos que cresceriam naquele mundo distante e que, além de serem brutos e impiedosos, ensinariam o modo de ser das selvas. A passagem estabelece igualmente uma descrição desses homens, representados como sujeitos que vestem botas ou mocassins, além de camisas de camurça e calções de couro com cinturões largos a segurar seus machados.

Ora, se trocássemos tal passagem por um trecho de uma descrição literária de um livro oitocentista sobre *cowboys* ou sobre a conquista do oeste americano ou mesmo se tomássemos em conta a passagem que elencamos de Frederick Turner quanto à descrição dos caçadores e *trappers* da fronteira do oeste americano, não seria nada inverossímil sustentar que Howard estaria descrevendo aspectos do oeste dos EUA tal como ele conhecia e/ou idealizava, em uma espécie de revisitação literária a esse ambiente de modo geral e ao Texas de tempos mais distantes de modo mais particular. E isso, mesmo que ele evidenciasse em cartas, a diferença entre o ser bárbaro e o homem da fronteira do oeste dos EUA em linhas gerais.

De certa forma, eram homens selvagens, contudo ainda havia uma enorme distância entre eles e o cimério. Eram filhos da civilização revertidos a um semibarbarismo. Ele era um bárbaro que vinha de mil gerações de bárbaros. Eles haviam adquirido discrição e astúcia, mas Conan nascera a partir dessas coisas, superava-os até mesmo na ágil economia dos movimentos. Eles eram lobos, Conan, um tigre (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 215).

O texto elencado possui um posicionamento deveras representativo, visto que Howard diferencia o bárbaro Conan dos demais homens da fronteira que estão colonizando-a na respectiva narrativa. Conan seria um bárbaro nato, que “vinha de mil gerações de bárbaros”, como que representando um elo com o passado remoto da humanidade em estado natural, tal como na construção filosófica de Rousseau.

Os homens da fronteira, por sua vez seriam mais uma mescla do ser civilizado com o ser bárbaro, ou seja, aqueles representados como “filhos da civilização revertidos a um semibarbarismo”, e que, por tal motivo se tornaram homens rústicos e brutos, ainda que em parte civilizados e, portanto não bárbaros. O americano civilizador está representado, não por Conan em sua condição totalmente bárbara, mas pelos coadjuvantes sem nome da narrativa. O texto abaixo novamente descreve a relevância desses homens brutos no processo de conquista da fronteira.

Balthus os admirava e ao seu líder (Conan), e sentiu um ímpeto de orgulho por ter sido admitido naquela companhia. Estava orgulhoso por seu remo não fazer mais ruído que os deles. Ao menos naquele tocante, era igual a eles, embora a experiência nas matas adquirida em Tauran jamais pudesse se equiparar àquela base nas almas dos homens que viviam na selvagem fronteira (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 215).

O jovem Balthus, que se aventura ao lado de Conan e dos homens do forte Velitrium, tenta se comparar a Conan e aos próprios homens da fronteira que estão com ele no enfrentamento aos pictos. Ele, um homem advindo de um reino civilizado se percebe diferenciado dos demais, muito em razão dos mesmos terem adquirido uma experiência nas distantes fronteiras.

Aqui, Howard assume alguns aspectos semelhantes às ideias de Turner no que concerne ao fato de a fronteira configurar o caráter, a alma e as habilidades dos homens que se aventuram em seus domínios, sendo ela o ambiente propício para a criação de um novo tipo de homens desbravadores. Balthus seria como que uma representação do sujeito que exalta e idealiza o colonizador rústico da fronteira, tal como Turner igualmente o fez em sua “*frontier thesis*”. E devemos notar que a visão de raça na construção howardiana não é uma visão de cunho especificamente racial, mas étnico, pois a nova raça é aquela mesclada, tal como nas construções oitocentistas que nacionalizavam o elemento racial.

- Eu fui longe; muito mais do que qualquer outro homem de minha raça já vagou. Vi todas as grandes cidades dos hiborianos, semitas, stygios e hirkanianos. Atravessei países desconhecidos ao sul de reinos negros de Kush, e ao leste do Mar de Vilayet. Fui mercenário, capitão, corsário, um kozar, um vagabundo sem um centavo, general... Inferno, já fui de tudo, exceto rei de um país civilizado, mas ainda o serei antes de morrer – a fantasia o agradou e ele deu um sorriso largo. Então encolheu os ombros e esticou sua poderosa figura por sobre as rochas. – Esta é uma vida tão boa quanto qualquer outra. Não sei quanto tempo ficarei na fronteira; uma semana, um mês, um ano. Tenho um pé errante. Mas é tão bom na fronteira quanto em qualquer um lugar (HOWARD, *Além do Rio Negro*, 2012, p. 233).

Robert Howard fez, portanto muito mais do que apenas escrever sobre um bárbaro errante ficcional, tal como parece elucidado no texto acima. Conan parece, ao contrário, a representação de um arquétipo em parte antagônico ao ser civilizado. Mesmo assim ele está mais próximo do homem da fronteira, um tipo idealizado nos EUA, baseado em um tipo histórico ou pretensamente histórico, pelo menos se considerarmos a narrativa historiográfica de Frederick Turner. É nesse ponto que devemos considerar o conceito de “sistema de representações” relacionados, tão bem abordado por Stuart Hall.

Isso porque o teórico estabelece a existência de cadeias de correspondências em uma dada cultura e em certo contexto sócio histórico que aglutina aspectos comuns em torno das ideias de sujeitos diferenciados, mas que estão relacionados no ato de representar coisas do mundo pelo uso da linguagem. Tais sistemas de representações estão relacionados a uma cadeia de equivalências que forma e que, ao mesmo tempo expressa um conjunto de mapas conceituais trocados entre aqueles que os representam, como um elo mental e um “conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos” (HALL, 2016, p. 38). Conforme autor:

Um jeito, então, de pensar a cultura é nos termos desses mapas conceituais compartilhados, sistemas de linguagem compartilhada e códigos que governam as relações de tradução entre eles. Os códigos fixam as relações entre conceitos e signos. Estabilizam o sentido dentro de diferentes linguagens e culturas. Eles nos dizem qual linguagem devemos usar para exprimir determinada ideia. O inverso também é verdadeiro: os códigos nos dizem quais conceitos estão em jogo quando lemos e ouvimos certos signos (HALL, 2016, p. 42).

Por esse prisma não seria necessário supor que Howard teve necessariamente contato com a obra historiográfica de Turner para constituir suas definições sobre a fronteira, os homens da fronteira ou mesmo sobre civilização e barbárie, ainda que seja bastante provável que ele tenha tido contato com aspectos da “*frontier thesis*”, direta ou indiretamente, muito em razão da influência da obra turneriana em seu contexto.

Independente deste fato, a julgar as considerações teóricas de Hall sobre representações compartilhadas, nos parece que Howard estava em consonância com as considerações de Turner ou mesmo com as construções da literatura da fronteira que precedeu tanto os escritos literários do texano como os escritos historiográficos de Turner.

Devemos lembrar que fora os textos de *Além do Rio Negro*, é possível observar também exemplos de outras narrativas de Howard sobre o mundo da fronteira da Era Hiboriana. Em “*As Negras Noites de Zamboula*”, Conan se aventura na fronteira dos chamados reinos negros e nessa respectiva narrativa, Howard caracteriza tais reinos como distantes culturalmente das civilizações de seu mundo ficcional, o mesmo valendo para a narrativa intitulada, “*Os Profetas do Rio Negro*”, em que o texano descreve a vida nômade dos desertos para além do reino civilizado de Turan, equivalente na narrativa ao Império Persa do Mundo Antigo, como se representasse uma distante fronteira entre o Ocidente e o Oriente de seu mundo ficcional¹³¹.

¹³¹ Destacamos o quanto Howard estabeleceu narrativas específicas sobre homens de fronteira na primeira parte desse estudo, com outros personagens além de Conan, tal como El Borak, Bran Mak Morn ou Steve Costigan. Entre os textos dos Ciclos de Conan, o que melhor traça essa construção é “*Além do Rio Negro*”, e por tal motivo é que os textos aqui elencados foram retirados dessa narrativa, ainda que em outros momentos tenhamos elencado trechos de outras narrativas dessa mesma natureza, tal como ocorre em “*Pregos Vermelhos*”, quando Conan se aventura também para além dos chamados reinos negros, que equivaleriam a uma fronteira para além do ambiente civilizado de seu mundo. Também evidenciamos que existem diversas representações dos Ciclos de Conan referentes especificamente a raça, quando o texano define a necessária mistura das “raças”, tanto as “selvagens como as civilizadas” para compor uma nova estirpe de homens da fronteira (e novamente lembramos que Conan é representado como um homem bronzeado com olhos azuis, uma mescla morfológica entre um indígena com um celta europeu), defendendo que tal mistura seria positiva. Em diversas narrativas dos Ciclos de Conan, Howard se mostra muito racista em relação aos negros, tal como comprova suas representações preconceituosas nos textos de “*As Negras Noites de Zamboula*” ou “*O Vale das Mulheres Perdidas*”. Escolhemos por não realizar um tratamento sobre essas respectivas representações por motivos variados, visto que isso exigiria um tratamento mais aprofundado do conceito de raça no contexto histórico de Howard, utilizando-nos de obras conceituais especializadas a especificar a noção de “branqueamento” nos EUA, conforme tratado pelos autores Theodore Allen e Richard Dyer, na obra “*The Invention of the White Race*” (2012) Também teríamos que elencar mais páginas das narrativas howardianas, além de tratarmos

Muitas das narrativas de Howard foram escritas após a Crise de 1929 e no mesmo momento em que os EUA e o mundo, de modo geral entravam na Grande Depressão Econômica dos anos 1930, e tal contexto igualmente tem peso na obra do autor, incluindo os Ciclos de Conan. Não se trata somente da quebra da economia ou mesmo do ciclo de desempregos em massa que afetaram muitas pessoas nos anos 1930. Trata-se também do pânico generalizado da época, levando o próprio presidente progressista, Franklin Delano Roosevelt a mencionar constantemente o quanto os americanos deveriam “temer o próprio medo” (DAVIDSON, 2016, p. 241).

Existem diversas cartas de Howard tratando desses temores ou mesmo atestando sua visão progressista em torno da defesa de novas relações entre Estado e sociedade após a crise de 1929, levando biógrafos de peso do porte de Rusty Burke (apud RICCI, 2016) ou Mark Finn (2006) a mencionarem o quanto o texano se tornou um adepto progressista das ideias e da política de Roosevelt. Mesmo assim, o quadro do pós 1929 seria apenas uma piora drástica em uma situação já sentida nas primeiras décadas do século XX da história americana, o que já foi tratado em outros momentos dessa dissertação.

É mais do que notória, aliás, a veia crítica de Howard em relação às defesas constantes de Lovecraft quanto ao fascismo italiano, que de certa forma marcaram negativamente o grande escritor *pulp* dos anos 1920-1930. Howard chegou, inclusive a ironizar Lovecraft com sarcasmo evidente acerca do quanto seria “civilizado a Itália bombardear a Etiópia em 1935” (BURKE *apud* RICCI, 20016, p. 28-29), sugerindo um tom crítico quanto às opiniões aparentemente fascistas de seu interlocutor (opiniões negadas por Lovecraft em diversas cartas para Howard), o mesmo valendo para as ações autoritárias de certos governos europeus da época, no contexto da Grande Depressão dos anos 1930 e do Entreguerras de modo geral.

de um tema imprescindível acerca do racismo na literatura *pulp* como um todo, tal como foi abordado por Nathan Vernon Madison, em sua obra de referência intitulada de “*Anti-Foreign Imagery in American Pulps and Comic Books, 1920-1960*” (2013). A escolha por não entrarmos nesse debate não se relaciona a qualquer juízo negativo de nossa parte quanto sua importância, muito pelo contrário, mas sim por questões de estrutura da presente dissertação que não comportaria tal debate devido ao número de páginas restrito em um trabalho desta envergadura. Pretendemos em outro momento de nossa trajetória acadêmica tratar da relação entre fronteira e “raça mestiça” em Robert Howard, não nos detendo apenas nos Ciclos de Conan para tal fim, mas sim de outras narrativas howardianas.

Iniciamos a segunda parte desta dissertação tratando dos termos, “bárbaro e civilizado” em diversas tradições literárias ao longo da história, desde a Antiguidade até o Mundo Oitocentista. Fizemos tal empreendimento como uma forma de demonstrarmos os contatos e os afastamentos destas respectivas tradições com as representações de Howard nos Ciclos de Conan, sugerindo alguns vínculos importantes.

Após alguns aportes teóricos e mesmo conceituais sobre civilização e barbárie e as relações com raça, etnia, povos, culturas, Estados-Nações, entramos especificamente na análise das representações howardianas sobre os dois termos nos Ciclos de Conan, nosso objeto de estudo. Isso nos permitiu cotejarmos tais representações com alguns aspectos do contexto histórico de Howard, mais especificamente as primeiras décadas do século XX, quando o escritor entrou em contato com a literatura da fronteira e com outras obras que o influenciaram, obras essas igualmente tratadas na primeira parte desse estudo.

Pudemos cotejar o tratamento empírico direcionado às representações de Howard com algumas questões de cunho teórico-metodológico no que tange as representações e as relações entre os textos howardianos e seu contexto. Desta forma percebemos também uma influência inesperada sobre a obra de Howard, a saber, a *frontier thesis* de Frederick Turner (já evidenciada na primeira parte do estudo), concluindo o trabalho com representações aproximadas entre os dois autores, mais particularmente sobre a construção da fronteira e dos homens rústicos deste ambiente, que, de maneira bastante inesperada, seriam bem mais próximos do bárbaro Conan do que poderíamos considerar a primeira vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte desta dissertação, intitulada de “*Situando o Escritor Robert Ervin Howard, suas Narrativas Literárias e suas Condições de Produção*”, tratamos do homem Howard, de suas narrativas de modo geral e dos Ciclos de Conan de modo particular. No primeiro capítulo desta parte, capítulo esse nomeado de “*Robert Ervin Howard: um heterodoxo escritor da fronteira*”, nós interpretamos algumas biografias sobre o autor, a forma como ele foi representado por alguns estudiosos e até outros escritores de fantasia, em suas respectivas construções pessoais do homem e do escritor Howard.

De modo geral, a maior parte de seus biógrafos demarca a ideia de que a psique conturbada do criador de Conan em muito influenciou seu apreço pelos temas fantásticos e suas constantes defesas em relação ao estágio da barbárie frente ao estágio civilizado da humanidade, o primeiro tido como eminentemente violento, rústico e belicoso, o segundo considerado essencialmente decadente e corrupto, como se Howard possuísse um verdadeiro apreço pela primeira condição em função de sua natureza melancólica, conturbada ou antissocial, quando não devido a seu relacionamento quase que “edipiano” em relação à mãe doente.

Elencamos também biografias que trataram do autor a partir de suas múltiplas influências, não somente a ampla literatura fantástica ao qual ele se dizia herdeiro, como também os mais variados livros de história, fantasia e mitologia, sem esquecermos o tema do horror extraído de obras de alguns de seus amigos oriundos das *pulp magazines*, destacando-se o mais famoso de todos, H. P. Lovecraft.

De modo geral, relacionamos os temas das narrativas howardianas com aqueles da literatura de fronteira dos EUA, literatura essa que Howard tinha contato e apreço. Em determinadas biografias e mesmo em alguns estudos especializados sobre sua vida e obra, os temas complexos do mundo da fronteira ou mesmo os vínculos com seu ambiente social e histórico foram considerados basilares para a compreensão de suas tramas, incluindo os Ciclos de Conan.

Defendemos de imediato que nos inserimos nesse segundo grupo de estudiosos, ressaltando-se aqui a forma como Howard representou a si mesmo enquanto um indivíduo oriundo da fronteira do oeste dos EUA e do Texas em

particular, não esquecendo-nos de enfatizarmos também algumas representações inscritas em determinadas cartas de próprio punho. Com isso destacamos seus relatos sobre o ambiente da fronteira e a forma como tal ambiente moldou sua visão de mundo e os temas basilares de seus escritos.

Tratamos com isso de alguns aspectos que consideramos específicos da dissertação. Em primeiro lugar, problematizamos as biografias e explicamos o quanto às construções sobre Howard muito se deveram ao contexto e aos interesses de seus biógrafos. Em segundo lugar, criticamos a visão corrente que taxou o escritor de anormal, significando que ele foi considerado dessa forma devido aos preconceitos de seus contemporâneos, muito em razão do comportamento heterodoxo de um escritor *pulp* e de fantasia.

Em terceiro lugar, enfatizamos o entrecruzamento existente entre história e literatura para a compreensão de alguns aspectos da escrita e das ideias de Howard ou de seu contexto. Evidenciamos o quanto o ambiente da fronteira ou mesmo sua crença de pertencimento a esse ambiente o fez primar por esses temas em suas narrativas literárias, mesmo quando escrevia sobre mundos fantásticos ou personagens ficcionais do porte de Conan. As cartas elencadas ao final do capítulo serviram para compreendermos a representação de si mesmo como um homem da fronteira, afastando-nos de posições preconceituosas sobre uma psique ou um modo de ser anormais.

No segundo capítulo, chamado de “*O corpus literário howardiano e os temas basilares de seus escritos*”, tratamos especificamente das influências literárias de Howard na criação de seus múltiplos personagens, enfatizando comumente o quanto os temas da fronteira eram basilares nas narrativas, sem falar no quanto suas aventuras se passavam em zonas limítrofes do mundo civilizado, independentemente de serem mundos totalmente ficcionais, criados pelo escritor ou baseados em suas leituras de história e/ou mitologia.

Esboçamos aqui algumas interpretações sobre as tramas dos personagens, demonstrando o quanto seu criador cultuava temas filosóficos em torno da oposição entre civilização e barbárie ou mesmo alguns problemas existenciais de seus heróis frente às forças decadentes em sua ganância pelo poder. Evidenciamos o quanto seus personagens se situavam em zonas distantes de seus respectivos ambientes sociais e históricos, tecendo questionamentos a alguma

civilização ou à condutas corruptas dos civilizados, mesmo quando eles mesmos participavam do ato civilizatório, ainda que oriundos do mundo da fronteira ou de sociedades consideradas bárbaras, tais como podemos observar nas narrativas de El Borak e Bran Mak Morn, respectivamente.

Finalizamos esse segundo capítulo tratando especificamente de dois pontos importantes. Em primeiro lugar, o quanto Howard esboçou alguns aspectos de uma identidade texana ou mesmo do sudoeste dos EUA como um todo, ou seja, o quanto o ambiente do Texas-Fronteira esteve presente em suas múltiplas representações, independentemente de tais escritos tratarem de aventura, ação, história e/ou fantasia. Em segundo lugar, tecemos considerações sobre seu contexto histórico e a forma como a historiografia tratou desse momento do passado dos EUA, evidenciando a existência de um sentimento de crise muito presente em razão da Grande Depressão dos anos 1930.

Novamente algumas cartas de Howard foram elencadas ao final do capítulo, servindo para demonstrarmos que a fronteira, na visão do escritor, era parte de um ambiente social e histórico que ele considerava rústico, mas verdadeiro e honrado, expressando aqui a idealização que ele teceu desse cenário, o que, por sua vez, explica a exaltação do tema da fronteira em seus escritos.

No último capítulo desta primeira parte da dissertação, denominado de “*Os textos de Conan na Weird Tales e suas condições de produção*”, nós tratamos especificamente dos Ciclos de Conan. Evidenciamos em primeiro lugar as representações howardianas em cartas de sua autoria referentes à criação do bárbaro e as relações estabelecidas por ele entre tal criatura com o ambiente social e histórico da fronteira do qual fazia parte.

Novamente enfatizamos alguns temores e alguns sentimentos de crises existentes no próprio contexto histórico do autor e o quanto tais sentimentos demarcaram em muito a consecução da *Era Hiboriana* de Conan, incluindo toda a saga de auge e decadência das civilizações ficcionais existentes nas narrativas do cimério. Demarcamos que quaisquer representações, mesmo quando ficcionais, possuem certo aporte nas visões de mundo de seus autores sobre um dado ambiente social e histórico.

Tratamos da literatura *pulp* de modo mais específico, bem como de algumas representações historiográficas sobre os anos 1920 e 1930, mais especificamente

as considerações sobre o Pós-Crise de 1929 nos EUA, sem falar em algumas interpretações referentes aos literatos que igualmente fizeram parte do gênero da “Espada e Feitiçaria” ou da literatura *pulp* da época.

Nesse mesmo capítulo tratamos de algumas influências literárias de Howard e estabelecemos pontos de convergência entre como vislumbrava civilização e barbárie com temas dimensionados na obra de um famoso historiador de sua época, Frederick Jason Turner. Nesse ponto estabelecemos possíveis nexos discursivos entre Howard, seus personagens de fronteira, incluindo o bárbaro Conan, com outros personagens da literatura da fronteira dos EUA. O que explicaria possíveis convergências com as construções turnerianas da *frontier thesis*, ainda que tratadas de maneira introdutória nesse momento.

Relevante mencionar também que mesmo Howard negando veementemente a relação direta de seus bárbaros (em termos gerais) com os chamados homens da fronteira (*frontiersmen*) do oeste dos EUA – deveras cultuados por ele em seus mais variados personagens e em diversas cartas – alguns aspectos da barbárie pensada por ele estariam presentes no comportamento rústico desses homens da fronteira.

Até mesmo a *Ciméria*, terra natal de Conan, teria mais paralelos com o Texas idealizado e lembrado por Howard do que o norte da Inglaterra, a base histórica utilizada para amparar o lugar de nascimento de seu famoso personagem. O poema *Ciméria* escrito em 1932 é comumente associado à idealização howardiana do Texas e da fronteira do oeste como um todo. Esse fato sugere algumas aproximações entre seus bárbaros errantes (incluindo Conan) com os homens da fronteira da literatura do oeste dos EUA, igualmente rústicos, cruéis, violentos, verdadeiros e honrados.

Após todas essas análises sobre vida e obra de Howard, chegamos à segunda parte da dissertação, intitulada, “*Situando Civilização e Barbárie nos Ciclos de Conan diante do Contexto Histórico de Robert Howard*”. Aqui passamos a interpretar especificamente as representações dos Ciclos de Conan referentes à fronteira entre civilização e barbárie, não somente em seus múltiplos paralelos e alguns de seus antípodas, mas nas relações existentes entre ambos com o tema da fronteira em si.

No primeiro capítulo dessa parte, denominado de “*Bárbaro e civilizado em diferentes tradições discursivas ao longo da história*” nós fizemos um breve apanhado de diferentes tradições discursivas que trataram dos termos “bárbaro e civilizado”. Iniciamos essa parte pelo historiador grego, Heródoto, passando rapidamente por autores da chamada tradição romana pagã, por aqueles da tradição cristã romana da Antiguidade e depois a cristã do Medievo, chegando a alguns discursos da época de Colonialismo e do Renascimento da Idade Moderna, finalizando com alguns discursos Iluministas e Oitocentistas, aonde tratamos especificamente das representações em torno de Estado-Nação, raça, etnia, cultura e povo de maneira geral.

O objetivo desse capítulo foi situar o leitor em algumas dessas tradições discursivas que trataram dos termos dentro do léxico e, claro, de acordo com seus diferentes contextos históricos, enfatizando o quanto as diferentes construções discursivas sobre “ser bárbaro” e “ser civilizado” de modo geral podem ter, de alguma forma, influenciado Howard, sendo utilizadas por ele de alguma maneira nos Ciclos de Conan.

Instrumentalizados empiricamente pelas interpretações dessas diferentes tradições discursivas referentes aos dois termos supracitados e suas variantes, entramos no segundo capítulo dessa parte. Intitulado de “*Ser Bárbaro e Ser Civilizado nos Ciclos de Conan de Robert Howard*”, tal capítulo especificou as narrativas howardianas. Aqui pudemos situar o significado de “ser bárbaro” para Howard, mais especificamente nas tramas de Conan. Nessas representações, seu criador aproximou seu bárbaro dos animais das florestas, destacando comumente sua selvageria, seus dons quase sobrenaturais e animaiscos, ou seja, a forma como ele sobrevivia em lugares ermos aonde homens civilizados jamais conseguiriam.

Nessa parte da dissertação, igualmente evidenciamos o caráter apologético da barbárie para Howard, sendo Conan um exemplo de homem ambivalente, rústico, verdadeiro, honrado por um lado, ainda que violento e adepto da guerra e das pilhagens por outro. Conan expressava um estágio ancestral de uma humanidade perdida, sendo retratado enquanto uma contraposição de conduta em detrimento daquelas dos homens civilizados, notadamente gananciosos e corruptos

em demasia, bastante cruéis em suas buscas pelo poder e em seus tratamentos para com os demais membros da civilização.

De certa forma, existem alguns traços basilares dos homens da fronteira da literatura do oeste oitocentista dos EUA no interior dos Ciclos de Conan, uma exaltação a certa rusticidade nos comportamentos desses personagens que parece ser muito comum ao comportamento do bárbaro cimério em suas narrativas, ainda que o próprio criador de Conan tenha negado essa vinculação direta em alguns casos – mesmo que exaltando tais aproximações em outros momentos de suas correspondências. A questão levantada por alguns estudiosos seria acerca da barbárie em Conan vincular-se ou não a um modo mais natural e verdadeiro de ser e de viver, o que não significaria de modo algum qualquer concepção de selvageria idílica ou inocente do personagem, tal como poderia ser prefigurado em algumas construções filosóficas de Rousseau.

Igualmente ressaltamos nesse capítulo, a partir de algumas passagens dos Ciclos de Conan, e também de alguns relatos de cartas do texano, é que existiria um relativo afastamento do personagem em relação ao “*Bom Selvagem*” do filósofo iluminista Rousseau. Ao mesmo tempo, demonstramos algumas aproximações com tradições discursivas diversas, incluindo, por exemplo, a tradição pagã romana em seu tratamento dos povos germânicos do Mundo Antigo, movimento esses ocorrido muito em função de Howard ser um contumaz leitor de livros de história.

A mescla desses múltiplos elementos de um ser bárbaro aproximado dos celtas e germânicos de modo geral se dá então com os homens do mundo da fronteira e com os selvagens do oeste dos EUA em particular, igualmente cultuados por Howard. Tal fato novamente levanta a hipótese de um Texas ou um oeste revisitado pelo criador de Conan. Para demonstramos tal processo, situamos novamente a literatura da fronteira de modo geral e vislumbramos a hipótese de que os escritos de Howard faziam parte de aspectos dessa respectiva tradição discursiva, mesmo que ele estivesse escrevendo literatura *pulp* e aventuras do gênero literário da “Espada e Feitiçaria”.

Chegamos por fim ao último capítulo dessa dissertação, nomeado de “*A ciclicose e a idealização de aspectos da barbárie como resposta ao sentimento de crise no contexto histórico de Howard*”, quando tratamos especificamente desse tema nos Ciclos de Conan. Como pode ser notado, o escritor jamais nomeou dessa

forma os ciclos de auge e decadência de suas civilizações ficcionais da “*Era Hiboriana*” de Conan, mas demarcou, implicitamente, a partir da leitura de livros de História Antiga e mesmo da obra de Edward Gibbon, enfatizando comumente a existência desse ciclo em suas respectivas narrativas ficcionais. A julgar por representações inscritas em suas cartas, podemos notar que Howard igualmente expressava a existência de um processo contínuo de auge e decadência da civilização estadunidense de sua época, sugerindo algumas conclusões de nossa parte sobre o assunto.

Em primeiro lugar, ele via seu contexto a partir de um sentimento de crise comum a seus contemporâneos, sentimento esse relacionado ao desemprego crescente, ao alcoolismo e ao aumento dos índices de violência urbana, oriundos, em sua visão, do *boom* do petróleo do oeste dos EUA. Em segundo lugar, ele igualmente tinha esse sentimento negativo de sua sociedade devido a diversas situações de conflitos internos no país durante sua vida, mobilizando sua mente em torno de soluções simbólicas para a crise civilizacional em curso.

Talvez, influenciado pelo movimento progressista de sua época, mencionado ao longo do último capítulo da segunda parte da dissertação, Howard tenha pensado em soluções políticas para a crise, mas sua solução efetiva se tornou literária e fantástica. Ele passou constantemente a exaltar as condutas dos homens da fronteira em suas narrativas, um tanto desapegados da busca exclusiva por riquezas materiais, pelo menos referentes aquelas condutas que custavam suas respectivas honras, sendo a barbárie (mesmo que diferente dos homens da fronteira), um estágio mais verdadeiro que o civilizado nesse aspecto, servindo para purificar uma civilização em crise.

Se Howard tirava especificamente tais ideias dos livros de história, de filosofia, de mitologia ou mesmo da literatura da fronteira ou fantástica, tal fato não pode ser aqui dimensionado com precisão. Acreditamos que tais considerações estavam implícitas em suas narrativas literárias, mediante toda uma bagagem cultural de sua parte. Conan ou mesmo outros personagens rústicos de suas narrativas seriam exemplos de condutas verdadeiras e genuínas, não por eles serem “*bons selvagens*” puros ou avessos à violência, mas por utilizarem imperativos violentos contra homens corruptos das civilizações ficcionais de suas tramas.

No tocante ao estágio civilizado, tanto as cartas de Howard para Lovecraft quanto os relatos depreciativos dos homens civilizados nos Ciclos de Conan evidenciam uma postura básica; a de que o criador de Conan considerava sua época civilizada decadente, sendo, portanto passível de ser substituída por outra. Assim, a barbárie e mesmo a rusticidade dos homens da fronteira (mesmo em suas diferenças e especificidades, segundo Howard) serviam como forças motrizes purificadoras, como que expressões genuínas de um processo em curso que seria impossível de ser combatido ou mesmo impedido.

Isso, claro, não significa a defesa do texano de que a barbárie deveria substituir a civilização, nem mesmo qualquer apelo de sua parte ao retorno a um estágio mais puro das sociedades humanas. Tratava-se, no nosso entender, da exemplificação de um processo em curso, até necessário naquele contexto, segundo suas representações. Se a história dos EUA ou mesmo os relatos da literatura da fronteira do oeste afirmavam que a força motriz do processo de formação do país de Howard, e também das condutas idealizadas de seus cidadãos, estava na rusticidade dos atos, ou até em condutas mais próximas àquelas da barbárie, cabia então evidenciar tal processo em narrativas literárias, mesmo que ficcionais e fantásticas.

Novamente evidenciamos com isso a aproximação dos Ciclos de Conan, de Howard, com a historiografia turneriana, utilizando-nos das análises de um pesquisador especializado na obra do historiador americano para aventarmos tal hipótese, a de que o criador do bárbaro cimério foi influenciado (direta ou indiretamente) pela *frontier thesis*.

Talvez este seja o grande ponto diferencial e também a novidade desta dissertação, visto que nenhuma das obras especializadas na vida e obra de Howard, incluindo aquelas que versam sobre os Ciclos de Conan desvelam quais livros de história ele lia ao estudar a história de seu país de modo geral e do oeste de modo particular. De certa forma, Howard estabeleceu um entrecruzamento entre literatura fantástica e história da fronteira dos EUA nos Ciclos de Conan, acentuando que alguns aspectos da barbárie poderiam ser necessários frente a uma determinada civilização corrupta e decadente, fossem tais civilizações ficcionais ou mesmo aquela dita civilização em crise de sua época histórica.

Não se tratava de defender a volta a qualquer estágio da barbárie ou mesmo de enfatizar qualquer conduta rústica ou mesmo violenta de seus contemporâneos diante de uma grave crise, mas quem sabe afastá-los de condutas civilizadas hipócritas ou gananciosas que descaracterizaram, em algum momento, o ambiente da fronteira de seu Texas revisitado e fantásticamente idealizado.

REFERÊNCIAS

FONTES

HOWARD, Robert. **Conan o Cimério**. Vol. I (Tradução: Cláudio Salles Carina). São Paulo: Conrad Editora, 2006.

_____. **Conan o Cimério**. Vol. II (Tradução: Cláudio Salles Carina). São Paulo: Conrad Editora, 2006.

_____. **Pregos Vermelhos**. (Tradução: Mário Fondelli). Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.

_____. **Conan o Bárbaro**. (Tradução Alexandre Callari). São Paulo: Editora Évora, 2012.

_____; DE CAMP, L. Sprague; CARTER, Lin. **Conan: Espada & Magia**. (Tradução de Júlia Bárány e José Antônio Ceschin). São Paulo: Mercury, 1995, 5 vols.

_____. *Post Oaks and Sand Roughts*. 1989.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUGUSTO. **Res Gestae Augusti Divi**. Texto latino do Monumentum Ancyranum. Tradução e comentários de G. D. Leoni. São Paulo: Nobel, 1957.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas/SP: Papirus, 1993.

ÁVILA, Arthur Lima de. **E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861 – 1932)**. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 2006.

_____. "O Significado da História. Frederick Jackson Turner". **Revista História**. São Paulo, v.24, nº 1, p. 191-223, 2005.

_____. "A História da Fronteira à História do Oeste: fragmentação e crise na Western History norte-americana no século XX". **História Unisinos**. Janeiro/Abril, 2009. PÁGINAS.

BAUGH, Matthew. **Sailor Steve and the Iron Men**. New World Newton Meteoritic Society, 2011.

BOBBIO, Norberto. **A teoria das formas de governo**. Brasília: Editora UNB, 1985.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis**. (Tradução de David Jardim). Rio de Janeiro: Agir, 2014.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BURKE, Rusty. **A Short Biography of Robert E. Howard**. Texas: Cross Plain Comics, 1999.

CALLARI, Alexandre; ZAGO, Bruno; LOPES, Daniel. **O Guia Completo dos Super-Heróis: Quadrinhos no Cinema**. São Paulo: Editora Évora, 2011.

CÂNFORA, Luciano. **Júlio César: o ditador democrático**. São Paulo: estação liberdade, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Atenas, 1990.

_____. **El héroe de las mil caras**. Ciudad del Mexico: Universidade del Mexico, 1972.

CERASINI, Mark; HOFFMAN, Charles E. **Robert E. Howard**. Marcer Island/New York: Starmont Reader's Guide 35, 1987.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

CÉSAR. **Bellum Civile** (Trad. Antônio da Silveira Mendonça). São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. **Guerre des Gaules**. (Texte établi et traduit par L. A. Constans). Paris: Les Belles Lettres, 1954.

_____. **Guerre des Gaules/ Commentarii de Bello Gallico**. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

CÍCERO, **De Oratore. Books I and II**. Translated by E.W. Sutton, completed with and introduction by H. Rackham. Harvard University Press, 1988. (Loeb Classical Library).

CÍCERO, M. T. **Da República**. (Trad. de Amador Cisneros). 2 ed. São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores), 1980.

CICERO. **De Re Publica, De Legibus**. Cambridge, Mass./London: Heinemann/Harvard University Press, 1958. (The Loeb Classical Library).

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. "Literatura e História. Conferência proferida por Chartier (1999)". In: **Topoi**. Rio de Janeiro. Nº 1, pp. 197 – 216.

CHAUÍ, Marilena. "Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político". In. NOVAES, Adauto. **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 149-170.

COLLINGWOOD, R.G. **A idéia de História**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

COSTA, Ianê Meneses. **Pierre Verger: um outro olhar sobre o sertanejo na revista "O Cruzeiro" (1946-1951)**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), 2015.

CROSSAN, John. **O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1994.

DEL ROIO, Marcos. **O Império Universal e seus Antípodas: a ocidentalização do mundo**. São Paulo: Ícone, 1998.

DERIE, Bobby. **The Collected Letters of Robert Howard: Index and Addenda**. Robert Howard Foundation, 2015.

DETIENNE, Marcel. **A Identidade Nacional, um Enigma**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

ELLIS, Novalyne Price. **One Who Walked Alone: Robert E. Howard The Final Years**. D.M. Grant, 1986.

ENG, Steve. "Barbarian Bard: the poetry of Roberto Howard". In. HERRON, Don. **The Dark Barbarian. That Towers Over All**. New York: Published by The Cimmerian Press, 2014, p. 24-64.

EVERETT, Justin; SHANKS, Jeffrey. **The Unique Legacy of Weird Tales**. Maryland: Rowman & Littlefield, 2015.

DAVIDSON, James West. **Uma Breve História dos Estados Unidos**. Porto Alegre: LePM, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016.

FERGUSON, Niall. **Civilização: Ocidente X Oriente**. São Paulo, Planeta, 2016.

FINLEY, Móses. **Usos e abusos da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

_____. **História Antiga; Testemunhos e Modelos**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

FINN, Mark. **Blood e Thunder: The Life e Art of Robert E. Howard**. Austin: Monkey Brain Books, 2006.

FORTES, Luíz Salinas. **Rousseau e o Bom Selvagem**. São Paulo: FTD, 1989 (Coleção Prazer em Conhecer).

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** São Paulo: Veja Passagens, 1992.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

GEARY, Patrick. **O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad Editora, 2005.

GIBBON, Edward. **Declínio e Queda do Império Romano**. São Paulo; Companhia das Letras, 2005.

GOMES, Mércio Moreira. **Os Índios e o Brasil: passado, presente e futuro**. São Paulo: Contexto, 2012.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcelos. "Representações em conflito: a construção literária dos fronteiriços nos Estados Unidos da América e no Rio da Prata durante o século dezanove". In. **Textos de História**. V.16, nº 2, 2008.

_____. "Fronteiras Americanas na Primeira Metade do Século XIX: o triunfo das representações dos EUA". In. **Anos 90**. Porto Alegre, nº 18, dezembro de 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Imperialismo Greco-Romano**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____. "Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga". In. **Politeia: História e Sociologia. Vitória da Conquista. Vol. 3, N. 1, 2003, p. 41 – 61**.

_____. "Ordem, Integração e Fronteiras no Império Romano". **Um Ensaio**. Mare Nostrum, Vol. 1, 2010.

HALL, Stuart. "Cultural identity and Diaspora". In RUTHERFORD, J. (org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

_____. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HALL, Mark. The Dark Man: **The Journal of Robert. E. Howard Studies**. Vol. 7. Nº 2, 2014.

HARTOG, François. **Le Miroir d'Herodote**. Roma: Galimard, 2001.

_____. **Os Antigos, O Passado e O Presente**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

_____. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

_____. **Régimes d'historicité: présentisme et expériences du temps**. Paris: La Librairie du XXI^e siècle, 2003.

_____. "Entrevista com François Hartog: história, historiografia e tempo presente". In RODRIGUES, Henrique; NICOLAZZI, Fernando. **História da Historiografia**. Ouro preto. Número 10, dezembro, 2012, p. 351-371.

HERRON, Don. **The Dark Barbarian: The Writings of Robert E. Howard, A Critical Anthology**. EUA: Wildside Pr, 1984.

_____. **The Barbaric Triumph: A critical Anthology on the Writings of Robert E. Howard**. EUA: Wildside Pr, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOFFMAN, Charles. "Hard-Boiled Heroic Critic". In. HERRON, Don. **The Dark Barbarian. That Towers Over All**. New York: Published by The Cimmerian Press, 2014.

HORACE. **Odes et Épodes**. Paris: Les Belles Lettres, 1946.

HOWE, Sean. **Marvel Comics: a história secreta**. São Paulo: Leya, 2013.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luíz Estevan; MORAIS, Marcus Vinícius. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2013.

KEEGAN, John. **Uma história das guerras**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

KEHL, Maria Rita. "Civilização partida". In. NOVAES, Adauto. **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 101-124.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru/SP: Edusc, 2001.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens**. Niterói: Niterói Livros, 2003.

KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são super-heróis**. São Paulo: Cultrix, 2008.

LAI, Rick. **The Legend of El Borak**. Milwaukie/Oregon: Grant Publisher, 2008.

LEENHARDT, Jacques. "O Retrato de Rodrigo Cambará". In. PESAVENTO, Sandra Jatahy. In. **Leituras Cruzadas: Diálogos da História com a Literatura**. Editora da Universidade/UFRGS, 2000, p. 13-30.

LE GOFF, Jacques. **Uma Longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEIBER, Fritz. "Howard's Fantasy". In. HERRON, Don. **The Dark Barbarian. That Towers Over All**. New York: Published by The Cimmerian Press, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. Queluz de Baixo: Editorial Presença, 1998.

LORD, Glenn. **The Last Celt: A Bio-Bibliography of Robert Ervin Howard**. Donald M. Hampton Falls: Grant Publisher Inc, 1976.

_____. "Robert E. Howard: professional Writer". In. HERRON, Don. **The Dark Barbarian. That Towers Over All**. New York: Published by The Cimmerian Press, 2014.

LOUINET, Patrice. "Gênese Hiboriana: Notas sobre a criação das histórias de Conan". In: HOWARD, Robert. **Robert. E. Howard: Conan, o Cimério**. São Paulo: Conrad Editora, 2006.

_____. **Le Guide Howard**. Paris: Éditions ActuSF, 2015.

McHARDY, S. **Uma nova história dos pictos**. Edinburgh: Luath Press Ltd, 2011.

MARQUES, Juliana Bastos. **Tradição e renovação da identidade romana em Tito Lívio e Tácito**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2008.

MAZZARINO, Santo. **O Fim do Mundo Antigo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MAGNOLI, Demétrio; BARBOSA, Elaine. **Liberdade Versus Igualdade: O Mundo em Desordem. Vol. 1. (1914-1945)**. Rio de Janeiro: Editora Record LTDA, 2011.

MELANDRI, Pierre. **A História dos Estados Unidos desde 1860**. Lisboa: Edições 70, p. 2001.

MIRZOEFF, Nicholas. **The Visual Culture Reader**. NY: Routhledge, 2012.

MITCHELL, W.J.T. **Que veullent les images? Une critique de la culture vusielle**. Paris: Les Press du Réel, 2014.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru/SP: Edusc, 2004.

MOSSÉ, Claude. **Dicionário da Civilização Grega**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MUÑOZ, Francisco. "La Pax Romana". In: BEATRIZ, Rueda e MUÑOZ, Francisco. **Cosmovisiones de paz em el Mediterrâneo antigo e medieval**. Universidad de Granada, 1998.

MURDOCH, David. **The American West: the invention of a myth**. Reno: University of Nevada press, 2001.

NÉRAUDAU, Jean-Pierre. **Auguste: La Brique et le Marbre**. Paris: Les Belles Lettres, 1996

PEIXOTO, Renato Amado. "Robert E. Howard: o suicidado pela sociedade". In: MONTENEGRO, Antonio (et alli). (Org.). **História: cultura e sentimento - Outras histórias do Brasil**. 1ªed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008, v. I, p. 419-428.

_____. "Conan - Não morrer morrendo: um exame da produção de identidades e de espacialidades por meio da aproximação da história com a literatura". In: LIGIA, Bellini, (et alli). (Org.). **Tecendo Histórias. Espaço, política e identidade**. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2009, v. I, p. 293-304.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "A temporalidade da perda (Leitura de O retrato, de Érico Veríssimo)". In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Leituras Cruzadas: Diálogos da História com a Literatura**. Editora da Universidade/UFRGS, 2000, p. 31-48.

RIPKKE, Dale. *The Hyborian Heresies* is an excellent soft-bound book that features articles. Florida: Wild cat Books, 2004.

POLÍBIO. **Historias**. (Seleção, tradução e notas de Mário da Gama Kury). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996

QUEIROZ, Ana Carolina. "Ecos da *Pulp Era* no Brasil: 'O monstro e outros contos', de Humberto de Campos". <<https://sobreomedo.files.wordpress.com/2011/07/ecos-da-pulp-era-no-brasil-o-monstro-e-outros-contos-de-humberto-de-campos.pdf>>. Acessado em fevereiro de 2016.

REIS, José Carlos. **História e Teoria; historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RICCI, Denílson Earhart (org). **O Mundo Sombrio: histórias dos Mitos de Cthulhu de Robert Howard**. Jundiaí/ SP: Editora Clock Tower, 2016.

RIPKKE, Dale. **The Hyborian Heresies**. <www.lulu.com> 2004. Acesso em 2015.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do Contrato Social** (Os Pensadores). São Paulo: Editora Globo, 1999.

SAMMON, Paul. **Conan, The Phenomenon**. Milwaukie/Oregon: Dark Horse Comics, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Modernidade, identidade e a cultura de fronteira". In **Tempo Social. Revista de Sociologia**. USP/SP. 5(1-2), p. 31-52, 1993.

SCHMIDT, Benito Bisso. "Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos". In. **Revista Estudos Históricos**. FGV. V.10. N. 19, 1997, p. 1-19.

SCHULTZ, David; BURKE, Rusty. **A Means to Freedom: The Letters of H. P. Lovecraft and Robert E. Howard: 1930-1932**. Hippocampus Press, 2017.

SIDNEY-FRYER, Donald. "Robert E. Howard: frontiersman of letters". In. HERRON, Don. **The Dark Barbarian. That Towers Over All**. New York: Published by The Cimmerian Press, 2014, p. 17-23.

SPRAGUE DE CAMP; CROOK DE CAMP; GRIFFIN. **Dark Valley Destiny: The Life of Robert E. Howard, The Creator of Conan**. New York: Bluejay Books; First Soft Cover Edition Edition, 1983.

_____. **The Blade of Conan and The Spell of Conan**. EUA: Ace Books, 1980.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2014.

SIDNEY-FRUEYER, Donald. "Roberto Howard: Frontiersman of Lettres". In. HERRON, Don. **The Dark Barbarian. That Towers Over All**. New York: Published by The Cimmerian Press, 2014.

SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment: The Myth of the Frontier in the Age of Industrialization, 1800-1890**. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1985.

_____. **Gunfighter Nation: The Myth of the Frontier in Twentieth-century America**. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1982.

TACITUS. **Annales. Livres IV-VII**. (Text établi e traduit para Pierre Wuillumier). Paris: Les Belles Lettres, 1975.

THOMAS, Roy. **The Savage Sword of Conan (comics book)**. New York: Marvel Comics n. 100, 1976.

TEGÃO, Afrânio. **A Filosofia em Conan, o bárbaro**. São Paulo: Baraúna, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **O Medo dos Bárbaros: para além do choque das civilizações**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2010.

_____. **Introdução à Literatura Fantástica**. México: Digital Source, 1980.

_____. **A Conquista da América: A Questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VAN RISE, James. **The Fantastic Worlds of Robert E. Howard**. Califórnia: Second Printing Edition, 1997.

VASCONCELOS, José Antônio. **Fundamentos Filosóficos da Educação**. Curitiba: Ibpex, 2012.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: UnB, 1998.

_____. **O Inventário das Diferenças**. Lisboa: Gadiva Publicações, 1989.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O Mundo de Homero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WALLACE-HADRILL, Andrew. "Mutatio morum: the idea of a cultural revolution". In: HABINEK, Thomas.; SCHIESARO, Alessandro. (eds.). **The Roman Cultural Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 3-22, 1997.

WALSH. P. G. "Livy's Preface and the Distortion of History". In: **American Philological Association**. Vol. 76, Nº. 4, 1955, p. 369-383.

_____. "Livy and Stoicism". **American Philological Association**, Vol. 79, Nº.4, 1958, p. 355-375.

WEINBERG, Robert. **The Annotated Guide to Robert E. Howard's Sword and Sorcery**. West Lin, Oregon; Starmont House, 1976.

WOLFF, Francis. "Quem é bárbaro". In. NOVAES, Adauto. **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 19-43.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual". In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2014.

SITES UTILIZADOS

THE BARBARIAN KEEP

<www.barbariankeep.com>. Acesso em 2016.

THE CIMMERIAN

<<http://www.thecimmerian.com/>> Acesso em 2016.